



Minha Para Sempre

Kathryn Smith (Série: A Irmandade de Sangue - Livro 01)

Título Original: Be Mine Tonight by Kathryn Smith

Disponibilização em Esp: *Soñando Despiertas*

Tradução: Gisa

Revisão e Formatação: Claudia Centelhas

Revisão Final: Luna





Resumo

Muitos séculos atrás, seis cavaleiros entre os quais se encontravam Chapel e Temple, foram enviados para capturar os tesouros secretos dos templários e caíram em uma armadilha que os converteu em vampiros. Seiscentos anos depois, Chapel vai a Inglaterra com a missão de proteger o Graal, ali conhecerá Prudence, uma mulher que consegue fazê-lo sentir de novo um homem. Mas ele é um vampiro e ela uma mortal, que, além disso, sofre de uma terrível doença. Que preço eles terão que pagar para resgatar seu amor e a si mesmos?

Durante séculos, Chapel serviu como guerreiro, fugindo do contato humano. Agora se vê obrigado a viajar a Inglaterra onde um antigo mal pode ter despertado.

Prudence Ryland quase perdeu a esperança. Precisa desesperadamente de um milagre e acredita que pode tê-lo encontrado. Mas está a ponto de descobrir que o maior milagre de todos a aguarda nos braços de Chapel. Quão único deve fazer é conseguir que seu reticente vampiro creia no poder do verdadeiro amor.

Chamam-me Chapel...

Durante quase seis séculos vaguei na noite, sem ser um homem mortal. Se pudesse desfazer o passado... quando entrei no santuário dos cavaleiros da ordem dos Templários para lhes arrebatarmos o Santo Graal, só para descobrir que o cálice que levei aos lábios não era a relíquia sagrada mas sim uma infernal taça de danação. Agora, fujo do dia e de tudo o que seja humano, governado por uma sede ímpia. E entretanto...

Jamais conheci uma donzela como Prudence Ryland, cuja beleza e espírito desperta um coração que eu acreditava frio e morto muito tempo atrás. Mas sua jovem vida se apaga, e também ela procura a libertação do Graal... ignorando que o preço de sua busca pode ser sua alma.

Devo ajudar a Prudence, pois, há seiscentos anos, nenhuma outra mulher conseguiu avivar minhas paixões como ela o faz. Mas me atreverei a dar a minha amada aquilo que mais deseja... o sensual beijo da eternidade que é puro êxtase e perversa maldição ao mesmo tempo: meu beijo imortal?



Prólogo

Sexta-feira, 13 de outubro de 1307.

Era evidente que aquela porta não estava destinada a ser aberta.

Severian de Foncé acariciou a pesada madeira com sua mão suja e ferida até parar no cadeado de aço.

-Se precisa de tanta proteção, com certeza o tesouro que esconde é magnífico.

Essa idéia o encheu de uma multidão de emoções, intensas e terríveis de uma só vez. O que escondiam os templários atrás daquela porta? Os tesouros da Igreja, tal como assegurava o rei Felipe, ou instrumentos do diabo? Havia muitos rumores a respeito dos templários, alguns os descreviam como homens Santos, outros como os mais horríveis hereges. Qual era a verdade?

Adrián du Lac, um de seus cinco companheiros, pôs uma mão igualmente suja e cheia de cicatrizes no seu ombro. Com a outra segurava uma tocha para iluminar o caminho.

-Se afaste, meu amigo.

Enquanto seu amigo examinava o cadeado, Severian agarrou a tocha, afastou-se e se aproximou dos outros, todos estavam em tão mal estado quanto ele e Adrián.

O rei Felipe tinha-os encarregado de descobrir os segredos dos cavalheiros templários e "recuperar" os tesouros que encontrassem. Se atrás daquela porta havia um tesouro, o rei o queria. E eles seis também queriam sua parte. Mas se o que se escondia ali era o demônio, também iam ter que compartilhá-lo. Todos sabiam, inclusive o homem que lhes tinha encomendado a missão.

Por isso estavam ali, arriscando suas vidas, porque ao rei tinha desejado muito. Felipe os tinha escolhido porque todos tinham certa reputação entre os soldados e os mercenários; nunca recuavam ante nada e sempre cumpriam suas promessas; por um preço, é claro. Nessa ocasião o trato era que obteriam uma parte de todos os tesouros dos templários que conseguissem recuperar para o rei.

Ganhar a vida desse modo era perigoso, mas lutar era a única coisa que sabiam fazer, e sua honra não estava nas missões que aceitavam, mas sim em sempre completá-las. Eles eram acima de tudo



guerreiros, mas não podiam opor-se a seu rei. Se o fizessem seria como rechaçar o seu próprio país, seu lar, pelo que tinham lutado toda sua vida.

Quando tivessem entregado esse tesouro a Felipe, Severian seria o bastante rico para retirar-se e se encarregar das terras de seu pai. Casar-se-ia com Marie e abandonaria a espada. Teria a vida que sempre tinha desejado e à mulher que sempre tinha querido.

Tinham encontrado a porta escondida sob os muros de pedra do refúgio templário, atrás de uma velha escada, escondida na escuridão. Tinham dado com ela por acaso, graças à curiosidade de Dreux por um montão de pergaminhos.

-E? -perguntou Severian, que havia voltado a concentrar-se no que estavam fazendo-. Pode abri-lo?

Severian e os outros observaram como Adrián tirava um pequeno maço de pele de sua bota. Dela, extraiu uma ferramenta, indistinguível à pouca luz que oferecia a tocha, e a introduziu no ferrolho sorrindo satisfeito.

-Ainda não se fabricou nenhum cadeado que resista.

Essas palavras se mostraram certas quando de repente o ferrolho se abriu. Adrián, que se mostrava muito orgulhoso, endireitou-se e retirou o cadeado. O rangido de madeira lhes deu as boas vindas à escuridão quando a porta se abriu. Parecia quase um anticlímax, depois dos guardas com que eles tinham lutado, os labirintos de escadas que tinham atravessado, as salas secretas e corredores pelos quais se perderam até chegar ali. Sem os planos que um informante dos templários tinha desenhado para eles, depois que os homens de Felipe o torturaram, eles não teriam encontrado aquela sala.

Era evidente que alguém queria que, fosse o que fosse que se escondia atrás daquela porta, seguisse escondido.

-Medidas como essas se tomam para proteger algo muito valioso ou muito perigoso -disse Severian a seus amigos-. Tratando-se dos templários, pode ser tanto uma coisa como a outra. Vão com cuidado. -Todos desembainharam suas espadas de uma vez.

Severian entrou primeiro, a tocha que levava na mão iluminava a pequena sala com um halo de luz. Deu a volta devagar para observá-la; era uma cela modesta, vazia, à exceção da mesa de madeira que havia no centro.

Sobre ela havia

algo.



Franziu o cenho e se aproximou, seus amigos foram atrás dele. Caminhou para a mesa e voltou a embainhar a espada. A chama da tocha se refletia tenuamente em um velho cálice de prata.

-Mon Dieu -sussurrou alguém atrás de Severian-. Isso é o que acredito que é?

Ele não respondeu. Os dedos lhe tremeram ao acariciar a mandíbula. Todos tinham ouvido as lendas, histórias sobre as riquezas dos templários. Dizia-se que possuíam várias relíquias sagradas, inclusive alguns objetos que tinham pertencido ao próprio Jesus Cristo.

Só de pensar no que possivelmente tinham encontrado, Severian tinha vontade de benzer-se e ajoelhar-se naquele chão coberto de poeira. Mas mesmo assim não o fez.

-O Santo Graal -sussurrou Dreux e o olhou maravilhado.

O Santo Graal.

Severian estudou com cuidado a tosca taça, a prata estava danificada pelos anos e pelo abandono. Se era de verdade o Graal de Cristo, por que o tinham abandonado naquela sala escura e úmida? Se aquela era a taça da que Jesus Cristo tinha bebido na Última Ceia, por que ninguém a queria? Por que parecia tão abandonada? Não tinha sentido, mas em seu coração tinha a sensação de que tinham encontrado algo especial.

Era como se a taça o chamasse, como se seus descoloridos adornos pronunciassem seu nome. Severian se aproximou dela, as mãos ainda tremiam indecisas.

-Cuidado -disse Dreux-. Talvez seja o Graal Maldito.

Um de seus companheiros zombou em voz baixa, mas a advertência de Dreux foi suficiente para que Severian se detivesse um instante. Assim como todos sabiam do Santo Graal, também tinham ouvido falar do Graal Maldito. Dizia-se que tinha sido forjado com as moedas de prata cobradas pelo Judas Iscariotes; uma prata a qual muito antes tinha sido introduzida a essência de Lilith, a primeira mulher de Adão e rainha dos demônios.

Mas isso era só um conto. Ou não? Nos últimos três séculos não havia nenhum texto em que se falasse dessa taça. De fato, converteu-se em um mito.

Talvez isso fosse exatamente o que pretendiam os templários.

O negro cálice o atraía como o canto



de uma sereia. Os dedos de Severian acariciaram a prata esperando senti-la fria. Entretanto, era cálida como a pele de uma mulher. Quando rodearam a taça, seus dedos deixaram de tremer. Agora que a tinha na mão lhe parecia impossível que contivesse nenhum tipo de maldade.

Um terrível assobio foi a única coisa que o advertiu antes que umas afiadas adagas saíssem disparadas do interior da mesa. Uma lhe atravessou o braço, e viu uma ensangüentada folha que se sobressaía da parte interior de seu pulso. O grito de dor encheu a sala. Seus amigos deram um passo atrás. Severian levantou o braço ferido, não deixava de gemer e de amaldiçoar à medida que a dor invadia sua mão e arrancava a adaga. Tinha a testa empapada de suor, mas lutou contra o aturdimento. Já tinha sido atravessado antes, de fato tinha sofrido feridas piores. Aquela era insignificante comparada com as anteriores.

Arrancou um pedaço de tecido de sua suja camisa e enfaixou o pulso, apertou com força para deter o fluxo de sangue.

Deus! Devia ter desconfiado! Seus instintos costumavam estar mais afinados. Acaso não tinha pensado alguns segundos antes que tudo era muito fácil? Deveria ter se dado conta de que os templários não iam deixar aquele tesouro indefeso.

Severian se aproximou de novo à mesa com a mão ainda sangrando. Não estava disposto a deixar que o ferissem sem levar nada em troca. Tentou agarrar a taça, mas lhe escorreu entre os dedos, não podia movê-los. Ao lhe atravessar o pulso, a folha deve ter lhe cortar algo por dentro. Teve que soltar a espada e tentar com a outra mão. Agarrou o cálice pela copa e o devolveu a seu lugar com rapidez; agora já sabia que podia haver mais armadilhas.

Seus amigos o rodearam com os olhares fixos no cálice, esperando outro ataque. Mas não aconteceu nada. Ao menos, nada de que seus companheiros pudessem defendê-lo.

Uma forte tontura lhe sobreveio de repente e lhe atravessou o peito como uma lança; os joelhos lhe tremeram e o estômago se revirou. Que demônios estava lhe passando? Aquilo não podia ser por culpa da perda de sangue. Não tinha perdido tanto.

Sentiu ânsias e a testa e o lábio superior começaram a suar profusamente. A cabeça dava voltas e o frio se instalou em todo seu corpo.

Sim, deveria ter

sido mais precavido.



Podia recuperar-se de uma ferida, mas daquela não ia sair com vida.

-Dreux, diga a Marie que a amo.

Para ouvir sua voz, seus amigos deram a volta bem a tempo de ver como caía de joelhos com o cálice ainda entre seus débeis dedos.

Dreux se ajoelhou a seu lado.

-Mon ami, o que acontece?

-Veneno. -Apertou os dentes para tentar controlar o tremor. Seus músculos estavam se esticando obrigando-o a se encolher.

Estava morrendo. Por culpa de um rei que se alegraria ao saber que era um a menos para repartir. Por culpa de um tesouro que nunca ia desfrutar. Morrendo sem poder ver pela última vez à mulher que amava.

Severian olhou a taça, que seguia cálida ao tato e que ainda não tinha escorregado de entre seus lassos dedos. Era como se o cálice se agarrasse a ele com a mesma força com que ele queria retê-lo. Com os olhos fixos na taça escura, sentiu que a vista se nublava. Podia ser que a prata resplandecesse? Com certeza o veneno já estava brincando com sua mente e o fazia imaginar coisas. Era sem dúvida o veneno o que fazia com que parecesse que a taça estava cheia de vinho negro até a borda. Ficou sem fôlego. Era um milagre.

Por cima do zumbido que ensurdecia seus ouvidos pôde ouvir as vozes excitadas de seus amigos. Era possível que a fantástica transformação do cálice não fora só fruto de sua imaginação? Podia ser que estivesse segurando o Cálice de Cristo entre suas mãos? Um cálice capaz de curar a ferida de seu pulso e lhe oferecer a imortalidade?

Antes que soubesse o que estava fazendo, já tinha a taça diante dos lábios.

-Bebe, Sev. -A voz de Dreux soou por cima das demais. Agarrando-se à pouca determinação e a pouca coragem que restava, Severian apertou com força a taça na mão, a aproximou dos lábios e bebeu. Uma doçura sem igual lhe acariciou a língua. Não era vinho, mas o que era? Algo quente, terrestre. um pouco salgado ao deslizar-se por sua garganta. Bebeu com ânsia.

Sangue. Ao dar-se conta sentiu náuseas. Estava bebendo sangue.

Voltou-se para trás derramando o que sobrava pelo chão e sobre si mesmo. Uma cálida umidade lhe escorregava pelo queixo e caía em cima de seu braço ferido. Deus santo, o que tinha feito?



Rezou por sua alma, mas então sentiu como o veneno começava a desvanecer-se. De algum modo, sua mente foi se esclarecendo pouco a pouco e a dor desapareceu de todo seu corpo.

Com estupidez, afrouxou a suja atadura do pulso e limpou o sangue da ferida. Levantou o braço ferido para a luz da tocha, e Severian e seus amigos observaram estupefatos como as feridas começavam a se fechar. Sua mente não estava lhe pregando uma peça, podia sentir como os músculos voltavam a unir-se em seu interior. A incisão estava se fechando justo por onde tinha caído o sangue do cálice.

Não. Não podia ser. Tinha que tratar-se de algum truque.

-Meu amigo -Dreux lhe deu um golpe nas costas e, com seu rosto infantil, olhou-o preocupado-, está-te bem?

-Sangue -conseguiu responder Severian com uma voz rouca que até mesmo a ele soou distante-. O Graal. -Dreux abriu os olhos surpreso, sem dar crédito ao que ouvia-. O sangue de Cristo.

Foi Dreux quem recolheu a taça do chão. Severian, através de uns olhos cada vez mais frágeis, viu como seu amigo levava o cálice aos lábios. Quis lhe dizer que não, mas não conseguiu formar as palavras. A névoa se apoderou de sua mente e lhe roubou a fala e a visão. Desabou sobre aquele chão coberto de pó e mal foi consciente de que o braço já não doía. Então a escuridão o envolveu.

CAPÍTULO 1

Tintagel, Cornualles, 1899

-Você convenceu a papai de que compre um lote de terra só porque acha que o Santo Graal está enterrado lá?

Prudence Ryland sabia que sua irmã não entenderia.

-Sim.

Sob a asa do chapéu de montar, as belas feições do Caroline mostraram preocupação.



-Querida, não acha que está dando sua ultima cartada?

Talvez Caroline entendesse melhor do que Pru acreditava.

Cega pela luz do sol - o estúpido chapeuzinho que levava não lhe chegava a cobrir os olhos-, Pru apertou a mandíbula.

-Talvez.

Voltavam do povoado cavalgando, Caroline montava uma égua cinza, Pru um potro mais jovem. Os homens tinham saído para caçar e suas outras irmãs estavam ocupadas costurando, assim Caroline e Pru tiveram que procurar uma forma de passar o dia; algo que lhes permitisse fazer exercício e desfrutar do ar livre. Qualquer outra opção teria feito que Pru voltasse a encerrar-se em seus pensamentos, e isso era algo que esses dias evitava a toda custo.

A tarde era cálida, muito para levar aquele traje de montar de veludo, apesar do bonito que era esse conjunto verde escuro. Mas Caro queria sair a cavalgar pela última vez antes que sua gravidez a impedisse. Pru notava como o suor se escorria por debaixo do espartilho e começou a sentir coceira. Se coçar-se desse algum alívio, ela o faria. Mas em vez disso, apertou a mandíbula com força e pôs seu cavalo à trote.

Sua irmã seguia sem dizer nada; muito típico dela. Caroline sabia que ela não podia suportar essas pausas tão incômodas, e que sempre sentia a necessidade de encher esses silêncios.

-Se o Graal estiver ali, haverá valido a pena, não acha? -Pru não se referia só ao que ela obteria, mas sim ao que significaria para o mundo inteiro.

-Só se a gente acreditar na lenda. -Caroline negou com a cabeça e o sol brilhou em seus acobreados cabelos- A sério, Pru. O Graal é tão real quanto a Arca do Noé! Não acha que se existisse de verdade, a estas alturas alguém já o teria encontrado?

Sim. Não.

-Talvez não tenham procuraram no lugar certo. -Talvez fosse verdade que dando sua ultima cartada, mas que outra coisa podia fazer?

Os olhos verdes de Caroline brilharam de inquietação.

-Estou preocupada contigo.

Não se referia só a sua busca do Graal. Pru apartou o olhar. É obvio que sua irmã estava preocupada. Toda sua família estava. E assim seguiriam até que... até que ela já não estivesse ali para lhes



causar preocupação.

Forçou um sorriso.

-Estou bem, Caro.

Sua irmã retrocedeu como se lhe tivesse cuspido.

-Não está bem! Você est... -calou-se e se engasgou com as palavras. OH não, ia voltar a chorar? Pobre Caroline, ela era a mais emotiva de todas, a que tinha melhor caráter e a mais sentimental. Seu cabelo e seus olhos eram tão resplandecentes como seu espírito, enquanto que o cabelo castanho de Pru e seus olhos cor avelã se foram obscurecendo, escurecendo. Caro chorava com facilidade, e o coração do Pru se rompia todas as malditas vezes.

Pru deixou de sorrir e se aproximou dela, até ficar em risco de cair do cavalo, para lhe acariciar o braço.

-Estou bem, Caro. Não importa o que acontecer, estarei bem. -Ela assim acreditava, mas isso não significava que a realidade fosse mais fácil de aceitar.

Caroline assentiu e tentou reprimir suas lágrimas. Prudence voltou a erguer-se, e as duas retomaram o caminho para a mansão de seu pai. Pru e Caroline falaram de tolices durante o resto da cavalgada, principalmente de livros que as duas tinham lido e da nova máquina de escrever que Walter, o marido de Caroline, tinha-lhe comprado. De qualquer forma, a conversação anterior seguia pairando sobre elas.

No começo do caminho às cavalariças havia um pequeno grupo de homens. Isso não era nada estranho. Thomas Ryland era um homem muito sociável e freqüentemente estava acostumado a ir visitar seus amigos, ou eles o visitavam; e com sua família em casa durante um mês ou mais, outros cavalheiros da zona costumavam acompanhá-los em suas saídas. Pelo tamanho do grupo e pelo fato de que todos estavam ao redor de um objeto em específico, era óbvio que o motivo da visita era muito mais que um mero ato social.

Seu pai ia dar uma volta em seu automóvel, um carro de motor feito pela fábrica Daimler. Era evidente que aqueles cavalheiros estavam ali para ver uma demonstração das habilidades daquela carruagem motorizada. A própria Prudence sabia a velocidade que era capaz de alcançar o carro de corrida da Daimler, quase setenta e cinco quilômetros por hora. Sabia por que seu pai o havia dito, não porque ela tivesse experimentado essa



emoção. Seu pai nunca ia rápido quando ela o acompanhava no veículo.

Desde sua visita à exposição de Richmond, a princípios do verão, Thomas Ryland tinha estado obcecado com esse novo meio de transporte, e era uma das poucas pessoas da zona que tinha adquirido um modelo. Georgiana, outra irmã de Pru, acreditava que era perigoso que um homem da idade de seu pai tivesse tal passatempo, mas a Pru entusiasmava essa chamativa máquina, com seu exterior vermelho e seus assentos de pele negra. Seu pai não a deixava conduzi-lo; dizia que temia por sua segurança.

Uf! Seu pai a protegia em excesso, mas era impossível que ela fosse pior motorista que ele. Tinha que lhe falar seriamente, negava-se a passar o que restava de vida entre algodões.

Houve um tempo em que Thomas Ryland teria satisfeito o desejo de sua filha mais nova e a teria deixado conduzir o Daimler. Um tempo em que só se teria preocupado pelo carro, não por Prudence.

Os lacaios, que as viram aproximar-se, esperavam-nas já na entrada. Pru e Caroline desmontaram e se aproximaram para saudar seu pai e aos convidados. Ryland observou a Pru da cabeça aos pés, e esquadrinhou seu rosto em busca do menor signo de fadiga ou dor. "O bom papai, sempre tão protetor", pensou Pru, logo lhe sorriu e desejou a ele e a seus acompanhantes um bom dia.

A seguir tirou as luvas e entrou na casa, onde estava mais fresco. Adorava aquela casa. Era luminosa, mas não muito, e de noite se enchia das sombras mais sugestivas. Quando pequena, enquanto suas irmãs se sentiam cheias de medo, ela desfrutava escondendo-se nas curvas e grutas que ali havia. Sua mãe passou horas procurando-a. Ao que parece ninguém entendia que não queria que a encontrassem.

Que estranho, quando pequena não temia à escuridão e em compensação agora a aterrorizava. Talvez fosse porque uma criança nunca pensa que a escuridão pode durar para sempre.

Puxou um dos grampos de seu coque e por fim pôde se desfazer do chapéu que lhe cobria a cabeça.

-Chá, Caro?

Sua irmã soltou aquela pequena gargalhada que sempre conseguia desenhar um sorriso nos lábios de Pru.



-É obvio. Por que me faz sempre essa pergunta tão tola?

Atravessaram o salão de mármore italiano, com seus saltos ressonando no gentil chão de ladrilhos cor pêssego, e Pru sorriu de orelha a orelha.

-Porque talvez algum dia me diga que não.

-A uma xícara de chá? Nunca.

Enquanto caminhavam, Pru ia absorvendo em seu interior a essência de Rosecourt. Flores recém cortadas, limão e especiarias. Esses aromas a tinham rodeado toda a vida; e a reconfortavam quando todo o resto falhava.

O pai de Pru, pelo fato de pertencer a uma das famílias mais ricas da Inglaterra, tinha herdado uma grande fortuna, mas a mansão de Rosecourt tinha sido entretanto um favor de um dos amigos do avô de Thomas. Ao que parece, o último conde de Carnover sentia uma especial fraqueza pelo neto mais novo de Devlin Ryland e lhe cedeu o imóvel como presente de bodas. Como os pais de Pru tinham tido quatro filhas, a casa seria herdada pelo primeiro varão que nascesse de uma delas. Mas Pru não tinha que preocupar-se com isso.

Caroline e ela entraram juntas no salão. As pesada cortinas rosadas estavam recolhidas e ficavam corridos unicamente os delicados forros cor nata que permitiam que a luz entrasse na sala ao mesmo tempo em que protegiam os móveis dos raios do sol. As paredes e o tapete eram também de cor nata, e contrastavam com o estampado Lodden que revestia as cadeiras e os sofás. Os desenhos de William Morris, com seus azuis, vermelhos, verdes, rosa e dourados, davam à sala um toque atrevido.

-O que você acha de Grey? -perguntou Caroline ao sentar-se em uma das cadeiras.

-Marcus? -Pru franziu o cenho e fez soar a campainha para ordenar o chá. Em algum ponto da conversação se perdeu-. O que tem ele?

Caroline deu de ombros e tirou as luvas de ao mesmo tempo em que brincava com elas.

-Parece um cavalheiro muito amável.

-É-o.

Marcus conseguiu ressuscitar a excitação que ela sempre tinha sentido pelo Graal. Contribuiu com novos dados e casos documentados, não só com idéias e teorias. Convenceu a todos os que



assistiram à conferência de que o Graal realmente existia, e a Pru deu algo mais: esperanças. Foi então quando o que tinha sido só uma fascinação por um pedaço de história se converteu para ela em uma obsessão.

Ao finalizar a conferência, Prudence se aproximou dele. Falaram sobre Artur, o Graal e Tintagel, e quando Pru mencionou as ruínas que havia perto do imóvel de seu pai, nas quais ela e suas irmãs costumavam brincar quando pequenas, Marcus Grey começou a prestar muita atenção; em especial depois de que lhe disse que, antes de que um dos túneis desmoronasse, tinham encontrado uns artefatos que pareciam ser de séculos passados. Durante os dias seguintes, se Pru não estava acompanhada dos cavaleiros aos que seu pai tinha pedido que a custodiassem, estava com o Marcus, e ao final daquela semana, ambos estavam convencidos de que deviam investigar mais as ruínas.

Assim, como era habitual em Pru, entregou-se ao projeto de corpo e alma. Não teve que insistir muito para que seu pai comprasse aquele solar. Ele sempre a agradava e talvez uma pequena parte dele compartilhasse seu próprio entusiasmo.

Pru também se dedicou a Marcus com especial interesse; confundiu a amizade com algo mais. Por sorte, ele foi um cavaleiro e não se aproveitou do beijo que lhe deu. Durante muito tempo, Pru se perguntou se seu delicado estado de saúde tinha sido a causa de que ele a rechaçasse, mas agora sabia perfeitamente por que o tinha feito. Eles encaixavam à perfeição como amigos, mas nada mais. Marcus era como o irmão que nunca tinha tido. Graças a Deus que ele se deu conta antes que ela e se comportou como tal.

Marcus também se ocupou do "problema católico" muito melhor do que Pru o teria feito. Ele, igual a Pru, não queria a estranhos rondando perto de seu projeto mas acreditava que era melhor cooperar e ser amável. Aparentemente, a única coisa que a Igreja queria era ter acesso a qualquer coisa que encontrassem naquelas ruínas, e, se de verdade o Santo Graal era tão poderoso e importante, era melhor que estivesse em mãos de gente que o protegesse e o cuidasse.

Podiam fazer o que quisessem com o Graal uma vez Pru tivesse podido utilizá-lo. Um gole, isso era tudo o que pedia, e logo podiam levar-lo e encerrá-lo sob chave.

De qualquer forma, a ambos intrigava saber como se inteirou o Vaticano de seu projeto. Ela não se dedicou a fazer



propaganda de que procurava o cálice para ver se assim se curava de sua doença e podia alcançar a vida eterna.

-E?

Pru voltou a olhar a sua irmã.

-O que?

Caroline girou seu pulso desenhando uns círculos com a mão.

-Você gosta ou não? -Deixou que Pru deduzisse por si mesmo a quem se referia.

Pru levantou as mãos e se sentou no sofá.

-Não. Não no sentido ao que você se refere. -Podia afirmar isso sem sentir-se culpada, pois era completamente certo.

Caroline abriu a boca para dizer algo, mas um golpezinho na porta a impediu. Era a criada que trazia o chá, e atrás dela estava o homem de que estavam falando, Marcus Grey.

A seus vinte e oito anos, Marcus era uma mescla muito atraente de poeta, estudioso e aventureiro. Era alto e estava muito em forma; de ombros largos, cintura estreita e pernas muito longas. Sua espessa juba negra costumava estar despenteada pelo vento, e suas bochechas, rosadas pelo muito tempo que passava no exterior. Apesar dos esforços do sol por fazê-lo envelhecer, quão único tinha conseguido era que Marcus tivesse sempre uma cor saudável. Seus impressionantes olhos azuis se fixaram no Pru.

-Espero não estar interrompendo nada.

-Claro que não -respondeu Caroline com um encantador sorriso nos lábios-. Sente-se, senhor Grey. Tome o chá conosco.

Marcus, que não precisava que insistissem, sentou-se no outro extremo do sofá, ao lado de Pru, e relaxou de um modo em que só o faria um homem que não estivesse interessado de forma alguma nela como mulher. A vaidade de Pru poderia ter-se sentido ofendida, mas para que incomodar-se?

-O que tem feito hoje, Marcus? -perguntou Pru enquanto lhe servia uma xícara de chá. Tomava com um pouco de leite e muito açúcar.

-Seu pai me levou às ruínas da pequena capela do imóvel. Deu-me permissão para explorá-la a vontade. -Um amplo sorriso se desenhava no seu rosto-. Assim que é o que tenho feito.



Pru lhe devolveu o sorriso. Era muito difícil não contagiar-se da alegria do Marcus. Caroline estava completamente encantada.

-Achava que tínhamos concordado que não ia explorar sem mim - brigou ela meio de brincadeira- encontrou algo interessante?

Marcus deu de ombros.

-Um par de óculos velhos e uma bota, mas não vim ver você por isso.

-Aconteceu algo? -O estômago lhe deu um tombo-. Alguma coisa relacionada com o Grial?

Marcus lhe mostrou uma carta já aberta.

-Voltei a ter notícias de nosso amigo francês.

Amigo? Era assim como via ele ao LaFavre, o pequeno e arrogante padre que se pôs em contato com eles? Pru deixou a colherinha no prato e tentou controlar seus nervos.

-O que quer esta vez?

Marcus deu um sorvo a seu chá.

-Nos escreveu para me dizer que dois representantes da Igreja chegarão dentro de dois ou três dias.

-Tão rápido? -Isso sim que era interessante- A Igreja deve estar ansiosa para ver o que temos descoberto. -Tentou parecer despreocupada, mas a ansiedade voltou para a superfície. Se os católicos estavam tão interessados em sua pequena escavação, devia ser porque acreditavam que ali havia algo! Embora não gostasse que a Igreja se misturasse em seus assuntos, que se interessassem tanto era muito bom sinal.

Pru pigarreou e fez um esforço por mostrar o decoro necessário.

-A quem enviam?

Marcus deixou sua xícara vazia e abriu a carta. Seu olhar esquadrinhou o papel até encontrar a informação que procurava.

-Ao padre Francis Molyneux e a um homem chamado senhor Chapel.

-Chapel? -Os lábios do Pru desenharam meia sorriso- Me pergunto se zombam muito por isso; um homem chamado senhor Chapel que trabalha para a Igreja. (N.R.: Chapel em inglês significa Capela)

Marcus riu.



-Talvez ele considere isso como um sinal do destino. De qualquer modo, tenho muito que fazer antes que cheguem. Tenho certeza que vão querer ver todas as nossas notas sobre a escavação.

Pru lhe serviu outra xícara de chá e levantou as sobrancelhas inquisitiva.

-E verão todas nossas as notas sobre a escavação?

-Não. -Marcus sorriu.

Ela também o fez, e entendeu o que tramava. Marcus acabou o chá de repente e se desculpou dizendo que tinha que começar a separar os papéis que queria que os representantes católicos vissem e os que não.

-Não consigo entender por que não dá em cima dele -disse Caroline, descarada, assim que voltaram a ficar a sós- É um homem encantador.

"Encantador" era o adjetivo perfeito para descrever ao Marcus.

-Não quero dar em cima dele -explicou Pru enquanto bebia seu chá-. E, se o fizesse, você sabe perfeitamente que não estaria certo.

-Por quê? -Caroline começava a zangar-se- por que não pode ter nem sequer uma aventura com ele? O que tem de mau em que procure um pouco de felicidade?

Pru franziu o cenho e tragou o nó que tinha se formado na sua garganta.

-Já sabe por que, Caro. -Em circunstâncias normais, sua irmã não teria se atrevido a sugerir tal coisa. Mas claro, Pru não tinha necessidade de preocupar-se com sua reputação no futuro. E mentiria se dissesse que em algumas vezes não se disse o que agora Caroline lhe estava sugerindo.

Durante um instante, Pru viu refletido nos olhos de sua irmã a dor que ela mesma sentia em seu coração mas a expressão de Caroline se transformou com rapidez em frustração. A xícara e o prato de Caroline tremeram antes de que os depositasse na bandeja. Levantou-se e ergueu as costas.

-Todos nós sabemos que vamos morrer algum dia, Pru.

-Sim - respondeu esforçando-se por controlar seu tom de voz, mas em realidade sentia um enorme desejo de gritar. Queria desferrar-se e chiar a injustiça de tudo aquilo-. Mas a maioria assume que deve agir como adulta. Enquanto que eu, pode ser que não chegue a ver o ano novo.

Sua irmã a olhou de cima abaixo. Com certeza que ia fazer um de seus dramáticos silêncios. Caroline sempre tinha tido talento para isso.

-Por isso mesmo deveria



deixar de agir como se já estivesse morta. -E saiu da habitação como uma diva, com os olhos cheios de lágrimas.

A Pru lhe rompeu o coração vê-las.

Se deixou cair no sofá e cobriu o rosto com as mãos. Caro não entendia isso. E Pru não sabia como lhe fazer entender que ela sim tinha intenção de viver, mas não do modo que sua irmã esperava. Ia em busca de um milagre, e agora o tinha tão perto que quase podia saboreá-lo.

Como podia fazer com que entendessem que viver lhe dava muito mais medo que a própria morte?

CAPÍTULO 2

A noite em que chegaram "esses tipos católicos", como os chamava seu pai, Pru decidiu que o vestido vermelho seria o mais adequado para o jantar. A cor vermelha era viva e atrevida, e, com sorte, ela também se sentiria viva e atrevida exibindo-o. Deus sabia que precisava dessa proteção com a mesma intensidade com que precisava do Graal.

No princípio, os médicos não lhe tinham contado muita coisa sobre o câncer que pouco a pouco estava matando-a; ao fim e ao cabo, ela era uma mulher. Disseram a seu pai que não o contasse, pois tinham medo de que seu delicado cérebro feminino não fosse capaz de entendê-lo.

Talvez ela devesse tê-lo aceito assim. Por outro lado, agora, graças aos livros de medicina que seu pai tinha na biblioteca, sabia mais de sua doença do que nunca lhe teriam contado esses médicos. Às vezes podia sentir o câncer movendo-se em seu interior, corroendo-a, devorando todas suas forças.

Começou nos ovários e os médicos os extraíram, mas não foi suficiente. Já não podiam operá-la de novo, e tampouco sabiam lhe dizer quanto tempo restava. Em seu último exame, fazia pouco mais de um mês, disseram-lhe que seria afortunada se visse a mudança de século.

Havia tantas coisas que queria fazer antes de que chegasse seu final... Queria conduzir o Daimler a sua máxima



velocidade. Queria ver as grandes pirâmides do Egito. Queria sentir paixão. Por desgraça, parece que não ia ter nenhuma dessas coisas.

Sua criada, Fanny, chegou justo quando ia sair do banho; a melancolia e a resignação se mesclavam em seus pensamentos. Com a toalha, escondeu as cicatrizes de seu abdômen para não receber o olhar de compaixão da criada. O vestido de Pru se pendurava dos braços da garota, elegante, brilhante, de um perfeito rosa carmesim. A saia era de gaze de um profundo e escuro vermelho, o que acrescentava impacto ao já suntuoso vestido.

Uma vez esteve seca e posto a roupa interior, as meias e o espartilho, Pru se sentou para que Fanny a penteasse. Um simples recolhido no alto da cabeça com umas mechas soltas ao redor de seu rosto. A criada lhe pôs umas pequenas rosas recém cortadas no coque e, com muita arte, dispôs algumas mechas de cor mogno detrás das orelhas.

O único enfeite que levava era uma fita dourada ao redor do pescoço, que se fechava com um botão de pérola. Qualquer outra coisa teria sido muito extravagante.

Pru pôs o vestido, o coração lhe pulsava com força quando Fanny o subiu até os ombros. Era uma lástima exhibir aquele vestido diante de uns homens que, com toda segurança, não apreciariam o bem que se ajustava a sua cintura, nem como realçava seu peito; mas Pru queria vesti-lo. Era uma tolice, mas talvez não tivesse nunca nenhuma outra ocasião para exibi-lo.

-Está muito bonita, senhorita - disse Fanny com acanhamento.

Pru sorriu satisfeita. Sim, estava bonita. E também parecia saudável, com as bochechas rosadas e brilhantes. Transluzia confiança em si mesma e não aparentava se sentir intimidada por alguns homens que talvez tenham chegado para levar dela a única possibilidade que tinha de curar-se.

Abandonou o refúgio de seu quarto azul e Borgonha e se dirigiu para a escada que conduzia ao piso de baixo. Talvez não tivesse sido tão boa idéia pôr esse vestido. Pru não queria que o padre acreditasse que zombava deles. Mas era um vestido tão bonito...

Que importava! Agora já o tinha posto, e a vida era muito curta para perder o tempo preocupando-se com a cor de um vestido que só veriam sua família e um par de padres.



Quando entrou no salão, todos se voltaram. Aquela exclamação de assombro tinha saído da boca de seu pai? Matilda olhou a Pru como se ela tivesse perdido por completo o juízo. Claro que Matilda, com seu vestido de gaze rosa, era a perfeita imagem da delicadeza britânica. Caroline também ia discreta, com um vestido cor nata. Só Georgia tinha optado por algo mais atrevido; Pru sempre podia contar com a Georgia, que lhe sorria embelezada com seu vestido violeta.

Não se tratava só da cor do vestido, Pru já tinha ido de vermelho anteriormente, era o vestido em si mesmo. Tão feminino e atrevido, e tão provocador; fazia muito, muito tempo que Pru não se incomodava em arrumar-se como uma dama de sua classe social. Inclusive Marcus parecia impressionado.

Mas a Pru preocupava mais a reação da gente que não a conhecia. Com o olhar repassou a todo o grupo enquanto se aproximava de seu pai, que a tinha chamado. Só um rosto não lhe era familiar; um homem mais velho, de cabelo grisalho e olhos amáveis. Seu colarinho o delatava.

-Padre Molyneux, esta é minha filha mais nova, Prudence. Ela é quem começou todo este assunto.

Pru olhou a seu pai com uma expressão metade sorriso e metade preocupação. Havia uma leve censura escondida no tom do homem?

-É um prazer conhecê-la, mademoiselle. -A voz do sacerdote era doce e amável, com um ligeiro acento.

Pru sorriu e lhe ofereceu a mão.

-Estou ansiosa de trabalhar com você, padre. -Por estranho que parecesse, era verdade. Talvez Pru pecava por ingenuidade, mas aquele homem não parecia absolutamente perigoso-. E onde está seu acompanhante? Tinha entendido que íamos receber a dois convidados. -Pru olhou ao redor em busca de outro rosto desconhecida.

-Sim -respondeu Molyneux-. Meu amigo saiu para poder desfrutar do desagradável hábito de fumar. -Seu olhar se fixou em um ponto por cima do ombro de Pru-. Ah, Chapel, está aqui!

Impaciente por conhecer seu segundo convidado, Pru se voltou.

Deus!

O senhor Chapel era alto, maravilhosamente alto, e ia vestido com casaca e calças negras, e um colete, camisa e



gravata brancos. Seu cabelo parecia a juba de um leão, com brilhos dourados, e rodeava seu rosto bronzeado. Tinha as sobrancelhas espessas e o nariz longo e reto. Seus lábios não eram nem finos nem grossos, mas sim estavam em um agradável meio termo; largos, sensuais. Seus maçãs do rosto e sua mandíbula pareciam cinzelados, como esculpidos por um mestre escultor. Mas foram seus olhos o que sobretudo capturaram a atenção de Pru. Inclusive a distância, brilhavam como mel fundindo-se.

Deus, ficou embevecida olhando a aquele pobre homem! E ele estava fazendo o mesmo com ela, coisa que aumentou o calor que começava a sentir em seu sangue.

-Senhor Chapel - interveio seu pai-, me permita lhe apresentar a minha filha Prudence.

Ao ouvi-lo, Pru se lembrou de que tinha que oferecer a mão. O senhor Chapel a tomou com a sua, muito maior. Seus dedos eram fortes e acolhedores, e desprendiam um calor que parecia de outro mundo, ou talvez fosse só que os dedos de Pru estavam frios como o gelo e por isso sentiu aquela deliciosa calidez.

-É uma honra, milady. -Sua voz tinha um tom grave e ao mesmo tempo suave, com um acento que não se parecia com nenhum outro que ela tivesse ouvido antes.

-Espero que desfrute de sua estadia na Cornualles, senhor Chapel. -Era um comentário muito pouco original, mas foi o melhor que lhe ocorreu, pois ao que parecia seu cérebro não conseguia se pôr em movimento.

-Nada de senhor - disse enquanto lhe acariciava os dedos com o polegar e aproximava sua mão aos lábios. Tinha o olhar fixo no rosto de Pru-. Só Chapel, por favor.

Pru observou embevecida seus lânguidos movimentos. Seu fôlego lhe acariciou a pele gelada e o sangue começou a ferver até que sentiu um formigamento por toda as costas.

-Chapel - repetiu ela com voz rouca quando os lábios dele lhe roçaram a mão.

Aparentemente, ouvi-la pronunciar seu nome daquele modo o surpreendeu, se sobressaltou ligeiramente. Pru sentiu uma pontada no dorso da mão, mas logo que Chapel voltou a olhá-la, essa efêmera sensação desapareceu e em seu lugar se instalou uma estranha confusão que com certeza tinham detectado todos os presente.



Mas não; por sorte, todos estavam muito ocupados falando entre eles para dar-se conta de quão ruborizada estava Pru ou do olhar de predador que brilhava nos olhos de Chapel. Supunha-se que um sacerdote não devia olhar assim a uma mulher.

Embora ele não fosse um sacerdote.

Por desgracia, soltou-lhe a mão.

-Está há muito tempo na Igreja, senhor... quero dizer Chapel?

Ele sorriu, como se o que ela acabava de lhe perguntar fosse uma espécie de brincadeira privada entre os dois.

-Tenho a sensação de que são séculos.

Isso significava que já estava muito tempo a serviço da instituição, entretanto, não podia ter mais de trinta anos. Perplexa, Pru levantou a vista e viu que ele continuava olhando-a fixamente.

-Está estudando para converter-se em sacerdote?

Se não fosse porque de verdade pareceu horrorizado com a idéia, sua expressão poderia ter sido cômica.

-Não.

Essa revelação, mesmo que tenha sido bastante abrupta, não deveria lhe acelerar tanto o coração.

-Oh. Desculpe. Eu pensei...

-Não tem por que desculpar-se. -Ele levantou a mão- É a conclusão lógica.

Pru entrecerrou os olhos e o estudou com atenção. Não podia evitá-lo; em toda sua vida nunca tinha visto um homem como ele.

-Então, por que está aqui?

Ele piscou ante sua ousadia, mas não duvidou em responder.

-Estou aqui por meus conhecimentos históricos.

Pru inclinou a cabeça e repetiu interessada:

-Conhecimentos históricos?

Aparentemente, sua curiosidade não o incomodou e afirmou com a cabeça.

-Sim. Sou historiador.

Então era como Marcus só que Marcus adorava falar de seu trabalho, e freqüentemente o fazia com entusiasmo, sempre que alguém queria escutá-lo. O senhor Chapel parecia mais



reservado. Também exsudava uma força interior que a Pru parecia fascinante.

Deu um passo para ele.

-Então deveria falar com o senhor Grey. Com certeza que se interessará muito tudo o que tem descoberto.

Chapel deu um passo para trás para recuperar a distância que havia entre os dois. Tinha-a olhado com paixão nos olhos e agora, de repente, agia de um modo frio e distante.

Havia ela dito algo que o tivesse feito mudar de opinião? Não, a Pru não ocorria nada que pudesse tê-lo ofendido, a não ser que mencionar Marcus e seus descobrimentos o tivesse feito considerar como uma crítica a seus conhecimentos.

Voltou a dar um passo para ele e eliminou a distância que se considerava adequada entre os dois.

-Assim, como historiador, o que espera encontrar aqui na Cornualles, Chapel?

Ele a olhou de um modo diferente de como a tinha olhado até então. Seus olhos já não tinham a cor quente do mel, agora eram brilhantes, tanto quanto moedas de ouro recém lustradas, e a atraíram para seu interior até que ela sentiu que se perdia dentro deles. Pru sentiu como o calor a envolvia, Chapel entrecerrou as pálpebras e aproximou o nariz dela. Inspirou fundo e um sensual sorriso se desenhcou em seus lábios.

Deus santo, estava cheirando-a.

Aqueles olhos cor mel se abriram e se fixaram nos seus. A Pru lhe fez um nó na garganta. Levou uma mão ao pescoço para tentar controlar o pulso; o olhar de Chapel se fixou em seus dedos e se tornou fria em um instante. Foi tão rápido que Pru mal teve tempo de entender o que acontecia. Quando ele voltou a olhá-la já não viu nem rastro do brilho que antes a tinha cativado. De fato, agora os olhos do homem eram totalmente indecifráveis. Teria imaginado tudo?

-Tesouros - respondeu ele em um tom tão neutro como o era sua expressão, muito neutro-. Não é isso o que você que também espera encontrar?

A Pru custou tragar. Estava certa de que ele sabia que para ela se tratava de muito mais que da busca de um tesouro. Ninguém além de sua família sabia por que Pru queria o Graal, nem sequer Marcus, mas de algum modo aquele homem sabia que ela tinha motivos pessoais para procurar esse cálice.

Por sorte seu

pai chamou Chapel e



ela pôde evitar responder. Aquele homem que não era um cavalheiro, nem um sacerdote, fez-lhe uma reverência e se afastou de seu lado sem parecer sentir nem um pinga de culpa. Pru o olhou partir sem acabar de entender o que acabava de acontecer. Já não tinha as mãos frias e as olhou para assegurar-se de que já não tremiam nem estavam duras.

Na direita, tinha uma pequena marca que antes não estava ali. aproximou a mão dos olhos e franziu o cenho. Entre o segundo e o terceiro nó dos dedos viu uma pequena ferida de meio centímetro que ainda estava avermelhada. Era um arranhão. Com cautela, o tocou com a outra mão; a ferida era muito recente, e não a tinha antes de falar com o Chapel.

Levantou a cabeça de repente e com o olhar procurou a aquele estranho de olhos dourados.

Deus, não podia ser que ele a tivesse mordido? Ou sim?

CAPÍTULO 3

Chapel sabia que ir a Cornualles tinha sido um engano.

Sentado na borda de sua cama perfeitamente feita, olhou como a negra noite se estendia diante dele. Não podia mais, sentado naquele quarto, escutando o lento e contínuo pulsar dos corações que havia a seu redor ressonando como os tambores de uma tribo.

O sangue de porco que tinha bebido só tinha servido para sustentá-lo e lhe dar forças, mas tinha sido como comer um nabo quando o que se quer de verdade é comer chocolate. Antes, tinha tido que sair fora para se limpar e afastar do aroma dos humanos, e justo quando acreditou que já estava preparado para voltar para dentro, voltou e conheceu Prudence Ryland, que não só tinha despertado seu apetite, mas também outros instintos.

Tac tac. Corações que pulsavam na escuridão. O de Prudence era um deles. O do Chapel se esforçava por pulsar e lhe responder, mas não conseguia. Fazia já muito tempo que esse órgão encerrado em seu peito não seguia esse ritmo.

Ficou de pé, levava as calças e a



camisa. Não podia ficar ali sentado toda a noite, escutando os sons da casa. Na escuridão era quando podia fazer coisas, quando se sentia vital, vivo. Estava impaciente por queimar um pouco da energia que lhe fervia por dentro.

Silencioso como um gato, outro dos privilégios de sua maldição, saiu do quarto e desceu a escada; seus agudos olhos o ajudaram a evitar qualquer obstáculo. A última coisa que queria era despertar ao senhor Ryland ou a alguma de suas filhas.

Ao pensar nela se deteve um instante no meio do grande salão, e observou como um raio de lua atravessava uma das janelas. Prudence. Não tinham encontrado um nome menos apropriado? Esse só fazia mais evidente a imprudência que desprendia todo seu ser. Inclusive agora, depois das horas que tinham passado, podia recordar como cheirava.

Ele tinha tentado distanciar-se. Aquele sensual vestido vermelho se apertava em seu corpo, dos ombros até as coxas de um modo que em sua época teria sido mais do que indecoroso. Tinha uma figura preciosa, um pouco magra, mas com curvas. A pele pálida e os olhos brilhantes. O fato de que seu coque parecesse a ponto de desfazer-se e derramar-se sobre seus ombros tampouco o tinha ajudado muito. Era ruiva. Levava um vestido vermelho. Tinha os lábios vermelhos. Toda ela o torturava.

Ao ouvi-la pronunciar seu nome, pôs-se tão nervoso que não tinha podido evitar arranhá-la com uma de suas presas. Ao saborear sua pele, a necessidade o alagou por completo; não só a de alimentar-se dela, mas também a que um homem sente por uma mulher.

Esse era um motivo a mais pelo que sua estadia na Cornualles ia ser muito curta. Para os de sua espécie, o alimento e o sexo andavam unidos de um modo tão natural como comer e beber para os humanos.

Por que essa mulher o tinha excitado desse modo era um mistério. Talvez fora sua essência. Ou talvez a provocação que se escondia em seus olhos de gata? Havia algo incomum nela, uma profunda melancolia que se assemelhava à sua própria. Mas Prudence estava tão cheia de vida e esperança... Sim, a esperança a envolvia por completo, e isso era o que mais o tinha atraído.

E ao mesmo tempo em que esse pensamento o alagava, também o fazia a essência de Pru. Ao princípio acreditou que se tratava de sua imaginação, mas ao voltar a inspirar comprovou que não.



Ela estava perto, e embora Chapel sabia que o melhor seria afastar-se e escapar daquele aroma, começou a segui-lo.

O rastro o guiou até uma porta entreaberta. Um pouco de luz escapava pela pequena fresta, assim como também o próprio perfume da pele de Prudence Ryland. A mão de Chapel se moveu como por vontade própria e abriu a porta. Esta não rangeu, o que lhe deu uns segundos para observá-la com atenção.

Prudence Ryland estava tombada em um sofá de escuro veludo azul, no centro da sala. Levava uma leve e virginal camisola e uma bata, e sua espessa juba cor borgonha solta sobre os ombros. Chapel sentiu a boca seca ao vê-la, e o coração lhe golpeou as costelas para lhe fazer saber que continuava ali.

Toda ela irradiava vida e esperança e uma aura de desespero que o atraía sem remédio. Parecia tão frágil que queria protegê-la, tão delicada, que queria matar a tudo o que a fizesse mal, e tão tentadora que morria de vontade de afundar nela suas presas só para saborear a doce amargura da vida uma vez mais.

"Vai embora." O pouco sentido comum que possuía lhe exigia que se fosse. Não ia render-se agora, depois de séculos lutando contra a tentação. Deu a volta.

-Não vá, senhor Chapel.

Sua voz doce e sensual fez com que um calafrio lhe percorresse as costas e que os caninos comessem a lhe doer. Voltou-se para olhá-la.

-Não quero incomodá-la, senhorita Ryland.

Ela sorriu, como se lhe parecesse gracioso. Os gatinhos e os meninos eram graciosos. Ele não, ele era um monstro; um com o que as menininhas como ela não deveriam jogar.

Menininha? Comparada com ele talvez, mas quando ficou de pé, se fez evidente que era uma mulher. A sedosa camisola se atava à curva de seus peitos e caía desenhando seus quadris.

-Não me incomoda - lhe informou ela- Por favor, não deixe que minha presença aqui lhe impeça de procurar algo que ler.

Como podia não impedi-lo? Como podia alguém, embora fosse um mero mortal, concentrar-se em algo como o título de um livro ou seu conteúdo quando o aroma daquela mulher estava tão perto?

Mas se não aceitasse, ela suspeitaria de algo, assim que se dirigiu a uma das estantes e começou a olhar. Acreditava



que assim afastaria o olhar dele, mas não, Prudence se apoiou no braço do sofá e o olhou fascinada. Ele não pôde evitar observá-la pela extremidade do olho.

Ela inclinou um pouco a cabeça.

-Tem problemas para dormir?

A pergunta, embora um pouco indiscreta, era inocente.

-Não, sempre fui uma ave da noite. -Isso sim era certo- E você?

Ela encolheu seus elegantes ombros.

-Durmo melhor se houver um pouco de luz. -A seguir zombou de si mesma- Soa estúpido, não acha?

Chapel sentiu uma estranha opressão no peito e se voltou para olhar aqueles tímidos olhos. Onde tinha se escondido a tentadora mulher de antes?

-Não - respondeu ele negando também com a cabeça- Não é estúpido. Eu também durmo melhor de dia.

Então ela sorriu, embora seus lábios se curvassem com acanhamento.

-Há algo na noite que me...

-Inquieta?

Os preciosos olhos cor avelã de Pru se fixaram nos seu e ele viu neles algo muito parecido à vulnerabilidade.

-Sim.

Ao que parece não queria continuar com a conversação e Chapel não perguntou mais, assim também se assegurava de que ela não insistisse em averiguar por que ele preferia vagar de noite.

Voltou a concentrar-se nos lombos dos livros. Não havia nada que lhe chamasse a atenção. Preferia seguir falando com sua deliciosa acompanhante.

-Busca algo em particular? -perguntou ela- Posso lhe dizer onde encontrar qualquer livro que haja nesta biblioteca.

"com certeza que sim."

-Pensei que seria interessante voltar a ler as lendas do rei Artur. Tintagel está cheia delas, não é assim?

Dedicou-lhe um amplo sorriso.

-Assim é. Acredita-se que Artur nasceu aqui, sabia?

Ele assentiu e a seguiu para uma estante que havia no outro extremo da sala. Apesar da distância que os separava, sua



essência não deixava de atormentá-lo.

Ela agarrou um fino e velho volume que estava junto a outros muito similares e o ofereceu.

-Por isso sempre há tantos caçadores do Graal e aventureiros nesta zona.

Chapel a olhou curioso e aceitou o livro.

-Mas você está convencida de que encontrou seu esconderijo.

Ela apartou o olhar mas não o suficientemente rápido para que ele não visse o desespero em seus olhos.

-Sim.

-Antes eu lhe disse por que eu estava aqui, mas você ainda não me disse por que está tão impaciente por encontrar o Graal. -Apontou-a com o livro- Não parece das que procuram fama e fortuna.

Ela levantou o olhar com o queixo inclinado para um lado como em um gesto de desafio.

-Pela satisfação de encontrar algo que nunca ninguém encontrou antes.

Não, não era isso. Para ela o Graal significava algo mais. Chapel podia sentir como a necessidade a envolvia de tal modo que inclusive lhe doía. Pelo seu bem, esperava que não fosse o Graal Maldito o que estivesse enterrado sob as ruínas.

-Suponho que se uma mulher encontrasse o cálice de Cristo, os sacerdotes e os historiadores se arrancariam dos cabelos.

O olhar de Pru se obscureceu.

-Com certeza que sim - disse, e se ruborizou- Exceto meu presente acompanhante, é obvio.

Era uma risada o que lhe estava formando no peito? Os lábios de Chapel se curvaram com aturdimento para cima e desenharam um sorriso; era como se os músculos de seu rosto se esqueceram de esboçar essa expressão. Devolveu-lhe o sorriso e ele sentiu a tentação de inclinar-se para frente, só uns centímetros os separavam; mas não para aproximar-se de seu pescoço e mordê-la, mas para saborear sua boca e beijá-la. Afastou-se.

-Obrigado pelo livro. Irei para que recupere sua solidão.

Prudence abriu os olhos de par em par, parecia uma menina pequena que não queria ficar só de noite.

-Não tem por que ir.



Ver que ela desejava sua companhia enfraqueceu sua resolução, mas ele não era o mais indicado para ficar ali.

-Com o devido respeito, senhorita Ryland, não seria conveniente que ninguém nos visse juntos, dado o modo com que vai vestida. -Tampouco lhe faria nenhum bem que o encontrassem com suas presas afundadas em sua delicada pele.

Ela voltou a lhe sorrir daquele modo zombador em que o tinha feito antes. Tinha-a ofendido o fato de que ele queria ir?

-Senhor Chapel, sua virtude está a salvo comigo.

Se isso era certo, por que seguia lhe olhando o peito por sua camisa aberta?

-Não é minha virtude a que me preocupa. -Ela parecia não dar-se conta do perigo que corria.

-Ora, ora, senhor Chapel. - cruzou os braços por cima da sedosa camisola-. Está tentando me dizer que sou eu quem corre perigo? -Seu tom de voz seguia sendo zombador, mas ele ouviu como lhe acelerava o coração.

Aproximou-se dela com lenta determinação. Os batimentos do coração de Pru ficavam cada vez mais rápidos, e isso o fez sorrir de satisfação. Fazia muito, muito tempo, mas ainda se lembrava de como se jogava a esse jogo.

-O que você acha?

Ele perguntou de modo inocente, mas o olhar dela o percorreu de cima abaixo, como as chamas percorrem as brasas. Ruborizou-se e o olhou nos olhos.

-Você não me assusta.

-Acredito que sim, a assusto, mas não tanto como deveria.

Os olhos de Pru se fixaram nos dele. Dizer que tinham a cor das avelãs não era lhes fazer justiça. Cada vez que ele os olhava, encontrava um novo tom de verde em seu interior. Ela entreabriu os lábios mas não disse nada. Estava tão quieta que parecia uma estátua, mas o sangue que lhe coloria as bochechas recordou ao Chapel que estava cheia de vida, que era frágil e delicada.

Um nó se fez na garganta de Pru e ela se obrigou a relaxar a tensão do pescoço para poder tragar. Os músculos da mandíbula dele se esticaram, e um formigamento lhe percorreu as gengivas. Só tinha que dar um salto e poderia apanhá-la debaixo e afundar suas presas na suave curva que havia entre seu pescoço e seu ombro. Ela tremeria entre seus braços, de seus lábios sairiam suaves gemidos de prazer enquanto ele se



alimentava dela, sentiria os batimentos do coração de seu frágil coração contra seu peito.

-Vaga freqüentemente de noite, senhor Chapel?

Sua aveludada voz evitou que sucumbisse a seus desejos.

-Chapel - ele a corrigiu, e deu um passo atrás - Só Chapel. E sim, estou acostumado a vagar de noite, senhorita Ryland.

-Pru. -Sorriu ela com acanhamento- Senhorita Ryland faz com que me sinta como uma solteirona.

Que era exatamente o que teria sido em sua época, ele pensou, e se surpreendeu ao dar-se conta de quão jovem lhe parecia.

-As mulheres de seu status podem se permitir o luxo de esperar para casar-se. Ela arqueou as sobrancelhas.

-Esperar? Talvez seja simplesmente que não tenho vontades de me casar.

Suas palavras eram um desafio, mas em seus olhos ele viu que não era verdade.

-Talvez, Pru, seja que não conheceu a ninguém que cumpra com os requisitos necessários para converter-se em seu marido.

-Isso também é possível, suponho. -Olhou-o fixamente- E você?
O ficou à defensiva.

-E eu o que?

Ela deu um passo para ele e, como mantinha os braços cruzados, seus seios subiram para o decote da camisola. Chapel ficou hipnotizado olhando as finas linhas azuis que se desenhavam sob sua pálida pele. Ao que parece, Pru não se dava conta do descaramento com que a olhava. Os dois eram muito temerários. Muito para seguir a salvo.

-Você tampouco se casou, equivoco-me? Por quê?

Ele respondeu a primeira coisa que lhe ocorreu.

-Porque nenhuma mulher em seu são julgamento me quereria.

Pru piscou ante esse inesperado arrebatamento de sinceridade.

-OH. Talvez nos pareçamos mais do que acreditava.

Chapel lhe sorriu com doçura. Se acreditar isso ia fazer com que se sentisse melhor, não ia contrariá-la.

-Talvez.



Ela desviou o olhar para a janela. A luz da lua lhe acariciava as bochechas através do vidro e fazia brilhar seus olhos, que cada vez eram mais felinos.

-Mas eu nunca vaguei de noite - disse ela em voz baixa, tão baixa que Chapel acreditou que o tinha imaginado.

Pru se afastou; com a graça de uma gazela se separou dele com rapidez. Surpreso, ele ficou ali de pé, vendo-a fugir. Em nome de Deus, o que se propunha a fazer?

Pru abriu uma das janelas e, agarrando-se ao marco, saiu ao batente. Girou a cabeça e aqueles olhos brilhantes voltaram a lhe olhar. A via tão livre e selvagem com aquela camisola, a juba solta e as bochechas rosadas.

-Vem, Chapel?

Deixá-la ir era a melhor decisão. Mas e se Temple estava por ali? E se tinha a metade de fome que ele e se topava com Pru? Embora não podia detectar a presença de seu antigo amigo, isso não significava que não rondasse pelo lugar.

Mas essa noite, Temple não era a única ameaça. Seus próprios pensamentos e desejos o eram ainda mais.

Quanto fazia que não passeava com uma mulher? Queria compartilhar a noite com aquela frágil e misteriosa dama.

Pru não esperou que ele respondesse e saltou pela janela. Chapel a seguiu resmungando umas maldições. Quando salvou a pouca distância que o separava do chão, deu-se conta de que, por desgraça, tinha razão. Cornualles tinha sido um engano.

CAPÍTULO 4

Pru nunca tinha feito nada tão irresponsável nem tão impulsivo como saltar por aquela janela. Uma hora mais tarde seguia sem entender por que o tinha feito.

Caminharam em silêncio, a espessa erva sussurrava entre seus pés. As sapatilhas que ela levava eram finas, embora estavam secas, um detalhe no que não se teria fixado antes de obcecar-se com a enfermidade. Mas se se resfriava passariam dias examinando-a, e



nesses momentos não podia permitir-se - Como se inteirou a Igreja de minha busca do Graal? -Essa pergunta a tinha estado carcomendo desde que receberam a primeira carta do Vaticano.

Chapel deu de ombros sob a luz prateada da lua.

-O Vaticano tem espiões em toda parte.

Supunha-se que isso era uma piada? Em seu rosto não havia nem a mais mínima indicação de que zombasse dela, nem o mais leve indício em seu olhar.

-Diz isso a sério?

Chapel voltou a dar de ombros, mas agora um diminuto sorriso se desenhava em seus lábios. Ela relaxou, aliviada. Estava brincando.

-Acredito que foi através de sua investigação. - respondeu ele- Um sacerdote assistiu a um par de conferências de seu senhor Grey e, ao interessar-se por ele, inteirou-se de seus planos. Não pensaria a sério que podia mantê-los em segredo?

-Não, suponho que não. -Com o olhar seguiu a um coelho que se escondia atrás dos matagais, mas cuja branca cauda se distinguia na escura noite-. Embora me custe acreditar que a Igreja dê tanta importância a minha busca quando nunca se misturou em outras.

O escuro olhar do Chapel se cravou no dela.

-Talvez acreditem que tem possibilidades de achar alguma coisa.

Por estranho que parecesse, suas palavras a consolaram.

Seguiram seu passeio em silêncio. A suave e cálida brisa lhe alvoroçava a juba e fazia com que a camisola sussurrasse entre suas pernas. A seu lado, ao Chapel, a camisa lhe rodeava ao peito e os braços. Sob a fria luz da lua, o branco tecido parecia assustadoramente luminoso e seus bem torneados músculos se desenhavam debaixo de tal modo, que Pru se surpreendeu de que pertencessem a um historiador. Claro que Marcus também era muito atlético.

Mas Chapel a atraía de um modo que Marcus nunca o tinha feito.

Melhor não pensar nisso.

-O que sabe do Santo Graal?

Aparentemente, a pergunta o surpreendeu. Seus passos foram indecisos durante um segundo.

-Durante a Crucificação, o romano Longinus cravou sua lança no flanco do Jesus Cristo. José da Arimatéia recolheu o



sangue em um cálice, o Santo Graal.

É obvio, conhecia a origem do cálice, acaso todo mundo não o conhecia?

-É claro que sabe muito mais que isso. -Ela tentou parecer relaxada, mas não pôde dissimular que estava um pouco zangada. Tinha aceitado compartilhar seus descobrimentos com a Igreja, e eles não iam ter a mesma cortesia?

Ele a olhou ofendido e se deteve seu lado. Estavam no meio do jardim, a campo aberto e completamente sozinhos. À luz das lâmpadas o cabelo de Chapel parecia de uma rica cor dourada e seus olhos brilhavam insondáveis. A primeira coisa que ocorreu a Pru lhe foi que parecia Lúcifer exatamente antes de sua queda. Confundir a aquele homem com um dócil servente da Igreja seria um grave engano. Agora se dava conta.

-José trouxe o Graal para a Inglaterra, e em Glastonbury fundou a primeira igreja cristã. Acredita-se que, depois de sua morte, o Graal se perdeu, e que o rei Artur o encontrou cinco séculos mais tarde. Essa, está, claro é a lenda que você e seu acompanhante estão perseguindo.

Pru abriu a boca para responder a esse comentário, mas ele a interrompeu.

-Há quem acredita que o Graal caiu em mãos dos cavaleiros templários, e que o Papa Clemente V quis recuperá-lo quando mandou capturar e encarcerar aos templários em 1307. O rei Felipe da França esteve encantado de ajudá-lo e ordenou a seus soldados que recuperassem os tesouros que possuíam esses cavaleiros. Muitos templários fugiram para a Inglaterra, e se supõe que com eles trouxeram também o cálice. Seja qual for a lenda que prefira acreditar, muitos dos eruditos neste tema estão convencidos de que a Inglaterra é o lugar onde repousa o Graal. A não ser, claro, que acredite que Henry Sinclair o levou a Nova Escócia em 1398. Quer que continue, senhorita Ryland, ou por fim consegui impressioná-la?

Ao que parece sabia sim de todas as lendas sobre o Graal, e sim, estava impressionada, mas seu tom tão cáustico a fez apertar a mandíbula.

-Não queria lhe ofender, senhor Chapel.

Ao ouvir o tom em que ela pronunciou seu nome, pôs-se a rir.

-E você o que sabe sobre o Graal?

Ele voltou a caminhar e ela, depois de franzir o cenho, acelerou seus passos para poder manter o ritmo.

-investiguei

muito, se isso for o



que está perguntando. Marcus e eu recolhemos informação que abrange vários séculos. -Não pôde evitar soar ofendida. Talvez Marcus tenha passado mais anos que ela estudando o Graal, mas Pru o compensava com sua tenacidade e determinação.

Chapel parou de caminhar. Ela não tinha prestado atenção e se deu conta de repente de que estavam no mais profundo do jardim, muito longe da casa e de qualquer lugar que se considerasse apropriado. Todos seus sentidos estavam a flor de pele e concentrados no homem que tinha ao lado. Cheirava a calidez e a doçura, e a algo que não conseguia identificar; e sob a tênue luz da lua parecia tirado de uma novela romântica de donzelas e cavalheiros. Nunca se tinha fixado tanto em um homem, e fazia tão somente umas horas que o conhecia.

Deu um passo atrás, consciente de que não seria capaz de resistir muito mais a necessidade de aproximar-se dele. Chapel não a seguiu, mas a olhou como se entendesse por que o tinha feito e isso a incomodou ainda mais que a atração que sentia para ele. Sabia que se a beijava lhe deixaria fazê-lo? Que morria de vontade de descobrir que sabor tinha?

-As pessoas procuram o Graal por dois motivos, Pru.

Era óbvio que ele não se deu conta do quanto ela se sentia atraída por ele. Graças a Deus.

-Ou acreditam que vai dar riqueza e poder, ou procuram a eterna juventude. - Inclinou a cabeça e a olhou- O que guia você, a avareza ou a vaidade?

Em seu tom de voz não havia censura nem crítica. Simplesmente sentia curiosidade.

-O desespero - ela admitiu com voz rouca, sem dissimulações, agüentando seu olhar embora a humilhasse fazê-lo. Nem as riquezas, nem a eterna juventude, só a possibilidade de viver uma vida normal.

-É um motivo melhor que os outros. E quanto ao seu senhor Grei? -deixou as mãos nos bolsos de um modo despreocupado, relaxado e nada ameaçador-. Que motivos ele tem para perseguir o Graal?

-Em primeiro lugar, não acredito que "perseguir" seja o termo adequado. Em segundo lugar, as razões de Marcus para encontrar o Graal são meramente acadêmicas. -Ao menos isso era o que lhe havia dito e ela assim acreditava. Não parecia ter nenhum outro motivo e, para



ser sincera, se o tinha, a Pru não importava- E em terceiro lugar, ele não é "meu" senhor Grey. -Quarto, por que a olhava como se entendesse o seu "desespero" se não sabia nada do que lhe passava?

-Desculpe-me. Não queria ofendê-la - disse ele em seguida.

O modo em que o disse a fez sentir como uma estúpida, mas seu tom não foi absolutamente zombador. De fato, parecia sincero.

Ela teria preferido que zombasse.

-Por muito bem que conheça senhor Grey, aconselho-a que seja precavida, senhorita Ryland. A busca do Graal enlouqueceu a muitos homens ao longo da história. Seu desejo de encontrar o Graal junto com sua existência reclusa, fazem de você um objetivo perfeito para aqueles que queiram aproveitar-se. - voltou-se e começou a caminhar de novo.

Outra vez parecia que falava por própria experiência, mas isso Pru deixaria para mais tarde. Agora, o que mais a tinha incomodado era que tivesse soado como sua antiga preceptora quando brigava com ela por comportar-se mau.

-Está acostumado a assistir a atos sociais, senhor Chapel?

Ele não voltou a vista e não a seguiu.

-Não.

-Já imaginava.

Chapel se deteve e se voltou para olhá-la com aqueles olhos indecifráveis, mas sua expressão mostrava sem dúvida nenhuma que estava arrependido.

-Ofendi-a.

-Sim. -Pru ainda tinha a mandíbula apertada- O tem feito.

-Sinto muito. -passou a mão pelo cabelo- Eu... não me dou bem ao tratar com as pessoas.

-Sério? -disse ela cortante- Não me tinha dado conta.

Ele sorriu tímido. Não estava absolutamente ofendido, nem por seu sarcasmo nem por sua candura.

-Tenho dito que o sinto.

Sim, tinha-o feito. Adequado, e o mais educado, seria que aceitasse sua desculpa e inclusive que lhe oferecesse a sua.

-O agradeço. -Foi o único que pôde dizer. Separou-se dele e começou a caminhar para a casa.



Chapel voltou a meter as mãos nos bolsos e acomodou seu passo ao dela. Tinha umas mãos bonitas, longas e elegantes, mas ao mesmo tempo fortes. Seus antebraços estavam bronzeados e cobertos por um pêlo dourado que à luz da lua parecia ouro recém polido.

-Mas sigo acreditando que tem que ir com cuidado.

A Pru chiaram os dentes.

-Claro. Imagino que você pensou muito mais que eu nesta busca.

Ante sua cáustica resposta, ele arqueou suas douradas sobrancelhas, mas a alegria de antes já tinha desaparecido.

-Não, nesta busca não, mas sim em uma que se parecia muito com esta.

Assim estava certa, ele já tinha participado de uma expedição como aquela. Uma que tinha falhado. Ela não ia ter tão má sorte. Não podia ser de outra forma.

-Asseguro-lhe, senhor, que investi muito trabalho e muitos esforços nesta aventura.

-Disso não tenho nenhuma dúvida.

Ao menos isso ele ia reconhecer.

-Obrigada. -Deus, ele a fazia perder os nervos! Como tinha conseguido meter-se ele debaixo de sua pele em tão pouco tempo? Olhava-a como se entendesse o que lhe passava, e isso era do todo impossível, o qual a reconfortava ao mesmo tempo em que a zangava.

-Mas você mesma reconheceu que está desesperada, e o desespero costuma mandar às favas a cautela.

Maldição, aquele homem não sabia quando calar-se!

-Você vai a me contar a moral de toda esta estória, senhor Chapel ou vai manter a incerteza um pouco mais?

De novo ele não pareceu ofendido, e isso começava a incomodá-la, mas sim viu que sua expressão se esticava sob a luz da lua.

-Faz tempo, eu estava tão impaciente como você por desvendar os segredos do Graal. Um homem morreu por minha culpa.

-Oh.

Não era de estranhar que lhe houvesse dito tudo aquilo. O que ela tinha interpretado como condescendência adquiria agora um significado completamente distinto. Era uma absoluta idiota.



Mesmo vacilando, estendeu a mão para ele e apoiou os dedos em cima de seu sólido antebraço, justo por cima da última dobra da manga de sua camisa.

-Quer falar disso?

O olhar do Chapel se dirigiu a sua mão com tanta rapidez e intensidade que Pru teve a sensação de que lhe ardia a pele. Mas não o soltou. O instinto lhe dizia que era como um animal selvagem, e que, se se movia muito rápido, poderia atacá-la.

Devagar, o olhar de lhe percorreu o braço, a pele lhe formigava à medida que o escrutínio se aproximava de seu rosto. Quando seus olhos apanharam os dela uma forte sensação a alagou de repente. Aquele brilho que tinha acreditado ver ao princípio havia retornado, e lhe iluminava os olhos desde o seu interior. Tinha que ser culpa da lua, ninguém tinha uns olhos tão brilhantes, tão bonitos. Era como se seu olhar a enfeitiçasse, atraía-a para ele. Podia sentir como seu corpo queria colar-se ao homem; seus pulmões tinham que esforçar-se por respirar, pois ele a afligia por completo.

Chapel entreabriu seus sensuais lábios mostrando uns resplandecentes dentes brancos. Aquilo que brilhava na escuridão eram dois caninos? Não, não podia ser, a noite estava aprontando com ela.

-Não vai me morder outra vez, não?

Chapel se sobressaltou e se soltou de seu braço. Sacudiu a cabeça para despertar.

-O que?

Pru sorriu ao ver que, ao menos por um instante, ele tinha estado tão cativado por ela como ela por ele. Levantou a mão para que pudesse ver o ferimento que tinha no dorso da mesma.

-Não é você o responsável por isto?

Chapel entrecerrou os olhos e estudou seus dedos.

-Responsável pelo que? Aqui não há nada.

Agora foi ela quem se surpreendeu. Moveu a mão várias vezes e a aproximou do rosto até que a luz da lua a iluminou. Tinha razão. Não havia nenhum sinal. Enfocou os dedos para a luz. Nada. O ferimento tinha desaparecido por completo.

Sabia que não o tinha imaginado, mas como era possível que se curasse tão logo? A não ser, claro, que não tivesse existido tal ferimento, que tivesse sido um



simples arranhão. Mas teria jurado que...

-Logo amanhecerá. -A voz de Chapel penetrou em seus pensamentos. Estava olhando com o cenho franzido como desaparecia a lua - Devíamos voltar.

Pru se esqueceu de sua mão e sorriu ante seu tom de voz.

-Segue preocupado por minha segurança, senhor Chapel?

Chapel não a olhou nos olhos. Era óbvio que não compartilhava sua alegria.

-Pela minha.

Era difícil saber se falava a sério ou se lhe estava tirando o sarro.

-Muita prudência pode provocar remorsos - disse ela fingindo solenidade.

-O mesmo se passa com a imprudência. -Chapel inclinou a cabeça.

Ele era muito jovem para levar vida tão a sério. Pru lhe sorriu.

-Você tem muitos remorsos, senhor?

Uma risada entrecortada escapou da boca dele, que desviou o olhar para o chão.

-Às vezes tenho a sensação de que construí toda minha vida ao redor deles.

Isso ela podia entendê-lo.

-Bom, pois eu me nego a seguir fazendo-o - espetou ela, e teve que controlar a vontade que tinha de lhe golpear o peito com um dedo - Se houver um remorso que não quero ter o dia em que eu mora é o de não ter vivido.

Chapel apertou os lábios e sua expressão se tornou sombria, como se suas palavras lhe tivessem chegado ao coração.

-Espero que assim seja, Prudence.

Ela se surpreendeu, não só por como tinha soado seu nome em seus lábios, mas também pelo tom de sua voz. Ficou olhando-o enquanto lhe dava as costas, de caminho para a casa.

Tinha falado como se acreditasse que podia ter alguma responsabilidade em seu falecimento, o que é óbvio era ridículo. Mas mesmo assim, não podia tirar-se de cima a sensação de que corria perigo estando junto a ele; não físico, a não ser emocional. Sabia por que, com cada passo que ele dava, ela sentia sua perda; cada vez que a tinha olhado com aqueles olhos vazios ela havia sentido sua tristeza.

E, pela primeira vez, a única em toda sua vida, desejou ser capaz de fazer honra à prudência de seu nome, embora só fosse por ver sorrir ao Chapel uma vez mais.



-Obrigada por passear comigo.

Chapel a olhou e fechou devagar a porta; a tranqüila escuridão de Rosecourt os envolveu.

-Foi todo um prazer, senhorita Ryland.

-Sério?

Estava paquerando ou de verdade não sabia?

-Dei-lhe alguma razão para acreditar o contrário? Se o tiver feito, peço-lhe desculpas.

Graças ao exercício e à brisa noturna Pru tinha as bochechas ruborizadas. A doce essência de seu corpo o impregnava por inteiro, como se se tratasse de um caro e exótico perfume. Chapel queria esconder o rosto na curva desse pescoço e simplesmente respirar esse aroma até que lhe penetrasse por completo.

-Temo que tampouco lhe deixei outra opção que não fosse a de me acompanhar.

-Sempre há outra opção. - ele deu de ombros.

Agora lhe brilhavam os olhos de alegria.

-Inclusive se é um cavalheiro?

-Não tenho nem idéia do que faria um cavalheiro - sorriu ele.

Pru riu; uma risada suave que o encheu de calor e inclusive lhe fez ter vontade de rir.

-Então, não lhe ofendi?

-Minha querida dama, é obvio que não.

Pru o olhou durante um instante e logo, pensativa, inclinou a cabeça.

-Sabe uma coisa, senhor Chapel? A verdade é que acredito que se o tivesse ofendido me diria diretamente à cara.

Fazia muito pouco que se conheciam e ela já começava a lhe entender.

-Temo que não estou a par de todas as normas de etiqueta. Com certeza se deve a que levo muito tempo afastado da vida social.

Prudence assentiu.

-Acredito que nisso nos parecemos.

Realmente acreditava que se pareciam? Por quê? Ela era luz, ar, e estava cheia de vida, e ele era a escuridão personificada. Mas mesmo assim, Chapel podia sentir uma conexão especial com Pru; ela



encarnava tudo aquilo que ele nunca poderia ter.

-Talvez. -Foi a única coisa que respondeu, mas lhe sorriu com a esperança de não tê-la ofendido. - Devo voltar aos meus aposentos. Obrigado pelo passeio e pela conversação, senhorita Ryland. Fazia muito tempo que não desfrutava da companhia de uma mulher com as idéias tão claras como você.

Pru se ruborizou ante sua adulação e ele sentiu como as gengivas e outras partes de seu corpo, o coração entre elas, começavam a lhe doer.

-Freqüentemente estou acostumado a me deitar quando sai o sol -admitiu ela- Talvez possamos voltar a passear.

Chapel sabia que isso seria um grande engano.

-Estou certo que o faremos.

Desejou-lhe boa noite e subiram juntos a escada, um gesto que foi incomodamente íntimo; logo a deixou diante de seu quarto para dirigir-se ao dele.

Já estava saindo o sol quando Chapel se meteu entre os lençóis de sua fria cama. Dentro de seu santuário estava tão escuro quanto boca de lobo, mas a única coisa que o separava da morte eram as janelas bem fechadas e as pesadas cortinas.

Um homem melhor teria saído a encontrar-se com os brilhantes raios do sol para assim receber o que lhe proporcionasse o destino, tal como Dreux fez. Mas Chapel não estava preparado para assumir a condenação que com certeza o estava esperando, preferia arriscar-se e ganhar a redenção, embora isso levasse toda a eternidade.

O Deus no qual confiava não seria tão cruel a ponto de ignorar todos os esforços de Chapel. A raça dos vampiros tinha nascido com Lilith, a primeira esposa de Adão e concubina de Sammael, o anjo caído. Sammael converteu a sua amante em rainha dos demônios e ela deu a luz ao primeiro vampiro. Nada bom podia esperar-se dessas origens, mas ele se negava a acreditar que tivesse perdido sua alma para sempre. Molyneux sempre lhe dizia que, embora fosse certo que Deus tinha condenado aos vampiros a vagar na escuridão, também lhes tinha permitido viver, então com certeza tinha algum plano para eles; inclusive para Chapel e seus amigos.

O Graal Maldito, a taça que tinha convertido Chapel e a seus amigos em bebedores de sangue, estava forjada com a essência de Lilith como castigo por ter traído a Sammael. Foi através de Lilith



que Deus descobriu que seus anjos na Terra estavam conspirando contra seus filhos, os humanos. Para castigá-la por sua duplicidade, Sammael converteu Lilith em trinta moedas de prata que passaram de mão em mão por vários homens. Judas Iscariote foi um dos que tiveram essas moedas em seu poder.

Depois de que Judas traiu a Jesus Cristo, as moedas se fundiram e com elas o cálice foi forjado. Ninguém sabia quando os templários tinham posto as mãos nele, só se sabia que o tinham procurado para escondê-lo do resto do mundo.

Até que Chapel o encontrou e bebeu dele acreditando que poderia lhe salvar a vida. Ao ver que suas feridas se curavam, pensou que era o Santo Graal, e todos os seus amigos seguiram seu exemplo. A maldição de Lilith os alcançou a todos.

Ao princípio, o poder tinha sido maravilhoso, inclusive viciante. Esse poder fez com que durante um tempo se esquecesse inclusive de Marie. Mas quando Dreux se suicidou, incapaz de suportar a imortalidade por mais tempo, tudo mudou para todos eles.

Quando se separaram, quinhentos anos atrás, escolheram caminhos diferentes: Temple se atribuiu a tarefa de proteger o Graal Maldito. Ali, em Tintagel, Cornualles -onde se buscava o Santo Graal-, era um dos esconderijos preferidos de Temple, mas nem sequer Chapel sabia o lugar exato.

Molyneux e ele tinham ido inspecionar a escavação. Se encontrassem o Grial autêntico teriam que reclamá-lo em nome da Santa Igreja de Roma. Se encontrassem o Grial Maldito, tinham que evitar que caísse em mãos erradas e proteger os humanos de Temple, que após anos de reclusão e de privar-se de sangue, podia ser muito difícil de controlar.

O sangue era a única coisa que conseguia manter sob controle o demônio que levavam dentro. Sem ele, esse demônio era tão exigente quanto uma criança malcriada e suas exigências cresciam até que o vampiro perdia por completo o controle de seus atos e se convertia em um assassino. Ele já o tinha visto uma vez, quando Dreux tentou resistir a sua sede de sangue. Chapel tinha precisado de toda sua força para controlar a seu amigo.

Temple morreria antes de infligir esse tipo de mal a ninguém, disse Chapel estava certo, mas talvez estivesse passando fome para assim aguçar seus sentidos e ter vantagem sobre quem tentasse aproximar-se do Graal. Podia ser letal para quem o fizesse. Não havia nenhum modo



de averiguar como reagiria ante um grupo de humanos caçadores de tesouros.

Molyneux tinha convencido Chapel para que o acompanhasse lhe dizendo que ele era o único que podia fazer frente a Temple, e tinha razão. Mas quem ia proteger aos inocentes de Chapel? Se perdesse o controle, alguém poderia acabar prejudicado. Isso para não mencionar que cedo ou tarde acabariam dando-se conta de que nunca o viam de dia, e de que fugia do sol.

Quanto tempo fazia já que não sentia a calidez de seus raios na pele? Tanto que já não sentia falta disso, como se fosse algo que nunca houvesse sentido.

E agora aí estava Prudence Ryland, mais cálida e brilhante que o próprio sol. Só de estar junto a ela sentia como se a cálida luz de julho lhe acariciasse a pele. A esperança que emanava de seu interior era ao mesmo tempo maravilhosa e dolorosa, e o fazia lembrar de tudo o que tinha perdido.

Não, isso não era verdade. Ele não tinha perdido a esperança. Talvez tenha perdido a fé, mas não a esperança. Tinha permitido que a Igreja o ferisse, estudasse-o, analisasse-o e o menosprezasse. Tinha-lhes permitido inclusive que lhe marcassem com um crucifixo o ombro direito. A prata quente lhe tinha queimado como nunca nada o tinha feito antes, e o símbolo sagrado ainda lhe alfinetava e ardia, a ferida seguia rosada e brilhante. Era a única marca que não tinha desaparecido desde que se converteu em vampiro. Tinha-o ajudado a salvar sua alma? Duvidava.

Ele não tinha perdido a esperança, mas sim a tinha enterrado em seu interior, e Prudence Ryland fazia que essa tumba parecesse muito menos funda que antes.

Ele sentia a necessidade de protegê-la. Quando ela tinha se aproximado e tinha apoiado a mão em seu braço lhe perguntando se queria falar sobre a morte de Dreux, Chapel havia sentido uma dor que nunca tinha experimentado antes. Foi como se o seu coração se partisse em dois. Por que importava a Pru a dor que pudesse sentir um estranho?

Ele jurou então que não permitiria que a maldição de Lilith a corrompesse.

Nem todas as vítimas do Graal Maldito tinham reagido como Temple ou Chapel, nem sequer como Bishop. Outros tinham visto na maldição um modo de superar a si mesmos, como tinha feito Reign. Ou tinham passado por completo para o lado escuro, como Saint. Mesmo depois de tantos anos, doía-lhe recordar como seu amigo lhes tinha

dado as costas e



tinha decidido desfrutar das vantagens de sua nova vida.

Chapel não queria abraçar essa escuridão, apesar da insistência de sua chamada; às vezes era como se seu próprio interior lhe suplicasse que se rendesse ante ela.

Ele não queria ser o responsável se essa escuridão se apoderasse de Prudence.

Não queria ser responsável por nada absolutamente; e isso era exatamente o que tinha dito a Molyneux antes de abandonar a França.

-Se matar a alguém -advertiu Chapel enquanto se aproximava do armário que havia em um canto-, seu sangue manchará suas mãos.

O ancião negou com a cabeça e adotou uma expressão muito séria.

-Não, *mon ami*. Seu sangue manchará seus lábios, e nem sequer Deus poderá te absolver disso.

A ira inundou então as veias de Chapel. Seu coração começou a bombear com ela, sacudiu a poeira e bateu, esquentando sua pele, aguçando sua fome. As presas lhe saíram das gengivas, os olhos começaram a arder e sentiu o antigo comichão na pele. À velocidade do raio, deu um murro à parede do porão. Atravessou os tijolos, o cimento e chegou à viga; todo seu braço penetrou no muro.

Molyneux deu um salto com tanta rapidez que jogou sua cadeira no chão e ficou horrorizado olhando Chapel, com um medo tão genuíno que este podia cheirá-lo, doce como as rosas. À medida que a ira abandonava seu corpo, a culpa ocupou seu lugar. Molyneux nunca antes o tinha visto assim, nunca.

Chapel extraiu seu dolorido braço do muro com deliberada lentidão. Não queria assustar a seu amigo mais do que já o tinha feito. Sacudiu o pó da manga.

-Me perdoe - disse, evitando o olhar do outro homem- Não sei o que me passou.

Pela extremidade do olho pôde ver como Molyneux recolhia a cadeira e a aproximava da mesa.

-Eu sim. Meu sangue já não te dá a força que antes te dava e está frustrado porque leva anos lutando e nunca recebeu nenhuma recompensa.

-É isso o que acha? Que preciso de uma recompensa? -Ele não queria nem pensar que talvez o sangue de Molyneux já não lhe bastasse.

-Talvez encontre a salvação na Inglaterra -sugeriu Molyneux em tom esperançoso.



Chapel começou a dormir e sorriu com amargura ao lembrar-se dessa conversa. Talvez Molyneux tivesse razão, mas ele suspeitava que a única coisa que encontraria na Inglaterra seria uma tentação impossível de resistir.

CAPÍTULO 5

O senhor Chapel não vai nos acompanhar? -perguntou Prudence enquanto besuntava um pão-doce com manteiga.

A manhã estava bem entrada e Prudence, que acabava de despertar, tinha descido a sala de jantar para desfrutar do café da manhã com Caroline, seu pai e o padre Molyneux. Marcus tinha se levantado antes e já estava nas ruínas. Logo que tivesse acabado de comer, Prudence iria se reunir com ele.

-Temo que não, senhorita Ryland -respondeu o padre Molyneux com seu maravilhoso acento francês.

Pru não estava acostumada a que as pessoas não lhe dessem explicações.

-Foi caçar com os outros cavalheiros? -insistiu.

Molyneux limpou a boca com a ponta do guardanapo.

-Está na cama, mademoiselle. Meu jovem amigo tende a passar dormindo a maior parte das horas do dia.

-Todo um *moço da cidade* -disse seu pai mais em tom zombador que de crítica.

-*Au contraire* -sorriu o sacerdote-. No Oriente contraiu uma estranha enfermidade que o faz em excesso sensível aos raios do sol.

-É grave, padre? -Pru se serviu uma xícara de café e logo encheu também a do pároco.

O padre Molyneux levantou a xícara antes de levar-la aos lábios.

-*Merci*. -Deu um sorvo- A enfermidade de Chapel é em realidade muito grave. De fato, um simples raio de sol poderia ser fatal para ele se lhe desse diretamente na pele.

Santo Deus! Pru olhou ao ancião com todo horror. E ela sentia pena por si mesma! Ela também era uma pessoa noturna, mas se o desejasse podia sair fora e sentir os raios do sol nas bochechas.



Claro que deixaria de fazê-lo se isso pusesse sua vida em perigo, tal como o senhor Chapel fazia.

Era uma enfermidade muito estranha, mas Prudence não se atreveu a questionar nada, embora Chapel estava surpreendentemente bronzado para alguém que raramente via o sol. Por que mentiria um sacerdote sobre isso? E com que finalidade? A não ser que isso formasse parte de um plano da Igreja para lhe tirar o Graal das mãos.

Estava se tornando paranóica. O padre Molyneux não se comportava como alguém com planos secretos. Talvez o senhor Chapel tenha um tom de pele escuro, igual a ela que tinha a pele sempre pálida.

Prudence deu uma dentada no pão-doce. Isso e o café iam ser seu único café da manhã essa manhã, embora ela estivesse acostumada a ter mais apetite. Até com o espartilho mais afrouxado do que habitual, sentia-se incômoda e curvada, pois o monstro que levava dentro se estava fazendo notar. Desfalecia só de pensá-lo.

Obrigou-se a dar outra dentada.

-O senhor Chapel poderia estar bem se ficasse dentro de casa durante o dia?

O padre Molyneux cruzou as pernas, como se estudando a pergunta.

-*Oui*, possivelmente sim, mas a sala teria que estar muito às escuras para que pudesse estar confortável. Estou certo de que ele não espera que se incomodem tanto por seu bem-estar.

-Ora, tolice -respondeu Pru antes de que seu pai pudesse fazê-lo- É nosso convidado.

E decidiu que, exatamente depois de tomar o café da manhã, iria à biblioteca selecionar alguns livros de Tintagel e do rei Artur para levar ao senhor Chapel. Seu gesto não tinha nada a ver com o fato de que morria de vontade de voltar a vê-lo. Nada absolutamente.

Apesar dessa afirmação, meia hora mais tarde o coração de Pru pulsava descontrolado contra suas costelas enquanto segurava um montão de livros. Eram muito pesados e cambaleavam entre seus braços, o que não contribuía em nada a aliviar a dor que sentia no estômago. Podia pedir ajuda, mas então alguém se inteiraria do que estava fazendo e os criados mexericariam. Não, seria melhor que o



fizesse sozinha, a pesar da dor que sentia.

Deixar algum livro tampouco era uma opção; Chapel merecia ter uma escolha. A verdade era que queria lhe impressionar com todas as leituras que ia oferecer a ele. Ele sabia tanto sobre o Graal que era inclusive capaz de recitar de cor todas as suas lendas, e ela queria lhe mostrar que seus conhecimentos também eram muito amplos.

Embora estivesse segura de que não sabia tanto quanto Chapel. Ele falava de tudo como se o tivesse vivido em sua própria carne em vez de tê-lo lido em um livro. Isso era impossível, mas de todo modo, falar com ele era desalentador.

Por sorte para os braços e as costas de Pru, o quarto de Chapel não estava muito longe e só teve que parar para descansar uma vez. Estava na asa oeste, de frente ao norte e com vista ao campo e a aos escarpados que havia mais à frente.

Ao menos tinha acertado e não o tinha instalado em um quarto em que o sol tocasse. Isso teria sido horrível. Claro que teria sido um acidente, já que Chapel mantinha sua doença em segredo. Tudo por culpa do orgulho masculino, embora, para falar a verdade, ela tampouco falasse de sua doença, assim não tinha direito de julgá-lo.

A cada passo que dava se encontrava pior; a dor que sentia no abdômen a obrigava a agachar-se. Deveria ter deixado alguns livros, o orgulho também era um de seus defeitos.

Finalmente, esgotada e com a respiração entrecortada, chegou à porta de Chapel. Apoiou os livros no quadril e bateu.

Sua mão conseguiu dar um golpe antes de que a dor a dobrasse. Gritou e os livros caíram ao chão com as páginas abertas como mariposas antes de espalharem-se a seu redor. Um dele caiu em seu pé, mas essa dor foi insignificante comparada com a adaga que lhe cravava no estômago. Quase sem respiração, Pru desabou de joelhos e uns segundos mais tarde teve que apoiar-se no tapete com as mãos. Tinha a testa e o lábio superior orvalhados de suor e começava a ver um montão de luzes dançando diante de seus olhos.

-Não... agora não -ofegou apoiada em uma mão enquanto com a outra apertava o estômago. Deus, como dóia!

A porta se abriu de repente. A dor era horrível, mas a vergonha que sentia a superava. Levantou a cabeça e ofegou



entre dentes ao ver o que pairava sobre ela.

Era Chapel, ou ao menos parecia Chapel. Tinha a juba dourada despenteada, embora recordasse a de antes; a camisa de linho e as calças negras estavam enrugadas, entretanto seu rosto... seu rosto não era o mesmo. Parecia o de um animal selvagem, seus olhos cintilavam um fogo dourado e seus lábios estavam a ponto de grunhir. Dava medo.

Mas então, quando seus olhares se encontraram, tudo desapareceu, e a única coisa que viu neles foi preocupação por ela. Deus santo, a dor estava fazendo-a ter alucinações.

-*Mon Dieu*. -Sua voz não foi mais que um rouco sussurro quando se ajoelhou a seu lado e procurou suas mãos-. Prudence, está bem?

-Eu caí -gemeu ela, e sentiu como a faca do câncer se afundava mais fundo-. Os livros... pesavam muito... e... caí.

Suas douradas sobrancelhas se uniram. Quem ia pensar que um homem podia estar tão bonito franzindo o cenho?

Deus, a dor estava se dirigindo a sua cabeça!

-Onde dói, *petite*?

Ele também tinha um acento encantador, não tão marcado como o do padre Molyneux, e um pouco diferente, como se tivesse a influência de mais de uma cultura.

-Não sou nenhuma menina -ofegou ela e permitiu que ele a rodeasse com os braços. Odiava que se preocupassem com ela, mas era tão agradável sentir-se protegida...

Prudence não respondeu a sua pergunta e Chapel não se incomodou em voltar a formulá-la. Deus santo, só de pensar no perto que tinha estado de lhe fazer mal...

Ele não contava com que ninguém batesse a sua porta. A essas alturas, o padre Molyneux já teria contado a todos a estória de sua estranha "enfermidade", e isso costumava lhe garantir privacidade. Deveria ter imaginado que uma mulher que tinha ido passear com ele na metade da noite vestida só com sua camisola não teria nenhum problema em bater a sua porta.

Mas ela não só tinha batido. Ao Chapel bastou lançar uma olhada aos livros que tinha se espalhado ao redor dela para deduzir o que tinha acontecido. Todos eram sobre Tintagel e Artur. Não



precisava ser um gênio para saber que os tinha carregado até seu quarto para que ele tivesse algo com o que distrair-se.

A pequena Prudence era tão doce e amável que ver como sofria lhe partia o coração.

Despertou para ouvir o golpe na porta. O demônio que habitava nele detectou imediatamente que ainda era de dia, e que corria perigo. Sua natureza animal e o instinto de proteção tomaram o controle e bloquearam todo o resto. Abriu disposto a lutar por sua existência com unhas e dentes, mas então viu Prudence no chão, de joelhos, com o sofrimento marcado no rosto, e esse demônio emudeceu como uma criança assustada.

Agarrou-a entre os braços e a levantou, para ele seu peso era insignificante. Estava muito pálida, sua cara se retorcia de dor. Uma mera queda não era a responsável por todo aquilo.

-Onde está sua habitação? -Levaria-a a um sítio confortável e logo chamaria a alguém do serviço.

-Nesta asa -respondeu Pru apertando os dentes- A terceira à esquerda.

Por sorte, quando Chapel chegou ao corredor este estava às escuras; a única janela aberta estava no outro extremo. E, por sorte, Prudence estava muito dolorida para dar-se conta de que ele caminhava muito mais rápido do que deveria, ou de que a levava nos braços como se não pesasse mais que um pequeno gatinho.

Embora Rosecourt fosse uma mansão muito grande, não era tão monstruosa quanto algumas casas aristocráticas, e o caminho até esta asa foi graças a Deus curto. Chapel se apertou à parede tanto quanto foi possível para evitar os raios de sol que entravam no salão. Não era um dia muito ensolarado, mas mesmo assim sentiu como lhe ardiam o rosto e as mãos, as únicas partes que não cobriam suas roupas.

Por sorte para ele, esta asa era uma cópia da oeste. Nesse instante, sua pele começou a esfriar-se e sentiu uma leve coceira.

Por que não tinha pedido ajuda de seu quarto? Por que brincava de ser um herói arriscando-se a que o descobrissem? Estava pedindo a gritos que lhe acontecesse algo.

-Obrigada. -Os olhos de Pru o olharam entre suas pestanas cerradas – Tenho



certeza que não está confortável com tanta luz.

O que? O coração de Chapel deu um salto. Como ela sabia...? OH, claro. Molyneux lhe tinha contado aquela mentira.

-Não é nada. -A essas alturas, uma mentira a mais não tinha importância, especialmente se ela se sentisse menos culpada assim.

Deteve-se ante a porta que Pru lhe indicou, e, segurando-a com um só braço, pôs a outra mão no trinco.

-Espera! -A moça abriu os olhos de repente.

-O que foi? -Chapel ficou petrificado.

Em vez de lhe dizer que era um bicho raro, um fenômeno da natureza, ela o olhou como se a única coisa que sentisse fosse dor e preocupação.

-Não pode entrar.

-Asseguro-te -sorriu- que sua reputação está a salvo comigo, senhorita Ryland.

Ela levantou um pouco os lábios ao ver que ele repetia suas palavras da noite anterior.

-Isso não me preocupa, senhor Chapel, mas tenho as cortinas abertas. Não quero que sofra por minha culpa.

Que ele sofresse? Ela mal podia respirar pela dor que sentia e se preocupava com ele? Que Deus o protegesse daquela mulher, pois sua bondade estava penetrando no mais fundo de seu ser.

-Me solte - lhe pediu Pru com suavidade- Posso chegar sozinha até minha cama.

Ele franziu o cenho e abriu a porta.

-Não diga tolices.

Pru se moveu entre seus braços; era como se um pardal tentasse escapar de um leão.

-Chapel, por favor!

Foi o modo desesperado em que pronunciou seu nome o que o fez deter-se. Não se tratava só da segurança dele, mas sim de algo que ela precisava; por alguma razão que só Pru entendia, tinha que entrar por seus próprios pés naquele quarto, enfrentando a dor sozinha.

Por quê? O que acontecia com ela? Aquilo não era uma simples queda. Algo tinha provocado a queda e, fora o que



fosse, ela estava furiosa por isso.

Bom, isso ele podia entender. Devagar, com cuidado, soltou-a depositando-a no chão. Manteve as mãos em seus ombros até que viu que podia se manter em pé. Quando a deixou ir, cambaleava um pouco, mas podia caminhar.

-Precisa que chame a alguém? -Por muito que quisesse perguntar o que lhe acontecia não podia fazê-lo. Não era assunto dele e provavelmente ela não queria compartilhá-lo.

E maldita fosse, ele tampouco queria saber. Começava a dar-se conta de que aquele incidente estava relacionado com a busca do Graal. "Desespero", isso era o que ela tinha respondido para justificar suas ações. Chapel não queria saber qual era a causa desse sentimento porque, fora o que fosse, ele não podia solucioná-lo.

E Chapel sabia o que era estar desesperado.

-Estarei bem. Obrigada. -Olhou-o com os olhos cheios de vulnerabilidade.

Ele se limitou a assentir e olhar como devagar e presa da dor, dava-lhe as costas e abria a pesada porta de carvalho. O calor lhe chegou de repente, quando a luz do dia em toda sua plenitude o iluminaram desde seus domínios. Deu um passo atrás como se o tivessem golpeado e, cambaleando, escondeu-se outra vez entre as sombras. Pru, mais tranqüila agora que tinha chegado a seu santuário, fechou a porta atrás dela.

Uma vez que ficou sozinho, Chapel se incorporou e, devagar, retomou o caminho para seu quarto, atravessando o salão a toda velocidade para evitar outro ataque do sol.

Retornou à escuridão de seu quarto com a pele irritada e o coração cheio de preocupação por aquela estranha mulher que o atraía como a luz às traças, mas que para ele era tão inalcançável e tão intocável quanto o sol.

O láudano que tomou ajudou a Pru a dormir o resto do dia. Caroline insistiu em que jantasse no quarto e ficasse na cama, embora isso era o último que Pru desejava. Marcus foi tomar o chá com ela à tarde, e a pôs em dia com os avanços que tinha feito. Evidentemente, conversaram no salãozinho. Talvez Caroline animasse a Pru a ser um pouco mais atrevida, mas mesmo assim, as normas da decência deviam cumprir-se.



Apesar do entusiasmo em que Marcus estava pelos descobrimentos que tinha feito nas ruínas, o que mais se destacou esta noite foi a rosa vermelha de caule comprido que chegou ao quarto de Pru em um esbelto vaso de cristal.

-Da parte do senhor Chapel - lhe informou Georgiana à manhã seguinte, sem deixar de olhar a perfeita flor carmesim - Por que lhe mandaria isso?

Um calorzinho se estendeu pelo peito da jovem.

-Porque é um homem encantador? -Foi o melhor que lhe ocorreu estando tão fraca. Odiava sentir-se assim. Houve um tempo em que podia dançar durante toda a noite em uma festa londrina e à manhã seguinte estar pronta para ir a um piquenique. Agora dormia muito mais do que dançava e não podia lembrar-se da última vez que tinha ido a um piquenique com gente que não fosse sua família.

-Humm. -O olhar de Georgiana transbordava astúcia-. Me pergunto como soube que você não se encontrava bem.

Só Georgiana podia referir-se a sua enfermidade mortal como "não encontrar-se bem".

-Ontem, quando me deu o ataque, ele estava perto. Ajudou-me a chegar a meu quarto.

Georgiana assentiu e, à exceção de um ligeiro sorriso, manteve seu rosto impassível.

-Então suponho que, em efeito, é um homem encantador. Vamos ver, o que te parece se sair desta cama e vamos tomar sol?

Sua irmã a ajudou a vestir-se e a pentear-se. Tomaram o chá no jardim e, quando Pru disse que gostaria de ir à escavação, Georgiana mandou que lhe trouxessem uma pequena carruagem e ela mesma levou Prudence até ali.

A escavação estava perto do topo de uma colina, ao lado dos escarpados. As altas ervas se ondulavam com a brisa e as flores silvestres se balançavam entre elas. O sol brilhava sobre suas cabeças e, ao ouvir o grito das gaivotas, Pru se encheu de satisfação. O mar golpeava brandamente as rochas do escarpado e enchia o ar com o aroma a sal e terra molhada.

Se existia o céu, com certeza era assim, e não tão aterrador quanto Pru tinha freqüentemente pensado.

Ao aproximar a carruagem, os homens deixaram de trabalhar para vestir as camisas.



-Maldição - disse Georgiana com sua habitual brusquidão - Tinha a esperança de flagrar o Marcus sem camisa.

Pru riu. Graças a Deus, seu abdômen não se ressentiu disso. Já não sentia dor, mas os efeitos do láudano permaneciam, e tinha a boca seca e as extremidades pesadas.

Marcus, já vestido com sua suja e, para Georgiana, supérflua camisa, foi a seu encontro. Tinha a testa e as bochechas acaloradas e cobertas de pó. Ao sorrir para elas, seus dentes resplandeceram em seu rosto de menino travesso.

-Esperava que hoje pudesse vir -a saudou, e tirou as luvas para ajudá-la a descer.

Essas palavras foram como um bálsamo para o coração de Pru.

-OH! encontrou alguma coisa?

Deixou-a no chão, sorriu-lhe de novo e foi ajudar a Georgiana.

-Já o verá.

-Odeio que faça isso! -Mas riu de todo modo. Depois do aviso do dia anterior sobre a leveza de sua vida, precisava de algo que a animasse. Algo ao que se aferrar.

Acompanhou-as até um buraco que havia no lado menos escarpado da colina. A paisagem estava cheia de lugares por descobrir ainda cobertos de rochas. A estrutura que antes havia havido ali era um grande edifício rodeado de pequenas construções.

Marcus se deteve diante da segunda abertura, Sorrindo de orelha a orelha.

-Suspeito que, tal como está construído, isto pode ser uma espécie de adega ou de porão.

O que explicaria por que tinham dado com um lateral e não com a porta.

Pru subiu ao alto da colina e olhou para baixo, ao buraco que os trabalhadores tinham começado a abrir. Seus ansiosos olhos descobriram algo que definitivamente parecia uma escada; apesar do quanto as pedras estavam desgastadas e erodidas, não cabia nenhuma dúvida de que se tratava disso.

-Uma entrada -exalou Pru e levantou a vista para o Marcus.

Seu amigo estava radiante.

-Sim. Este poderia ser o porão secreto no que Artur escondia suas posses mais valiosas. Se meus cálculos forem corretos, acredito que depois de amanhã teremos acesso à porta.



Tão logo? OH, Deus, obrigado. A Pru tremeram as pernas quando se lançou sobre o Marcus, e toda a alegria lhe escapou em forma de uma risada quase histérica. Ele a abraçou e começou a dar voltas com ela entre a aclamação de todos da escavação. Voltou a deixá-la no chão e Pru deu então agradeceu a todos os homens que ajudavam ao Marcus, deu-lhes a mão e os abraçou sem preocupar-se absolutamente se era o mais apropriado. Viu que Georgiana não escapou do entusiasmo de Marcus. Não a fez dar voltas como a ela, mas sim a abraçou com todas as suas forças. Sua irmã não pareceu se incomodar nem o um pouquinho.

Com a promessa de que essa noite durante o jantar celebrariam, e sonhando com outra festa em um futuro próximo, as duas irmãs voltaram à casa.

O padre Molyneux estava passeando pelos jardins quando Pru e Georgiana chegaram da escavação, assim Pru pediu a sua irmã que parasse o carro e desceu para lhe fazer companhia.

-Padre!

O ancião a saudou e a presenteou com um sincero sorriso.

-Senhorita Ryland, esta manhã você está preciosa. Recuperou-se já de sua enfermidade?

Chapel contou a ele. Por estranho que parecesse não se incomodou que o tivesse feito, mas sim a adulou. Preocupou-se de verdade. Essa noite agradeceria.

-Assim é, padre. Obrigada. Posso passear com você?

O pároco pareceu entusiasmado com a idéia.

-É obvio. Meu amigo Chapel me contou quão preciosas são suas rosas. Talvez me concederia a honra de me mostrar isso você mesma?

-Claro que sim. - Pru aceitou o braço que ele oferecia. Perguntava-se se Chapel teria se limitado a pedir a um dos criados que cortasse uma de suas rosas ou se ele mesmo tinha procurado a flor mais bonita para ela. Certamente ele teria pedido a alguém, mas ela preferia imaginar Chapel no jardim, ao entardecer, procurando a rosa perfeita sem descanso até que saísse o sol.

Na realidade, que mulher não preferiria imaginar tal coisa?

-Me alegro muito de tê-lo encontrado -disse Pru enquanto passeavam- Esta manhã estive na escavação e Marcus descobriu uma escada. Ele acredita que em um par de dias terá dado com o acesso ao porão.

-Tão logo? -A

expressão do padre



Molyneux era de genuíno assombro. E de algo mais. Medo? Que estranho.

-Sim, não é emocionante?

-Muitíssimo.

Pru não conseguia discernir os sentimentos do sacerdote.

-Perdão, padre, mas não parece tão contente como acreditava que estaria.

O homem lhe ofereceu um amável sorriso, desses que só podem esboçar as pessoas que estão em paz consigo mesmas.

-Asseguro-lhe, minha querida amiga, que se o Graal está nesse porão, minha alegria não terá limites.

Isso tinha mais sentido.

-Não acredita que tenhamos dado com o lugar exato.

Negou com a cabeça.

-Não é que queira decepcioná-la a você ou ao senhor Grey, mas fui testemunha de muitas escavações como esta, e da devastação que segue ao fracasso.

Falava com conhecimento de causa e seu olhar estava cheio de perspicácia. Pru apartou os olhos. Não queria pensar no fracasso, não nesses momentos.

-Mas talvez nós tenhamos êxito. -Odiava sentir-se a ponto de chorar e que sua voz não pudesse ocultar isso.

Molyneux lhe deu uns golpezinhos na mão.

-*Oui*. E por seu bem confio em que assim seja. Mas espero que seja preparada, senhorita Ryland.

-Preparada? Em que sentido?

-Os lugares que permaneceram secretos durante tantos anos às vezes têm um motivo para continuar estando-o. Não entre lá sozinha e, por favor, permita que eu ou Chapel vamos com você. Não quero parecer presunçoso, mas ele e eu sabemos que tipo de armadilhas escondem essa espécie de lugares.

-Armadilhas? -Marcus não tinha dito nada de armadilhas nem de outros perigos!

Seu assombro deve ter sido evidente, porque o sacerdote voltou a lhe dar uns golpezinhos na mão.

-Estou convencido de que o senhor Grey também estudou estes assuntos, mas faria um favor a meu velho coração se



ambos aceitassem que um de nós os acompanhassem quando entrarem.

Parecia um pedido insignificante, e Marcus e seus homens podiam dominar ao sacerdote ou ao próprio Chapel se algum deles quisesse roubar o Graal.

-Falarei com o senhor Grey, mas não vejo nenhuma razão pela que não possam nos acompanhar, padre.

Ele sorriu com tanta doçura e serenidade que foi impossível acreditar que tramasse algo mau. Pru também lhe sorriu, mas depois de sua advertência, começou a preocupar-se.

Ainda mais preocupante foi dar-se conta de que, se havia algum perigo escondido nesse porão, o único homem que Pru queria a seu lado era Chapel.

CAPÍTULO 6

Como estava?

O padre Molyneux deixou de escovar os pêlos que havia na jaqueta de Chapel. Por alguma razão, o velho sacerdote gostava de comportar-se como seu mordomo, ou como seu pai.

-Tinha bom aspecto, *mon ami*. Estava contente e o único que me pareceu é que estava cansada.

Chapel assentiu enquanto vestia bem as mangas da camisa.

-Bem.

Mas não podia deixar de pensar que com Pru, o dia em que caiu diante de sua porta, passava-se algo mais. As pessoas não experimentam esse tipo de dor sem motivo.

Uma doença explicaria por que procurava o Graal. Pelo bem de Pru, esperava que o encontrasse naquele porão.

-O que vai acontecer se encontrarem o Santo Graal?

Molyneux o olhou nos olhos através do espelho. Seu sorriso estava cheio de paciência, como o que se oferece a um menino curioso e confuso.

-O Graal não está ali.

-Como sabe?



-Sei. - O homem deu de ombros-. Seja o que for que encontrem nesse porão, não será o cálice de Cristo. Só espero que tampouco seja o Graal Maldito.

A idéia de que Prudence encontrasse esse cálice de maldição acreditando que era a taça da vida era inquietante.

-Não devemos permitir que ela beba dele até que estejamos seguros.

Molyneux passou a escova pela jaqueta pela última vez.

-Isso com certeza. Teremos que confiar em seus olhos e em sua memória; os meus já não são o que eram. Reconhecerá-o?

Chapel olhou seu próprio reflexo no espelho. Seu aspecto já não o inquietava tanto quanto antes. Levava vendo aquele rosto durante séculos.

-Reconhecerei-o -assegurou-. Como se pudesse esquecê-lo. -Cada golpe, cada imperfeição da taça gravada estava impressa em sua memória para sempre. Seu amo, sua maldição, sua perdição, o cálice de que tinha bebido por vontade própria.

Molyneux lhe ajustou bem os ombros da jaqueta. A leve lã negra se ajustava a seu corpo à perfeição e contrastava com a camisa branca e a gravata cor borgonha. Seis séculos atrás não se teria imaginado vestido desse modo.

-A senhorita Ryland acredita que descobrirão a porta do porão nos próximos dois dias. Acredito que planejam uma festa. Temos que estar preparados.

Chapel se separou do espelho.

-Se tivermos sorte, eu entrarei a noite anterior.

-Não podemos confiar na sorte. -Molyneux franziu o cenho-. Tem que entrar. Não podemos nos arriscar a que vejam Temple.

-Não posso sentir sua presença.

-Ou melhor, ele está impedindo isso como medida de proteção.

-Pode ser. -Chapel sabia que podia ser verdade, e que provavelmente o era, mas lhe doía pensar que Temple pudesse se esconder tão bem dele; em especial dele. Não podia deixar de pensar que se Temple estivesse perto, de algum modo teria feito notar sua presença. Embora estivesse escondendo-se, acaso não sentia a presença de Chapel?

Uma reconfortante mão se posou em seu ombro.

-Já sei que não quer lutar contra ele, *mon ami*. Reze para que não cheguemos a isso. Temple sacrificou muitas coisas para proteger o falso Graal. Odiaria ver como sacrifica a si mesmo.



Todos os da mesa riram, assim, Chapel fez o mesmo.

-Nosso pequeno povoado deve lhe parecer muito provinciano comparado com Paris, senhor Chapel.

Seu olhar voltou a fixar-se em Pru. Deus, era bonita. Se Pru comesse bolos durante semanas, tinha certeza que quando a tivesse entre seus braços a sentiria doce e suave e que, quando a beijasse, derreteria-se com seus beijos.

Tinha que verter a ampola de sangue do Molyneux no vinho, se não começaria a uivar como um maldito cão, ou pior ainda, como um homem lobo, e essas criaturas sim que eram desagradáveis.

-Acredito que seu povoado é encantador, senhorita Ryland. Desculpe-me, acredito o meu guardanapo caiu.

Com a desculpa de agachar-se para recolher o quadrado de linho do tapete, tirou a tampa da ampola que Molyneux lhe tinha dado e o bebeu de um só gole. Logo, com muita rapidez, guardou-a em sua jaqueta e voltou a levantar-se na cadeira.

Ninguém o estava olhando, e isso o surpreendeu um pouco. Desde sua chegada, tanto a ele como ao Molyneux, tinham-nos tratado como a raridades e foi agradável descobrir que agora essa novidade começava a desvanecer-se.

Isso também deu a Chapel a oportunidade de observar os outros.

Prudence estava sentada ao outro extremo da mesa, três cadeiras a sua direita. Levava sua vibrante juba recolhida em um elegante coque, o que limpava seu rosto bonito. O sedoso e sensual vestido violeta que exibia ressaltava suas rosadas bochechas e o brilho de seus olhos cor avelã. Durante sua longa existência, Chapel tinha visto mulheres igualmente belas, mas nesse momento não conseguia lembrar de nenhuma.

-Senhor Chapel? -disse o pai de Prudence.

Maldição. Com certeza que ia chamar lhe a atenção por ter estado olhando a sua filha como um cão faminto olha um osso suculento.

-Sim, senhor?

Thomas Ryland fez uma careta.

-Por favor, me chame por meu nome. "Senhor" me recorda ao professor que havia em minha velha escola, e nunca



pude suportar a esse homem.

Chapel sorriu, nos últimos dias o fazia freqüentemente.

-De acordo, mas com a condição de que você me chame Chapel.

-Eu levo dias querendo lhe perguntar sobre isso, senhor Chapel. -Prudence levou a taça de vinho aos lábios rosados.

-Sobre meu nome? -Arqueou as sobrancelhas.

Pru limpou a boca com o guardanapo.

-Sim. Desculpe minha impertinência, mas como é que só se chama "Chapel"?

Os olhos dos presente voltaram a fixar-se nele, como se todos estivessem estado desejando lhe fazer essa pergunta. Todos exceto Molyneux, claro.

-Será uma honra satisfazer sua curiosidade, senhorita Ryland. Encontraram-me abandonado na escada de uma capela, assim que os sacerdotes que me criaram decidiram me chamar assim. -Aquilo não era do todo mentira; simplesmente tinha decidido omitir o fato de que, quando isso aconteceu, ele já era um homem adulto e que, após, tinham passado vários séculos.

Tanto Caroline como Matilda o olharam com pena e um pouco incômodas, seguramente porque acreditavam que era um bastardo a quem ninguém tinha querido. Mesmo assim, ele podia suportar que o olhassem desse modo; era preferível à verdade.

Por sua parte, Prudence se limitou a lhe sorrir e olhou ao padre Molyneux.

-E você foi um dos homens que o criou, padre?

Isso sim tinha graça. Se essa pergunta tivesse sido feita diante de outro tipo de gente, seguramente que se poriam a rir. Se um dos dois tinha visto crescer ao outro, esse era Chapel. Ele tinha visto Molyneux crescer e envelhecer.

-Sim - respondeu o sacerdote e piscou o olho para Chapel- Mas eu só sou responsável por suas virtudes, senhorita Ryland.

Os olhos cor avelã da moça voltaram a fixar-se em Chapel.

-Oh, Oh, isso implica que você também tem vícios, senhor Chapel. Por que será que o padre Molyneux quer nos fazer acreditar algo assim?

Chapel bebeu um pouco de vinho.

-Porque o "bom pai" é capaz de fazer isso e muito mais se isso me incomodar, senhorita Ryland, como nas melhores famílias.

As quatro irmãs

Ryland puseram-se a



rir e começaram a contar histórias de quando eram pequenas, o que por sorte voltou a desviar a atenção de Chapel. Ele não estava acostumado a esse persistente escrutínio. Não estava certo de que sua fachada de humanidade agüentasse um estudo tão intenso.

Na hora das sobremesas, Thomas convidou Chapel e Molyneux a fazer uso da biblioteca, tanto se fosse para procurar um livro como para trabalhar. Chapel não lhe disse que Prudence já lhe tinha dado um montão de livros para que se distraísse. Um cavalheiro não comentava em meio de um jantar que uma dama solteira tinha ido a seu quarto sem nenhuma outra companhia.

Um cavalheiro não comentava esse tipo de coisas jamais.

Depois da sobremesa, justo quando Chapel acreditava que poderia escapar da casa para poder respirar ar fresco, ar que não cheirasse a vida nem a humanos, Marcus Grey se aproximou.

Aquele homem era jovem, bonito, mortal e passava muito tempo com Pru. Chapel tinha muitas razões para que não considerá-lo simpático, mas se fosse sincero, não havia nenhum motivo real para que não pudesse suportá-lo, eliminando, claro, o fato de que ao Chapel gostaria de ser ele, ao menos durante um dia. Um "dia", esse era o assunto chave.

-Senhor Chapel. - A voz do jovem soou séria e, por estranho que parecesse, respeitosa- A senhorita Ryland comentou que conhece um pouco a lenda do Graal.

-Um pouco. -Então Pru tinha estado falando dele?

-Qual é sua área de especialização?

-A época medieval. -Foi o primeiro que lhe veio à cabeça.

-Conhece a história dos cavalheiros templários e de sua expulsão da França?

Se respirasse como uma pessoa normal, Chapel teria ficado sem fôlego ante a pergunta. Que se conhecia essa história? Contava o fato de que tivesse sido um de seus protagonistas? Era óbvio que não podia dizer ao senhor Grey que ele tinha sido um dos soldados à serviço do rei Felipe.

-Hum, sim. Conheço a história dos templários.

Os olhos azuis de Marcus brilharam interessados, e inclusive se ruborizou. Chapel podia cheirar como o sangue do moço se esquentou e seu coração pulsava impaciente. As gengivas começaram a lhe doer. Não se sentia atraído sexualmente por aquele homem, mas o demônio que



havia nele não tinha critério na hora de comer.

-Talvez durante sua estadia possamos falar sobre isso.

Chapel assentiu. Antes de fazê-lo teria que assegurar-se de ter comido.

-Eu gostaria. -Sempre levava cuidado de não revelar muita informação, sobre tudo aquela que não pudesse justificar.

Deu um passo para partir, mas o jovem pôs uma mão no seu braço para detê-lo. Chapel ficou olhando aqueles dedos bronzeados sobre sua jaqueta. As mãos de Marcus não eram as de um estudioso, mas sim estavam cheias de calos, tão sujas como as de um guerreiro. As ver fez que Chapel se lembrasse de quando suas próprias mãos tinham tido esse mesmo aspecto; quando sua espada e seus amigos eram tudo o que precisava.

Seu olhar deve ter inquietado ao senhor Grey porque este o soltou com cautela e deu um passo atrás do mesmo modo com que se separaria de um cão selvagem. Chapel levantou a vista e, desprezando a seu próprio conselho, olhou ao curioso jovem.

-Quer algo mais, senhor Grey?

O que refletiam os olhos do outro não era medo, a não ser intriga e curiosidade. Para ser sincero, Chapel achou preocupante e, ao mesmo tempo refrescante, ser olhado assim.

-A senhorita Ryland me disse que você é uma pessoa noturna, senhor Chapel. Se quiser visitar as ruínas, estaria encantado de lhe levar ali quando anoiteça, e assim poderá ver todos os nossos avanços.

Era Marcus Grey extremamente educado ou extremamente estúpido? Fora o que fosse, Chapel teve que concentrar-se para responder.

-Obrigado, eu gostaria muito.

Molyneux teria que acompanhá-los. Devia haver alguém capaz de lhe cravar uma estaca em caso de que se equilibrasse sobre o pescoço de Marcus. Aquele jovem não sabia o que estava lhe oferecendo.

Ou talvez, sim, soubesse.

A voz de Marcus o deteve uma vez mais quando já ia sair.

-Não conhecerá por acaso a história de um grupo de mercenários que o rei Felipe mandou a procurar o Santo Graal durante a incursão contra os templários?

A dor e a

surpresa o



atravessaram de repente. Um montão de imagens irromperam em sua mente antes de que tivesse tempo de preparar-se; imagens dos seis, valentes e cheios de vida. Tão presunçosos e tão estúpidos.

-Sim - sussurrou, e odiou como tinha divulgado sua voz- Conheço sua história. - A questão era, como demônios Grey a conhecia?

Ouviu uns passos atrás dele. O senhor Grey estava se aproximando. Oh, esse menino era de verdade um inconsciente. Chapel não se voltou. Deveria tê-lo feito, mas sabia que, se o fizesse, Marcus Grey se daria conta de que seu aspecto não era normal.

-Ouviu falar de um homem chamado Dreux Beauvrai?

Chapel fechou os olhos. O rosto de Dreux lhe apareceu na mente e sentiu aquela familiar opressão no peito. Que se tinha ouvido falar dele? Uma amarga risada ameaçou saindo de seus lábios. Deus, sim.

-Sim, um pouco.

O rosto de Marcus se iluminou.

-Então eu gostaria muito de que pudéssemos falar. A história desses mercenários, em especial Beauvrai, converteu-se em uma obsessão para mim.

Tratava-se de uma mera coincidência ou atrás disso se escondia algo muito mais obscuro? Ou era o modo que tinha Deus de torturá-lo? Molyneux diria que era uma ocasião ideal para que Chapel pudesse exorcizar seus próprios demônios, embora este soubesse que não. Ele não ia se livrar deles, ainda não.

-É obvio. Estarei encantado de lhe dar mais informação se for possível. Agora, se me desculpar...

Grey o olhou envergonhado.

-Claro. Lamento havê-lo retido tanto tempo.

De algum modo, Chapel conseguiu sorrir.

-Não se preocupe. Boa noite, senhor Grey.

Chapel deixou o jovem e saiu através das portas do salão. Ficou a sós no pequeno terraço que dava ao jardim.

Ali estava tranqüilo, o ar cheirava a mar e a areia, a animais e a flores. Acendeu um cigarro para apagar o que ficava de fragrância humana em seu olfato.

Tudo estava sendo mais difícil do que imaginou. Deus devia estar pondo-o a prova.



Um ruído atrás dele ativou seu alerta. Ao reconhecer quem se aproximava relaxou. Molyneux.

-*Mon ami*, está bem?

Chapel deu de ombros. Não, não estava bem. As presas se sobressaíam tanto que se cravavam no lábio inferior, e podia sentir como a fome lhe carcomia as vísceras.

Molyneux chegou a seu lado. Chapel, sem olhar, soube que seu amigo tinha aberto a palma da mão. Então baixou a vista.

O sacerdote lhe estava oferecendo uma pequena garrafa. Chapel soube imediatamente o que era, apesar de que seu tamanho era maior que o das ampolas que estava acostumado a lhe dar.

-Está sendo muito difícil de controlar, não?

-Sim. – A mão de Chapel tremeu ao agarrar a garrafa. Quando seus dedos a rodearam, algo se apoderou dele.

Não, algo não. Aquilo. Apertou a garrafa e, com uma velocidade sobrenatural, voltou-se e agarrou Molyneux pelos ombros arrastando-o para as sombras, onde o apertou contra o muro da casa.

-Chapel, o que está fazendo? - Os olhos do sacerdote se abriram de par em par.

-Tenta-me com ampolas e garrafas. - Chapel sacudiu a garrafa diante do rosto do ancião - Sabia o que ia me passar, não, velho amigo? Você me trouxe até aqui. A segurança de todos os que habitam esta casa recaí agora sobre seus ombros. O mínimo que poderia fazer seria abrir uma dessas veias, ou melhor, deixa que eu faça isso.

Ao pensá-lo sua boca se encheu d'água; a espera fazia cócegas nas suas gengivas.

Molyneux o olhou nos olhos e Chapel pôde ver o fogo de seu olhar refletido neles.

-Sinto que esteja sofrendo, mas você na realidade não quer fazer isto.

-Ah, não? -Chapel riu, uma risada baixa e obscura- Sim quero. Sabe que é assim.

-Você não é um monstro. Não é um assassino.

-Assassino? Não quero te matar, Molyneux. Só quero mais do que me está dando, pequeno patife. -Estava



perdendo o controle, e se sentia muito bem - Quero o que está me negando.

-Eu nunca te neguei nada. Foi tua decisão deixar de te alimentar de humanos. Sua escolha. Fez um juramento. Quer renegá-lo? Justo agora, quando tem coisas muito mais importantes pelas quais preocupar-se?

Chapel tremia por causa do esforço que estava fazendo para controlar a vontade que tinha de afundar as presas no pescoço de Molyneux. Se bebesse dele, o mataria, estava certo disso. Levava muito tempo sem fazê-lo e seria incapaz de parar. Seria preciso um montão de gente para saciar sua sede, todos os convidados dos Ryland, por exemplo.

Prudence. Pensar nela deveria ter desatado toda sua fúria, mas em lugar disso, um calafrio lhe percorreu o corpo e aturdiu ao demônio o suficiente para que ele pudesse controlá-lo. Não podia fazer mal a ninguém que significasse algo para Pru. Não podia fazer mal a ela. Não queria que ela soubesse o que ele era em realidade. Não queria que ninguém soubesse, mas em especial Pru. Agora não importava o porquê, simplesmente se obrigou a concentrar-se nesse pensamento e a tranquilizar-se.

Devagar, soltou ao Molyneux, alisou-lhe as rugas da jaqueta e se voltou. Desarrolhou a garrafa e a bebeu de um gole. Acalmou a fome e saciou a vontade de mais.

-Sinto muitíssimo - sussurrou sem olhá-lo.

-Eu também. Não tinha nem idéia de que tudo isto ia ser tão difícil para você.

-Eu sim. -Chapel sorriu entre dentes.

Molyneux se aproximou dele com lentidão e o silêncio se estendeu entre os dois. Não cabia nenhuma dúvida de que o velho sacerdote era valente.

-Talvez o tenhamos enfocado mal, velho amigo.

-O que quer dizer?

-Possivelmente te alimentar de humanos seja o único modo em que possa manter o controle.

-Mas é pecado. Você sabe melhor que ninguém.

-Não se não os mata. E o mundo está cheio de gente que não é inocente; assassinos, ladrões...

-Protestantes? -Chapel sorriu.

-Já sabe a que

me refiro. -O padre



Molyneux apertou os lábios.

-Sei, e te agradeço que o diga, mas um pecado é um pecado, *mon ami*.

-Talvez não seja um pecado. Talvez seja o único modo de reter sua humanidade. Pode ser que seus poderes sejam dados por Deus e não o demônio.

-Está bêbado? Do que está falando?

-Você é tal como Deus quis. Nenhum de nós pode presumir de conhecer suas intenções, mas talvez se o sangue humano te der força, seja sinal de que tem que bebê-lo.

-Você ficou louco. - Disse essas palavras às costas de Molyneux, pois o sacerdote já tinha começado a caminhar para a casa.

Molyneux se deteve um segundo, o suficiente para lhe sorrir com o afeto de um pai.

-Não, não o estou, só sou velho. E tive muito tempo para chegar a esta conclusão. Talvez você também o fizesse se por um instante deixasse de se atormentar. Deixa de se sentir culpado e pensa nisso.

Chapel ficou sozinho para meditar essas inquietantes palavras, estava tão surpreso que, até que não o cheirou, não se deu conta de que seu cigarro se consumou e a carne de seus dedos começava a queimar-se.

Depois de deixar ao Chapel, Marcus correu imediatamente a seu quarto. Fechou a porta com a mente e o coração acelerados.

Na intimidade de seus aposentos de Rosecourt, abriu um dos baús que guardava dentro do armário e extraiu um montão de papéis.

Procurou entre eles até dar com o que estava procurando; uma carta que lhe tinha mandado um membro de uma seita secreta que pretendia ser a versão moderna dos cavaleiros templários, mas com muitos laços com as forças ocultas. A carta fazia parte de umas quantas que lhe tinham enviado para tentar seduzi-lo e convencê-lo de que se unisse a eles, de que colaborasse com sua causa.

Foram esses homens quem reafirmaram as teorias de Marcus sobre a escavação e a história que se escondia atrás dela. Tinham-lhe dado muita informação sobre Dreux Beauvrai, seu antepassado. Confirmaram os rumores que diziam que este se converteu em um



vampiro ao beber da taça chamada o Graal Maldito, e que essa taça tinha sido roubada aos templários.

E agora os templários, ou a Ordem da Mão de Prata, como preferiam chamar-se na atualidade, queriam recuperar esse Graal.

A ordem suspeitava que o Graal Maldito podia estar escondido entre as ruínas de Rosecourt. Marcus ainda não estava convencido disso, mas pelo bem de Pru, esperava que estivessem errados. Os templários prometeram lhe ajudar em troca de informação e, com a carta que agora segurava entre seus dedos trementes, acabaram de convencê-lo.

Ante os olhos, tinha uma enrugada parte de pergaminho no qual figuravam os nomes do grupo de mercenários que o rei Felipe tinha recrutado. Além do Dreux Beauvrai, a lista também incluía os nomes de outros, e dos apelidos que se acreditava que usavam como vampiros.

-Deus santo! -Entre as manchas de tinta negra encontrou o que estava procurando. Ao dar-se conta de que sua teoria se confirmava, o coração quase se deteve. O que tinha sido só uma suspeita, estava se transformando em realidade.

Mesmo assim, leu uma vez mais para estar seguro de que seus olhos não estavam lhe pregando uma peça. Não o faziam.

Severian de Foncé.

Também conhecido como Chapel.

CAPÍTULO 7

Espero não estar interrompendo.

Chapel levantou a vista do livro. Era muito tarde; não contava voltar a vê-la. Pru estava de pé diante da porta, a tênue luz que vinha do corredor e as notas musicais que escapavam da vitrola acentuavam sua beleza.

-Absolutamente.

Ele estava recostado na poltrona, mas quando ela entrou, incorporou-se e deixou a um lado o livro. Esqueceu-se dele por completo ao sentir como a cálida essência de Pru alagava seus sentidos. Sua boca se enchia d'água, mas agora Chapel voltava a ter essa fome sob controle.



Ele que não podia controlar era como todo seu corpo respondia ante ela.

Levava ainda o vestido violeta que tinha exibido no jantar; era um traje mais apropriado que a camisola com que a encontrou a primeira noite na biblioteca. O ajustado corpete ressaltava seus perfeitos seios e acentuava sua estreita cintura. Tinha os ombros e o pescoço muito magros. Parecia muito delicada, muito frágil.

Tinha observado-a durante o jantar e se deu conta de que comia bem. Talvez fosse de constituição magra.

Ou talvez a doença a fazia perder peso.

-Não tive a oportunidade de lhe perguntar ainda por sua saúde, senhorita Ryland. Está já recuperada daquela má experiência?

Ela se ruborizou e caminhou para ele; deteve-se na cadeira que havia a escassos centímetros da sua.

-Acreditava que foste me chamar de Pru. E me encontro bem, obrigado. Estou em dívida contigo por ter me ajudado.

-Bom -sorriu ele-. Não ia deixar você ali, não acha?

-Poderia tê-lo feito. -Pru sorriu a sua vez- Em especial se me levar a meu quarto significava se colocar em perigo.

-Arrisquei-me de boa vontade, e voltaria a fazê-lo.

Ela se ruborizou e um delicioso tom rosado cobriu suas delicadas bochechas.

-Obrigada.

Chapel se arriscaria a muito mais que a um raio de sol em troca de um sorriso dela. Pru era como uma sereia, uma mescla de sedução e inocência. Molyneux lhe havia dito que precisava beber sangue dos humanos com mais freqüência, mas a idéia de danificar a imaculada pele dela, de atravessar aquele pescoço tão puro, era desagradável, apesar do muito que o desejava.

Um golpe na porta anunciou a chegada de uma criada que levava uma bandeja com um bule, duas xícaras e um sortimento de sanduíches.

-Espero que tenha fome, - disse Pru- pedi que nos tragam algo de comer.

Sim, sim tinha fome, mas não do tipo que ela acreditava.

-Obrigado. É muito considerado por sua parte.

Pru se alegrou de que ele aprovasse, embora era um pouco triste que com uma adulação tão singela já estivesse satisfeita.

Tomaram o chá

em silêncio e



conversaram sobre tolices enquanto comiam um pouco.

-Desde quando conhece o senhor Grey? - perguntou Chapel tentando parecer desinteressado, enquanto acabava o chá.

-Oh, há um ano mais ou menos. -deu de ombros-. O vejo tão freqüentemente que às vezes tenho a sensação de que o conheço de toda a vida.

Invejava ao Marcus Grei, era um bastardo afortunado.

-Devem estar muito unidos.

Pru o olhou de um modo suspeito, como uma mulher que sabe detectar o ciúme quando o ouve.

-Considero-o como a um irmão.

Deus, pensou Chapel. Estava-se ruborizando? De verdade era tão transparente? A única saída que ficava para salvar o orgulho era seguir flertando.

-Nem todos temos tanta sorte com nossas irmãs.

Pru riu e olhou a xícara dele, que agora estava vazia.

-Você gostaria que lesse as folhas do seu chá?

Essa pergunta sim não esperava.

-Sabe fazer isso? -Segundo sua experiência não era um passatempo muito habitual entre a aristocracia.

Ela assentiu.

-Minha tutora me ensinou. É muito útil quando se quer averiguar algo mais sobre a pessoa que te interessa.

-Talvez descubra que há coisas de mim que é melhor que permaneçam escondidas.

Ela estalou a língua e agarrou sua xícara.

-Não exagere. Fala de si com muito dramatismo, Chapel, mas tenho a sensação de que não é tão tenebroso como você gosta de dar a entender.

Ele riu; foi um som rouco. Pru o tinha posto em seu lugar! Oxalá tivesse razão no que dizia.

-Adiante. - Mesmo se aquelas folhas mostrassem seu lado escuro, Pru não o interpretaria como algo sinistro. Incorporou-se um pouco na poltrona, aproximou-se para a xícara e cruzou as pernas pondo um tornozelo em cima do joelho - Nunca passei por isso antes, assim estou impaciente por saber o que as folhas dizem de mim.



-De verdade nunca ninguém leu as folhas para você antes? -Pru abriu os olhos como pratos.

-Nunca me têm lido o futuro não.

-Por que não?

-Talvez porque não estou acostumado a estar em companhia de hu... pessoas.

-la dizer "humanos"?

-Humanidade. Desculpe, meu inglês não é muito bom.

Pru pareceu acreditar, e se sentiu grato por isso. A mulher aproximou dele a xícara que estava de cabeça para baixo no prato e lhe disse que desse três voltas no sentido das agulhas do relógio ao mesmo tempo que fazia mentalmente um desejo. Chapel assim o fez. Desejou obter a salvação, sempre desejava isso. Logo devolveu a Pru a xícara.

Levantou-a e olhou dentro.

-Bom, bom, seu desejo está muito perto da borda da xícara.

-E isso o que significa?

-Significa que vai se fazer realidade... relativamente logo. -Franziu o cenho- Há uma mulher ligada a ele.

Seu sobressalto deve ter sido evidente, porque Pru levantou a cabeça e lhe sorriu.

-Sim, uma mulher. Uma dessas pessoas com quem não costuma estar.

Ora, engraçadinha.

-Pode me dizer quem é?

Ruborizou-se e olhou dentro da taça. Devagar, insegura, voltou a olhá-lo nos olhos.

-Não quero ser impertinente, mas acredito que sou eu. Pode me explicar por que estou ligada a seu desejo?

O coração de Chapel deu um salto. Ele estava se perguntando o mesmo.

-Porque o que desejei é que encontre o Graal. -Era uma mentira muito ruim e, ao ver a esperança que nascia nos olhos de Pru, deu-se conta de que não deveria tê-la dito.

-Obrigada -murmurou ela.

Seus olhares se encontraram e o tempo pareceu parar. A inocência dela o atraía, seus medos e sua enorme



esperança o sufocavam. Fosse o que fosse o que a empurrava a perseguir o Graal, não lhe dava trégua.

Chapel entendia essa necessidade. Entendia a obsessão de perseguir algo inalcançável. O que não sabia era por que o Graal significava tanto para Pru, e a verdade era que não queria sabê-lo. O que desejava era rodeá-la com os braços e beijar aqueles suaves lábios. Queria saboreá-la, sentir como seu pequeno corpo tremia junto ao dele. Possuí-la de todos os modos possíveis: corpo, alma e sangue.

Escassos centímetros separavam seus rostos, até que ela ficou de pé como um coelho assustado.

-Deveria ir. -Sua voz tremia de desejo. Sua essência estava inundada dele. Pru também o desejava, e estava disposta a permitir que a possuísse. Ela também possuiria a ele.

-Sim. -Olhou-a e viu a incerteza refletida em seu rosto - Deveria. A não ser, claro, que queira que te beije.

Pru vacilou um instante, e o demônio que havia dentro dele disparou. Chapel ficou de pé tão rápido que ela se assustou.

-Vai - grunhiu ele. Se não o fizesse, não seria capaz de deter-se. Beijaria-a. Possuiria-a. Morderia-a. Talvez Molyneux acreditasse que se alimentar dos humanos era o mais natural do mundo, mas isso não significava que tivesse que se render. Ainda não.

Pru se voltou e correu para a porta, onde se deteve o suficiente para voltar-se e olhá-lo. E então fez o impensável. Sim, em efeito, era impertinente, pois lhe ofereceu aquele tímido sorriso que tanto o excitava e lhe lançou um beijo. E, pelo modo com que lhe acelerou a respiração, Chapel soube que o tinha recebido.

Deveria ter deixado que a beijasse.

Deveria ter mandado pra escanteio todos os seus medos e se permitir o prazer de sentir os lábios dele sobre os seus. Era o que ela queria, o que também ele queria.

Então, por que sendo sua vida tão curta não se atreveu a aproveitar o momento? por que tinha tido tanto medo de um simples beijo? Porque sabia que nada que tivesse que ver com o Chapel era



simples. Ele era um homem complexo, e envolver-se com ele complicaria ainda mais a vida.

Pru queria sentir o que era viver, o amor. Sabia que se apaixonar seria maravilhoso e doloroso ao mesmo tempo. Mas para a pessoa que se apaixonasse por ela não seria absolutamente maravilhoso. Pru podia chegar a ser egoísta, mas não queria ferir Chapel.

Chapel não sabia que estava doente. Talvez suspeitasse depois de que caíra diante de sua porta, mas não imaginava que estivesse morrendo. Não era justo para ele entrar em uma relação sem saber a verdade. Assim tinha duas opções: lhe dizer que estava morrendo e esperar para ver se ele ainda queria ter alguma coisa com ela, ou não dizer nada e afastar-se dele.

De fato, havia uma terceira alternativa. Podia calar e aceitar o que lhe oferecesse; mas isso era ser muito desconsiderada e ela nunca poderia tranquilizar sua consciência.

Por que tinha que ser precisamente ele quem a atraía? Quem a fizesse sentir-se atrevida e impulsiva? Chapel a fazia desejar ter mais tempo, fazia que seu desespero por encontrar o Graal fora ainda maior. Pru queria saber tudo sobre ele.

E sim, desejava-o. Nenhum outro homem a tentava a romper as normas da sociedade como Chapel. Nem sequer quando era mais jovem e começou a desfrutar da novidade das festas, existiu um homem que a atraísse como ele.

Era como se entendesse o que lhe passava, embora soubesse que isso era impossível.

-Rendo-me, exijo saber no que está pensando.

Prudence levantou a cabeça e se topou com o inquisitivo olhar de sua irmã Caroline. Georgiana e Matilda também a estavam olhando. Achavam-se as quatro sozinhas, sentadas tomando o café da manhã e tinham decidido fazê-lo no pequeno salãozinho. Todos os outros já tinham comido, assim que as irmãs puderam encontrar-se sem companhia; algo que Pru adorava.

-É Marcus Grey quem ocupa seus pensamentos? - Georgiana tirou o sarro.

-Ou é o misterioso senhor Chapel? - Matilda sorriu.

Caroline olhou ao teto.

-Isso significa que eu tenho que perguntar se é o padre Molyneux? Por que tem que ser um homem o culpado de



que esteja tão calada?

-Porque - respondeu Matilda - ela nunca está calada.

Caroline olhou a sua irmã de um modo que só poderia ser descrito como irritação. Sua atenção voltou a centrar-se em Prudence.

-Encontra-se bem esta manhã, querida?

Isso, como não podia ser de outro modo, fez com que Matilda ficasse séria. Pru suspirou.

-Estou bem. Mattie, não se sinta culpada absolutamente. Para que saibam, sim, estava pensando no senhor Chapel. Satisfeitas?

Era óbvio que Georgiana não estava.

-E não no senhor Grey? Querida, é uma tonta sem remédio.

Matilda lhe fez uma careta.

-O senhor Chapel é extremamente bonito. E tem um ar muito misterioso.

-Precisamente o que se necessita em um homem. - A resposta de Georgiana destilava sarcasmo -. Além disso, é loiro. -Disse-o como se fosse uma maldição.

-Expulsem-no da casa! -respondeu Matilda igualmente sarcástica.

-Ontem à noite quase me beijou - soltou Pru de repente.

Isso sim que fez que suas irmãs deixassem de discutir. Todas elas se voltaram para olhá-la; para elas, Pru sempre tinha sido a criança da família.

-Que fez o que?

-Estava a sós com ele?

-Não deixou?

Dispararam as perguntas com tal rapidez que Pru não sabia quem dizia o que; embora estava quase segura de que a que se surpreendeu de que detivesse Chapel tinha sido Matilda.

Tinha que reconhecer que, quanto mais pensava nisso, mais questionava sua saúde mental. Pensar que podia ter tido aqueles maravilhosos lábios sobre os seus...

-Ontem à noite estávamos na biblioteca. Tomamos chá. Li as folhas para ele. - Não mencionou que acreditou ver-se refletida na xícara de Chapel. Isso seria dar muita munição a suas irmãs e reconhecer que tinha esperanças, quando não era assim.



-Tentou te beijar porque o leu as folhas do chá?

Georgiana riu e olhou a Matilda.

-Deve ter sido uma leitura extraordinária.

Matilda a ignorou.

-Por muito... Interessante que me pareça o senhor Chapel, já sabe que não pode que ficar a sós com ele. Não é apropriado.

Pru franziu o cenho.

-Apropriado? Vocês três levam meses me jogando nos braços de todos os homens que lhes ocorrem, e agora querem me soltar um sermão sobre o que é apropriado?

Matilda deu de ombros, mas evitou o olhar de Pru.

-Os cavalheiros que escolhemos não eram tão intimidantes como o senhor Chapel.

Intimidante? Sim, tinha que reconhecer que Chapel o era. Ao princípio, ela também havia se sentido incomodada por ele, mas agora a reconfortava sentir sua poderosa presença perto.

-Quando diz que tentou te beijar, quer dizer que tentou passar dos limites contigo?

Pru deu uns golpezinhos na perna de Matilda. Ao que parece, isso tranqüilizou a sua irmã.

-Não, absolutamente. Comportou-se como um perfeito cavalheiro.

Ao menos a maior parte do tempo. Um perfeito cavalheiro não teria tentado beijá-la.

-Que pena - suspirou Georgiana - Talvez não seja tão perigoso quanto acreditava.

Pru a olhou boquiaberta.

-Quer se decidir de uma vez? Primeiro o ofendem porque acham que tentou passar dos limites comigo e agora parecem se decepcionar que não o tenha feito.

Georgiana fingiu indignação.

-Deus santo, não. Não estou decepcionada porque não tenha tentado passar dos limites contigo, absolutamente. Você é minha irmã caçula. Estou decepcionada porque não o tentou comigo.

A brincadeira de

Georgie fez com que



a habitação se enchesse de risadas. As quatro estavam ainda rindo quando a cabeça de Marcus apareceu pela porta. Estava coberto de pó e sua expressão fez com que surgisse um nó no estômago de Pru.

-O que acontece, Marcus? -Até a sua voz tremeu.

-Ontem de noite alguém esteve nas ruínas.

CAPÍTULO 8

Quando Chapel entrou na escavação de Pru a lua brilhava no céu como uma enorme bola de prata. Apesar da ausência de luz nas ruínas, ele podia ver perfeitamente.

De noite aumentavam suas forças e ele sentia a escuridão e o dia como se se tratasse da diferença entre a seda e a areia. Apesar de que às vezes desejava poder sentir o calor do sol outra vez, não renunciaria à plenitude da noite para fazê-lo.

Era como a diferença entre beijar Pru e que lhe negassem esse prazer. E isso era algo que podia distinguir com clareza.

Também distinguiu ao homem que havia sobre uma rocha, no alto da colina. Inclusive sem que o vento levasse sua essência até Chapel, este reconhecia ao Marcus Grey. Por alguma razão, apesar de sua incômoda curiosidade, sentia certa afinidade com aquele jovem.

Marcus Grey não era uma ameaça para ele. Poucos mortais o eram. Mas talvez fosse para a Pru e, por essa razão, Chapel não conseguia confiar nele.

Se Grey traísse Pru, mesmo se ela sentisse algo por ele, Chapel o mataria.

-Trabalha até tarde, senhor Grey.

O jovem levantou a cabeça. Parecia cansado, decepcionado.

-Olá, senhor Chapel. Sim, hoje foi um dia muito comprido.

Chapel subiu a colina até chegar a seu lado. Olhou o buraco e viu um montão de rochas amontoadas. Franziu o cenho.

-Isso não parece um acidente.

Marcus o olhou sem um pingo de surpresa no rosto.

-Não é. Não sei quem foi, mas parece



que alguém decidiu que a entrada ao porão não devia ser descoberta.

Tinha sido Temple? Sim, agora Chapel podia sentir a presença de seu amigo. Era uma sensação muito tênue. Ou Temple estava se escondendo ou já se foi dali. Rezava para que fosse o segundo.

-Mas mesmo assim você quer chegar a ele. -Aquele jovem era incrivelmente valente ou incrivelmente estúpido.

Houve uma pausa e logo Marcus assentiu decidido.

-Sim.

-Há quem diria que é melhor não tentar ao destino, senhor Grey.

Marcus o transpassou com seus olhos azuis, tão escuros quanto a noite.

-Oferece-se como voluntário para dizer a Prudence que desistimos?

Não. Não queria fazê-lo. A verdade era que antes que fazer algo assim preferiria enfrentar a Temple.

-Por que é tão importante para ela?

-Isso terá que perguntar a ela. - Marcus voltou a olhar o buraco. Esgotado, deixou cair os ombros- Não tenho sua permissão para difundir essa informação.

Parecia-lhe bem. Se Grey guardava com tanto zelo os segredos de Pru, talvez fizesse o mesmo com os de Chapel.

-Por que é tão importante para você?

Marcus meteu as mãos nos bolsos e desceu pela colina para seu pequeno coche.

-Quer que o leve, senhor Chapel?

Chapel sabia que por sua conta chegaria antes a casa, mas queria ouvir a história de Grey, assim aceitou a oferta e se sentou. Com uma suave chicotada, os dois cavalos começaram a puxar o coche.

Não teve que esperar muito tempo para que Grei começasse a falar.

-Lembra-se de que lhe perguntei se conhecia a história de Dreux do Beauvrai?

-Ah, *oui*, um de seus mercenários.

Ele tinha imaginado ou Grey o olhou sorridente? Foi tão estranho que o pêlo de Chapel se arrepiou. Era impossível que Grei soubesse de sua relação com o Dreux.

-Sim. Beauvrai foi um dos mercenários de Felipe. Também é meu antepassado direto.



Ao ouvir essa informação, Chapel sentiu como se lhe dessem um murro em pleno estômago. O sangue de Dreux corria pelas veias daquele jovem. Ali, junto a ele, havia uma parte viva e abanando o rabo de seu amigo falecido.

Não era estranho que sentisse aquela afinidade para com ele. A essência de Dreux se debilitou em Marcus, mas estava ali. O bastante suave como para que Chapel custasse a identificá-la, mas o bastante forte para saber que era certo.

Dreux nunca conheceu seu filho. Nasceu depois de que ele se converteu em vampiro e, depois de ver o que aconteceu com Marie quando Chapel retornou, Dreux permitiu que sua esposa continuasse acreditando que tinha morrido.

Se Dreux não houvesse se suicidado, talvez estaria então ali conversando com aquele jovem. Acaso a família não era um motivo pelo qual seguir adiante?

Não; para o Dreux, não.

Chapel se deu conta de que passou muito tempo calado e pigarreou.

-É por isso pelo que busca o Graal? Porque seu antepassado o buscou?

-Não. - Marcus o olhou um instante, mas em seguida voltou a concentrar-se no caminho - O faço porque ele o encontrou. Ou ao menos encontrou o que acreditou que era o Santo Graal.

O nó que Chapel sentia no estômago ficou pior.

-O que quer dizer?

-Pelo que tenho descoberto, há certas dúvidas em torno do que Beauvrai e seus companheiros encontraram no esconderijo dos templários. - Marcus voltou a olhá-lo, como se esperasse que Chapel acrescentasse algo. Este permaneceu em silêncio - Alguns acreditam que encontraram o Santo Graal. Outros, que se tratava de um artefato cheio de um poder muito mais obscuro.

Oh, Deus. Chapel fechou os dedos ao redor do assento, e o fez com tanta força que a polida madeira começou a ranger.

-É isso o que espera encontrar? Esse poder obscuro?

-Não me importa, a mim não. Mas pelo bem de Pru espero encontrar o Santo Graal; o que eu desejo desse porão não é nenhum tesouro.

Nesses momentos a única coisa que Grey com vida era que não houvesse dito que queria o Graal Maldito. Chapel não queria fazê-lo, mas se para evitar que o Graal caísse nas mãos erradas tivesse que matar a alguém, faria-o. Para isso estava ali. Mesmo se significasse matar ao



descendente de Dreux, não vacilaria em fazê-lo.

-E o que espera encontrar? - Seu tom de voz era neutro, calmo; nada delatava o pânico que sentia.

-Espero encontrar algo que me ajude a entender o que aconteceu de verdade com Dreux Beauvrai e a seus companheiros.

-Fala como se se tratasse de um grande mistério. Todos morreram pouco tempo depois, em um ataque dos templários. - Chapel o disse mais zangado do que pretendia.

Grey o negou com a cabeça.

-Tenho motivos para acreditar que não morreram. Tenho documentos, provas escritas de que Beauvrai foi visto com vida depois de sua suposta morte. Em minha família, inclusive se conta que assistiu ao funeral de seu filho e que sua viúva o viu. Diz-se que desmaiou ao fazê-lo.

Sim, desmaiou. Santo céu, era verdade. Como podia Grey saber tudo isso?

-Falando a sério, senhor Grey. - obrigou-se a rir – Que história.

-Você acredita em uma coisa tão fantástica quanto o Santo Graal e não acredita nos vampiros, senhor Chapel? Pensei que era um homem de mente aberta, capaz de acreditar no que não se pode demonstrar.

"Vampiros." Grey se tinha atrevido a pronunciar essa palavra.

-Viajei muito, senhor Grey. Vi muitas coisas, mas nunca vi nada que demonstre a existência de Drácula ou de sua espécie. - Isso não era mentira. Ele nunca tinha visto nenhuma prova. Ele era essa prova.

-O que sabe de Severian de Foncé?

O coração de Chapel se sobressaltou.

-Era um dos companheiros de Beauvrai.

-Diz-se que ele também se converteu em um vampiro. Ao que parece, matou a sua noiva.

Chapel fechou os olhos para suportar o golpe de dor que sabia que sentiria e se concentrou para não pensar nisso. Não queria pensar em Marie. Não ia fazer isso.

-De Foncé está morto -grunhiu entre dentes- Eu mesmo vi sua tumba.

-Sim -respondeu Grey-, não tenho nenhuma dúvida.

Que demônios? Chapel ficou olhando-o.

Grey apartou a

vista do caminho



escuro só um segundo.

-Sendo como é um grande historiador, quero dizer.

Não tinha querido dizer isso absolutamente. Apesar de tudo, Marcus Grey não era nenhuma ameaça para ele, ao menos não no sentido físico. Talvez tenha chegado o momento de mostrar a esse jovem ao que de verdade estava enfrentando.

-Se acreditar nessas lendas, senhor Grey, saberá que seja o que for o que está procurando, seguro que um desses vampiros está custodiando-o.

-Um desses vampiros é exatamente o que estou procurando, senhor Chapel.

-Tem tanto censo comum quanto um esquilo. Nem mais nem menos. -Não pôde evitar o aborrecimento que tingiu sua voz-. Se encontrar a um desses vampiros no porão, ele não se alegrará de vê-lo, entende isso?

Marcus assentiu.

-Sim, entendo-o. Não é por isso pelo que a Igreja mandou a você e ao padre Molyneux?

Chapel resignado fechou os olhos.

-O que é que você sabe?

A carruagem se deteve e Marcus se voltou para olhá-lo. A lanterna que tinha diante do veículo iluminou as feições de menino travesso de Grey.

-Sei que a Igreja também suspeita que alguém se esconde nesse porão. Quem acredita que é? Bishop, Saint?

-Não sabe nada. Se o que disser fosse remotamente possível não seria nenhum deles.

Então se deu conta de seu engano fatal.

Marcus Grey conhecia os nomes que a Igreja lhes tinha dado, e agora sabia que Chapel também. Levantou a cabeça.

A julgar pelo medo que Chapel viu em seus olhos, era óbvio que ele era consciente de que tinha revelado coisas demais. Também que sabia muito. Chapel deixou de dissimular e permitiu que seu lado demoníaco saísse à superfície. Se Marcus Grey estava tão impaciente para ver um vampiro, mostraria um. Os olhos de Chapel avermelharam e suas presas se estenderam. Pôde ver-se refletido nas pupilas de Grey e apreciar o quão belo e terrível era.

-Desde quando

sabe?



Grey estava boquiaberto. Chapel tinha que reconhecer que o jovem não parecia tão atemorizado como a maioria estaria.

-Desde ontem. Vi seu nome em meus papéis.

-Quem mais sabe?

-Ninguém. Juro.

Chapel acreditou. Grey cheirava a medo e a sobressalto, mas não a traição.

-Dreux se suicidou porque não pôde suportar no que se converteu. -Esse jovem merecia saber a verdade - Temple e eu nos encarregamos da proteção do Graal Maldito.

-Temple. -Grey sussurrou o nome como se fosse algo sagrado.

O ar transportou um aroma familiar e Chapel ficou em guarda. Seu velho amigo estava perto.

-Temo que ele é quem está nesse porão, senhor Grey. E não tenho que lhe dizer o que fará se você entrar em seus domínios.

-Eu só quero conhecer sua história, a de todos vocês.

Chapel tinha vontade de sacudi-lo. Talvez devesse matá-lo e acabar com tudo.

-E quanto a Prudence? Esteve zombando dela todo este tempo?

-É obvio que não! Minhas investigações indicam que Temple é também o encarregado de proteger o Santo Graal.

Vá, isso sim que era uma novidade! Podia ser? Ao Chapel sempre tinham dito que o Santo Graal havia desaparecido, mas a Igreja tinha uma estranha tendência a esconder a verdade quando lhe interessava. Talvez fosse verdade que Temple o estava protegendo, o que fazia ainda mais imperativo que seguisse escondido.

-Matarei você antes de permitir que se aproxime do Graal Maldito. - O tom do Chapel era de brutal sinceridade - Você e Prudence podem atribuir-se todo o mérito de ter encontrado o Santo Graal, se é o que está ali, mas o cálice retorna comigo e com o Molyneux. Seja qual for a taça que encontremos, não posso permitir que caia nas mãos erradas.

-De acordo -aceitou Grey.

Chapel não tinha acabado.

-Permitirá que eu entre no porão antes que você e seus homens. Se Temple estiver ali, advertirei-o para que possa ir embora com o Graal Maldito e tudo o que considere adequado

continuar



protegendo. Ele decidirá o que podem ou não encontrar.

-E em troca?

Chapel puxou o Grey para perto dele.

-Deixarei que você viva. Talvez Temple não seja tão amável.

Grey tinha medo, mas ainda não estava o bastante assustado.

-Vai me falar dele? De todos vocês?

-Não.

-Você quer saber por que o Graal é tão importante para Prudence, não é?

Chapel sorriu. Marcus piscou e fixou os olhos em sua boca, nas presas que acabava de mostrar.

-Trairia sua confiança?

-Se me prometer que vai mantê-la a salvo. Se não lhe fizer mal... -fez uma pausa-... talvez.

Chapel procurou nos olhos de Grey algum sinal de traição e não encontrou nenhum. Franziu o cenho soltando-o.

-Por que é tão importante para você?

-Simplesmente é. Quero cooperar contigo, Severian. Você pode cooperar comigo?

-Volte a me chamar por esse nome e te deixo seco. -Ele mesmo se surpreendeu ao ver que falava sério. Mas o surpreendeu ainda mais dar-se conta de que estava tão desesperado por entender a Pru que inclusive ia deixar Grey com vida apesar de que não deveria fazê-lo.

-Chegamos a um acordo? -perguntou este.

-Tinha razão quando disse que não tem muito censo comum.

-Não muito, não. -Grey sorriu.

Chapel relaxou um pouco.

-Lembra a ele.

-Sério?

-Sim. Esta noite já não há tempo, e tampouco quero fazer isso com você por perto. Então antes que entre nesse porão tem que me avisar e deixar que eu me assegure de que não há perigo.

-Como posso saber que não te levará tudo o que encontrar?, Que posso confiar em você?



-Não pode.

Marcus digeriu esse último comentário.

-Vai me contar o que lhes aconteceu?

Chapel o olhou nos olhos.

-Não, mas tentarei evitar que se passe o mesmo contigo.

De volta a casa, Chapel se encaminhou como de costume à biblioteca. Precisava de uma taça, embora não fosse ajudá-lo em nada. E precisava pensar em que demônios fazer com o Marcus Grey. Como ia explicar isso ao Molyneux?

E, o que era mais importante, Pru o visitaria essa noite? Ou o evitaria como um coelho evita a uma raposa? Talvez o seria melhor que o evitasse. A última coisa que lhe faltava era revelar seu autêntico eu diante da moça, ou estabelecer algum tipo de vínculo com ela.

Mesmo se pudesse fazê-la entender o que era, mesmo se Pru pudesse aceitá-lo, seu tempo juntos seria muito breve e ao final muito doloroso.

Isso, claro, se ela quisesse ter uma relação com ele. Ao fim e ao cabo, a outra noite tinha fugido.

O fato de que estivesse pensando nessas coisas o tinha desconcertado. Depois de tantos anos, por que agora? Por que com ela?

Tratava-se do desespero que Pru exalava como um perfume? Ou da vida que irradiava por todos os seus poros? A seu lado se sentia bem; um sentimento de propriedade que quase lhe doía.

Pru o fazia se sentir como um homem, não como um monstro. E pela primeira vez em muito tempo, ele pensava em um mortal como em um igual e não como alimento. Desde que se converteu em vampiro, em sua vida e em sua cama tinha havido algumas mulheres, mas ele não tinha permitido que nenhuma o afetasse como Pru.

Passava já da meia-noite. A casa estava mais ou menos tranqüila. Havia criados em cada canto. Alguns dos habitantes já estavam dormindo, pois tinham se adaptado aos horários do campo.

Prudence não era um deles. Chapel se concentrou em procurar sua voz entre o bulício da casa. Pru estava com uma de suas irmãs, e riam tanto que inclusive ele esboçou um sorriso. Não ia escutar sua conversação. Bastava-lhe saber que estava feliz.



É certo que se desgostou pelo atraso que tinha sofrido sua escavação, mas tinha sido irremediável. Se eles tivessem estado ali... se ela tivesse estado ali quando Temple fez o que fez.

Seu estomago se apertou só de pensar nisso. Talvez Grey tenha sido o bastante prudente para não pô-la em perigo, mas como demônios podia evitar que ela mesma o fizesse? Prudence era exatamente o oposto do que seu nome indicava.

Pensar em que possivelmente teria que destruir a um de seus amigos lhe carcomia a alma, mas não vacilaria em matar a Temple, ou ao Marcus Grey, se algum deles ferisse a Pru. Ela era boa e pura, e doce... tudo o que lhe tinham arrebatado com a maldição. Chapel estava disposto a fazer qualquer coisa para protegê-la, inclusive a dar a Grey a informação que procurava.

Entrou na biblioteca e viu uma criada avivando o fogo. A umidade que penetrava nas casas inglesas, inclusive no verão, nunca deixava de surpreendê-lo.

Ao vê-lo entrar, a criada fez uma reverência.

-Desculpe, senhor. Só será um momento.

Chapel lhe tirou importância.

-Não se preocupe. Tome o tempo que precisar.

E aquela mulherzinha fez exatamente isso. De fato, esforçou-se muito mais do que o necessário para que a sala alcançasse a temperatura adequada. E por que não deixava de olhá-lo?

Então, quando ela por fim se levantou, Chapel se deu conta do que acontecia. Mesclada com o aroma do fogo notou a inconfundível essência da feminilidade. O calor das brasas tinha ruborizado à garota e tinha esquentado seu sangue.

Era como um pêssego amadurecido e, pelo modo em que o olhava, Chapel sabia que esperava que ele a saboreasse.

Merde. Chapel se voltou e afastou a vista. O que era tudo aquilo? Estavam-nos pondo a prova? Acaso toda a viagem ia ser uma prova constante para ver quanto podia agüentar?

-Posso fazer algo mais por você, senhor? - perguntou aproximando-se o um pouco mais. Podia senti-la atrás dele.

Voltou-se e tentou forçar um sorriso.

-Não, obrigado.

Era óbvio que

ela não estava



disposta a aceitar um não como resposta; isso, ou era um pouco lenta em assimilar as coisas.

A jovem e forte mão da garota lhe acariciou o braço de um modo muito descarado.

-Tem certeza? Para mim seria um prazer servi-lo no que quiser.

Chapel lhe sorriu com amabilidade.

-Estou certo de que para mim também seria um prazer, mas não.

A criada fez uma careta de aborrecimento e sacudiu a juba para que uns cachos lhe caíssem pelo rosto.

-Não sou o bastante bonita para você, senhor?

Ante um comentário tão absurdo, o único que Chapel pôde fazer foi rir.

-Minha querida garota, é tão tentadora como um pêssego doce, mas eu não sou o homem que está procurando. Eu não me conformo com apenas uma mordida.

Essa metáfora tampouco conseguiu dissuadi-la. De fato, animou-a a seguir tentando-o. Aproximou-se mais e lhe cravou os seios no torso, ao mesmo tempo em que baixava provocadora as pestanas.

-Dê as mordidas que quiser. Não me importa que me devorem.

Chapel estava convencido disso. Doíam-lhe as presas da vontade que tinha de mordê-la, só para prová-la. Não as afundaria totalmente, e sempre estava em tempo de afastar-se se sentisse que ia se descontrolar.

A garota jogou a cabeça para trás para lhe oferecer seus seios e Chapel sentiu como lhe ardiam os olhos. Sua cabeça começou a inclinar-se com vontade própria. Os caninos começaram a sair das gengivas e a alongar-se em sua totalidade.

"Por favor, Deus. Não permita que o faça". Rezar era a única esperança que restava, pois ao que parece sua força de vontade o tinha abandonado.

E, nesse mesmo instante, suas preces foram atendidas.

-Senhor Chapel...? Perdão.

Chapel saltou para trás e tomou fôlego. Suas presas retrocederam e seu sangue começou a esfriar-se. Deus existia.

Então olhou a seu salvador. *Merde*. Deus tinha um estranho senso de humor. Seu salvador não era outra que Pru.

E ela o estava olhando como se acabasse de lhe arrancar o coração.



CAPÍTULO 9

Devia dar a volta. Deveria ir-se a seu quarto e tratar de esquecer o que acabava de ver. Não era seu assunto o que ele fizesse, ou com quem.

Tinha por costume tentar beijar a todas as mulheres que encontrava na biblioteca? Deveria estar zangada, e o estava, mas ao mesmo tempo se sentia como uma idiota. Idiota por pensar que ela significava algo para ele. Idiota por ter em conta o que ele pudesse sentir se se atrevia a ter uma relação com ele.

Sim, deveria ir embora, mas não ia fazer isso.

-Pode se retirar. -Pru olhou para aquela criada de um modo como nunca tinha olhado a ninguém, e muito menos a alguém de seu serviço. Negava-se se sentir culpada por isso, aquela garota parecia mais que disposta a aceitar tudo o que Chapel ia lhe oferecer. Não a despediria, isso seria muito cruel, mas sim falaria com a governanta.

A criada fez uma reverencia desajeitada e, cabisbaixa, recolheu suas coisas para sair correndo. Pru esperou que se fosse para centrar toda sua atenção em Chapel.

Ele não teve nem a delicadeza de parecer envergonhado ou arrependido.

Maldito fosse.

-Pru, posso lhe explicar isso.

Ela riu, uma risada seca e vulnerável que só conseguiu pô-la mais nervosa.

-Não precisa. Se tivesse chegado alguns minutos mais tarde, teria tido que esperar que a garota se vestisse antes de poder entrar na biblioteca.

Agora sim que Chapel estava zangado.

-Isso nunca teria acontecido.

Não esperava que ela acreditasse, não?

-OH, já sei, teria se limitado a lhe levantar a saia e a despi-la o menos possível, não é isso?

Para piorar as coisas, Chapel não parecia impressionado ao ouvi-la falar dessa maneira. O fato de que ele achasse normal essa reação só fez com que Pru se zangasse ainda mais.



-O que quero dizer é que não ia ter sexo com ela.

Ela ignorou essa frase tão estranha e que com toda probabilidade era falsa.

-A quantas mulheres tentou beijar desde que chegou? - Não deveria se importar, mas se importava.

-Além da você? A nenhuma.

"Mentiroso".

-E essa criada não conta?

Ele estava muito zangado.

-Ela tentou me beijar.

Como se isso fizesse alguma diferença; no caso de que lhe acreditasse, está claro. Se outra pessoa tivesse dito essa desculpa tão tola, ela se teria posto a rir.

-Você não parecia se importar.

Ele sorriu daquele modo que tanto o favorecia. Aquele sorriso era muito mais crível que sua careta de arrependimento.

-E você parece ciumenta.

Se não fosse porque sabia que ele zombaria dela ainda mais, Pru teria batido o pé no chão.

-Não estou! -Agora quem era o mentiroso?

-Não? -Chapel cruzou os braços e se aproximou dela devagar - Então, por que se preocupa tanto em saber a quem beijei?

-Não me preocupo. -Não ia retroceder. Não o faria- Só estou preocupada com minhas criadas.

Chapel se deteve a um passo de distância.

-Ah, claro. A única coisa que te preocupava quando me perguntou se pensava foder a essa criada era seu bem-estar.

Pru se ruborizou, embora soubesse que o tinha provocado a usar essa linguagem rude.

-É muito presunçoso.

Mas tinha razão, embora ela não estava disposta a admiti-lo; não quando ele estava se aproximando como um gato a um canário.

-Sou muitas coisas. -Deu um passo mais e se deteve a poucos milímetros. Pru sabia que o melhor seria afastar-se, todos os seus instintos o pediam a gritos, mas fazê-lo seria demonstrar que o



temia, e não estava disposta a isso.

E não porque temesse que a beijasse, mas sim porque tinha medo de que não o fizesse.

Quando ela tinha queria que a beijasse, ele não o fez. Ia deixá-la com vontade também dessa vez?

E era acaso uma coisa ruim desejar que a beijasse um homem que ao que parece estava disposto a beijar a todo mundo menos a ela?

-Sou muitas coisas -repetiu ele enquanto com os dedos lhe acariciava a bochecha fazendo-a estremecer, - mas não sou um mentiroso. Eu não beijei a essa criada.

-Porque te interrompi antes que pudesse beijar.

-Certo.

Bom, já lhe tinha dito que não era um mentiroso.

-Mas faz muito, muito tempo que não beijo a uma mulher, Pru. E se tivesse beijado a essa moça, seria somente porque você não quis me dar um beijo.

Pru o olhou com toda a serenidade que lhe permitiu sua excitação.

-Então é como um castigo por não te beijar? -Ele achava que ela não queria que a beijasse? Como não ia querer se quando estavam juntos se sentia como se fosse a única mulher sobre a face da Terra?

E por que queria beijá-lo ao mesmo tempo em que desejava esbofeteá-lo pelo que acabava de dizer?

-Não, não é para castigar você. -Acariciou-lhe o pescoço com os dedos. Podia sentir como lhe batia o pulso- É para me castigar a mim.

-A você?

A cálida mão de Chapel lhe rodeou a nuca com suavidade.

-Me afastar de você, fugir de seu sabor, causou-me mais dor do que jamais poderá imaginar.

Como se supunha que podia responder a isso? Só fazia alguns dias que se conheciam e já a derretia com suas palavras, já sentia saudades de suas carícias. Era uma loucura; o desejo desesperado de uma mulher moribunda.

Assim ia ser tão atrevida quanto suas circunstâncias, e sua futura morte, permitiam-lhe.

Insegura,

levantou os olhos



para olhá-lo, e permitiu que visse toda sua paixão, seu desejo.

-Já não quero causar mais dor.

Chapel abriu seus olhos dourados durante um instante e inclinou a cabeça. Pru fechou os seus e esperou, com o coração apertado.

Os lábios de Chapel eram quentes e suaves contra os dela, a pressão que exerciam era insistente e dolorosamente terna. A conexão que havia entre os dois era elétrica, como um raio caindo sobre um celeiro, ou como um fósforo acendendo o fogo.

Pru suspirou contra sua boca e sentiu como Chapel esboçava um sorriso. Ela também sorriu e lhe permitiu que lhe separasse os lábios. Ao sentir sua língua deslizar-se em sua boca deu-se um sobressalto surpreendida. Isso fez com que Chapel por fim risse.

Contagiada por sua alegria, Pru lhe acariciou a língua com a sua e se deixou levar por seus instintos. A quem importava que não soubesse muito bem como beijar a ninguém? Ia desfrutar do momento, não ia perder nem um segundo perguntando-se se o estava fazendo bem ou não.

Era óbvio que fazia alguma coisa bem, porque ele a rodeou com os braços e a apertou contra seu peito. Chapel era forte e quente, todo homem e músculo. Os quadris de Pru encaixavam entre suas pernas, e a pressão de suas coxas a fazia tremer de prazer.

Deus santo, seus joelhos estavam tremendo! Pru se agarrou aos ombros de Chapel enquanto os dois se devoravam mutuamente. Ele tinha sabor de especiarias, doce e ao mesmo tempo picante. E a segurava como se nunca quisesse deixá-la ir.

Todas as mulheres deveriam ser abraçadas assim ao menos uma vez na vida.

Pru sentiu como o que se apertava contra seu ventre ficava cada vez mais forte. Chapel estava tão excitado quanto ela, e sabê-lo a fascinava. Estreitou-se contra ele e ondulou os quadris devagar. Uma onda de sensações a atravessou por completo. Oxalá pudesse fundir-se e senti-lo em seu interior para experimentar isso por todo seu corpo.

Chapel interrompeu o beijo e tentou recuperar o fôlego.

-Não -se queixou Pru. Agarrou-se a seu o cabelo e pescoço com as mãos e tentou fazer com que voltasse a inclinar a cabeça.

-Temos que parar, Pru. -A voz de



Chapel soou áspera e rouca-. Se não, isto se converterá em muito mais que um beijo, e não terei bastante força de vontade para parar.

Ela entendeu o que lhe estava dizendo. Não gostava, mas entendeu. Devagar, assentiu e deu um passo atrás, um pouco insegura de que suas pernas pudessem sustentá-la.

Chapel se teria deitado ali mesmo com aquela criada, mas não com ela. Não sabia se sentia-se lisonjeada ou insultada.

Ele a soltou e ela fez o mesmo. Olhava-a como se quisesse devorá-la, e isso fazia com que Pru quisesse meter-se de novo entre seus braços; mas ao mesmo tempo a olhava com uma tristeza que fazia com que ela quisesse consolá-lo, lhe dizer que tudo ia sair bem.

-Deveria me desculpar -disse ele com os olhos tão brilhantes como dois dobrões.

-Nem pense. -Tinha soado mais agressiva do que pretendia.

Chapel sorriu.

-Não me refiro ao beijo. O que quero dizer é que lamento não poder fazer nada mais.

Certamente estava tão vermelha como uma maçã.

-Oh. Então sim pode se desculpar.

O sorriso de Chapel voltava a estar matizado de tristeza.

-Não pense que não te desejo, Pru. Deus sabe que sim. Mas não quero que esta noite acabe pensando o pior de mim. Não sou um libertino. Só quero que saiba.

Pru acreditava nele. Não só porque queria acreditar, mas sim porque seu rosto bonito estava cheio de sinceridade. Além disso, um libertino não se deteria.

-Obrigada -respondeu ela em voz baixa e rouca.

Chapel a olhou um instante, e logo seu sorriso começou a desaparecer até que a única coisa que ficou foram remorsos.

-Boa noite, Pru.

Desse modo lhe estava dizendo que queria que se fosse. Ela sorriu.

-Boa noite, Chapel. Que durma bem.

-Duvido muito. -E levantou uma sobrelhaça enfatizando sua resposta.

Pru deveria sentir-se culpada, ou



no mínimo envergonhada. Mas em lugar disso, foi embora com um sorriso nos lábios.

Sim, aquela tinha sido uma grande noite.

Tinha sido um prêmio ou um castigo?

Ao lembrar do beijo de Pru, de seus lábios famintos sob os seus, Chapel custou considerá-lo como algo que não fosse uma bênção, apesar de que continuava sentindo-se culpado por isso.

Quanto tempo fazia que não desejava a uma mulher sem desejar beber seu sangue? Para os de sua raça, o sexo e a comida eram tão ligados quanto para os humanos fumar um charuto enquanto bebiam uma taça de porto. Marie tinha sido a última. Mas nessa época ele era humano. Quando voltou para seu lado estando já amaldiçoado, aproximou-se dela como um morto de fome a um jantar de oito pratos.

"Não pense nisso".

Chapel tinha ido vê-la dois dias depois de ter se transformado. É obvio, era de noite, e muito tarde. Entrou em seu quarto pelo balcão. Deu um salto do chão como se só tivesse uns centímetros de distância e não os dois andares que em realidade havia. Nessa época, tanto ele quanto seus amigos acabavam de descobrir seus poderes e os utilizavam sem discrição, sem se importar se alguém os via.

Se tivessem tido mais cuidado, Marcus Grey não teria ouvido esses rumores sobre seu antepassado e seus companheiros de aventuras.

Marie parecia um anjo enquanto dormia, com sua cabeleira loira e suave como a seda espalhada sobre o travesseiro. Sua pele era da cor do creme que se utiliza para decorar as sobremesas e seus lábios se viam cheios e suculentos. Pareceu-lhe muito mais bela que antes de transformar-se em vampiro. Tinha estado chorando; tinha um lenço enrugado na mão. Já lhe tinham comunicado sua morte.

Chapel sorriu, acreditou que ela se alegraria de voltar a estar com ele, que queria permanecer a seu lado para sempre.

Rendeu-se a seus instintos, afundou seus dentes no monte branco dos seios de Marie, exatamente onde se adivinhava o azul de suas veias. Não tinha comido desde a noite anterior e a necessidade o estava matando; além disso, o aroma de Marie era tão bom quanto seu aspecto.



As presas saíram com facilidade de suas gengivas e sentiu uma incrível sensação de poder. Invencível. Era invencível, imortal e muito, muito poderoso. Não havia nada que não pudesse fazer, ninguém podia lhe negar nada.

Marie despertou com um grito ao notar como os dentes de Chapel atravessavam sua pele. Ele a sentiu doce e quente contra sua língua, mesmo apesar de seus gritos.

O medo foi o que o deteve, o que penetrou por entre sua necessidade de alimentar-se. O medo nunca tinha sido um afrodisíaco para ele, ao contrário de Saint ou Bishop. Levantou a cabeça e deixou que ela o visse. Quanto antes se desse conta de quem era, menos demoraria para ele poder voltar a alimentar-se; e assim poderia meter-se na cama com ela e reclamar também seu corpo.

Podia convertê-la na mesma coisa que ele era. O instinto lhe disse como devia fazê-lo. Tinha o gosto igual ao que ele achava que devia ser como fazer amor a primeira vez.

Uns olhos azuis o olharam horrorizados. Aquela boca perfeita se abriu para gritar de um modo que lhe rompeu a alma.

Chapel tampou a boca dela com a mão; seus dedos se mostravam escuros contra suas pálidas bochechas.

-Sssh, *Ma petite. C'est moi.*

Lágrimas de pânico e terror se amontoaram contra a palma de sua mão. Marie sabia quem era e mesmo assim estava aterrorizada.

Tentou acalmá-la, mas o aroma de seu sangue e os fortes batimentos de seu coração eram tão tentadores que o distraíam. Se não saciava sua fome não poderia lhe explicar as coisas como queria. Baixou de novo a cabeça para os peitos de Marie e bebeu até saciar-se.

Quando levantou a vista, nos olhos dela só havia loucura. O ar fedia a medo, suor e urina.

Enojado, ofendido por aqueles aromas e com o coração destroçado, Chapel deu um passo atrás. O que tinha feito?

Ao ver que ele se afastava, Marie retrocedeu como um animal encurralado. Baixou a cabeça e se olhou os peitos. Devagar, subiu a camisola para cobrir-se de novo; seus movimentos antinaturalmente lentos.

-Meu amor.



Ao ouvir sua voz, ela o olhou, uma pálida sombra da garota que tinha amado.

-Severian?

Assentiu e começou a sentir-se aliviado. Marie não ficou louca. Tinha-o reconhecido. Tudo ia sair bem.

-Oui.

-Disseram-me que tinha morrido. -A dor que havia em sua voz o atravessou como uma faca afiada.

-Voltei para te buscar.

Marie voltou a olhar o peito. O sangue tingia sua virginal camisola.

Gritou outra vez, um grito comprido e estridente. Os ouvidos de Chapel doeram ante esse som e os cobriu com as mãos para manter afastado aquele terror.

Marie saltou da cama. Ele bloqueava o caminho para a porta, acreditou que se deteria, mas ela se voltou e correu para o balcão.

Chapel não foi o bastante rápido, a dor havia o tornado lento. Ou talvez não acreditasse que ela fosse capaz de fazer-se mal a si mesma. Estava tão convencido de que se alegraria de vê-lo, de que queria converter-se no que ele era...

Marie se atirou pelo balcão um segundo antes que Chapel a alcançasse.

Ele saltou pela balaustrada no mesmo instante em que a porta que havia atrás dele se abria. Aterrissou junto ao enfraquecido corpo de sua noiva.

Marie jazia no chão, com a camisola enrugada mostrando suas brancas pernas, os olhos entreabertos, e o pescoço em um ângulo nada natural. Ainda sangrava pelas feridas tinha no peito.

Morta. Estava morta, e tudo por culpa dele.

Remorsos, raiva e dor o inundaram de tal modo, que não pôde conter-se de uivar como um lobo para a lua. Na soleira, o pai de Marie viu tudo, e viu Chapel ajoelhando-se junto ao corpo da mulher a quem tinha amado.

Sentiu como se sua alma se esvaziasse por completo ao abraçá-la e olhar dentro daqueles olhos azuis, até que notou como o aço de uma espada lhe atravessava as costas. Baixou a vista e viu a ponta se sobressaindo de seu peito. Quando a espada retrocedeu, sentiu uma enorme dor. Logo raiva.

Devagar, levantou-se e se voltou para enfrentar seu agressor. Era o pai de Marie, e o olhava do mesmo modo com que ela o tinha olhado.

-Mon Dieu.



-Não gaste saliva - disse Chapel ao afastá-lo - Ele não pode lhe ajudar. Ele não pode nos ajudar.

Essa mesma noite se foi do povoado, e não voltou até passados mais de duzentos anos. Quando voltou, foi ao lugar exato em que tinha abraçado a Marie pela última vez, esperando encontrar alguma coisa, algum tipo de sinal. Mas nada.

Foi à seu túmulo. Era velho e delicado, as letras quase se apagaram e a pedra estava dentada e coberta de mofo. Entrou na cripta e se ajoelhou, rezou para que ela o perdoasse e para que a alma de Marie encontrasse a paz, mas não sentiu nada. Se Deus o estava escutando, não se dignou responder.

Marcus Grey estava errado. Severian do Foncé não matou a sua noiva.

Foi Chapel.

E o beijo do Pru não tinha sido uma recompensa. Tampouco estava certo de que fora um castigo, mas sim que era um aviso.

Um aviso de tudo o que tinha querido e tinha destruído. Do que nunca, nunca poderia ter.

-Você fez o que?

Pru arrastou a sua irmã para o terraço. Caroline falava tão alto que até os ratos do desvão podiam ouvi-la.

Quando fechou as portas e as duas ficaram a sós entre a espessa folhagem do terraço, Pru se voltou para sua irmã mais velha. O sol estava se pondo no horizonte. Tinha esperado todo o dia até encontrar o momento de falar com Caroline sobre a noite anterior.

-Beijou-me.

Caroline abriu os olhos de par em par e cobriu a boca para esconder o sorriso que lhe escapava.

-OH, Deus santo! Bom, não fique aí parada como uma boba. Me conte tudo!

Não tinham muito tempo antes que outros aparecessem para o jantar, assim Pru teve que ser rápida. Como ainda tinha Caroline agarrada pelo braço, separou-a da porta para que ninguém pudesse ouvir o que ia lhe dizer.

Pru contou a sua irmã o que aconteceu quando encontrou Chapel na biblioteca e tinha acreditado que ia beijar a aquela criada.

-Que cara de

pau. -Caroline franziu



o cenho- E deixou que ele te beijasse depois disso?

Como era de se esperar, Pru teve que lhe explicar por que confiou em Chapel quando ele disse que não tinha provocado à criada, mas sim que a garota tinha se insinuado e ele a tinha rechaçado. Pru tinha falado com sua criada pessoal e tinha averiguado que essa garota tinha a fama entre os criados de ser especialmente "boa" entretendo aos convidados varões da casa.

Caroline sacudiu a cabeça.

-Tem que despedi-la antes que fique grávida.

Certamente que sua irmã não tinha má vontade, mas Pru não tinha intenções de despedir à garota só porque gostasse da companhia dos homens.

Mas sim tinha ido falar com a senhora Dobbie, a governanta. Não lhe contou os detalhes, limitou-se a lhe dizer que não queria que a moça fosse castigada, mas sim advertida sobre seu comportamento, já que isso podia afetar a seu trabalho dentro da casa.

-Foi maravilhoso - disse Pru depois de contar o resto da noite, exceto alguns pequenos detalhes, claro. Caroline não precisava saber que abraçou ao Chapel como um gato no cio.

Sua irmã a olhou preocupada.

-Querida, já sei que eu mesma te animei a que se divirta com algum cavalheiro, mas irá com cuidado, certo? Eu não gostaria que lhe fizessem mal.

Pru apertou a mão de Caroline e assentiu.

-Farei isso. -Não tinha sentido discutir. Do que serviria dizer a sua irmã que não tinha a mínima intenção de ir com cuidado? Que importância tinha o que acontecesse entre ela e Chapel? O pior que poderia acontecer seria que ele quebrasse o seu coração. E superaria. Ou porque graças ao Graal teria tempo para fazê-lo, ou porque a morte acabaria apanhando-a.

Pru se dizia que isso seria o que aconteceria, mas uma pequena parte dela continuava duvidando. De todo modo, o medo não ia impedir que seguisse as ordens de seu coração.

Não, de nada serviria dizer tudo isso em voz alta.

-Os outros estão nos esperando - disse, e puxou Caroline para a porta - Vamos entrar.

Como temia,

estavam-nas



esperando. Chapel estava falando com o Marcus, mas no mesmo instante em que Pru entrou na sala, levantou a cabeça, como se tivesse notado que ela já estava ali. Essa idéia a encheu de calor; como ante um fogo em um dia de inverno, sentiu como todas suas extremidades se esquentavam de um modo delicioso. Só de vê-lo se formou um nó em seu peito; estava tão bonito...

Estava vestido de branco e preto, com um traje de noite, e parecia um anjo dourado. As feições de seu rosto se suavizaram quando seus olhares se encontraram. Seus olhos cor de mel brilhavam de um modo sobrenatural, como se tivessem fogo em seu interior. Sorriu só para ela. Todas as mulheres deveriam sentir a maravilhosa sensação de ver como um homem sorri só por vê-las.

Se quisesse, Chapel poderia quebrar seu coração em mil pedaços e mesmo assim teria valido a pena.

Para esse jantar, Pru tinha optado por um vestido verde escuro que se ajustava a seu corpo e ressaltava a cor creme de sua pele. Sem dúvida tinha acertado, pois Chapel a olhava como se quisesse comê-la inteira.

"OH, Deus. Onde há um leque quando se precisa?"

Uma pontada no abdômen destruiu todo esse prazer. Não. Agora não. OH, Deus, agora não.

Outra pontada a atravessou por completo. Aturdida, olhou ao Chapel. Ele correu para seu lado, surpreso e ao mesmo tempo assustado.

-Pru, o que se passa?

Que ele a chamasse por seu nome foi uma amostra de quão preocupado estava. Pru sentia tanto dor que nem sequer pôde desfrutar dessa sensação.

Molhada. Tinha algo úmido entre as pernas.

O rosto de Chapel perdeu toda sua cor.

-Está sangrando.

Pru o olhou nos olhos de repente. Como podia ele saber? Disse-o em voz baixa para que ninguém pudesse ouvir, mas Chapel se deu conta no mesmo instante em que Pru sentiu correr o sangue. Como era possível?

-Leve-a a seu quarto -disse seu pai-. Marcus, vá procurar ao doutor.

O seguinte que Pru soube foi que Chapel a levava nos braços para a escada, ia tão rápido que suas irmãs tinham que correr atrás dele. Seu peso não parecia lhe afetar absolutamente, e



seus olhos... seus olhos pareciam carvões acesos.

A dor a estava tornando louca. Essa era a única explicação possível. Ninguém podia ter uns olhos tão brilhantes. E ninguém tinha tanta força.

Mas Pru não estava imaginando a dor e a preocupação que se refletiam no rosto de Chapel. Estava preocupado com ela, e Pru gostava disso mais do que estava disposta a reconhecer.

-Para a direita. -Ouvindo como Matilda lhe indicava a direção ao chegar ao alto da escada. Sua irmã desconhecia que Chapel já sabia onde estava o quarto de Pru.

Ele não respondeu; limitou-se a mover-se com aquela surpreendente agilidade e esticar o músculo da mandíbula.

-Não sei o que faria... Ai! -Um novo espasmo de dor fez que sua testa se cobrisse de suor e teve que apertar os dentes-, se você não pudesse me levar nos braços.

Chapel lhe sorriu carinhoso. Agora ao menos seus olhos pareciam um pouco mais normais.

-Conhecendo você, certamente que encontraria outro modo.

Pru sorriu. Doía-lhe, mas o fez de todo modo. Gostava que estivessem tão relaxados um com o outro, reconfortava-a, e nesses momentos em que só sentia dor e medo, precisava disso. Era estranho, fazia muito pouco tempo que se conheciam, mas não ia questionar. Se limitaria a estar agradecida de que assim fosse.

Entraram em seu quarto. Com tanta suavidade, que Pru quase não se deu conta, Chapel a deitou na cama. Antes de que tivesse tempo de lhe agradecer, suas irmãs o colocaram pra fora do quarto, desejosas de cuidá-la e mimá-la.

Via-as tão assustadas... Só de olhá-las Pru sentia o coração se partir, assim fechou os olhos e apertou os dentes ao sentir outra pontada de dor.

Pensou em Chapel, imaginou que ele a abraçava e a rodeava com toda sua força. Que seus braços a apertavam como se nunca fossem soltá-la. Lembrou de seu sorriso e se alegrou de saber que ao menos o tinha feito sorrir.

E rezou para não morrer sem vê-lo outra vez.

CAPÍTULO 10



Chapel estava sentado no chão, diante da porta de Pru. A ninguém parecia importar que estivesse ali apesar de quão inapropriado isso era. Molyneux se sentou em uma cadeira a seu lado, e a família de Pru ocupava todo o corredor. Inclusive seus cunhados estavam ali, embora parecessem um pouco incômodos. Marcus passeava nervoso junto à escada.

Chapel evitava o jovem. Marcus o olhava como se acreditasse que ele podia fazer algo por Pru, e isso o assustava. Não porque não soubesse o que fazer por ela, mas sim porque sabia exatamente o que Marcus esperava que fizesse.

Estava Pru tão doente? Estava o suficientemente doente para sangrar de dentro. Chapel tinha cheirado o sangue logo que chegou ao lado dela. Era sangue fresco e não era menstruação.

Dor e sangue. Um casal que o tinha açoitado durante séculos, e nunca pressagiava nada bom.

Pru devia estar muito doente se seu amigo acreditava que convertê-la em vampiro era o único modo de salvá-la. Claro que ainda ficava a opção do Santo Graal.

O Santo Graal. Até então Chapel não se expôs que pudesse mesmo estar escondido entre aquelas ruínas. Até aquele momento, toda sua energia se centrou em proteger o Graal Maldito. E agora que sabia por que Pru estava tão ansiosa por encontrar o cálice, por que estava obcecada com essa lenda; ele o buscaria com ela.

Preferiu deixar de pensar em quão mal estava Pru, em tudo o que estava fora de seu alcance, e se dedicou a observar a sua família. Thomas Ryland estava junto a suas filhas, os maridos estavam uns passos afastados, o bastante perto para apoiar a suas esposas e o bastante longe para dar privacidade à família. Falavam entre eles, seus rostos mostravam mais preocupação do que Chapel tinha visto jamais em outros homens.

Thomas Ryland parecia cansado, esgotado e assustado. Suas três filhas tinham o mesmo aspecto. Matilda estava de pé com as mãos apertadas, a mandíbula alta mas tremula. Georgiana estava sentada junto a Caroline e segurava a mão desta. Se a determinação pudesse acabar com aquela doença, sem dúvida Georgiana a obteria. E Caroline, a doce Caroline,



mordia o lábio inferior para controlar o pranto.

Estavam preocupadas. Preocupadas e assustadas.

Chapel teria gostado de poder consolá-las, mas não tinha muito jeito pra isso. Precisava que elas consolassem a ele, mas fazia pouco tempo que conhecia Pru e sabia que não podia esperar isso de sua família.

Eles não tinham nem idéia de que ele venderia com prazer sua alma ou mesmo destroçaria o pouco que ficava dela em troca de que Pru se curasse. Ela significava muito para ele. Apesar de sua estadia em Rosecourt ter sido tão curta, Pru tinha se convertido em algo importante e precioso para ele.

A porta do quarto de Pru se abriu e Chapel ficou em pé de um salto. Só Molyneux se deu conta de que se moveu muito rápido para um homem de seu tamanho. Mas em lugar de brigar com ele, o sacerdote lhe ofereceu um sorriso esperançoso.

Era tão óbvio que estava preocupado por Pru? Teria se dado conta também sua família?

O médico, um homem alto e magro, de meia idade e cabelo escuro, olhou-o um instante e logo centrou sua atenção no pai de Pru.

-A senhorita Ryland está descansando - informou- Dei algo a ela para a dor e dormirá toda a noite.

-Está... bem? -Foi Matilda, a mais maternal, a que perguntou.

O doutor, Higgins ou algo do tipo, sorriu-lhe.

-Por agora está tranqüila, e espero que manhã se sinta melhor.

Chapel não foi o único que se deu conta de que o médico não tinha respondido a pergunta. Matilda não pareceu convencida e olhou a seu pai.

Thomas Ryland suspirou.

-E quanto a sua enfermidade, Philip? Piorou?

Enfermidade? Chapel olhou ao Higgins, impaciente por conhecer sua resposta.

-O câncer está avançando - respondeu o médico sereno-, tal como sabíamos que aconteceria. Mas Prudence é tão teimosa quanto seu pai e acredito que continuará conosco por algum tempo.

Câncer. Chapel teve que apoiar-se na parede. Deus. Sabia que tinha que ser algo sério, mas... câncer.

O último

sacerdote que o tinha



acompanhado tinha morrido de câncer de estômago. Ver como um homem jovem e vibrante se deteriorava a passos largos tinha sido horrível. Ao final, Chapel quase nem o reconhecia.

A idéia de que Pru tivesse que enfrentar a esse destino o fazia sentir náuseas.

Também o punha raivoso, tanto, que não se atrevia a olhar a ninguém por medo de que vissem em seus olhos o pouco humano que era.

Mas o câncer não era algo que ele pudesse derrotar, matar ou intimidar. Ao câncer não afetava o mínimo o que ele era. A enfermidade era um dos poucos monstros reais que habitavam o mundo.

OH, sim, ele podia converter Pru no que ele era, isso sem dúvida destruiria o câncer que a estava matando. Mas talvez também destruiria Pru. Deus sabia que tinha destruído a Marie. E Chapel ainda não estava seguro de se tinha destruído a ele.

-Podemos vê-la? -perguntou Caroline.

Higgins assentiu.

-Está adormecida, mas não vejo nenhum inconveniente em que suas irmãs lhe façam companhia.

Aquelas mulheres nem sequer se olharam em busca de coragem. Era como se as três soubessem que queriam estar junto à cama de Pru. Moveram-se como se fossem uma, do mesmo modo que Chapel fazia com seus companheiros; sabendo o que pensavam outros só por instinto. Invejava-as, invejava essa proximidade. Fazia muito tempo que não a sentia, e o mais perto que tinha estado foi quando, na escavação, notou de novo a presença de Temple.

Olhou como as irmãs de Pru se afastavam. Elas, e não ele, foram lhe fazer companhia, reconfortá-la, cuidá-la. Não havia nenhuma razão pela que ele pudesse estar junto a sua cama, mas, entretanto, queria fazê-lo. Queria vê-la respirar só para saber que ainda podia fazê-lo.

Deus, Molyneux tinha razão. Tinha que estar mais freqüentemente em sociedade; não podia ser que reagisse assim ao enfrentar à morte. Ele, que tinha matado tantas vezes como homem e como besta. Pru Ryland morreria e iria a um lugar melhor. Chapel continuaria ali muito tempo depois de que os ossos dela se converteram em pó.

la vomitar.



Desculpou-se e se dirigiu para a escada à máxima velocidade possível para não levantar suspeitas. Molyneux e Marcus se colaram a seus calcanhares.

Chapel foi ao salão, onde se serviu um generoso copo de uísque. Molyneux se absteve, mas Marcus assentiu e lhe disse que também gostaria de um gole.

Quando os três estiveram sentados, Chapel dirigiu toda sua ira para Marcus.

-Você sabia?

O jovem se surpreendeu ao ouvir o rancor que havia nessa pergunta.

-Sobre Pru? Sim, sabia. Sei desde o dia em que a conheci.

A isso se referia Grey com suas insinuações anteriores.

-E não me disse isso. Por quê?

-Não era seu assunto.

-Como não era meu assunto? -Apertou os dedos com tanta força que o copo que sustentava esteve a ponto de quebrar-se- De onde tira isso?

Marcus encolheu esses largos ombros.

-Ela não queria que você ou o padre Molyneux soubessem. Não é nada pessoal; não gosta que as pessoas saibam. Diz que quando sabem a tratam de diferente. O que você vai fazer, Chapel, vai tratá-la de forma diferente agora?

Havia algo no tom daquele jovem muito parecido a uma provocação.

"Sim".

-Não.

-É óbvio que você gosta dela.

O copo começou a rachar-se e Chapel o deixou na mesa.

-O que eu penso sobre a Pru não é seu assunto.

Marcus se limitou a voltar a dar de ombros. O via maior do que o habitual, como se nesses momentos mostrasse sua verdadeira idade.

-Isso é uma desculpa barata, e sabe. Pru é minha amiga e você é só um vampiro que enviaram aqui para evitar que ela encontre algo que poderia salvá-la de uma morte muito dolorosa.

Molyneux ficou boquiaberto e seus pálidos olhos procuraram os de Chapel. Este deu um jeito de afastar o olhar.

Marcus tinha razão, por penoso que fosse ouvi-lo dizer, mas isso não impediu que Chapel desejasse arrancar o seu pescoço de uma dentada. Solto um dilacerador gemido de dor e sentiu como,



durante um segundo, perdia o controle à medida que aumentava a vontade que tinha de golpear algo.

-Salvá-la? -disse Chapel levantando o queixo e olhando ao Marcus diretamente aos olhos- É isto o que quer? Que tenha um demônio dentro dela que lhe exija beber sangue? É capaz de lhe negar o sol, ou o céu eterno? Realmente quer passar o resto de sua amizade com ela se perguntando se será capaz de resistir a tentação de te morder para averiguar se tem um gosto tão bom como parece?

Marcus engoliu saliva e piscou nervoso.

-Não, não é isso o que quero. Mas tampouco quero que mora.

Chapel suspirou e passou a mão pela mandíbula. Estava cansado. Quem diria, a noite ainda era jovem e ele só queria ir dormir. Dormir para jamais voltar a despertar.

-Eu tampouco quero que mora - reconheceu Chapel - Mas não vou condená-la. Não pode me pedir que o faça.

Marcus bebeu o que restava do uísque.

-E se o que encontramos é o Graal Maldito? Impediria que ela escolhesse seu próprio destino?

-*Mon Dieu!* -Molyneux se zangou de repente- Menino, não sabe o que está dizendo.

Uma risada obscura surgiu da garganta de Chapel.

-Sim sabe. Sim, senhor Grey. Deteria a ela e a você também, se fosse necessário.

O jovem o olhou desafiante.

-Então, será melhor que entre nas ruínas antes que você.

Uns dedos gelados rodearam as veias do Chapel.

-Temos um acordo -lhe recordou.

Marcus o olhou. Não tinha medo, e Chapel o admirava e o desprezava ao mesmo tempo por isso.

-Decidi rompê-lo.

-Não pode fazer isso. Você queria informação em troca de que te deixasse entrar no porão antes que eu. Se Temple estiver ali te matará.

Marcus ficou de pé; tinha as bochechas ruborizadas.

-Então terei que me assegurar de que



não está lá. Não permitirei que você, uma criatura que não sabe nada dela, prive Pru de tomar essa decisão por si mesmo.

Chapel também ficou de pé. O coração voltava a lhe golpear as costelas. Que não sabia nada dela? Apostaria tudo o que tinha a que a conhecia muito melhor que Grey.

-Quer que se converta em um demônio?

Os olhos azuis do jovem se entrecerraram.

-É isso o que você é? Eu pensei que era só um covarde. Volte para seu esconderijo, Chapel e não saia dele durante outros cem anos. Deixa que outros sejam o bastante valentes para viver, você só preocupa com si mesmo.

Se não fora porque estava muito aturdido para mover-se teria atacado ao Marcus por dizer isso. Entretanto, completamente deslocado, limitou-se a olhá-lo sair da sala e fechar a pesada porta de carvalho atrás dele.

-Não entende. -Chapel se deixou cair no sofá. Não permitiria que Marcus entrasse naquele porão. Não era só pelo que Temple pudesse lhe fazer, mas sim porque não queria que desse a Pru o Graal Maldito.

-Talvez ele veja as coisas de outro modo -sugeriu Molyneux.

-Ficou louco? -Chapel o olhou incrédulo.

O sacerdote lhe deu uns golpezinhos na coxa, como se fosse um menino que não entende a lição.

-Você acredita que tem uma maldição. Marcus acredita que é uma bênção. É só uma questão de perspectiva, não acha?

-Não, não o é. -Perspectiva? Que diabos?- É uma maldição. Tenho um demônio dentro de mim que me diz que cace humanos, o que mais pode ser se não isso?

Molyneux sacudiu sua cabeça coberta de cãs.

-Que os cace, não que os mate. Você pode escolher como enfrentar a isso. Decidiu que é uma maldição, e se sentir envergonhado por isso, e também decidiu que merece ser castigado.

-Sim. -Para ele tudo isso tinha sentido.

O padre negou com a cabeça e se levantou.

-Poderia convertê-lo em um dom. Pense em todo o bem que poderia fazer com seus poderes.

Aquilo

era

ridículo.



-Matar pessoas por piedade?

Voltou a sacudir a cabeça.

-Agora não é bom momento para falar contigo, está muito alterado pelo que acontece com a senhorita Ryland. É irônico, acredito.

Chapel esperou. Ao ver que Molyneux alargava o silêncio, pôs os olhos em branco um segundo e perguntou:

-O que é irônico?

Molyneux atravessou o estampado tapete até chegar à porta e então se deteve; Chapel reconheceu que tinha conseguido um grande efeito dramático.

-Que a única pessoa com a que sentiu uma conexão depois de séculos, trocaria de lugar contigo neste mesmo instante.

Chapel abriu a boca para responder, mas Molyneux não lhe deu a oportunidade. O suave clique da porta marcou o final de sua conversação.

Uma vez sozinho, fechou os olhos e se recostou no sofá. O silêncio era agradável, mas seus pensamentos não o eram absolutamente. Pobre Pru. Doce, frágil Pru. Sim, certamente trocaria de lugar com ele. Pelo que sabia dela, supunha que nem sequer se deteria para pensar nas conseqüências.

Mas ele trocaria de lugar com ela? Não, não o faria. Ele não passaria essa maldição a ninguém.

Entretanto, para ser sincero, tampouco estava seguro de querer deixar de estar amaldiçoado.

Quando Pru despertou na tarde seguinte, depois de abrir os olhos várias vezes durante o dia só para encontrar com uma de suas irmãs que lhe ordenava que voltasse a dormir, descobriu que tanto a festa para celebrar a descoberta do porão, como os trabalhos na escavação, foram suspensos.

Essa notícia a aterrorizou, mas Marcus lhe assegurou que logo que se recuperasse, voltariam para o trabalho, e o fariam com o dobro de velocidade para que ela pudesse recolher os frutos de seus esforços.

Ele queria que Pru estivesse ali quando encontrassem o Graal e não na cama, sem mal poder sustentá-lo.

Seus esforços. Marcus era muito amável ao dizer isso, mas ela não sentia que tivesse contribuído em nada. Bom, tinha



convencido a seu pai de que comprasse o solar, mas a maior parte do tempo só tinha sido um estorvo.

A essas alturas, tanto Chapel como o padre Molyneux estariam a par de sua enfermidade. Não se importava de que o sacerdote soubesse. De fato, chegado o momento, até poderia ser de utilidade. Certamente que um homem que esperava entrar no céu não a olharia com pena. Mas sim se importava de que Chapel soubesse. Olharia para ela com pena agora?

Ou se zangaria porque não tinha sido sincera com ele? Se sentiria traído, usado? Se arrependeria de tê-la beijado? Ou talvez acreditasse que agora seria mais fácil seduzi-la? Não, ela não podia imaginar que ele pensasse nada disso. Pode ser que Chapel não tivesse sido totalmente sincero, mas estava segura de que não era má pessoa.

Obrigou-se a incorporar-se, apoiou-se nos travesseiros e se enfocou em levantar-se para apartar as cortinas e deixar que entrasse a pouca luz do sol que restava a essas horas. Depois de pensar melhor, decidiu que estava muito fraca para fazê-lo.

Entretanto, logo teve que levantar-se para responder à chamada da natureza, assim, ao voltar do banho, apartou as cortinas e observou quão bonito estava o céu tingido de rosa.

Logo seria hora do jantar. Se se apressasse, poderia chegar a tempo de comer com os outros. Pru não tinha vontade de ver o quanto eles estavam preocupados, ou pior ainda, de ver a pena que sentiam por ela, mas tampouco queria que continuassem angustiados ao ver que ficava outra noite no quarto.

Além disso, assim poderia ver Chapel.

Chamou a sua criada e agarrou um vestido do interior de seu armário, que cheirava a sândalo. O vestido era cor de rosa, o que daria um pouco de cor a suas bochechas e ressaltaria seus olhos. Talvez até colocasse um pouco de ruge para ajudar. Se a via muito pálida, Matilda a obrigaria a retornar à cama.

Dentro de pouco tempo suas irmãs voltariam a suas vidas, a suas casas. O verão não ia durar sempre e a mansão voltaria a ficar vazia. Quando se fossem, Pru sentiria falta delas, mas agradeceria voltar a ter intimidade.

Sua criada chegou com rapidez, sorrindo e lhe dizendo como estava contente de voltar a vê-la "em plena forma". Em



meia hora, Pru se lavou, vestiu-se e se penteou. O mero feito de cumprir com essa rotina a fez sentir-se melhor. Voltava a estar cheia de energia, e o espartilho não lhe apertava o estômago o mais mínimo.

Ao descer a escada sentiu que as pernas ainda lhe tremiam um pouco, mas as drogas que o doutor Higgins lhe deu sempre tinham esses efeitos. Quando comesse alguma coisa desapareceriam.

Quando entrou na sala de jantar se deu conta de que todos estavam já sentados ao redor da mesa. Como era de esperar, surpreenderam-se ao vê-la, mas todos pareciam alegrar-se com sua presença.

Seu pobre pai parecia tão contente que Pru acreditou que por-se-ia a chorar.

Todo mundo se moveu para que ela tivesse o "melhor" lugar de toda a mesa. Suas irmãs sabiam, porque ela o havia dito, que o que considerava o melhor era o que estava junto à molheira, assim que esse foi o lugar que lhe coube.

Também era o que ficava exatamente à direita de Chapel. Tinham-no feito de propósito? Pru não viu que suas irmãs se sentissem culpadas, mas isso também não queria dizer nada.

Quando se sentou, Chapel não disse nada, mas a olhou com o mesmo carinho que uma mãe olha a um bebê dar seus primeiros passos. Passou-lhe a bandeja de comida e a segurou para que ela pudesse escolher, mas seguiu sem lhe falar.

O único modo de resolver aquela incômoda situação era fazer como se nada tivesse acontecido.

Pru se serviu de molho em cima da carne.

-Está passando bem esta noite, senhor Chapel?

Ele sorriu, mas o sorriso não chegou a seus olhos. Mostravam-se de um dourado escuro, cheios de preocupação.

-Agora sim, senhorita Ryland. -Passou-lhe as batatas-. Quer umas batatas para acompanhar o molho?

Olhou seu prato e viu que estava inundado de molho. Estava claro que estava zombando dela. Não era exatamente o que ela esperava, mas era muito melhor que a pena, e lhe sorriu.

-Claro, mas então terei que me servir de mais molho. Se não acho que não terei suficiente.

Esta vez sim o

sorriso alcançou seus



olhos e Pru se alegrou de ser ela quem o causasse.

Depois do jantar, todo mundo se reuniu no salão para tomar uma taça e se divertir um momento. Pru não tinha nenhuma dúvida de que tinham organizado isso para que ela se distraísse e para evitar que ninguém pensasse no drama da noite anterior.

O padre Molyneux os presenteou com histórias de suas viagens ao Oriente. A favorita de Pru foi a de um camelo que cantava, que, ao final, acabou que não cantava absolutamente. Talvez ela fosse uma simples ignorante, mas não sabia que um sacerdote pudesse ter viajado tanto, nem que fosse tão aberto com respeito a outras raças e culturas.

-Senhor Chapel - disse ela quando o sacerdote insistiu em que não podia contar mais nada -, você também deve ter vivido muitas aventuras. Se importaria de compartilhá-las conosco?

Ele a olhou como dizendo que preferiria que um montão de ratos lhe devorasse a mão.

-Não me dou bem contando histórias, senhorita Ryland.

-Tolices - soltou Molyneux com a taça a meio caminho dos lábios- Conte uma dessas histórias de cavalheiros.

Foi imaginação de Pru ou parecia que Chapel tinha vontade de estrangular ao Molyneux?

Cavalheiros? Chapel não parecia o tipo de homem ao que se interessasse...não, um momento. Olhando-o com mais atenção sim parecia poder gostar das histórias de cavalheiros e as aventuras medievais. De fato, ela podia imaginar-lo com facilidade montado em cima de um enorme cavalo brandindo uma espada, com a armadura brilhando ao sol.

Embora fosse uma imagem infantil e romântica, Pru se deu conta de que gostava da idéia.

-Sim - interveio Marcus olhando ao Chapel de um modo que Pru não conseguiu decifrar- Nos conte uma de suas histórias de cavalheiros, senhor Chapel. O que lhe parece a *De Foncé*?

Chapel não se alterou ao olhar ao Marcus, mas quando voltou a vista para ela foi como se lhe suplicasse que lhe salvasse. Quem quer que fora esse tal De Foncé,



obviamente era um personagem que Marcus conhecia.

Dado que Pru nunca tinha podido suportar não saber o que acontecia, sorriu:

-Eu adoraria escutar uma história de cavalheiros.

Outros se juntaram à súplica. Como qualquer homem que se sabe derrotado, Chapel se resignou com um pequeno suspiro e esboçou um sorriso.

-Está bem.

Começou o relato falando de um cavaleiro chamado Severian de Foncé. Era um jovem valente que acreditava que sua espada e sua fé em Deus o protegeriam, e que nada ruim podia acontecer com ele. Essa arrogância o fazia ser atrevido e freqüentemente se encontrava em situações das que só conseguia escapar graças a seus fiéis amigos.

Severian estava apaixonado por uma jovem chamada Marie. Ela era de boa família, assim Severian estava esforçando-se constantemente para que vissem que era digno dela. Participava de justas para demonstrar que era forte e valente. Procurou tesouros e aceitou uma missão secreta do rei da França para ganhar assim o ouro necessário para assegurar a sua futura noiva os luxos a que estava acostumada.

O rei Felipe mandou Severian e seus amigos à caça de um objeto místico, que se dizia que dava um imenso poder a quem o tinha. Os cavaleiros tiveram que iniciar um grande combate. Suas espadas estavam ensanguentadas, seus corpos machucados e feridos, mas ao final conseguiram atravessar as defesas de seus inimigos. Encontraram o que procuravam; ou o que acreditavam que procuravam.

-Entretanto, tratava-se do instrumento do demônio - disse Chapel a todos, Pru incluída, enfatizando cada palavra - Quando Severian e seus amigos se apropriaram dele em nome do rei, uma horrível maldição caiu sobre suas cabeças.

-Que espécie de maldição? -Pru abriu os olhos de par em par-Agora o explicarei. -Chapel lhe sorriu com doçura.

Contou-lhes que a maldição era algo escuro e terrível. Aqueles homens se converteram em bestas. Eram muito poderosos, podiam obter tudo o que quisessem, mas estavam condenados a esconder-se entre as sombras, temerosos de que alguém os visse.

Severian acreditava que sua amada Marie o entenderia assim que o visse. Acreditava que a impressionariam seus



novos poderes e toda aquela força. Mas quando foi visitá-la, horrorizou-a ver no que se transformou. Ele tentou convencê-la, mas ela se separou de seus braços e se atirou pelo balcão, preferindo cometer o pecado do suicídio antes que casar-se com ele.

Chapel fez uma pausa; o bastante longa como para que alguns dos convidados trocassem um par de olhares.

-E o que aconteceu com o Severian? -perguntou Caroline.

Chapel franziu o cenho anunciando que o relato ia ficar ainda mais desagradável.

-Severian ficou destroçado de dor e, se pudesse, teria acabado com sua vida, mas era um covarde, assim voltou para as sombras, que era aonde pertencia. Abandonou sua casa e a vida que conhecia, para não voltar jamais.

-Que tragédia - suspirou Matilda.

Chapel assentiu.

-Severian entendeu uma valiosa lição. Aprendeu a controlar a besta que o possuía e, apesar da maldição, converteu-se em melhor pessoa. Sua arrogância e sua temeridade lhe haviam custado a mulher que amava, e não queria que sua morte fosse em vão.

-Marie era uma harpia* - interveio Pru.

*(*Na mitologia grega freqüentemente representados como aves de rapina com rosto de mulher e seios. Na história de Jasão, as harpias foram enviadas para punir o rei cego Fineu, roubando-lhe a comida em todas as refeições. Muitas pessoas também acreditam que as harpias eram mulheres com asas, bico e pés de pássaros. Mas não há nenhuma afirmação científica neste caso. As Harpias eram irmãs de Íris, Filhas de Tifão e Equídina.)*

-Desculpe? -Chapel levantou as sobrancelhas.

-Nenhuma mulher que ame a um homem de verdade daria as costas por causa de uma maldição. Se o tivesse amado de verdade, teria sido capaz de aceitar o que tinha acontecido ao Severian. Quem se atira pelo balcão só porque seu amado mudou?

Era óbvio que Chapel duvidava da convicção que havia atrás dessas palavras.

-Você não rechaçaria a seu amado se ele tivesse se convertido em uma besta?

-Uma besta que, segundo suas



próprias palavras, tinha decidido mudar seu modo de agir depois das confusões em que se colocou. Mesmo a besta mais feroz é capaz de amar, senhor Chapel. Oxalá pudesse dizer o mesmo de alguns homens.

-Muito bem dito - assentiu veemente Molyneux.

Chapel a olhava de um modo estranho, com uma expressão que, por estranho que parecesse, irradiava esperança.

-É evidente que nunca se encontrou com um monstro, senhorita Ryland. Reze para que nunca o faça.

Ante tal dramatismo, Pru lhe sorriu. Tinha que interpretar que ele sim se encontrou alguma vez com um monstro?

-Se o amasse, senhor Chapel, para mim nunca seria um monstro. Me alegro de que o cavalheiro de sua história decidisse mudar, mas é uma pena que o fizesse por uma tola que não o merecia absolutamente.

Chapel a olhou como se lhe tivesse jogado em cima um jarro de água fria.

Marcus se pôs a rir a gargalhadas.

-Bom, se me desculparem, acredito que é melhor que vá.

-OH, Marcus, espera! -Pru se levantou- Quero falar contigo um minuto.

Voltou-se para pedir desculpas ao Chapel se é que seus comentários o tinham ofendido de algum modo, mas ele já não estava ali. Pru levantou os olhos e o viu sair do salão pelas portas de trilhos. Certamente ia fumar seu charuto de cada noite.

Isso, ou não concordava com isso de que Marie era uma harpia.

CAPÍTULO 11

Durante as duas noites seguintes, Pru quase não viu Chapel. Ele estava presente na hora do jantar e, embora falasse com ela como se não acontecesse nada, não tinha voltado para a biblioteca; ao menos não quando Pru estava ali.

Estava-a evitando, e ela não podia deixar de perguntar-se se ele passava as noites com aquela criada que tinha se insinuado a ele. Seu coração lhe dizia que não, mas a seu cérebro custava a acreditar na idéia.

Também havia a

possibilidade de que



a evitasse por algo que tivesse feito, mas não tinha nem idéia do que podia ser.

Bom, na realidade lhe ocorria um par de coisas: a primeira, que ela o tinha aborrecido e ele tinha perdido interesse. E a segunda, que tivesse se zangado pelos comentários que tinha feito sobre sua história duas noites atrás.

Das duas, a segunda opção parecia a mais provável, apesar de que a Pru parecia possível.

Talvez sua doença o tenha assustado. Pru odiava pensar isso de Chapel, mas se esse fosse o caso, podia entendê-lo. Há muita gente em que o sangue provoca rejeição, para não dizer que aterroriza.

Também podia ser, pensou ao colocar os brincos, que não acontecesse nada absolutamente. Talvez sua atitude fosse normal; ele não tinha que lhe fazer caso cada vez que se viam.

Isso seria uma decepção, mas o preferia a qualquer das demais opções. Por que perdia tempo tentando averiguar se Chapel era um vilão ou um libertino? O pior que podia acontecer era que ele rompesse o seu coração e, em seu estado, isso não seria nenhuma tragédia.

De fato, a idéia de que lhe rompessem o coração tinha seu encanto. Pru não sabia o que se sentia, mas tinha lido suficientes novelas e poemas para saber que só lhe rompem o coração se viver uma grande paixão ou um grande romance.

As duas coisas valiam a pena, não?

Por que não podia ter lhe acontecido isso com o Marcus? Por que só havia amizade entre eles? A essas alturas, ela e Marcus teriam podido ter um caso que durasse meses. Conhecia ao Marcus, não teria que queimar os miolos para saber o que pensava ou o que sentia.

Mas não era Marcus quem fazia o seu coração pulsar descontrolado. Não era com o Marcus que queria passar as longas noites nas quais não podia - não queria - dormir. Desejava Chapel. Parte de seu encanto era que a fazia sentir como uma pessoa, não como um ser inferior. E que não a tratava como a uma doente. "Deus, não permita que comece a fazê-lo agora."

Assim ali estava ela, na noite de sua pequena celebração, a que haviam adiado por culpa de sua doença; e tinha se vestido para chamar a atenção de Chapel.

Seu traje consistia em um vestido justo cor de pêssego com uma saia de gaze do mesmo tom. Uma laçada de chifón



estampado marcava sua esbelta cintura e ressaltava o delicado tecido. As pequenas mangas que cobriam seus ombros eram também de gaze.

O decote era muito baixo e os seios se destacavam, insinuantes. Pru temia que sua criada tivesse apertado muito o espartilho, e rezou para não sofrer um de seus ataques. No momento, o único problema era que não se sentia absolutamente confortável.

Um colar de pérolas completava a indumentária; umas pérolas douradas, que brilhavam sobre sua pele fazendo-a parecer de alabastro.

Exibia-as no pescoço e nas orelhas. Levava o cabelo recolhido em um elaborado coque que parecia que ia a desfazer-se a qualquer momento, mas não havia nenhum perigo de que isso acontecesse.

Estava bonita. Já não tinha olheiras. Suas bochechas estavam rosadas e seus olhos brilhantes. Parecia saudável e forte, tanto que inclusive se permitiu acreditá-lo por um instante.

E talvez no dia seguinte fosse verdade. Graças a Deus pela festa e por toda a distração que implicava. Não sabia do que seria capaz se tivesse que se passar toda a noite perguntando-o que encontrariam quando entrassem por fim no porão.

Mas isso não evitou que Pru pronunciasse uma pequena oração enquanto descia a escada. Nem tampouco que um calafrio lhe percorresse as costas. Sim, maldita fosse. Quando encontrassem o Graal, Chapel já não teria nenhum motivo para ficar em Tintagel. A não ser, claro, que decidisse fazê-lo para estar com ela.

Essa era uma possibilidade que Pru não estava disposta a encarar. Sim, talvez ficasse durante um tempo, mas sendo realista, sabia que ele não podia ficar para sempre, e, além disso, havia poucas possibilidades de que quisesse fazê-lo. Se não encontrassem o Graal, sua oportunidade de viver uma grande paixão se esfumaria. A oportunidade que tinha de viver a vida ao máximo se escorreria entre os seus dedos.

Só de pensar nisso sentia uma opressão no peito tão forte que lhe custava respirar. Melhor seria pensar em outra coisa.

Tinha que aproveitar essa noite. E tinha que procurar Chapel. Ela não só queria paixão. Queria sentir-se amada, querida. Sabia que lhe faria experimentar isso. Houve um tempo em que Pru tinha sido uma garota normal, com todas as ilusões e esperanças próprias de sua idade e classe



social. Muitas dessas esperanças lhe tinham sido arrebatadas, ou se tinha resignado às perder. Agora tinha a oportunidade de algo especial, algo único e difícil de encontrar.

A festa tinha lugar na sala de música do piso principal. Tinham aberto as portas que davam ao salão para ter o dobro de espaço e para que assim os convidados pudessem dançar se o desejassem.

Não era uma festa muito numerosa, tão somente de umas setenta e cinco pessoas pertencentes à classe alta da localidade. Seu pai havia convidado inclusive ao prelado, para que o padre Molyneux tivesse alguém de seu campo com quem falar. Mas na opinião do Pru, o senhor Feathers era muito beato e conservador para fazer boas relações com o sacerdote francês.

Mesmo assim, Molyneux era a menor de suas preocupações. Entrou na sala sorrindo, saudando os convidados com quem cruzava. Deteve-se para conversar um momento com suas irmãs e seus maridos e para abraçar a seu pai durante um instante.

Fez tudo isso como se uma mão invisível a empurrasse. Em nenhum momento deixou de observar a sala em busca de uma cabeleira dourada.

O coração saltou quando por fim o encontrou. Chapel estava saindo ao jardim. Daria a ele, e a si mesma uns minutos.

Pareceu-lhe que demorava uma eternidade para atravessar a multidão. Todo mundo queria conversar com ela. Era culpa dela. A escavação a ocupava tanto tempo que quase nunca visitava o povoado. Tinha abandonado tudo os seus velhos costumes e responsabilidades. Teria que remediar isso.

Por fim chegou à porta vidraça. Aparentemente, ninguém se deu conta de que escapava atrás de Chapel. Girou o trinco e saiu à fria noite.

Deteve-se um momento e permitiu que seus olhos se adaptassem a tênue escuridão dos lampiões, junto com a luz da lua refletida nas pedras frias.

O brilho de uma gravata branca acompanhado da brasa de um charuto captou sua atenção, e abandonou a segurança do terraço para dirigir-se para lá. Foi como deixar um mundo para viajar a outro desconhecido e exótico. Sua mente estava lhe pregando uma peça, certamente, e sentia um nó no estômago.

Sua saia roçava os degraus. A grama sussurrava sob o tecido, e a cada passo que dava para o Chapel seu coração



pulsava com mais força. Nunca em sua vida tinha estado tão nervosa ao ir ver outra pessoa. Nunca tinha tido tanto medo de que a rejeitassem.

-Pru? -Sua voz soou agressiva, como se brigasse com ela- O que está fazendo aqui?

-Ora, eu também te desejo boa noite. -Saiu-lhe mais brusco do que esperava, mas por que a tinha feito sentir como uma idiota por ter saído para lhe buscar?

Agora podia lhe ver o rosto, iluminava-se cada vez que dava uma tragada. Teve a decência de parecer envergonhado.

-Me desculpe. Boa noite, Pru, o que te traz por aqui?

Como se não soubesse.

-Estou te procurando - respondeu ela com sinceridade - Estes últimos dias estive me evitando. Queria perguntar por que.

Agora o via indignado. Seu rosto tinha aquela arrogante expressão tão dela.

-Não estive te evitando.

Chapel lhe ofereceu um cigarro, um gesto que a surpreendeu e agradou ao mesmo tempo. Fumar era algo que se fazia com um amigo, e não era habitual que as mulheres de sua classe social pudessem fazê-lo. Aceitou-o e o deslizou entre seus dedos.

-Por favor - foi a única coisa que pôde dizer enquanto evitava pôr os olhos em branco levando o cigarro aos lábios e inalava com acanhamento-, não insulte minha inteligência tentando negar. -Tossiu e lhe devolveu o cigarro- O que quero saber é por que. É porque estou... doente? -O seu estômago se revolveu só de pensá-lo.

As atraentes feições de Chapel esboçaram uma careta.

-É obvio que não. Tem uma opinião tão ruim de mim?

-Eu não quero acreditar nisso, mas não me ocorre nenhuma outra razão pela qual não queira me ver. -Comparada com quando era mais jovem, tornou-se muito atrevida. Em algum momento durante o último ano tinha começado a perder a paciência e o acanhamento, e isso cada dia tinha aumentado.

-Tem certeza que não? -Chapel deu uma última tragada e jogou o cigarro na fonte. Melhor ali que nos arbustos, pensou Pru- Não te ocorre nenhuma?

Havia algo ameaçador, algo duro em seu tom de voz; como se a estivesse chamando de mentirosa ou tola. Pru não gostava de nenhuma das duas opções.

-Não. -cruzou-se

de braços-. A não ser,



claro, que me beijar só fosse um jogo para você, e que tenha decidido se concentrar em alguém que vá viver o bastante para que te dê tempo de seduzi-la.

Oh, isso tinha sido cruel, e o rosto do Chapel acusou o golpe.

-Beijar você foi um dos maiores erros de minha vida.

Aquilo era muito pior do que tudo o que ela imaginou. Essas palavras foram como um soco em seu estômago.

-Entendo.

Pru começou a afastar-se; sentia-se aturdida e rejeitada, mas ele a agarrou pelo braço.

-Não, não entende, pequena tola. -Chapel a aproximou dele até que Pru pôde sentir o pulsar de seu coração e cheirar o tabaco em seu fôlego. Nem lhe passou pela cabeça resistir; não quando o que mais queria era estar perto de seu corpo.

Ele não deixou de lhe sujeitar o braço até que suas pernas se meteram entre as dobras da saia dela. Então seus dedos se afrouxaram e se deslizaram até suas costas, retendo-a prisioneira de um modo muito mais suave.

Chapel relaxou a expressão, mas seus olhos continuavam mostrando-se brilhantes e perigosos.

-Sabe por que foi um erro beijar você, Pru?

Ela teve que reunir quase toda sua coragem para levantar o queixo e olhá-lo nos olhos. O pouco que restava usou para evitar que seus lábios tremessem.

-Porque você não gostou?

-Não. -Pru tremeu ao sentir como o fôlego dele acariciava sua bochecha. Porque eu gostei muito. Tanto que não posso pensar em nada mais.

Um montão de mariposas percorreu as costelas de Pru. A felicidade a fez ser mais atrevida.

-Você gostaria de voltar a me beijar?

A única resposta de Chapel, antes de inclinar a cabeça e reclamar sua boca, foi um gutural gemido. Pru se surpreendeu, e separou os lábios para permitir a atrevida intrusão da língua dele. Tinha sabor de açúcar e a fumaça; era tão suave e firme que seus joelhos começaram a tremer.

Os dedos de Chapel eram delicados, mas poderosos; pelo modo com que uma mão se apertava contra suas costas,



era óbvio que tinha muita força, com a outra lhe acariciava as nádegas. Apertou-a contra ele até que os quadris dela tocaram os dele e, apesar das roupas que os separavam, Pru pôde sentir a dureza de seu corpo.

As mãos do homem se deslizavam por seus ombros, por seu pescoço. Seus dedos eram quentes sobre a pele dela, e a acariciaram com suavidade a clavícula. Luzes como uma brisa se deslizaram por seu pescoço até a mandíbula e logo para a nuca; agarrou-lhe a cabeça como se temesse que ela fosse apartar-se antes de que ele pudesse saciar-se de seus lábios.

A pressão da boca de Chapel se afrouxou até converter-se em uma delicada exploração. Beijou-a como se tivesse todo o tempo do mundo, quando ele sabia bem que não era assim. A Pru doeu que afrouxasse seu abraço. Queria voltar a sentir seu corpo apertado contra o seu. Queria que seus dedos voltassem a segurar suas nádegas com força. Não queria que se freasse. Queria sua paixão.

Pru tinha se reprimido toda a vida. Não podia perder mais tempo comportando-se como era devido. Queria que Chapel a tratasse como a uma mulher a que desejava tanto que se consumia; e queria ser consumida. Desesperada, apertou seus ombros, sentindo como ele esticava os músculos sob a roupa. Tentou aproximá-lo, mas Chapel não se moveu. Apertou os dedos e ficou nas pontas dos pés para forçá-lo a isso, mas ele era muito mais forte.

Mudou de tática e optou por aproximar-se dele. Colou-se a ele e gemeu ao sentir como todas as suaves curvas de seu corpo se ajustavam à dureza do dele. Esse movimento o pegou despreparado, e Chapel interrompeu o beijo.

-Por favor - sussurrou Pru olhando-o nos olhos - Não me trate como algo frágil. Me trate como à mulher a que deseja mais que a qualquer coisa no mundo. Peça-lhe isso, deixa que sinta isso ao menos uma vez.

Ficaram olhando-se nos olhos durante um instante e então ele voltou a baixar a cabeça. Duvidou de novo.

-Por favor, Chapel. - Pru tomou o rosto com as mãos, aquele rosto tão belo e tão triste- Quero que você seja quem me ensine o que significa ser amada.

Ele a abraçou com força e logo perdeu o controle.

Chapel não se limitou a beijar Pru, devorou-a.

Seus lábios a conquistaram, sua língua saboreou o doce calor de sua boca. Apertou-a tão forte que ela não podia



escapar; suas mãos voltavam a estar em suas costas, na deliciosa curva de suas nádegas, estreitando-a contra sua pélvis. Pru podia sentir sua ereção? Tinha idéia do quanto desejava possuí-la?

Podia notar seus dentes pontudos contra sua doce e cálida língua? Bastaria uma pequena pressão para sentir a essência de Pru lhe inundando a língua. Certamente que ela tinha gosto de prazer e açúcar, bom, talvez mais a chocolate que a açúcar. Pru aceitaria suas presas e seu sexo com paixão ou o rejeitaria?

Pior ainda, ela que havia dito que Marie tinha sido uma tola por rejeitá-lo, sentiria nojo ao descobrir o que ele realmente era? Uma coisa era defender o amor e a devoção em um conto, mas o que faria se descobrisse que era verdade?

Que Deus o ajudasse. Ele tinha tentado manter-se afastado, tinha tentado resistir a tentação que ela significava, mas não era o bastante forte. Fazia décadas que não se alimentava de um humano, talvez até mesmo séculos, já tinha perdido a conta, mas não podia ficar nem dois dias sem ver Pru.

Ela correspondeu ao ardor de seus beijos e os devolveu com uma intensidade que alguém poderia confundir com desespero; mas ele sabia que Pru não era assim. Aquilo era paixão; desejo puro e simples. Ela o desejava como uma mulher deseja a um homem, e isso estava a ponto de matá-lo.

Pru não sabia que ele era um monstro. Não sabia as coisas tão terríveis que tinha feito, e apesar disso, Chapel sentia que ela o conhecia melhor que ninguém, melhor inclusive que Molyneux.

Aquela mulher o desejava tanto, que estava disposta a arriscar sua reputação beijando-o no meio de um jardim onde alguém podia vê-los. Desejava-o tanto, que lhe tinha pedido que a abraçasse, e não porque quisesse ao demônio que levava em seu interior, nem ao homem que uma vez tinha sido, não, ela queria que ele a abraçasse.

As mãos de Pru lhe percorreram as costas e os ombros até chegar a seu cabelo, onde se agarraram com força. Acaso pensava que ia deixá-la? Embora chegasse a expô-la Chapel não era o bastante forte para fazê-lo. Ainda não. Ainda não se tinha saciado dela. Duvidava que alguma vez o fizesse.

Aquela mulher era perigosa para ele, muito mais perigosa que um montão de fanáticos religiosos ou que nenhum caça vampiros. De algum modo, Pru tinha conseguido dar com essa pequena parte



dele que ainda era humana e que morria de vontade de que outro humano a encontrasse. Ela o tinha feito e isso o tinha saciado de um modo que jamais o sangue faria.

Não que Chapel não estivesse tentado a mordê-la. Estava, mas seu desejo de homem era muito mais forte que o desejo que sentia de seu sangue.

Chapel queria que Pru o amasse. Deus santo, queria que ela soubesse o que ele era e que continuasse olhando-o sem medo nem repulsa.

Era toda doce entre seus braços, tão delicada e perfeita; arqueou as costas sob suas mãos. Tinha a pele ruborizada, quente e seu perfume lhe alagava os sentidos. Era como vinho aromatizado, denso e com especiarias. Certamente que, se a lambesse, todo seu sabor explodiria sob sua língua.

Uns seios túrgidos se apertaram contra seu torso. Chapel apartou uma mão de suas costas para deslizá-la para um lado e logo para cima até cobrir um sinuoso monte com sua palma. Sentiu-o suave e firme. Apertou-o com suavidade. Pru gemeu contra seus lábios e aproximou ainda mais os quadris a suas coxas. Seu excitado membro tremeu como resposta. O corpete estava muito justo; maldição. Não havia modo algum de poder deslizar a mão no interior sem destroçar o vestido.

Poderia desabotoá-lo ou poderia rasgá-lo.

Ou simplesmente podia deitar Pru em um banco e...

O sabor do sangue de Pru inundou sua boca. Era muito fraco, quase imperceptível. Se não fosse porque o sangue não era dele não se teria dado conta. Em efeito era o de Pru.

Deus santo, Pru se tinha arranhado a língua com uma de suas presas. Graças a Deus, e o dizia a sério, não se tinha dado conta.

Mas ele sim. E o demônio que havia em seu interior também. OH, Deus, era apenas uma gota, mas tinha o gosto tão bom e tão maravilhoso como tinha sonhado.

Suas gengivas se contraíram e as presas começaram a sair em toda sua extensão. Pru não demoraria a dar-se conta. Se movesse a língua de um modo brusco, sentiria muito mais que um arranhão.

A fome revolveu o estômago de Chapel, carcomeu-lhe as vísceras, alagou-lhe o peito. Os músculos lhe doíam, esticando-se para atacar. Podia mover-se com tanta rapidez que ela não se daria conta até



que fosse muito tarde. Podia afundar as presas na suavidade de seu peito, ou na delicada curva de seu pescoço, e embebedar-se de sua essência antes que ela soubesse o que estava acontecendo.

Não podia. Juntando todas as suas forças, Chapel empurrou Pru. Ela cambaleou, mas não caiu, e ele não fez nenhuma tentativa de segurá-la. Não confiava em si mesmo. Tinha a respiração entrecortada, os ruídos da noite retumbavam em seus ouvidos.

-Chapel? -Tinha a voz espessa pelo desejo. Ele morria de vontade de dar a ambos o que queriam, mas estava disposto a fugir se fosse necessário. Preferia antes ferir seus sentimentos que machucá-la fisicamente.

-Tenho que ir - ofegou, e estremeceu ao ouvir o timbre de sua voz. Sim, tinha que ir. Nesse momento seu controle era muito frágil. Podia ouvir o trêmulo pulsar do coração dela, cheirar seu desejo, sentir seu calor. Seu sabor, por leve que fosse, queimava-lhe a língua, tornava-o louco.

-O que se passa? -Ela tentou acariciá-lo, mas ele se apartou; o estômago doía tanto que quase se dobrou de dor.

Seria tão fácil tomá-la. Recliná-la entre seus braços, ou talvez sobre a grama. Podia mordê-la em um lugar onde ninguém o visse; em uma das coxas, na parte superior, para que seus dedos pudessem acariciá-la enquanto bebia. Ou também podia mordê-la ali, entre os úmidos lábios de seu sexo, fazer com que ela tivesse um orgasmo enquanto ele saciava sua fome.

Mas ela não agüentaria algo assim. Ultimamente não tinha comido muito. Se ele perdesse o controle podia matá-la, igual a Dreux matou a aquela garota na noite em que se suicidou.

"OH, Deus."

-Sinto muito. -Era uma desculpa muito batida, mas Chapel queria que Pru soubesse que ela não tinha feito nada errado - Eu, não... Sinto muito. -Girou sobre seus calcanhares e fugiu. Afastou-se da casa e entrou na escuridão. Seus olhos viam todos os obstáculos, cada buraco, cada raiz. Quando percebeu que estava a salvo, longe de olhos humanos, elevou o vôo e se dirigiu à cidade mais próxima.

Em seu coração sabia que o que ia fazer estava errado, mas tinha que fazê-lo. Não podia continuar pondo as pessoas em perigo por culpa de sua fome; não quando sabia o quanto o lamentaria.



Tinha chegado o momento de pôr a prova a teoria de Molyneux. Tinha chegado o momento de arriscar tudo aquilo em que acreditava para não arriscar-se a fazer mal a Pru. Suas crenças não valiam tanto.

E queria estar seguro, embora só fosse admiti-lo ante si mesmo, de que, se alguma vez chegasse o momento de beber o sangue de Pru, não ia matá-la. E nesses momentos não estava absolutamente seguro. Arderia no inferno antes que lhe fazer mal. A ela não faria isso jamais.

Voou durante muito, muito tempo. Não estava preocupado, a noite ainda era jovem e tinha tempo de sobra de voltar para investigar o porão antes que Marcus entrasse nele. E, no caso de que ele não chegasse, Molyneux estava ali e se asseguraria de que as coisas ocorressem como deviam. Molyneux vigiaria para que Marcus não entrasse no porão sem ele. Talvez fosse velho, mas era um bastardo muito ardiloso.

Depois da conversa da outra noite, Chapel não confiava em que o jovem não entrasse no porão antes de tempo. Mas Marcus não era tão estúpido para fazê-lo sendo ainda de noite. Entretanto, ao Chapel preocupava que o fizesse ao amanhecer, quando, segundo a crença popular, os vampiros estavam mais indefesos.

Falso. Precisamente nas frágeis horas em que o dia e a noite se confundiam era quando um vampiro era mais perigoso. Temple estaria cansado, mas teria o instinto de sobrevivência a flor da pele. O amanhecer fazia com que um vampiro fosse totalmente imprevisível.

E esse era o motivo pelo qual Chapel tinha pedido a Molyneux que vigiasse o quarto de Grey. Assim que saía o sol, Chapel estava fora do jogo, mas Molyneux podia assegurar-se de que Marcus não se dirigia ao porão.

Não obstante, Chapel tinha que reconhecer que nesses momentos não se importava nem o mínimo que Marcus fosse o bastante estúpido para enfrentar sozinho à ira de Temple. O único que lhe importava era a fome que tinha.

Podia procurar todas as desculpas que quisesse. Podia justificá-lo do modo mais conveniente, mas a verdade era só uma: ia romper o juramento que tinha feito no dia em que Dreux se suicidou. Depois de centenas de anos, ia sucumbir a sua obscura natureza.

A sua autêntica

natureza.



Chegou a seu destino sem muitos problemas. A casa continuava no mesmo lugar fazia anos; tinha passada de geração em geração, algumas vezes de família a família, outras através de uma simples compra e venda ou a perda em uma aposta de jogo. Mas os ocupantes sempre eram os mesmos. Ele nunca tinha entrado, mas sabia que Reign estava acostumado a ir ali para... acalmar-se.

Quando entrou no bordel, a madame o olhou com olhos brilhantes.

-Boa noite, senhor, que deseja?

-Preciso de garotas. -Sua voz ainda soava áspera, mas nem tanto.

A madame sorriu.

-É obvio. Siga-me.

Seguiu-a através de um corredor estreito até chegar a um salão onde uma dúzia de prostitutas com roupas muito leves ficaram em fila como se fossem uma caixa de caramelos caros.

A mulher seguia Sorrindo, era evidente que estava orgulhosa, e com razão, de seu estabelecimento. Todas as mulheres irradiavam saúde e vitalidade. Não eram umas prostitutas quaisquer.

-Estas são as garotas que não têm nenhum compromisso esta noite. Adiante, escolha a que queira.

Chapel as olhou devagar.

-Quero-as a todas.

-A todas? -A madame abriu os olhos surpresa e logo lhe sorriu sedutora- Como desejar, senhor, sempre que puder pagá-lo.

Chapel tirou um montão de notas de seu paletó. Ao longo dos anos, tinha aprendido que sempre era útil levar dinheiro consigo; nunca se sabia em que situação podia encontrar-se.

Deu o dinheiro a madame.

-É suficiente?

Seus maquiados olhos brilharam ao contar as notas.

-Sim, senhor. Isso lhe garante as doze garotas. Senhoritas, este cavalheiro quer passar um tempo com vocês.

Elas começaram a fazer os ruídos apropriados e a madame se voltou. Ele a deteve lhe colocando a mão no braço. A mulher o olhou intrigada:

-Senhor?



Um lento sorriso se desenhou nos lábios de Chapel. Doíam-lhe as gengivas e se esforçou para extrair ao máximo suas presas. A saliva umedeceu seus ressecados lábios e sentiu como seus instintos começavam a tomar o controle.

-Não quero doze.

Ela se ruborizou, e ele soube que aquilo era algo que não ocorria freqüentemente.

-Mas senhor, acreditei entender que as queria a todas.

Chapel a olhou e lhe sorriu como um gato faria ante um roliço camundongo. Aproximou-se da mulher e farejou seu perfume. Continuando, sussurrou junto a seu ouvido:

-E assim é.

Ela tremeu. Ele estava tão perto, que pôde ver como lhe punha a pele arrepiada, e cheirar o medo e a excitação que corriam por suas veias. Ele não fez nada para convencê-la, e apesar disso a madame lhe mostrou o pescoço a modo de convite. Elas sempre faziam isso; como se estivessem ansiosas de receber suas dentadas. Chapel deveria afastar-se, mas ela estava tão perto e tão disposta, e ele estava tão, tão faminto...

-Acredito, querida madame, que com você o número subiu a treze.

CAPÍTULO 12

Das duas uma, ou ela era uma espécie de veneno para os homens, ou ao Chapel se passava algo realmente ruim.

Pru estava sentada diante de sua penteadeira, de camisola, e não podia deixar de pensar em quão mau tinha saído a noite. O belo vestido que tinha escolhido para a ocasião e que estava agora amassado no respaldo de uma cadeira, só tinha servido para que ele se fixasse nela um momento. No dia seguinte o guardaria e só Deus sabia se voltaria a vesti-lo alguma outra vez.

Deixou a escova na penteadeira e se levantou. O que tinha impulsionado Chapel a afastar-se dela desse modo? Dobrou-se de dor e logo tinha fugido na noite. Já havia retornado? Se fosse



assim, não tinha se incomodado em voltar para a festa. Nem sequer o padre Molyneux sabia onde estava.

E Pru não se atreveu a dizer a ninguém que ela tinha estado com ele no jardim. Que seus beijos eram a causa de que Chapel se escapuliu na escuridão.

Talvez se escapulir não fosse o termo apropriado, dado que ele nem sequer tinha tentado dissimular, embora poderia havê-lo feito.

Como se supunha que ia experimentar a paixão se o homem a quem desejava não estava disposto a ficar com ela?

Um ruído abafado penetrou em seus pensamentos. O que era? Voltou a ouvi-lo. Estavam chamando em sua porta.

A esperança a inundou. Seria Chapel? Com rapidez, mas com sigilo correu a abrir a porta. Entretanto, o homem que seu descontrolado coração encontrou no corredor não era Chapel e sim Marcus, com um montão de roupa entre os braços.

-Marcus, o que está fazendo aqui? -Como o disse sussurrando, não pareceu que o estivesse repreendendo.

Entrou em seu quarto e ela fechou a porta atrás dele. Deus santo, o que pretendia?

Deu-lhe o montão de roupa.

-Ponha isto e vêm comigo.

Pru agarrou a roupa e viu que era de homem.

-Por que quer que me vista de homem? -Se ela fosse vaidosa acreditaria que ele estava propondo que fugissem juntos, mas Marcus não era do tipo de homem que foge, nem de que seduz a uma garota desse modo.

-Não pode ir às ruínas tal como vai vestida. -Assinalou a camisola que Pru tinha posto.

-As ruínas? -Só de ouvi-lo mencioná-las seu coração saltou de alegria- Vamos às ruínas? Agora?

-Vista-se -assentiu Marcus.

Não era próprio dele ser tão impaciente. Pru se dirigiu ao closet devagar.

-Mas ainda faltam ao menos duas horas para que amanheça.

-Por isso vamos agora. O sacerdote ainda dorme e Chapel não está aqui.

-Não está? -Isso a deteve em seco- Onde está?

Marcus foi atrás

dela e a empurrou



com suavidade para o closet.

-Não estou certo. Ainda não foi às ruínas, mas estou convencido de que é só questão de tempo. Por isso temos que ir agora.

Pru cravou os calcanhares no tapete.

-Por que vamos sem ele e sem o Molyneux?

Um suspiro de exasperação escapou dos lábios de Marcus. Pô-lhe as mãos nos ombros e a voltou para olhá-la nos olhos.

-Porque quero que você tenha o que houver nesse porão, Pru. Quero que possa escolher; não quero que outra pessoa escolha por você. Entende?

Ela acreditava que sim, mas ver o Marcus tão preocupado a desconcertava um pouco. Marcus temia que Molyneux e Chapel levassem o Graal antes de que ela pudesse usá-lo.

Pru não queria pensar tão mal do sacerdote nem de Chapel, mas era verdade que não conhecia todos os seus motivos. Confiava neles, mas sabia que ambos deviam fidelidade à Igreja, e não a ela.

-Me vestirei o mais rápido que possa -tranqüilizou ao Marcus, e correu para o closet.

A única coisa que era de seu tamanho eram as meias. As calças eram muito largas de cintura e vários centímetros mais compridos que suas pernas. A camisa também era enorme, mas a colocou por dentro das calças. O casaco já era outra coisa, devia ter pertencido a um homem muito baixinho ou a um menino. Calçou suas botas e recolheu o cabelo em um coque.

Quando saiu, Marcus estava andando nervoso pelo quarto.

-Como estou?

-Muito engraçada -respondeu ele Sorrindo- Pronta?

Pru assentiu. OH, sim, estava mais que pronta.

Saíram do quarto e desceram silenciosos a escada. Uma vez fora, Marcus a levou a parte de atrás da casa, para os estábulos, onde os esperava um par de cavalos. Ajudou-a a montar e, depois de que ele fez o mesmo, dirigiram-se para a escavação.

Estava escuro, a lua se ocultava já no céu. Só havia a luz necessária para ver uns poucos metros diante de seus narizes, mas era suficiente para seus montarias. Aqueles cavalos conheciam o



caminho tão bem como Marcus e Pru. A noite emitia seus sons ao redor deles. Um mocho ululou, um morcego passou quase os roçando e puderam ouvir o bater de suas asas.

Havia tanta paz na noite. A brisa era suave e refrescante, ao contrário do que era durante o caloroso e úmido dia.

O caminho até as ruínas não era nem curto nem comprido. O terreno rodeava os limites originais do imóvel, quase a um quilômetro e meio de distância da casa. Pru teve tempo de sobra para recordar o beijo que ela e Chapel trocaram.

"Depois não posso pensar em nada mais", tinha-lhe confessado Chapel com uma voz tão sensual quanto seu olhar.

Então ela não podia ser prejudicial para ele, não é? Mas se ele queria beijá-la com semelhante desespero, por que tinha ido daquele modo?

Por que continuava se torturando? Acaso não tinha decidido que deixaria de fazê-lo? Certamente que quando voltasse a ver Chapel, ele se desculparia pelo que tinha feito e lhe daria uma explicação.

Uma vez resolvido o tema, Pru voltou a centrar seus pensamentos no Graal. Estaria ali quando Marcus e ela entrassem no porão? Sim, sim, tinha que estar. Negava-se a acreditar o contrário.

O que faria com os anos de vida que ganharia? Queria visitar tantos lugares, viver tantas aventuras... Era difícil escolher por onde começar.

Mas o que certamente queria, aconteça o que acontecesse, era fazer o amor com Chapel. Não tinha vergonha admitir, apesar do atrevido que parecesse. Ao que se negava, uma vez que estivesse curada, era a voltar a viver segundo os ditames da sociedade. A vida era muito curta para ter remorsos, e quando chegasse o momento de morrer, Pru não tinha intenção de arrepender-se de nada do que tivesse feito ou deixado de fazer.

Pensava em todos os lugares que queria visitar e imaginava Chapel lá com ela. Explorariam as maravilhas da Grécia de noite, olhariam como a luz da lua se refletia no mar Negro. Certamente que ver o sol se pôr nos Cárpatos tirava o fôlego.

Com esses pensamentos chegaram às ruínas, e Pru exibia então um sorriso nos lábios. O coração dela batia acelerado quando ela e Marcus deram os primeiros passos para a entrada do porão. Os



degraus estavam quebrados e eram inseguros, mas eram amplos, então Pru não corria perigo de cair.

Enquanto desciam, Marcus segurava a lamparina. No instante em que o halo de luz iluminou a entrada, Pru se deteve.

A porta já estava aberta.

Havia se aberto sozinha ou havia mais alguém ali? Olhou ao chão. Tinha pegadas, mas podiam pertencer aos trabalhadores, e não a algum intruso. Podiam ser inclusive do Marcus.

Marcus já tinha entrado apesar de ter prometido que a esperaria? Ou havia ladrões escondidos? Abriu a boca para perguntar, mas Marcus sacudiu a cabeça para silenciá-la, seu rosto refletindo medo e raiva. Não, ele não tinha entrado.

Nervosa, Pru olhou ao redor, mas a noite não lhe permitiu ver nem ouvir nada, nem bom nem ruim.

Marcus não tinha deixado alguns homens para que protegessem a entrada? Uma descoberta tão importante como o Graal bem merecia proteção, e Marcus não deixaria de pensar nesses detalhes tão importantes.

Talvez fossem esses homens quem tinham entrado para bisbilhotar um pouco. Ou talvez fosse Chapel. E se ele tinha decidido explorar o porão? E se ele e Molyneux queriam roubar o cálice? E se ele tinha fugido de seus beijos porque se sentia culpado pelo que ia fazer?

"Basta de elucubrações". As respostas a todas essas perguntas estavam naquele porão e ela e Marcus iam encontrá-las. Se alguém queria lhe roubar o Graal, lutaria com ele. Não tinha chegado tão longe para perdê-lo agora.

Inspirou fundo e encheu os pulmões de ar para tranquilizar-se. Quando Marcus lhe deu a lamparina, seus joelhos tremeram levemente; ele tirou uma pistola de seu casaco e abriu um pouco a porta para poder entrar. Marcus temia que a pessoa que tinha entrado continuasse ainda ali? E acreditava tão perigoso para ter que atirar?

"Por favor, que não seja Chapel".

A única luz que iluminava a úmida e suja câmara era a de sua lamparina, e não ouvia mais som que o de sua respiração, que parecia o bastante forte para despertar aos mortos.

A lamparina de azeite conseguia iluminar só uns poucos metros. Pru abriu a cavilha para avivar a chama. Ela e Marcus,



um junto ao outro, e seus olhares esquadrihavam cada rincão.

O porão parecia a cela de um monge. Em um canto havia uma cama de armar com uma mesinha de noite ao lado. Também se via uma lamparina. Os lençóis estavam amassados, como se alguém tivesse estado ali recentemente.

Na outra parede havia uma velha mesa com uma única cadeira, e da terceira pendurava um quadro de um cavalheiro medieval junto a sua dama.

Alguém tinha vivido ali. Podia ser que ainda estivesse vivo?

-Aqui não há ninguém -anunciou Marcus depois de percorrer a pequena cela. Guardou de novo a pistola em seu casaco.

-Mas houve. -Pru expressou em voz alta o que ambos pensavam-. Acha que falta algo?

-Não saberia te dizer -respondeu ele-, olhe se houver buracos na poeira.

Pru assim o fez, mas ou a luz não iluminava o suficiente ou quem tinha vivido ali era muito limpo.

Uma tapeçaria que tinha pendurado na parede mais longínqua lhe chamou a atenção e levantou a lamparina para vê-lo melhor. Estava um pouco torto, e parecia que atrás dele escondesse uma passagem.

Deus santo, o que seria aquele lugar?

Pru se aproximou. O Graal podia estar ao final daquela passagem. O coração lhe golpeava as costelas, um passo mais, e logo outro. Quase tinha chegado, estava já aos pés da cama de armar quando quase perdeu o equilíbrio. Tinha tropeçado com algo.

Baixou a lamparina para iluminar o chão. Seu estomago deu um nó.

-OH, Meu deus.

O chão estava coberto de vidro quebrado. Havia uma jarra de cerveja e uma camisa entre eles, mas isso não foi o que a assustou. Foi o homem morto que a olhava com seus olhos vazios de vida o que fez que um grito se gelasse em sua garganta e estivesse a ponto de desmaiar.

Estava vestido de negro, levava barba e o cabelo comprido e seu rosto tinha sido mutilado. Era como se um animal selvagem o tivesse atacado.

A bÍlis lhe subiu pela garganta. Quem podia ter feito uma coisa assim? E o que era mais importante, continuava ali escondido para fazer o mesmo a ela?



-Pru? -chamou Marcus preocupado-. O que aconteceu?

Começou a aproximar-se ao mesmo tempo em que ela começou a retroceder.

Cambaleou ao tentar se esquivar do cadáver daquele pobre homem. Se tivesse vestido saias não teria notado a resistência atrás de suas pernas. Sentiu-a um segundo antes de ouvir um disparo seco.

Uma aguda dor se instalou em seu peito. Em meio à escuridão gemeu angustiada e quase soltou a lanterna. Baixou os olhos e viu que tinha um pequeno dardo cravado. Que demônios tinha acontecido?

Aparentemente, tinha caído em uma espécie de armadilha. Talvez fosse isso o que tinha acontecido ao homem que jazia no chão. Ela ia sofrer o mesmo destino?

-Pru? -A voz densa de Marcus retumbou em seus ouvidos- Pru!

Começou a se sentir tonta e lhe dobraram os joelhos. Marcus a agarrou a tempo, mas não evitou que a lanterna caísse ao chão e iluminasse ao homem de preto.

Seus olhos se nublaram e o lábio superior começou a suar.

Veneno. Tinham-na envenenado.

-Não quero morrer! -gemeu entre soluços, enquanto se agarrava aos ombros de Marcus.

-Irei procurar ajuda. -Ela nunca tinha visto seu amigo tão assustado - Fica quieta, Pru. Voltarei logo.

Agarrou-a nos braços e a deitou na cama de armar.

-Não se mova - ordenou.

Mover-se? Aonde diabos podia ir?

Era uma estúpida. Por que não ficou em seu quarto? Por que não tinha tentado convencer ao Marcus de que esperassem a que se fizesse dia? Ou até que Chapel pudesse acompanhá-los?

Pru confiava em Chapel. E uma parte dela acreditava que ele podia mantê-la a salvo de tudo. Talvez não restasse muito tempo, mas agora, por culpa de sua temeridade, ia perder de repente tudo o que a fazia feliz.

Nem sequer poderia despedir-se.

Então isso era a tranquilidade.

Chapel

atravessou a noite



sentindo-se mais relaxado do que tinha estado nos últimos séculos. Era como se ao ter cometido esse pecado imperdoável que condenava sua alma para sempre tivesse alcançado a paz.

A madame, logo que lhe sorriu, soube perfeitamente o que precisava. Por estranho que parecesse, ver suas presas a tinha tranqüilizado. A única coisa que teve que fazer ele foi mencionar o nome de Reign e tanto ela como as garotas souberam como se comportar. Chapel não teve que se preocupar em perder o controle, a madame estava ali para assegurar-se de que se detinha após ter bebido o bastante de uma garota e passar assim a outra. Bebeu pouco de cada uma; a elas nem sequer se debilitaram, mas para ele foi o suficiente para recuperar as forças. Umas forças que fazia muito tempo que não tinha. Chapel não lhes deu seu sangue, assim não correu o perigo de lhes passar a maldição.

Agora poderia resistir a Pru. Já não tinha que se preocupar se por acaso fazia mal a ela, ou até mesmo algo pior. Não a morderia como tinha feito com Marie. Poderia beijá-la, acariciá-la sem medo de perder o controle; bom, ao menos o controle desse demônio que habitava nele. Chapel não podia garantir que o homem que seguia sendo não se voltasse louco só de tocá-la.

E sim, queria tocá-la. Se ela o permitisse, faria muito mais que isso. Não se importava que fosse uma dama de alta sociedade e que, com toda probabilidade, ainda fosse virgem. Ele a desejava e ela era o bastante maior para saber o que estava fazendo. Talvez fosse virgem, mas não era tola.

Aproveitaria seu tempo com ela. Faria com que gostasse. A Acariciaria, a saborearia, beijaria-a até que se derretesse em seus braços. Possuiria-a com lentas, longas carícias, e observaria seu rosto enquanto o prazer ia crescendo.

Só pensar em Pru tendo um orgasmo se excitava mais do que jamais tinha estado.

Claro que primeiro teria que se desculpar por ter saído correndo. Devia pensar em uma desculpa razoável, uma que ela pudesse acreditar e não o fizesse ficar como um tolo ou um doente.

Deus, confiava em que o Santo Graal estivesse nesse porão, e não Temple ou o Cálice Maldito. Desejava-o com todas as suas forças. Não queria contemplar como Pru se abatia ao ver suas esperanças feitas pedacinhos. Mesmo assim, sabia que, se esse fosse o caso, ele não poderia consolá-



la, porque a luz do sol o torraria por completo. Ao menos Marcus tinha mantido sua palavra de deixá-lo investigar primeiro; talvez encontrasse o modo de compartilhar a dor de Pru se soubesse a que se ater.

Virou para o oeste e voou mais perto do chão. Quase tinha chegado. A silhueta de Rosecourt se via na distância.

Aterrissou no balcão do quarto de Pru. As portas se abriram com facilidade e entrou.

Ela não estava.

Olhou na biblioteca. Tampouco estava ali. Onde diabos se colocou?

Um pensamento horrível cruzou sua mente. Ágil e em silêncio atravessou a casa até o quarto de Marcus Grey. Também estava vazia.

Os tolos e irresponsáveis tinham ido às ruínas!

Estava fora e preparado para subir de novo o vôo quando ouviu que um cavalo se aproximava. Correu para ele, e seus instintos lhe disseram que era Marcus cavalgando como se levasse os cães do inferno pegos a seus calcanhares.

Onde estava Pru?

Tanto o cavalo quanto o cavaleiro se surpreenderam ao ver o Chapel deter-se diante deles. A corrida nem sequer o tinha despenteado.

O medo alagava ao Marcus, mas não era medo do Chapel, e sim outra coisa.

-Pru está ferida. No porão. Precisa de ajuda.

Chapel sentiu que o terror se apoderava dele, mas tentou controlá-lo.

-Acordada ao Molyneux. Eu irei procurá-la.

Não esperou a que Marcus respondesse para levantar o vôo. Atravessou a noite vendo à perfeição através da escuridão. Não demorou a vislumbrar as ruínas diante dele, o montão de rochas que assinalava a entrada do porão.

Farejou e detectou um aroma familiar que fez com que o seu coração desse um salto. Não era Temple, mas tinha estado ali.

Pru.

Ela sim estava. Entretanto, algo empanava sua essência e fazia que o terror que Chapel havia sentido antes voltasse a atacar suas estudadas defesas. Esse aroma não lhe era desconhecido, mas ainda não conseguia identificá-lo.

Não vacilou nem um instante. Aterrissou diante da porta e a empurrou com



tanta força que esta se fez pedacinhos contra a parede.

Nada saiu a seu encontro. Não o atacou nenhum vampiro transtornado. Nenhum amigo saiu a recebê-lo. Não havia nada.

Sim, sim havia algo. Havia um homem morto no chão, e na cama de armar, sob a tênue luz do lampião, estava Pru.

Estava deitada de costas, inerte como uma boneca abandonada. Chapel podia ouvir sua débil respiração, ver a palidez que cobria sua pele.

Sem necessidade de tocá-la, sem ter nem idéia do que tinha passado, soube que estava morrendo.

Chegou a seu lado em um segundo e, com suavidade, embalou-a entre seus braços. Pru não abriu os olhos. Tinha os lábios tão pálidos quanto as bochechas. Uma capa de suor a cobria por completo e ao tocá-la notou que estava gelada.

Entretanto, não pôde ver nenhuma marca em sua pele, nenhum sinal de luta. Não é que pensasse que ia encontrá-los; não cheirava a sangue por nenhum lado. Temple não lhe tinha feito aquilo; ao menos não diretamente. Por outro lado o homem morto que havia ao lado do Pru não tinha tido tanta sorte. A essência de Temple gotejava por todos os seus poros. O tinha matado.

Um tremor estremeceu a delicada figura de Pru. Soltou tremulamente o fôlego recordando ao Chapel o soluço de um bebê.

O pânico se apoderou dele. Pru não podia morrer. Não podia. Não daquele modo. Pôs a mão em seu peito. Seu coração pulsava com muita dificuldade, mas pulsava.

O ruído do tecido ao rasgar-se interrompeu aquele horrível silêncio. Chapel arrancou o dardo da dolorida pele da jovem. Uma horrível mancha púrpura alargava seus tentáculos desde a ferida. Franziu o cenho e cheirou a ponta do dardo. Fechou os olhos e se sentiu tonto ao reconhecer aquele aroma tão familiar.

Deus santo.

Conhecia esse veneno. Era difícil de encontrar, muito antigo e muito, muito difícil de combater. Se se subministrava a um vampiro ou a um homem lobo, deixava-o imóvel; para os humanos era mortal. Sabia por que era o mesmo veneno que quase o matou a noite em que encontrou o Graal Maldito.

Só havia um antídoto: seu sangue.



Mas não, tinha que haver algum outro modo.

O amanhecer estava quase chegando. Chapel podia esconder-se na passagem que havia atrás da tapeçaria, mas Pru não tinha tanta sorte. Se esperasse muito mais, morreria ali, e ele não poderia fazer nada para impedir.

Só podia rezar para que o que lhe tinha acontecido pudesse salvá-la.

-Por favor -sussurrou, e inclinou a cabeça ao mesmo tempo em que suas presas saíam das gengivas- Por favor.

Rezou para ter a força suficiente e cravou os dentes na delicada pele de Pru por onde tinha entrado o dardo. Abriu a ferida sem pensar duas vezes e começou a sugar o veneno o mais rápido que pôde. Sugou com força, bebendo o sangue envenenado de Pru até tê-lo todo dentro dele. Chapel tremia cada vez que engolia, mas mesmo assim continuou até que já não detectou o sabor do veneno, até que só houve o doce e embriagador sangue de Pru.

Quando levantou a cabeça, viu que ela estava ainda mais pálida que antes. A ferida era feia, mas a lambeu com suavidade para deter o fluxo de sangue. Em um dia, não ficaria nem sequer uma cicatriz.

Isso se conseguia levá-la a de novo à casa, até Molyneux, para que ele pudesse acabar de curá-la. O sacerdote sabia o que fazer. Pru precisava de sangue, lhe tinha tirado muito. Também precisava de ervas e remédios. Molyneux a salvaria.

Chapel ficou de pé e tomou Pru entre seus braços. O veneno não demoraria a lhe fazer efeito e tinha pouco tempo para perder. Não o mataria mas lhe faria muito mal.

Segurou-a com um só braço enquanto se cobria com o lençol da cama de armar. Assegurou-se de que estavam ambos bem cobertos.

Então começou a correr. Subiu a escada e saiu ao sol do amanhecer. Movia-se tão rápido quanto podia. O veneno o tornava lento, entontecia-o, mas conseguiu manter-se erguido.

O sol saía já pelo horizonte, nublando sua vista e lhe fazendo arder os olhos. Cambaleou-se mas conseguiu não cair e correu como nunca.

Cada segundo era vital, cada passo que dava através da grama era doloroso, cada pernada o aproximava mais a um lugar seguro. Ardia-lhe a pele, sentia como se queimava, tão por dentro quanto por fora. Não sabia onde tinha começado o fogo, só sabia que, embaixo daquele



lençol e suas roupas, sua pele estava ardendo, estava-se ulcerando.

Não ia conseguir. Ia explodir como tinha feito Dreux. O sol o queimaria e o converteria em um montão de cinzas.

A única coisa que fazia com que seus queimados pés continuassem movendo-se era que sabia que, se ele morria, Pru morreria também. Ela era a única coisa que lhe dava forças para suportar essa agonia que ameaçava destruí-lo.

Ele ia conseguir.

Não soube como foi capaz de saltar do chão até o balcão do quarto de Molyneux. Foi como se uma mão invisível o levantasse e o depositasse ali. Talvez graças ao sangue das prostitutas, talvez o medo que tinha de perder Pru, ou pode ser que Deus ou Satanás o tivessem ajudado. Fora o que fosse, conseguiu chegar ao quarto do sacerdote.

Marcus já estava ali. Tinham preparado a cama para Pru. Molyneux se sobressaltou ao vê-lo, enquanto que Marcus o olhou horrorizado. Devia ter muito mau aspecto, com a pele queimada e os olhos esbugalhados.

Marcus agarrou Pru antes que Chapel caísse.

-Ajuda-a -suplicou Chapel a Molyneux enquanto se arrastava até a parede. Era o único lugar onde podia esconder-se dos raios do sol que entravam no quarto.

"Envenenaram-na. Foi Temple. Precisa de sangue. -Reuniu as poucas forças que restavam e chegou até o closet sem prestar atenção ao que o rodeava.

"Salva-a"

Molyneux assentiu e Chapel soube que seu amigo não ia falhar lhe.

-E quem salvará a você, *mon ami*?

Chapel não lhe respondeu. permitiu-se olhar a Pru por uma última vez; a via tão frágil, ali, na cama do sacerdote... Marcus já estava levantando a manga da camisa para dar a Pru seu próprio sangue. Quando tudo aquilo tivesse passado, Chapel ia dar uma surra a Grey por ter levado ao Pru à escavação. Era óbvio que aquele jovem ainda não confiava nele.

Isso, ou queria que Pru tivesse a oportunidade de beber do Graal Maldito se tivesse estado ali. Estúpido, estúpido moleque. Ocuparia-se dele mais tarde.

Chapel fechou a porta do closet e ficou lá, naquela bendita escuridão. A cabeça doía e dava voltas. O corpo inteiro se retorcia de dor, mas ao menos o fogo da luz do dia já não o tocava.



A única pessoa que podia salvá-lo era ele mesmo. Tinha que recorrer a todas suas forças e a sua própria vontade para curar-se. Se não o fizesse, a combinação do veneno com os raios do amanhecer podia ser seu fim. Tinha que agarrar-se a sua existência apesar da dor, apesar do tentador que era aceitar a paz que a morte por fim lhe oferecia.

E ia agarrar se a isso, porque, depois de ter desejado a morte durante séculos, agora por fim tinha a alguém por quem valia a pena viver.

E Chapel queria ver seu rosto embora só fosse mais uma vez.

CAPÍTULO 13

Deus deve ter algo planejado para você, *mon ami*, parece que vai viver mais outro dia, *comprenez vous?*

Por estranho que parecesse, Chapel o entendeu, e acreditou em suas palavras. Não ia morrer. Não queria morrer. Pela primeira vez em vários séculos queria viver; desejava-o com todas as suas forças, embora isso significasse suportar aquela horrível dor durante mais tempo.

Muitas das feridas tinham desaparecido. Passou quase todo o dia encerrado no closet de Molyneux, curando-se a base de dormir e de escuridão. A todos da casa foi dito que Chapel sofria uma crise por culpa de sua "alergia" ao sol, mas isso não impediu os constantes toques à porta de Molyneux perguntando se se encontrava bem.

Cada vez que alguém chamava, Chapel despertava e ficava à defensiva, preparado para atacar, o que não ajudava a sua cura. Finalmente, Molyneux optou por sair do quarto durante umas horas. Deu à família o último parecer sobre a saúde de Chapel e proibiu ao serviço que entrasse em seu quarto. Chegou inclusive a fechar a porta com chave, e Chapel o agradeceu. Bastante difícil seria explicar seu aspecto aos outros, para não falar do assassinato de um dos criados do senhor Ryland no porão das ruínas.

Molyneux cuidou dele como o tinha feito tantas vezes ao longo de sua amizade.



Às vezes, Chapel ainda se surpreendia de ver o Francis Molyneux. Quando o olhava, esperava encontrar a aquele jovem sacerdote a quem tinham atribuído que o vigiasse, como se fosse um menino abandonado ou uma mascote exótica. Chapel deixou que a Igreja acreditasse que podia lhe controlar, tanto a ele como a seus amigos, e enquanto rezava para que fora certo.

Fazia quarenta e cinco anos que a Molyneux tinha sido encarregada a tarefa de vigiá-lo; nessa época, era um jovem cheio do fogo de Deus. Agora, seu cabelo negro se converteu em cinza e suas jovens feições tinham desaparecido. Estava mais gordo, o notava mais baixinho, mas para Chapel sempre seria aquele jovem que se atreveu a olhá-lo pensando que Deus o protegeria de seu demônio interior. Chapel não demorou a lhe tirar essa idéia da cabeça. Alongou suas presas, segurou ao jovem contra o chão e deixou que Molyneux visse a morte que havia em seus olhos.

O sacerdote ficou deitado debaixo dele, com o coração lhe pulsando tão rápido como o bater de asas de um colibri. Olhou-o aos olhos e então Chapel sentiu a afiada ponta de uma estaca contra seu peito. O menino estava aterrorizado, mas era muito valente. Foi o primeiro de uma longa lista de pessoas que Chapel acreditou capazes de matá-lo se fosse necessário. Isso fez com que o jovem sacerdote ganhasse o respeito do vampiro e, com o passado do tempo, também sua amizade. Por isso a Chapel doía ver envelhecer a seu amigo. Algum dia morreria, como todos, e Chapel sentiria muito sua falta quando se fosse. Chegaria outro jovem sacerdote, outro que também ia querer demonstrar sua valia, que queria derrotar ao demônio que habitava dentro de Chapel, dominá-lo, mas nunca haveria outro Molyneux.

Assim como nunca haveria outra Pru.

Chapel estava já em seu quarto, quase recuperado tanto do veneno quanto das queimaduras do sol. Molyneux lhe assegurou que o médico da família não iria visitá-lo, e lhe deu notícias de Pru.

-Como está hoje? -perguntou Chapel afastando os lençóis da cama. O quarto estava às escuras, mas sabia que o sol estava se pondo. Podia sentir como a paz chegava a seu corpo.

Molyneux se aproximou da janela e afastou as cortinas para deixar que entrasse a suave luz do entardecer. Chapel fez uma pequena careta de dor, pois



ainda tinha os olhos muito sensíveis, mas já não ardiam.

-Espera-se que a senhorita Ryland esteja já totalmente recuperada de sua experiência. Acredito que esta noite vai jantar conosco.

A Chapel custou respirar. Ele ainda não sabia se estava preparado para assistir ao jantar.

-Estou o bastante apresentável para ir eu? –perguntou. Chapel não tinha nem idéia do aspecto que tinha, só sabia como se sentia, e com as dores que ainda notava seu critério não era de todo confiável.

E olhar por si mesmo era a ultima coisa que queria fazer. Ele não se olhava freqüentemente nos espelhos porque a prata combinada com sua maldição alterava seu aspecto de um modo perturbador e indescritível. Depois incidente no porão não se atreveu a fazê-lo.

O sacerdote sorriu.

-As bochechas se vêem um pouco rosadas pelas queimaduras, mas de resto tem um aspecto viril e saudável.

Chapel arqueou uma sobrancelha.

-Viril, né? Acha que as damas se renderão a meus pés assim que me verem?

Molyneux piscou.

-Isso foi uma piada? Desde quando tem senso de humor? Agora sim acredito que possivelmente esteja morrendo.

-Tampouco é tão estranho -replicou Chapel atravessando o tapete para ir ao quarto de banho anexo a seu quarto. Rosecourt estava equipada com todos os luxos, e aquela preciosa banheira era o deleite de Chapel, em especial a ducha que a acompanhava.

-Posso contar com os dedos de uma mão os comentários engraçados que tem feito no último século.

Chapel se deteve diante da porta do banheiro.

-Fala a sério? -Não pode ser que fosse tão sombrio e depressivo, não?

-Ah, *oui* -assentiu Molyneux.

-E como suporta ficar comigo?

-Eu tenho bastante sentido de humor para os dois.

Chapel riu e lhe deu a razão.

-De fato - continuou seu amigo



evitando o olhar de Chapel enquanto escovava uma manga de seu casaco-, desde que estamos em Rosecourt não é o mesmo. A mudança tem sido do mais... agradável.

Chapel tirou a bata, abriu os grifos e entrou na banheira. Estava se enchendo de água morna e no momento o cobria até os tornozelos. De um vaso que havia ao lado da banheira agarrou um punhado de ervas que o ajudariam a curar-se melhor e as jogou na água.

-Acha que é mérito de Pru, não é assim?

O sacerdote adotou uma expressão de inocência.

-Por que ia acreditar isso?

Porque Chapel sabia que era verdade. Porque Pru o fazia sentir-se mais vivo do que havia se sentido... Nunca.

-Dentro de pouco voltarei a ser o mesmo, não se preocupe. -tentou parecer alegre, mas não o conseguiu.

Molyneux se entristeceu.

-Isso é precisamente o que me preocupa.

Ele não respondeu.

Depois de banhar-se, Chapel retornou a seu quarto vestido com uma limpa bata de seda negra. O descanso o tinha ajudado, e o banho também. Não havia nenhum motivo pelo qual não pudesse ir abaixo e ficar com Pru, e com os outros, claro.

Secou o cabelo com uma toalha macia. Os tempos modernos o haviam mal acostumado e, às vezes, sentia que se comportava como uma mulher. Nessa época inclusive os homens usavam sabões aromatizados. Ele ainda recordava quando se banhava nos rios gelados e utilizava areia para eliminar a imundície de sua pele.

Para ser sincero, tinha que reconhecer que adorava os sabões aromatizados; cheiravam a sândalo.

-falaste com o Marcus? -perguntou Chapel ao ver que Molyneux continuava ali, sentado em uma cadeira junto à janela. Mal ficavam uns raios de luz. O entardecer desenhava uma fina linha laranja contra o céu violeta.

O sacerdote assentiu sombrio.

-Sim. O jovem se ocupou do cadáver do homem.

Isso era uma

boa notícia. O último



que precisavam era que as autoridades locais metendo o nariz e fizessem perguntas incômodas.

-O que fez com ele?

-Não perguntei. Não quero saber. Assegurou-me que em caso de que o encontrem, não haverá nada que o relacione com os Ryland.

-Isso é o único importa. -Se encontravam o corpo fora de Rosecourt assumiriam que tinha sido assassinado por uns ladrões-. Que mais te disse? Encontrou-o?

-O Graal Maldito? Não, não o encontrou, mas tanto você como eu sabemos que isso não significa que não esteja ali. E espero que siga escondido.

O Graal Maldito? Molyneux acreditava que lhe perguntava pelo Graal Maldito?

-Referia-me ao Santo Grial. Encontrou-o?

Molyneux cruzou de pernas. O movimento pareceu lhe custar e Chapel se lembrou de que seu amigo tinha já uma idade. De repente lhe pareceu muito velho, e muito, muito cansado.

-Não, meu amigo. Temo que não.

Chapel apertou a toalha entre os punhos, com tanta força que umas gotas de água caíram por seus dedos.

-Ela sabe?

Se fosse possível, Chapel juraria que Molyneux acabava de envelhecer cinco anos naquele instante.

-Não, acredito que não.

Chapel se voltou. Pobre Pru. O que podia fazer agora?

-Eu direi -decidiu sem vacilar, por muito doloroso que fosse- Marcus não terá estômago para fazê-lo. -Marcus desejava tanto encontrar o Graal para Pru que inclusive se atreveu a desafiar Chapel. Certamente que preferia morrer antes que dizer a seu amiga que lhe tinha falhado.

-É muito consideração por sua parte.

Uma risada amarga escapou da garganta de Chapel.

-Sim, eu sempre fui muito considerado.

-Você a salvou. Ou acaso não o fez?

Chapel o olhou sério.

-Sim, e para

que? Para ter ainda



uma morte mais dolorosa?

Molyneux sorriu.

-Talvez esse não seja seu destino. Deus te permitiu salvá-la; perdoou-lhe a vida igual perdoou isso a você.

Chapel sacudiu a cabeça. Realmente um homem adulto podia ser tão inocente?

-Deus não me perdoou a vida, François.

-Como pode dizer isso? Está vivo.

-Estou vivo porque fui a um bordel e bebi o sangue de treze mulheres. Estou vivo porque estava o bastante forte para resistir aos raios do sol. -Atirou a toalha e se voltou para olhar a seu amigo - Estou vivo porque não estava disposto a permitir que Ele levasse Pru de meu lado; não antes de que eu a tenha amado. Por isso estou vivo.

Molyneux empalideceu.

-Matou a alguma dessas mulheres?

-É obvio que não -grunhiu Chapel.

O alívio que o sacerdote sentiu foi evidente.

-Me alegro. Nesse caso, não há nenhuma necessidade de que continue se torturando. Se não o tivesse feito, talvez não teria podido salvar à senhorita Ryland.

Chapel não se incomodou em lhe dizer que provavelmente essas mulheres também tinham salvado Pru de seus instintos. E tampouco se incomodou em dizer a Molyneux que mataria com prazer a vinte humanos, homens ou mulheres, se isso significasse que Pru podia viver uma vida inteira. Diabos, trocaria a si mesmo por ela se isso não implicasse amaldiçoar a alma de Pru para sempre.

Mas embora estivesse disposto a matar por ela, não se atrevia a convertê-la no que ele era, porque sabia que não o faria isso por Pru.

Faria isso por ele.

Marcus tinha a boca cheia de sangue. Cuspiu em uma das botas dos homens que o sujeitavam. Tinha um a cada lado, lhe agarrando os braços com força para que não pudesse voltar a atacar a seu líder. Não lutou para soltar-se, mas mantinha os músculos tensos, preparados para golpear assim que se apresentasse a oportunidade.



Tinha ido ali em busca de respostas; para encontrar algum modo de romper a relação que tinha com aqueles homens. Em vez disso, encontrou mais mentiras, mais enganos.

Quando se deu conta do que eles tinham feito, do que tinham feito a Pru, não pôde conter-se. Simplesmente, atacou-os, e se jogou ao pescoço do homem que era responsável por todo isso.

Olhou ao que tinha diante, o homem que o tinha golpeado, e logo observou ao que estava detrás deste, limpando a comissura dos lábios com um lenço branco.

Esse, ao que tinha ouvido chamarem de Mago, levantou os olhos para olhar ao Marcus.

-É um homem muito valente, e muito estúpido, senhor Grey. O que esperava conseguir vindo aqui e me atacando?

-Você estava no porão. -Ao Marcus doía a mandíbula da força com que a apertava para conseguir reprimir a vontade que tinha de golpear aos homens que o seguravam. Deu um pontapé ao cadáver que havia a seus pés, o mesmo que ele tinha levado até ali-. É um de seus homens, estou errado?

Mago deslizou os olhos até o corpo e não o negou.

-Não encontramos o Santo Graal, se isso for o que o preocupa.

Marcus agüentou o olhar do homem e seus cabelos se arrepiaram. Embora o tivessem encontrado, duvidava que aquele tipo o dissesse. Era esperto o suficiente para esconder que tinha esse objeto em seu poder, se assim fosse.

-O que encontraram?

Um lento sorriso se desenhcou nos ensangüentados lábios de Mago.

-Nada, algumas animálias, velhas relíquias. Nada que possa lhe interessar.

O coração de Marcos deu um pulo em seu peito. Havia algo escondido nas palavras de Mago. Sim, era o bastante esperto o como para não dar detalhes, mas não podia evitar fanfarronear. Animálias. Relíquias. Temple. O Graal Maldito. Que Deus os ajudasse.

-Prometeu que me deixaria falar com Temple.

Como se isso tivesse ainda alguma importância. Ao princípio, Marcus tinha se entusiasmado com a idéia de descobrir algo mais sobre Dreux Beauvrai e sobre a criatura em que se converteu. Queria descobrir o escuro segredo do passado de sua família, e sim, a idéia de imortalidade o



intrigava, mas nesse momento... nesse momento tudo lhe parecia estúpido e egoísta comparado com a ânsia de viver que tinha Pru.

O que tinha feito? Por sorte o veneno não tinha matado Pru, mas tampouco tinham encontrado o Graal. Eles lhe tinham prometido o Graal. Ele em troca tinha prometido guardar silêncio; garantiu-lhes que ninguém saberia que estavam envolvidos.

Mas o mais importante era que tinha prometido a Pru que encontraria o Graal. Marcus estava convencido de que naquelas ruínas achariam algo que poderia salvá-la; e quase a tinha matado.

As promessas não significavam nada para aqueles sujeitos. Só entendiam o poder. E agora o tinham.

Esperava que Pru pudesse perdoá-lo algum dia. Esperava que Chapel o ajudasse e que não o matasse pelo que tinha feito. Talvez com a ajuda de Chapel pudesse consertar toda aquela confusão.

-Quer que volte a bater nele, chefe? -perguntou o homem que tinha lhe dado um murro.

Mago se aproximou, o corte que tinha no lábio estava ainda aberto, mas tinha parado de sangrar.

-Não, eu mesmo me ocuparei dele.

Marcus não pôde evitar sorrir.

-A sério se acha capaz, velho?

Logo que essas palavras saíram de sua boca, soltou-se de quem o segurava, agarrou a ambos pela nuca e os fez entrecocar suas cabeças. Ainda não tinham chegado ao chão quando atacou ao terceiro homem; deu-lhe um golpe seco no pescoço e outro na nuca deixando-o inconsciente.

Então tirou a pistola do bolso e a apontou ao chefe.

Talvez fosse um estudioso, mas Marcus tinha aprendido a lutar com um profissional que seu pai tinha contratado quando ele tão somente era um garoto. Tinha melhorado as técnicas que lhe tinham ensinado no ringue de boxe com os truques que tinha aprendido nas letais ruas do porto e em algumas outras mais próximas de sua casa. Sabia como lutar e não tinha nenhum problema em brigar sujo.

Mago

entrecerrou os olhos,



agora pareciam duas bolinhas negras em seu pálido rosto.

Marcus arrumou bem a jaqueta.

-Quero lhe dar a oportunidade de pôr fim a tudo isto.

-Meu querido rapaz, quem vai chegar a seu fim é você.

O ar que os rodeava começou a tornar-se mais pesado, como se estivesse se aproximando uma tormenta. Marcus não estava certo do que Mago era capaz de fazer, mas esse homem considerava a si mesmo uma espécie de mago ou sacerdote. Se era responsável por aquela mudança de tempo, se era capaz de conjurar esse tipo de magia, Marcus e sua pistola não tinham nenhuma possibilidade de vencê-lo.

Marcus deu um passo atrás, para as portas do balcão, brandindo a pistola pronta para disparar.

-Me interpretou mal, Mago. Estou pondo fim a nossa relação, mas isto ainda não acabou. Não vou permitir que leve o Graal, nenhum dos dois cálices, e não vou permitir que use a Temple para suas ânsias de poder.

O sorriso do homem foi orgulhoso e tinto de sangue.

-E como pensa impedi-lo, senhor Grey? Você não tem suficiente poder.

Marcus saiu ao balcão. Deslizaria pelos tubos até o chão, onde logo mais abaixo se via um carro.

-Não preciso de poder -respondeu ele sorrindo enquanto saltava o corrimão- Tenho ao Chapel.

-O que quero saber, senhor Chapel, é como você soube que minha filha estava em perigo.

Se não fosse porque Thomas Ryland estava Sorrindo, Prudence teria se preocupado pelo homem ao que o fazia essa pergunta. Mas Chapel se limitou a sorrir por sua vez.

-Dada a curiosidade insaciável da senhorita Ryland, pareceu-me a opção mais lógica.

Inclusive Pru riu dessa resposta.

-Está insinuando que sou uma bisbilhoteira, Chapel? -Não se importava que zombasse dela; era tão maravilhoso poder voltar a vê-lo... Tão maravilhoso saber que estava bem...



Chapel era a pura imagem da inocência.

-É obvio que não, senhorita Ryland. Isso seria de muito má educação de minha parte.

Seus olhares se encontraram, e esse instante durou o suficiente para que Pru se derretesse por dentro. Então seu pai voltou a falar:

-Bom, pelo que me diz respeito, me alegro muito de que fosse assim. Obrigado por arriscar sua própria vida para trazê-la até aqui.

Thomas Ryland estava a ponto de chorar e, por sua culpa, ela também. Suas irmãs estavam também claramente comovidas. Nenhum deles estava preparado para despedir-se, ainda não.

Com gesto sóbrio, Chapel ficou sério e inclinou a cabeça para o pai de Pru.

-Eu o fiz com prazer, senhor. E voltaria a fazê-lo.

Em seu tom não havia nada além de sinceridade. Chapel sentia cada uma das palavras que havia dito. Ele voltaria a arriscar-se para protegê-la. Por quê? Por tê-la salvo o sol o tinha queimado, ou ao menos isso era o que Georgiana tinha ouvido dizer. Ao salvar a ela se pôs em perigo, e mesmo assim o tinha feito.

Saber que tinha arriscado sua vida para protegê-la fazia que Pru sentisse um aperto no peito que não queria analisar. Os olhos lhe ardiam de lágrimas de gratidão e afeto.

Sim, afeto. Gostava de Chapel. Bom, era muito mais que isso. O mero feito de saber que ia vê-lo fazia com que os dias parecessem muito mais brilhantes. Sentia-se atraída por ele, interessava-lhe como pessoa e, agora que tinha demonstrado ser um herói, Pru corria o perigo de apaixonar-se completamente por ele. Isso não era nada bom. Gostar e deitar-se com ele era uma coisa, mas apaixonar-se... bom, isso podia ser doloroso para ambas as partes.

Falando de dor, Marcus não estava ali essa noite. De fato, Pru não o tinha visto desde "acidente". Sentia-se culpado do que tinha passado, ou na verdade estava tão ocupado como havia dito a Caroline? Ela confiava em que fosse o segundo. Não era culpa dele que ela tenha se machucado. Pru tinha ido às ruínas por vontade própria, sabendo o risco que corria.

Ou o que acontecia era que não queria lhe dizer que já não restava nenhuma esperança? Essa possibilidade tampouco queria encarar, mas tinha que aceitar que podia ser assim. Tinha que aceitar que



ia morrer, que nunca ia ter cãs, nem rugas ao redor dos olhos, nem nenhuma de todas essas coisas que a tinham aterrorizado quando era mais jovem e que agora daria qualquer coisa para poder viver.

Teria sido tão maravilhoso encontrar o Santo Graal, sustentar essa lenda em suas mãos...

Mas ainda não estava morta, assim não ia agir como se estivesse. Estava cansada e lhe doía o corpo, mas bebeu um pouco de vinho, comeu um pouco de rosbife e se propôs a desfrutar da companhia das pessoas a que amava. O padre Molyneux lhe havia dito que comer era o melhor que podia fazer para recuperar as forças, e desde que despertou não tinha deixado de fazê-lo.

Depois do jantar, as damas se retiraram ao salão e, um pouco mais tarde, os cavalheiros foram lhes fazer companhia. Logo que Chapel entrou na sala, Prudence o chamou para que fosse para ela. Matilda se levantou do sofá, onde estava sentada junto a Pru, para que Chapel pudesse ocupar seu lugar e, depois de acariciar a bochecha de sua irmã, deixou-os sozinhos.

Chapel se sentou no lugar que tinha ficado vazio, seu comprido e musculoso corpo se acomodou ao lado dela com elegância e simplicidade. Supunha-se que nesse sofá duas pessoas podiam estar confortáveis, mas tão perto de Chapel, Pru não o considerava absolutamente.

Deus santo, estava tão bonito vestido com aquele traje de noite!

Pru pôs uma mão em cima da que ele tinha descansando na coxa. Sentiu sua pele cálida e firme. Podia sentir a força de seus dedos.

-Quero te agradecer por me salvar a vida.

Chapel parecia incômodo, e não deixava de olhar a mão dela, como se não soubesse o que era. Pru não tinha intenção de afastá-la.

-Por favor, não me agradeça. No que diz respeito a mim, não tive alternativa. Olhou-a aos olhos- Fiz o que tinha que fazer, e não o fiz para ganhar nenhuma medalha.

Estava sendo modesto, ou tentava livrar-se dela? Seu tom de voz não era cruel, mas tampouco tão doce como Pru tinha esperado que fosse.

-Embora fora o correto, para mim significa muito, e por isso quero lhe agradecer isso.

Chapel inclinou

a cabeça.



-Está bem, aceito seu agradecimento.

Ficaram olhando-se em silêncio. Pru não se cansaria nunca de olhar aqueles olhos dourados.

Alguns segundos mais tarde, ela rompeu o silêncio:

-Espero que sua heróica ação não tenha te deixado seqüelas muito graves.

Chapel sacudiu a cabeça.

-Estou bem.

E a verdade era que tinha bom aspecto. Além das bochechas e a ponte do nariz um pouco queimados, não se via nada mais. Mas bom, ao fim e ao cabo ela tampouco tinha o aspecto de alguém que tinha estado a ponto de morrer envenenado.

-Como extraiu o veneno de meu corpo? -Formulou a pergunta antes de que lhe ocorresse um modo menos atrevido de fazê-la.

Ele nem sequer piscou.

-Suguei-o.

OH. Deus. Sentiu como lhe ardiam as bochechas e, com a outra mão, apertou a seda que cobria seus seios. Ainda tinha a pele irritada e um pouco arroxeadada, mas a ferida quase tinha desaparecido, o que era muito estranho.

Sugou-o?!

Pru afastou o olhar. Podia Chapel ver como a afetava? Estavam falando de que lhe tinha salvado a vida e ela se excitava ao pensar em como o tinha feito!

E também se sentia aflita por isso. Chapel não só se arriscou a queimar-se com o sol, também tinha ingerido aquele horrível veneno... por ela. Era muito mais do que nunca poderia lhe agradecer.

Serenou-se e voltou a olhá-lo.

-Outra vez se arriscou por mim.

Ele girou a mão para que a palma dela descansasse em cima da dele. Continuando, fechou os dedos em cima dos de Pru. Foi uma sensação emocionante, muito íntima.

-Parece surpresa.

-Estou-o. Segundo minha experiência, as pessoas não estão acostumadas a arriscar-se por qualquer um.

-Não o fiz por

qualquer um. -Chapel



levantou a cabeça, confuso ao ter que lhe explicar- O fiz por você.

Pru voltou a sentir aquele calorzinho. Via mais do que devia em suas palavras ou ele realmente sentia algo especial por ela?

-Vai fazer com que me ruborize.

Um sorriso se insinuou nos sensuais lábios de Chapel.

-Fui muito atrevido. Desculpe-me.

-Prefiro que continue sendo-o. -Ela também podia ser atrevida. Talvez tenha chegado o momento de dizer o que sentia. Do que servia continuar escondendo?

-De acordo. -O sorriso de Chapel ganhou encanto e sensualidade.

Voltaram a ficar em silêncio, mas desta vez, mercê a seus comentários atrevidos, foi um silêncio cheio de calor e sedução.

-Inspecionou o porão? -Essa pergunta ia colocar a perder toda a intimidade criada entre eles, mas Pru precisava saber a resposta antes de lhe pedir o que queria de verdade.

Tal como temia, Chapel ficou sério.

-Um pouco.

Ergueu as costas.

-Não estava ali, certo?

Passou um segundo, uma eternidade. Ela não tinha que explicar a que se referia.

Chapel sacudiu a cabeça. Não foi piedade o que viu em seus olhos quando respondeu, o que se refletia neles era o quanto o lamentava.

-Não. Mas voltarei a procurá-lo, prometo isso.

Pru sabia que ele não esperava encontrá-lo. Não devia se surpreender. Não devia ter tanta vontade de chorar.

-Agora já sabe por que queria encontrá-lo, não?

Desta vez, ele moveu a cabeça de um modo afirmativo.

-Sim.

-Não era porque quisesse fama ou reconhecimento. -por que lhe dizia tudo isso se não precisava? Chapel já sabia por que queria o Graal; podia vê-lo na tristeza que enchia seus olhos.

Pru voltou a sentir a ameaça das lágrimas, mas piscou para as afastar.

-Não queria ser imortal, nem famosa.



Só quero viver uma vida normal.

Os dedos de Chapel apertaram os dela. Não parecia se importar que fosse inapropriado, nem que os outros pudessem vê-lo.

-Merece isso. Se eu lhe pudesse dar isso, daria.

E Pru viu que era sincero.

-É um grande homem, Chapel.

Ele afastou a mão, e foi uma retirada tanto física quanto emocional.

-Não sou um bom homem. Não sabe as coisas que cheguei a fazer em minha vida.

Pru não se resignava a deixá-lo ir, assim que agarrou sua mão.

-Não me importa o que tenha feito no passado. O único que me importa é o que tem feito por mim. Se não se incomodar, eu gostaria de te pedir uma coisa.

Chapel franziu suas espessas sobrancelhas douradas.

-Me peça o que quiser.

O coração de Pru galopava como um cavalo desbocado. Ele não sabia o que ela ia dizer e mesmo assim estava disposto a agradá-la.

-Sabe conduzir, Chapel?

-Refere-se a um automóvel? -Arqueou uma sobrancelha - Sim, sei conduzir.

-Se importaria me ensinar? -Certamente que seu pai não se negaria a lhe emprestar o Daimler se Chapel fosse com ela. No que ao se referia senhor Ryland, Chapel não fazia nada mal.

Pru tinha querido conduzir o carro desde que seu pai chegou em casa com ele. Seria divertido, e assim pensaria em outras coisas. Passava muito tempo trancada em seus pensamentos e afastada do mundo.

Chapel deu de ombros, e o alívio que sentiu foi evidente em seu rosto. Acaso acreditava que ia pedir lhe algo mais pessoal?

-Claro que não.

Pru sorriu.

-Obrigado. -Não tinha sido tão difícil. Talvez logo reuniria a coragem suficiente para lhe pedir que compartilhasse todos os seus segredos e sonhos com ela.

Talvez então fosse mais fácil pedir que lhe fizesse amor.



CAPÍTULO 14

Encontrou alguma coisa? -perguntou Molyneux após trinta minutos de absoluto silêncio.

Chapel afastou a tapeçaria que escondia a entrada do túnel e sacudiu o pó e as teias de aranha das calças.

-Nada. É óbvio que Temple só usava o túnel para entrar e sair do porão.

A passagem levava até a praia, a um lugar fechado perto da base dos escarpados. Estava o bastante afastado do chão para evitar que os humanos subissem até ele e parecia o suficientemente perigoso para dissuadi-los de fazê-lo. Não estranhava que Temple tivesse escolhido esse lugar como esconderijo.

A pequena cela estava muita limpa e quase não havia pó, o que significava que Temple tinha estado vivendo ali até pouco tempo. O cheiro de vampiro ainda permanecia no ar, o que implicava que tinha estado ali antes do acidente de Pru.

Mas aquilo não tinha sido um acidente. Talvez o veneno não tenha sido dirigido de fato a ela, realmente Chapel duvidava que fosse assim; era uma armadilha destinada a deter qualquer intruso. Tinha sido preparada por Temple? Provavelmente, dado que o veneno era o mesmo que eles tinham encontrado séculos atrás. Isso, ou quem quer que fosse que estivesse atrás de Temple descendia dos templários. As duas explicações pareciam pouco prováveis, mas não impossíveis. E uma delas tinha que ser correta.

Chapel se agachou junto à cama de armar para observar melhor a arma utilizada. Um cabo que cruzava chão tinha servido de gatilho para disparar o dardo que feriu Pru. Ela tropeçou com ele ao aproximar-se para olhar o homem morto. Não era uma instalação muito sofisticada. Quem tinha deixado ali aquele cadáver, sabia que quem se aproximasse dele acabaria sendo envenenado.

Talvez por isso o tinha feito.

-Acompanhou a Grey para se desfazer do morto?

Molyneux deixou de investigar o alçapão secreto do chão. Soltou o canto do tapete e tossiu ao inalar um pouco de poeira.

-Para ser sincero, e mesmo que Deus tenha isso em conta algum dia, estava muito preocupado por você e pela



senhorita Ryland para prestar atenção ao que o senhor Grey fazia com esse cadáver que quase consegue lhes matar a ambos.

Chapel ficou de pé.

-Talvez tenham seqüestrado a Temple. -A idéia de que alguém pudesse seqüestrar a um vampiro era absurda, mas não impossível, em especial se esse alguém sabia o que estava fazendo e o que enfrentava.

Essa idéia lhe dava medo. Tinham seqüestrado a Temple ou ele tinha conseguido fugir para matar ao intruso? Havia sinais que sustentavam ambas as opções, sem esquecer do homem morto, claro. Houve uma briga ali, mas não parecia que nada nem ninguém tivesse sido arrastado para a entrada, nem que o passadiço tivesse sido utilizado recentemente.

Mas os vampiros, apesar do escorregadio que podiam ser não podiam desaparecer. E a não ser que Temple tivesse aprendido algum truque novo, não podia sair voando de um lugar tão soterrado.

Sendo realista, Chapel tinha que reconhecer que o que tinha mais sentido era pensar que Temple se foi, mas as provas, e seu instinto, diziam-lhe que seu amigo não se foi daquele porão por sua vontade, nem por seus próprios pés. O que significava que quem o tivesse feito, tinha imobilizado a Temple e o tinha levado dali como um fardo.

Eu não gosto de nada disso -comentou Molyneux enquanto se sentava suspirando em uma cadeira.

Eu tampouco. -Um brilho dourado captou a atenção de Chapel e se agachou com cuidado para não disparar nenhuma outra armadilha. Havia um singelo anel dourado ao lado da cama de armar. Reconheceu-o em seguida.

Era o anel de Temple, que lhe havia sido dado por sua esposa.

Chapel o pegou e se voltou para o sacerdote.

-Ele não teria ido sem isto.

Molyneux esfregou a testa com dedos trêmulos.

Quem teria a força suficiente para levar Temple?

O anel se deslizou com suavidade no dedo anelar da mão direita de Chapel. Não ia deixar esse anel ali para que alguém pudesse roubá-lo. O devolveria a Temple quando o encontrassem.

-Tem que ter sido alguém que



soubesse ao que estava enfrentando. A questão é, como sabia?

-Talvez eu possa responder a isso.

Ao Chapel não surpreendeu a chegada de Marcus, fazia tempo que o tinha ouvido se aproximar, mas sua afirmação foi inesperada.

Como também o cheiro de sangue e a raiva que desprendia por todos os seus poros. Chapel entrecerrou os olhos e viu como o jovem entrava no porão e se aproximava à luz do lampião que iluminava seu interior. Algo tinha acontecido, e tinha mudado ao Marcus Grey. Aquele estudioso tinha agora o aspecto de um guerreiro.

-Sabiam por que eu o disse -continuou Marcus- De fato, quase tudo isto é minha culpa.

Uma raiva sombria nublou a visão de Chapel. Aquele mequetrefe tinha a ousadia, sabendo quem ele era, de se pôr a frente e assumir a responsabilidade do que tinha acontecido a Pru.

Chapel não pôde evitar rugir diante de Marcus, o que o fez se sentir pouco menos que um animal.

-Me dê um só motivo para não te matar.

Ao jovem nem sequer lhe tremeu a voz.

-Porque se estiver morto não posso consertar o que fiz.

Não, mas Chapel se sentiria muito melhor.

-E acha que estando vivo pode fazer isso?

Marcus o olhou diretamente nos olhos.

-Não sei, mas quero tentar.

-Tentar não é suficiente para Pru. -Apertou os dentes. As presas lhe arranharam o lábio inferior. Uma dentada rápida bastaria para eliminar Marcus Grey para sempre.

E Pru o odiaria por isso.

-Eu nunca prometi salvá-la. Ofereci-me a ajudá-la para que ela pudesse fazê-lo. Tentar foi a única coisa que lhe ofereci, foi a única coisa que ela me pediu. - Marcus levantou o queixo - Me Diga, senhor imortal, o que você deu a ela? A quem não ofereceu seu sangue?

-Mon Dieu -sussurrou Molyneux. Apesar de que seus ouvidos retumbavam, Chapel pôde ouvi-lo perfeitamente.



-O que você sabe de meu sangue? -Não podia ser que estivesse insinuando que Chapel a convertesse em um vampiro. Por Deus, claro que sim; isso era precisamente o que estava dizendo. Antes já o tinha insinuado.

Marcus deu de ombros como se a resposta fosse evidente.

-Estudei aos de sua espécie desde que ouvi falar pela primeira vez de Dreux. Sei que seu sangue poderia salvar Prudence.

-Evitaria que morresse, mas não a "salvaria". -Aquele garoto era idiota. Por isso tinha levado Pru ao porão essa noite? Sabia que lá havia uma armadilha?

Chapel se aproximou de Marcus. O jovem não se afastou, mas Chapel pôde cheirar sua inquietação.

-Trouxe-a aqui com a esperança de que encontrasse o Graal Maldito?

-A trouxe aqui porque queria que ela pudesse escolher por si mesma se o usava ou não; fora qual fosse o Graal que encontrássemos.

Chapel não deveria estar tão surpreso como estava.

-Mesmo se tivesse sido o Graal Maldito?

Marcus assentiu.

-Tenho assumido que não quer transformá-la, mas se puder escolher, talvez ela decidisse salvar a si mesma.

-Salvar a si mesma? Ficou louco? -Como podia Grey sugerir tal coisa?- A única coisa que faria seria condenar sua alma para sempre.

Grey olhou ao Chapel como se acreditasse que ele era o idiota dos dois.

-De onde tirou essa idéia?

-Os vampiros são uma raça demoníaca, querido garoto.

Grey deu de ombros.

Eu prefiro acreditar que são descendentes da primeira mulher de Adão e de um anjo caído, mas se você quer acreditar que são demônios, vá em frente.

-Há alguma diferença? Um anjo caído é isso, e tanto Lilith como Sammael o eram.

-Também foram criados por Deus - argumentou Marcus - O fato de que caíssem na escuridão não muda isso. Inclusive Lúcifer continua sendo um anjo.

Molyneux interveio:

Qualquer outro dia estarei encantado de discutir sobre tudo isto com você, senhor Grey, mas agora não temos



tempo. Por favor, nos conte o que sabe.

Chapel olhou desconfiado como o jovem se aproximava da mesa junto à qual Molyneux estava sentado. Queria arrancar o pescoço de Grey só por ter posto Pru em perigo, mas não podia fazê-lo; em parte porque pensava que podia lhes ser útil e em parte porque queria acreditar em tudo o que aquele jovem lhes estava dizendo. Talvez se o ouvisse dizer a mais pessoas acabaria por ter esperança, por acreditar que, para ele, a salvação ainda era possível.

-Faz algum tempo, um homem se aproximou de mim. Disse-me que tinha ouvido dizer que eu estava interessado em Dreux Beauvrai, e que ele tinha muita informação sobre vocês seis. - Olhou ao Chapel - Também sabia muito sobre o Graal Maldito. Inclusive me disse que sabia onde estava escondido.

-Como se chama esse homem?

-Eu só o conhecia por Mago. É o líder de uma ordem de magos que se fazem chamar "A Palma de Prata".

A Palma de Prata. Chapel tinha ouvido falar deles antes, em sussurros e em alguns textos antigos. Chamavam-se assim em referência à prata que tinha estado nas mãos de Judas Iscariote, aquelas moedas imbuídas da essência de Lilith, a mãe dos vampiros. A mesma prata que se fundiu para moldar o cálice do qual ele e seus amigos tinham bebido.

Deus, estavam relacionados com a ordem dos templários que tinha escondido tempo atrás o Graal Maldito? Eram eles os que tinham a Temple e esse Graal?

Chapel tentou esconder o pânico que começava a dominá-lo.

-Foi ele quem fez com que conhecesse Pru?

-Não. Isso foi uma casualidade, mas sim foi ele quem me animou a incentivá-la e a apoiar suas teorias. Ao princípio acreditei que só fantasiava, mas logo me contagiei com seu entusiasmo.

-Estou certo de que foi assim. -OH, sim, morria de vontade de lhe arrancar a cabeça.

Marcus olhou ao Chapel angustiado.

-Eu também comecei a acreditar que era possível. Ficamos bons amigos e, quando soube que estava doente, decidi que faria tudo o que estivesse em meu alcance para ajudá-la a encontrar o Graal. -Olhou ao redor da pequena cela- Cheguei a pensar que o



encontraríamos, que Mago estava errado sobre o que tinha escondido aqui, nestas ruínas.

Não estava. -O tom de voz de Chapel foi frio e seco como as pedras que os rodeavam.

Logo que me dei conta de quem era, comecei a suspeitar. Soube que só os enviaram para evitar que alguém encontrasse o Graal Maldito. Não disse a Mago o quanto estávamos perto da entrada do porão porque queria ter essa vantagem, mas ao que parece havia um espião entre meus homens porque ele se inteirou de todo modo. O cadáver que Prudence encontrou pertencia à ordem. -Tremeu-lhe um músculo da mandíbula- Mago enviou seus homens para apanhar a Temple e se apoderar do Graal Maldito. Tinham instruções de matar a quem se interpusesse em seu caminho.

Ficaram em silêncio. Chapel o observou minuciosamente e voltou a detectar o cheiro de sangue nele.

-Onde você esteve?

-Levei o cadáver desse esbirro a Mago.

Ou estava mentindo ou era incrivelmente estúpido... e valente.

-Confiava em que ele te matasse antes que eu pudesse fazê-lo?

Não. -Para desgosto de Chapel, Marcus não parecia muito preocupado por sua vida- Pensei que poderia lhe surrupiar alguma informação.

De alguém que chamava a si mesmo de Mago? De um homem que provavelmente pertencia às mais altas esferas da ordem da Palma de Prata? Decididamente, aquele rapaz era estúpido.

-Mas não conseguiu.

-Não. Mas sei que ontem não tinham deixado a Inglaterra.

Chapel não se incomodou em perguntar como Marcus tinha conseguido sobreviver a esse encontro. Ou Mago lhe tinha deixado escapar ou Marcus era mais esperto do que Chapel acreditava.

-Sabe aonde pensam ir?

-Não, mas suspeito que antes de ir mandarão a alguns homens para me matar. Espero conseguir que um deles me diga onde se encontra a sede da ordem.

-E como pensa lhe extrair essa informação?



Seus olhos azuis se cravaram nos de Chapel.

-Com sua ajuda.

Chapel riu; uma risada seca.

-E por que eu ia te ajudar?

-Porque já que não vai salvar Pru da morte, o mínimo que pode fazer é se vingar do que lhe têm feito.

Chapel ficou de pé em menos tempo do que se demora para piscar.

-Já me cansei de seus sermões e de suas indiretas. Você não sabe nada, nada, sobre mim, ou sobre o que se sente ao viver eternamente enquanto vê morrer às pessoas que te importa. É isso o que quer para Pru? Quer que veja envelhecer e morrer a todas as suas irmãs?

Marcus o olhou nos olhos, de igual para igual.

-Não importa o que eu queira. O que importa é o que Pru quer. Você se incomodou em lhe perguntar? Em deixar que seja ela quem escolha?

Chapel passou a mão pelo cabelo.

-É obvio que não.

Marcus se levantou. Chapel era mais alto, mas Marcus era mais musculoso. Se ambos fossem humanos, teria sido uma briga equilibrada.

Mas um deles não era humano. E Marcus Grey não parecia se importar.

-Então pare já de me intimidar com seus gritos e suas ameaças e deixe que eu pense em um modo de salvar Pru e sua família antes de que amanheça.

Antes de que amanheça? Isso era um pouco melodramático.

O que? Agora quer que converta a toda a família Ryland em vez de só a Pru?

-Não. O que quero é que me ajude a protegê-los dos homens que certamente estão a caminho de Rosecourt enquanto você e eu estamos falando. -Marcus passou por seu lado- Não acredita que esses sujeitos têm intenção de deixar com vida a nenhum dos Ryland, ou a nenhum de nós, não é?

CAPÍTULO 15

Pru não estava sozinha.

Quando

despertou ainda era



noite, e embora estivesse um pouco tonta pela falta de sono, soube que havia alguém mais no quarto.

Mal teve tempo de reagir antes de que um par de mãos ásperas a arrancassem da cama. Eram vários. Lutou contra eles, deu-lhes pontapés, golpeou-os, gritou, mas a subjugaram rapidamente. Caiu ao receber um soco na mandíbula, e o golpe a fez calar; sentia como se a cabeça fosse estalar.

Não tentou resistir de novo. A próxima vez talvez a deixassem inconsciente, e então não poderia fazer nada para defender-se.

Arrastaram-na escada abaixo até o salão. Ali havia dois homens mais apontando com seus revólveres a Matilda e Frederick, seu marido. Matilda estava aterrorizada. Pru tentou aproximar-se dela, mas o homem que havia a suas costas a deteve agarrando-a pelo braço com força.

Pru olhou a sua irmã para tentar tranquilizá-la. Um montão de homens armados trouxeram o resto da família, incluído seu pai. Rodearam-nos e os encurralaram como a um rebanho de ovelhas, todos em pijama ou camisola e tremendo confusos.

-O que querem? -perguntou seu pai.

Um dos homens que tinha pegado Pru, que parecia o líder dada a autoridade que desprendia, olhou-a antes de responder.

-Sua filha se meteu em alguns assuntos que não deveria. Não podemos permitir que a informação que tem saia daqui.

Assuntos? Informação? Do que estavam falando? Era impossível que se referissem a sua busca do Graal.

OH, Deus, sim se referiam a isso. O homem morto no porão estava vestido como aqueles homens. Era um deles. Sabiam sobre o porão. Tinham sido eles que entraram antes que Marcus e ela. Fosse o que fosse o que havia ali, agora estava em seu poder.

Aqueles tipos iam matá-los a todos. Não bastava lhe haver arrebatado a possibilidade de viver, iam deixar que morresse sabendo que, por culpa de seus atos, toda sua família ia ser assassinada. Se não fosse por suas estúpidas ambições de derrotar à morte nada daquilo estaria acontecendo.

Pru olhou aos aterrorizados olhos de Matilda.

-Sinto muito -

sussurrou e a voz lhe



tremeu por causa das lágrimas que insistiam em escapar.

O homem que estava diante de tudo, engatilhou a pistola frente a seu pai. OH, Deus, ia disparar a ele primeiro.

Seu pai fechou os olhos, calma e valente. Pru nunca conseguiria ter tanta coragem, nunca poderia aceitar a morte, que significava o final de tudo.

Ante sua surpresa, o homem se deteve o ouvir as palavras de um de seus companheiros.

-Ainda não. Ainda não temos a todos.

Como conjurados por essas palavras, a porta se abriu e entraram mais homens vestidos de negro. Empurraram ao Molyneux e ao Marcus dentro da sala. Levavam também a outro prisioneiro algemado. Sem lhe ver o rosto, Pru soube quem era. Soube por sua cabeleira dourada, pela força que emanava de seu corpo. Molyneux e Marcus estavam de roupão, como seus cunhados, mas Chapel só vestia um par de calças negras. Nas costas, na parte superior do ombro direito, tinha uma cicatriz em forma de cruz.

A pesar do perigo que corriam, Pru não pôde evitar ficar embevecida olhando o magnífico torso nu de Chapel. Dourado, musculoso, coberto por uma fina capa de pêlo. Seus bíceps eram duros e suaves ao mesmo tempo, e os músculos de seus ombros se esticavam com cada movimento, como se estivesse esperando o melhor momento para atacar.

Deus, ia ter que ver morrer a ele também? Iam todos morrer juntos?

-Por estão fazendo isto? -O som de sua própria voz a surpreendeu.

Um dos homens a olhou. Em seus olhos cinza só havia frieza. Empurrou Marcus para ela.

-Pergunte a ele.

O olhar que viu em Marcus ela não tinha visto nunca antes. Onde estava seu jovem amigo? Em seu lugar havia um homem furioso que parecia disposto a matar. Desde quando era assim? E por que havia sangue na manga de seu roupão? Tinham-lhe feito mal?

-Marcus?

Ele a olhou nos olhos.

-Sinto muito, Pru. Tudo isto é minha culpa.

"O que?"



-Como?

Antes que o jovem pudesse responder, um de seus captores deu um passo adiante.

-Chega de bate-papos. Abra as cortinas. Dentro em pouco terá amanhecido e não queremos nenhuma surpresa por parte de nosso querido amigo.

Pru ficou gelada. Ao dizer isso, o tipo indicou Chapel, a quem tinham deixado no canto mais escuro da sala.

Como podiam saber da doença de Chapel? Ou, o que era mais importante, que tipo de monstro era aquele homem para condenar Chapel a sofrer uma morte tão dolorosa?

-Bastardo - Pru o insultou.

O homem se voltou para olhá-la e a apontou com a pistola no peito.

-Humm. Já que é quão única que reclama, acho que você deve correr as cortinas.

-Não.

Engatilhou a pistola.

-Faça.

Pela primeira vez desde que tinha começado aquele pesadelo, Pru sentiu que tinha um pouco de controle sobre a situação.

-O que, vai me matar? Eu já estou morrendo, cretino. Nada pode evitar, então se quiser atirar, vá em frente. Me economizará um montão de sofrimento. Mas se quer abrir as cortinas, faça você mesmo.

Pru olhou ao Chapel. Era admiração o que brilhava em seus olhos? Ou era algo mais? Fosse o que fosse, fez ela se sentir melhor. Pela primeira vez em muito, muito tempo, sentiu-se forte e no controle de seu destino.

Mas essa sensação durou muito pouco, porque o homem apontou com a pistola a outro objetivo, Georgiana.

-Abre as cortinas ou atirarei nela.

A Pru sobreveio uma amarga e quase incontível náusea. Então sim se sentiu indefesa. Voltou a olhar Chapel. Poderia perdoá-la pelo mal que ia lhe causar ao salvar sua irmã?

Chapel assentiu olhando-a nos olhos. Entendia, mas isso não fez com que Pru se sentisse melhor quando chegou



diante da janela e correu a cortina.

Durante um instante, ficou olhando o vidro. Deveria entrar a luz, mas continuavam completamente às escuras.

Parecia pintura. Tinham pintado as janelas de preto. Acaso eles três tinham antecipado esse ataque?

Desta vez, quando Pru o olhou, não teve nenhuma dúvida do que Chapel sentia. Por um lado estava satisfeito de si mesmo, e por outro parecia ansioso por lutar. Pru se assustou um pouco. Excitou-se. Sentiu esperança.

Tampouco teve nenhuma dúvida do que pensavam os homens que os mantinham prisioneiros.

Logo tudo aconteceu muito rápido. Os homens se voltaram para o Chapel e dispararam todos de uma vez sem parar. Sua família correu para ficar a salvo e Pru gritou ao ver como matavam ao homem que tinha chegado a significar tanto para ela.

Mas Chapel não caiu ao chão como seu destroçado coração tinha temido. Não se derrubou, mas sim os atacou.

Marcus a empurrou contra o chão e a levou para trás de um sofá para protegê-la. Pru engatinhou para frente para poder ver o que acontecia. Tinha que ver o que faziam ao Chapel; seu coração o exigia.

Sentiu-se sobressaltada ao vê-lo ainda de pé. Tinha o peito coberto de feridas e o sangue corria a ferveras por seu torso bronzeado, mas mesmo assim se moveu com uma agilidade e uma rapidez hipnóticas, e com uma precisão letal que a deixou sem fôlego.

Com a corrente das algemas estrangulou a um homem. Um simples apertão e esse homem caiu morto. Este nem sequer havia tocado o tapete quando Chapel se equilibrava já sobre outro sujeito, ao que matou com a mesma eficácia. Movia-se tão rápido que o via impreciso.

Uma parte de Pru se deu conta de que deveria estar horrorizada, mas não estava. Sentia-se muito aliviada para isso. Deus, de verdade poderiam sair ilesos daquilo?

E o que acontecia com Chapel? Deveria estar morto. Aqueles tiros deveriam tê-lo matado. Por que continuava vivo? Como tinha conseguido libertar-se dos grilhões que levava nas pernas ao entrar na



sala? Como tinha quebrado as algemas que lhe capturavam os pulsos? Quando tinha feito isso? Um momento antes ainda as levava...

Observou-o enquanto eliminava a um homem atrás do outro. Um homem o atacou com uma adaga e a cravou profundamente no peito. Pru gritou assustada.

Esse era o final. Teria que vê-lo morrer. OH, Deus.

Mas Chapel seguia vivo. Arrancou a adaga do peito e a lançou despreocupado. Acertou ao pescoço de um de seus captores, que desabou no chão retorcendo-se de dor.

Pru ficou boquiaberta.

Marcus tentou arrastá-la para trás do sofá.

-Não olhe. Não deveria ver isso.

Pru se voltou para ele; começava a estar aturdida.

-O que é o que estou vendo, Marcus?

Seu amigo lhe sorriu resignado e tirou o roupão. Debaixo levava umas calças e uma camisa. Um curativo manchado de sangue lhe cobria a parte superior do braço esquerdo. Aparentemente, o roupão foi posto para fazer acreditar a aqueles malfeitores de que não os esperavam.

Tirou uma pistola da cintura das calças.

-Está vendo como Severian de Foncé nos salva de uma morte certa.

-Severian de Foncé? -Mas se esse era o cavalheiro do conto de Chapel. Chapel não podia ser Severian, não se a história era tão antiga como ele dizia.

Ou sim podia?

Voltou a olhar desde atrás do sofá e viu como Marcus ficava de pé e começava a disparar. A seu redor, sua família permanecia escondida debaixo e detrás dos móveis, enquanto Marcus, Chapel e inclusive o padre Molyneux lutavam sem trégua.

Os olhos de Chapel brilhavam de um modo sobrenatural, como se tivesse uma luz em seu interior. Pru viu como sorria ao ver que um homem se lançava sobre ele. Eram presas isso que tinha na boca?

Escondeu-se atrás do sofá e se apoiou para segurar-se. Estava se tornando louca? O medo a fazia ter visões?

E de repente a sala ficou em silêncio. Não houve mais disparos, nem mais



gritos nem se quebraram mais coisas.

Pru gritou ao ver um homem aparecer diante dela. Mas não era um homem qualquer, era Chapel, com um aspecto perfeitamente normal para ter o peito cheio de disparos. OH, sim, e também o tinham apunhalado.

-Está bem? -perguntou ele.

Pru não podia deixar de olhar o sangue que lhe manchava o rosto, e as feridas que tinha no peito.

-Acredito que eu deveria fazer essa pergunta.

-Estou bem.

Ela engoliu saliva.

-Não Chapel, não está. -Ninguém podia estar depois de tudo aquilo. Ninguém.

A pele do torso dele começou a mudar. Pru piscou. Entrecerrou os olhos e se aproximou sem se importar de observar tão de perto o peito de um homem nu. Das duas uma, ou tinha alucinações ou...

Bom, devia ter alucinações, porque não podia ser que as feridas do Chapel estivessem se fechando sozinhas.

Mas, entretanto, isso era o que estavam fazendo. Pru viu como o corte que a adaga tinha causado começava a fechar-se e a cicatrizar. Estava se curando diante de seus próprios olhos!

Levantou os olhos para Chapel.

-Quem é?

Ele tentou sorrir, mas só conseguiu parecer ainda mais triste.

-Sou um vampiro.

E então Pru, que sempre se orgulhou de ser uma mulher valente e atrevida, desmaiou.

Chapel agarrou Pru antes de que chegasse ao chão. Seu sangue manchou a virginal camisola e sentiu um nó no estômago só de pensar que esse sangue poderia ter sido o dela. Graças a Deus não a tinham machucado.

Ficou de pé levando-a entre seus braços. Devagar, depositou-a no sofá, inseguro de como fazê-la voltar a si. Ao levantar-se, viu que toda a família Ryland estava reunida a seu redor, e que o



olhavam como um punhado de gatos assustados.

-Não vou lhes fazer mal -lhes disse. Certamente não demorariam a persegui-lo com tochas ardendo e facas afiadas.

-Se essa fosse sua intenção já o teria feito -disse Thomas.

Matilda olhou a seu pai como se acreditasse que tornou-se louco, enquanto as outras mulheres e seus maridos olhavam Chapel como uma criança olha a um tigre. Como se quisessem abraçá-lo, mas tivessem medo de fazê-lo.

-Quem eram esses homens? -perguntou Pru.

Chapel se voltou e viu que Molyneux a tinha reanimado. O sacerdote lhe sujeitava a mão enquanto ela falava.

Foi muito fácil olhá-la nos olhos. Neles não havia ódio, só incredulidade. Com certeza que quando tivesse passado o susto começaria a temê-lo.

-Pertencem a uma ordem chamada *A Palma de Prata*.

Pela sua expressão, era óbvio que Pru nunca tinha ouvido falar deles. Mas de algum modo soube por que tinham ido ali.

-Iram nos matar por culpa de minha obsessão com o Graal.

A dor e a convicção que havia nessas palavras destroçaram o coração de Chapel.

-Não por sua culpa, Pru. Nunca foi por sua culpa.

Ou ninguém se deu conta de que lhe falava com semelhante carinho ou a ninguém importou. A essas alturas era difícil de descobrir. Todos continuavam olhando-o como se fosse uma espécie de deus ou de animal selvagem.

Todos exceto Pru, é óbvio. Ela estava muito ocupada sentindo-se culpada para fazer nada mais. Chapel se surpreendeu ao dar-se conta do quanto que desejava que ela o olhasse com admiração. Apesar do quanto se sentia mal por ser o que era. Ele teria gostado que ela o olhasse como se fosse especial.

Queria ser especial, não um monstro.

-Eles não procuram o Santo Graal -prosseguiu Chapel. Não ia justificar o que Marcus Grey tinha feito, mas não queria que Pru se sentisse culpada por aquele derramamento de sangue- Procuram uma coisa muito mais antiga, algo chamado o Graal Maldito. Um amigo meu o estava protegendo, mas aparentemente utilizaram sua escavação para chegar até ele, e temo que o tenham capturado.

Chapel olhou ao

Marcus por cima de



Pru. O jovem de olhos azuis assentiu e entendeu que Chapel queria que ele explicasse o resto dos detalhes. Marcus conhecia melhor que Chapel a toda a família, e na verdade não tinha querido lhes fazer mal. Além disso, ele era a quem a ordem tinha enganado e usado. Correspondia a ele contar isso, não ao Chapel.

Pru franziu o cenho.

-E seu amigo? Está morto?

Chapel sentiu que lhe doía o peito de emoção. Ela pensava nele; apesar de tudo a Pru importava sua dor.

-Não acredito, não.

Não estava certo de como sabia, mas estava quase convencido de que Temple continuava vivo. Também estava virtualmente convencido de que a ordem da *Palma de Prata* o mantinha prisioneiro. O homem que se fazia chamar Mago não estava no grupo que os tinha atacado, assim com toda probabilidade já se transladaram. Fosse o que fosse que tramassem, precisavam dos vampiros vivos. Chapel tinha ouvido como um dos homens lembrava a outro que não podiam matá-lo quando o pegassem.

De fato, apostava o que quer que fosse que a ordem tinha atacado ao amanhecer acreditando que seria quando ele estivesse mais fraco, quando seria mais fácil capturá-lo.

Caroline recuperou a voz:

-É um vampiro.

Não era nenhuma pergunta, mas ele respondeu assim mesmo.

-Sim.

Caroline se aproximou dele, o bastante para colocar-se diante de sua família, mas não tanto para afastar-se do que devia considerar uma distância segura. Ou do que ela considerava segura. Chapel não ia lhe dizer que se quisesse atacá-la, ninguém, nem sequer todos juntos, poderiam impedi-lo.

-Como o conde Drácula?

Mon Dieu, acaso não havia ninguém que não tivesse lido esse maldito livro?

-Não, como ele não.

-Como Varney? (*Varney* é o nome do vampiro que protagoniza o folhetim *Varney the Vampyre, or the Feast of Blood* (1847), atribuído ao autor James Malcom Rymer)



-Não.

-Lorde Ruthven? (Quando Drácula era ainda um brilho nos olhos de Bram Stoker, houve Lord Ruthven, um vampiro ficcional popularizado por John Polidori, em um conto publicado em abril 1819 "The New Monthly Magazine" [Inglaterra])

-Não.

Bom, sem dúvida tinha lido muito sobre o tema.

-Pelo que eu sei, a literatura nunca tem descrito os vampiros com exatidão. - Isso, ou ele e seus quatro amigos eram uma raridade entre a espécie.

E nesses momentos não estava disposto a considerar essa possibilidade.

Caroline apertou os lábios.

-Bom, alguém deveria fazer isso.

Chapel tentou sorrir.

-A maioria de nós trata de evitar o contato prolongado com os humanos.

-Por quê? -perguntou Caroline com curiosidade acadêmica.

-Talvez porque então começam a perguntar-se que vinho é o melhor para nos acompanhar, Carol.

Chapel franziu o cenho ao ouvir o sarcasmo de Pru.

-Tinto -disse.

Agora sim o olhou como se fosse um monstro. Ele nunca tinha tentado lhe fazer mal, nem a ela nem a sua família. Tinha matado a outros para protegê-los, estava coberto com seu próprio sangue; um sangue que lhe alagava os sentidos e fazia com que suas gengivas doessem. Mas mesmo assim, Chapel controlava seus instintos. Se, dias atrás, não tivesse se alimentado daquelas prostitutas, se tivesse continuado bebendo só a dose diária que Molyneux lhe dava, nesses momentos não poderia manter esse controle.

-Porque -respondeu a Caroline em tom distante-, os humanos tendem a reagir de um modo muito violento a aquilo que não conhecem ou não entendem. É mais seguro para nós evitarmos essas situações.

Pru se ruborizou e afastou o olhar, sua atenção voltou a centrar-se em seu torso ferido. Os ferimentos continuavam curando-se; notava a pele que os rodeava ardendo e o corpo inteiro doía. Dava-lhe asco ao ver? Tinha medo dele? Chapel recolheu o roupão que Marcus tinha



julgado junto ao sofá e o pôs, fechou-o o melhor que pôde e atou o cinto.

-Não queria te incomodar -murmurou Pru, evitando olhá-lo nos olhos.

Chapel deu de ombros. Na realidade, não esperava que ela o aceitasse como o que era.

-Não se preocupe.

Pru deixou escapar uma risada tola; era impossível que não se preocupasse.

Chapel não tinha tido a intenção de que o pegassem sem camisa, mas a que levava estava cheia de tinta preta e sujeira. Estava se trocando quando a ordem da *Palma de Prata* apareceu.

Tinha sido difícil para ele controlar sua raiva e não matá-los naquele mesmo instante, mas precisava tê-los todos juntos. Tinha que proteger à família Ryland. Nesse momento, vestir-se não lhe tinha parecido tão importante.

-O que fizeram com as janelas?

Para alguém que não podia suportá-lo não deixava de lhe fazer perguntas. Por que não perguntava a Molyneux ou Grey em vez dele?

-As provas que encontramos no porão nos fizeram pensar que talvez atacassem a casa. Marcus teve a idéia de cobrir as janelas para evitar que o sol entrasse e assim não pudessem usar meu ponto fraco contra mim.

-A luz do sol é seu único ponto fraco?

-Sou um homem. Tenho muitos pontos fracos.

Pru zombou dessa resposta.

-Bom, sabemos que as balas e as adagas não estão entre eles.

Parecia quase invejosa. Talvez não fosse nojo o que sentia por ele.

-Sim, é difícil me matar, mas não impossível.

-Mas o câncer não te mataria, não é?

Se o tivesse molhado com água benta ou o tivesse marcado com um crucifixo não se teria surpreendido tanto.

-Não -respondeu Chapel com sinceridade, apesar de que não queria fazê-lo - as doenças não me afetam, pelo menos não as dos humanos.

Agora parecia zangada.

-Então as doenças não o afetam, nem tampouco doem os ferimentos no seu corpo. Mas mesmo assim diz ter fraquezas. Quais são?

Ela estava zangada com ele, e



estava procurando briga. Chapel supôs que se sentia traída, sozinha, confusa. E indefesa. Podia vê-lo em seus olhos. Apesar de tudo, não gostava que falasse com ele assim, embora o merecesse.

-O veneno pode me afetar -informou- Como, por exemplo, o que extraí de você no porão. A luz do sol pode me matar, como a que me queimou na manhã em que te trouxe nos braços até aqui. De fato, se estivesse consciente, meu aspecto teria te causado pesadelos durante muito tempo. Essas fraquezas são suficientes para você, Pru, ou quer que continue?

-Não -sussurrou ela- É suficiente.

Muito longe. Tinha ido muito longe, Chapel podia ver isso em seus olhos. Havia-a feito mal, e isso era o último que queria fazer. Não, isso não era de todo certo. Uma parte dele queria feri-la, queria que se desse conta de que ele não tinha culpa de que ela estivesse doente, de que ela não tinha nenhum motivo pelo qual invejá-lo.

Porque na verdade ele não estava vivo. Não podia chamar-se vida o que tinha.

E, talvez, uma pequena parte dele estava ressentida com ela por lhe ter feito sentir que havia algo pelo que valia a pena viver. Essa manhã, quando a levou nos braços das ruínas, teria sido tão fácil render-se e morrer. Poderia tê-lo feito, suplicar pelo perdão de sua alma e ir ao céu ou ao inferno que lhe estivesse esperando. Mas em vez disso se agarrou à vida, agarrou-se a este mundo. E o fez só porque queria ver o Pru uma vez mais.

De fato, não podia deixar de pensar em que queria continuar vendo Pru mesmo depois de que ela se fosse. Talvez, quando ela estivesse já em paz, ele poderia fazer o mesmo; mas duvidava que fossem ao mesmo lugar. A idéia de sacrificar-se por outra pessoa não lhe ocorria muito freqüentemente. Essa era a primeira vez em mais de seis séculos.

Tinha conseguido salvar Pru e a sua família, mas em troca tinha perdido a confiança de sua amada. Chapel podia viver com isso, enquanto ela continuasse com vida, todo o resto dava no mesmo. Mas e se a ordem retornasse e descobrisse que os Ryland continuavam vivos? Talvez a próxima vez atacasse de dia, e não esperariam tolamente o amanhecer. Graças à colaboração de Marcus desta vez tinham tido sorte. A próxima...

Teria que se

assegurar de que não



existisse uma próxima vez. Se tivesse que ir a todas os túmulos, a todas as escavações para perseguir a todos e cada um dos membros da ordem da *Palma de Prata*, faria isso.

Essa sede de sangue deve ter se refletido em seu rosto, porque viu um montão de rostos pálidos observando-o.

Molyneux deu um passo para ele. Tinha um corte profundo em cima da sobrancelha do olho esquerdo, mas, além disso, parecia ileso. O velho sacerdote poderia enfrentar até mesmo a Satã e apenas se despentearia.

-Sei que tudo isto é muito fantástico para todos vocês. Eu passei mais da metade de minha vida com Chapel e às vezes ainda penso que vou acordar e tudo terá sido um sonho. Talvez possa ajudar vocês a compreendê-lo.

As palavras de Molyneux tranquilizaram a toda a família, exceto a Pru. Ao ouvir como Molyneux dizia que passou mais da metade de sua vida ao lado de Chapel, uma onda de dor se vislumbrou em seu rosto. Que ele fosse imortal lhe doía mais do que podia suportar. Não sabia o que era pior, se saber que ele não era um homem como qualquer outro, ou que ele viveria muito mais do que ela, até no caso de que milagrosamente ela se curasse.

-Por favor, me desculpem -murmurou Pru, e se levantou do sofá antes que Molyneux pudesse disse- Acredito que é melhor que vá a meu quarto.

Chapel ia segui-la, mas Marcus o segurou pelo braço e o deteve.

O jovem lhe apontou o corredor que havia depois do salão. Estava cheio de luz, uma luz que cegou Chapel. O sol.

-Precisa ficar sozinha -disse Marcus em voz baixa-. E que você se atormente não servirá de nada.

Chapel assentiu, seus movimentos eram desajeitados por causa do esforço que fez para conter a frustração que sentia. Esconderia-se em seu quarto escuro como uma serpente até que fosse seguro voltar a sair, e então a pequena Pru teria que enfrentar a ele. Podia esperar algumas horas.

Afinal de contas, se havia algo que sobrava a ele, era tempo.

CAPÍTULO 16



Marcus não levantou a vista quando Pru entrou na sala que ele usava como escritório. Estava lendo um montão de papéis e uma espécie de diário amarelado pelo passar do tempo. Estava despenteado, com uma mão tomava notas em uma caderneta e passou os dedos da outra pela negra cabeleira.

-Sabia?

Levantou a vista. Surpreendeu-se de ter companhia, mas não de que fosse ela. Não se incomodou em saudá-la.

-Refere-se ao Chapel?

-É obvio -assentiu Pru.

Marcus afastou a mão do cabelo e se apoiou na cadeira. Estava desalinhado, levava uma camisa enrugada, embora felizmente limpa. Depois do derramamento de sangue que tinha acontecido no salão, trocou de roupa. Agora se parecia mais ao Marcus que Pru conhecia e queria, não a aquele estranho que tinha visto pela manhã.

E pensar que só tinha passado algumas horas desde que aqueles homens tinham tentado matá-los. Só algumas horas desde que soubera que Chapel não era humano, e que ele tinha vivido pelo menos uma dúzia de vidas enquanto que ela não poderia viver nem sequer uma inteira. E, para piorar as coisas, acabava de descobrir que Marcus se tornado amigo dela a pedido daqueles assassinos.

Mas apesar de que queria aferrar-se a esse sentimento de traição, não podia fazê-lo. Marcus a tinha ajudado, tinha demonstrado ser um bom amigo, e tinha se arriscado para salvá-la. Fez o que fez porque lhe ofereceram a possibilidade de descobrir a história de sua família, algo que ele levava anos procurando. Pru não podia ficar zangada por isso.

E no que se referia ao Chapel, ele não só tinha salvado a vida dela, também tinha salvado a toda sua família. Como podia ficar zangada com ele?

Pru também tinha parte de culpa em tudo aquilo. Tinha sido seu desejo egoísta de prolongar sua curta vida o que tinha feito possível que tudo isso ocorresse. A ordem não teria podido usar ao Marcus se ela não tivesse estado tão obcecada por encontrar o Graal. Se tivesse sido só uma obsessão por um pedaço de história, Pru não teria mordido tão facilmente.

Tampouco se sentia mal por isso. A



essas alturas não tinha sentido, embora mentisse se dissesse que não se sentia um pouco culpada pelo papel que sua busca tinha desempenhado no assalto dessa manhã.

Piscou e viu que Marcus a estava observando em silêncio.

-Soube o segredo de Chapel desde que comecei a investigar Dreux Beauvrai, mas naquele tempo não sabia quem era na realidade.

-Severian de Foncé.

-Sim. Sua estranha aversão à luz do sol e sua tendência a vagar pela noite despertaram minha curiosidade e revisei minhas notas. E ali estava. Encontrei uma lista com os nomes que a Igreja outorgou a esses cavalheiros quando se entregaram. Chapel era o novo nome de Severian.

Então, não fazia muito tempo que sabia, mas, entretanto durante todo esse tempo o tinha escondido.

-Por que não me disse isso?

Um dubio sorriso se desenhcou nos lábios dele e pareceu o jovem que em realidade era.

-Teria acreditado?

"Provavelmente não".

-Talvez.

-Teria pensado que eu enlouqueci. -Sorriu ainda mais.

Pru soltou o ar, exasperada.

-Está bem, concordo, teria pensado, mas essa não é a questão. -Tentou acalmar-se e o olhou nos olhos - Mentiu, Marcus.

-Sim.

Ao menos não tentou negar. Pru esperou que continuasse, mas ele ficou olhando-a.

-Não vai se desculpar? -perguntou.

-Não me arrependo de ter mentido. -Só Marcus era capaz de dizer algo assim e continuar parecendo inocente - A única coisa que me arrependo é de que se tenha informado, e que minha amizade tenha te posto em perigo.

Talvez não fosse totalmente sincero, mas sem dúvida era direto.

-Não se arrepende de ter mentido para mim?

-Não.

No

começo

menti



porque considere que era melhor que te confessar que estava perseguindo uma criatura mítica. Logo menti para te proteger, a você e a sua família. Não tinha nem idéia de que tudo acabaria assim.

-E a si mesmo. - Pru custou a afastar o sarcasmo de seu tom de voz-. Menti para proteger a si mesmo.

Ele nem sequer pestanejou.

-Sim, isso também. Acaso você não mentiu para mim sobre seus motivos para procurar o Graal?

Pru se ruborizou.

-Isso é diferente.

Marcus cruzou as mãos em cima do estômago.

-Se assim se sente melhor, perfeito.

Agora que Marcus tinha revelado essa parte mais sombria de seu caráter lhe parecia mais atraente, no que isso a convertia? Talvez ele continuasse sendo um pesquisador, mas embaixo dessa sede de conhecimentos se escondia um Marcus que gostava do perigo. Nisso se parecia com o Chapel. Protetor, de confiança, e mesmo assim indomável. Era uma idéia muito romântica, mas certa no fim das contas.

Era evidente que se sentia atraída por homens perigosos, porque não existia nada mais perigoso que um vampiro.

Mas desde que Chapel tinha confessado o que era, Pru não podia deixar de imagina o que sentiria se lhe cravava as presas, o que sentiria se ele bebesse seu sangue. Ou acaso o senhor *Stoker* e todos os outros escritores também se enganaram nisso? Na grande maioria das obras de ficção, os vampiros eram uns demônios sedentos de sangue que se aproveitavam de juvenzinhas impressionáveis.

Deus sabia que ela era impressionável, e ele ainda não se aproveitou dela.

Stoker se enganara quando dizia que os vampiros podiam converter aos humanos em membros de sua espécie? E se isso fosse possível, Chapel ia querer convertê-la? E se ele estivesse disposto, ela permitiria? Pru só queria uma vida normal. A imortalidade não tinha nada de normal.

Mas seria imortal com Chapel, e essa idéia a atraía muito mais do que estava disposta a reconhecer.

A quantidade

de coisas que poderia



ver e fazer se vivesse para sempre!

Deus, não devia pensar em coisas tão horríveis, mas não podia evitar. Estava morrendo, maldita seja! Não era tão estranho que encarasse isso. Ela sempre tinha sido egoísta e a morte não ia mudá-la. De fato, que o fim se aproximasse só acentuava esse egoísmo.

-Não vai me perguntar sobre o que realmente quer saber?

Zangada, voltou a olhar ao Marcus.

-Perguntar o que?

Marcus a olhou como se pensasse que estava lhe gozando.

-Sobre o Chapel. Por isso veio, estou errado?

O insolente, agora já não lhe parecia tão atraente.

Mas tinha razão, e certamente que o rubor que tingia suas bochechas o confirmava. Pru não tinha ido a seu escritório só para lhe perguntar por seu papel em toda aquela confusão. Marcus tinha suas próprias razões para procurar o Graal, e no fundo não a tinha traído. Simplesmente, não lhe tinha contado a história fantástica que se escondia por trás daquela busca, e disso tinha tanta culpa ele quanto ela. Se Pru não tivesse estado tão desesperada, não teria acreditado com tanta facilidade que beber de uma taça poderia curá-la.

O que a tinha empurrado a ir ver Marcus era que ele sabia mais coisas sobre o Chapel do que ela sabia, e não podia suportar isso.

-Vai me falar dele? -Pru engoliu o orgulho, e seu sabor foi mais amargo do que imaginava.

Marcus tinha ainda as mãos cruzadas, e levantou os polegares.

-É obvio, mas ele seria uma fonte muito mais confiável.

Ela se ruborizou.

-Primeiro prefiro que me você diga. -A verdade era que ainda não estava pronta para enfrentar ao Chapel. Tinha que se preparar, fazer mais provisão de coragem. O conhecimento sempre a tinha feito sentir-se segura. No que se referia a seus adversários, preferia ter o máximo de informação, tanto se se tratava do câncer como de um vampiro que a tinha conquistado como nenhum homem mortal jamais o tinha conseguido.

Marcus a olhou de cima abaixo, e seu olhar azul viu muito mais do que ela estava disposta a mostrar.



-Sente-se. Direi tudo o que sei.

Pru se sentou junto à janela e Marcus começou a falar. A história que lhe contou era muito parecida com a que Chapel lhes tinha contado naquela noite depois de jantar, mas a de Marcus tinha mais detalhes. Explicou-lhe que Chapel e seus amigos tinham a missão de encontrar o tesouro dos templários e que, ao invés disso, acharam o Graal Maldito. Que foi o veneno o que impulsionou Chapel a beber desse cálice, e os cabelos de Pru se arrepiaram. O dia em que lhe extraiu o veneno deve ter se lembrado de todas essas coisas horríveis.

Marcus lhe contou como todos esses homens voltaram a suas casas com a esperança de serem recebidos como heróis e que, em lugar disso, comprovaram que suas famílias os tinham dado por mortos. E lhe falou de Marie. Para Pru era impossível entender como aquela estúpida mulher tinha preferido jogar-se pelo balcão ao invés de abraçar a eternidade com o homem a quem, supostamente, amava.

Continuava pensando o mesmo a noite em que Chapel lhes tinha contado a história e só acreditava que era um conto: Marie era uma imbecil.

Ou talvez Marie, apesar do que dizia, não o amava o suficiente. Fosse como fosse, Pru sabia sem dúvida nenhuma que ela não se atiraria pelo balcão se Chapel quisesse ficar com ela para sempre.

Para sempre. Essa idéia a assustava e a excitava ao mesmo tempo.

-Quando Dreux Beauvrai, meu antepassado, se suicidou, o resto da irmandade se entregou à Igreja; aceitaram servi-la com a esperança de assim salvar suas almas. Só Temple e Chapel permaneceram nela.

-Irmandade?

-A Irmandade do Sangue -assentiu Marcus.

Pru abriu os olhos surpresa.

-É muito melodramático, sei -Marcus sacudiu uma mão-, mas é o nome com que se conhece grupo.

A Irmandade do Sangue. Sim era melodramático, mas também soava violento. Pru nunca teria sido capaz de imaginar que Chapel fosse capaz de ser violento, mas nesse dia tinha visto com seus próprios olhos como se saia bem matando. Embora fosse evidente que não gostava de fazê-lo, o que era um ponto a seu favor.

E um ponto nada desprezível.



Chapel tinha matado para proteger a sua família. E só por isso lhe perdoaria qualquer coisa.

-Seja o que for que pense dele, Pru, não é um demônio. Passou os últimos cinco séculos servindo a Deus e às forças do bem. Não veio aqui para te enganar nem para mentir, veio para te proteger. Para nos proteger a todos do perigo que Temple pudesse representar, e da maldição do Graal Maldito.

Pru ficou olhando ao Marcus.

-Como você foi capaz de nos pôr em perigo deste modo?

-Fui um estúpido. -Esboçou uma careta de dor-. Fui um idiota e acreditei no que a ordem me disse. Acreditei que poderia enfrentar sozinho ao Temple. Disseram-me que estaria fraco e que poderia derrotá-lo com facilidade. Sabiam tantas coisas da irmandade que acreditei nisso com convicção. Eu queria acreditar nisso porque assim estava mais perto do que procurava.

Esse era o Marcus que Pru recordava; esse garoto que nunca poderia perdoar-se por ter se enganado, por ter agido de um modo tão egoísta.

-Pode me perdoar? -perguntou ele depois de uma pausa.

Pru assentiu. Por estranho que parecesse, fazê-lo não foi difícil. Talvez se sentisse caridosa, ou talvez entendesse que ele se deixou levar pelo ardor em lugar de pela lógica.

Ou pode ser que por fim se deu conta de que a vida era muito curta para guardar ressentimentos contra alguém.

-Claro que posso -respondeu Pru-. É meu amigo, Marcus. Um erro não muda isso.

-Foi um engano bem grande. -Parecia surpreso.

-Sim, bom, todos cometemos esses, não acha?

Sua expressão relaxou e se entristeceu.

-Sinto muito por não encontrarmos o Graal, Pru.

Ela só pôde assentir; lhe deu um nó na garganta. Não ia chorar, nesse momento não. Ali não.

-E agora o que acha que vai acontecer? -perguntou Pru quando conseguiu recuperar a voz.

-Molyneux vai mandar uma carta à Igreja para lhes contar o que aconteceu e eu espero receber logo notícias de meus



contatos e averiguar aonde se dirige a ordem e quais são suas intenções. Foram-se do lugar que eu conhecia, assim suponho que irão a outra parte da Inglaterra, ou a outro país. Talvez a França, se é que mantêm Temple aprisionado, como suspeita Chapel.

"França".

-Então Chapel e Molyneux irão embora logo.

Pru voltou a sentir que Marcus via o que escondia no mais profundo de seu coração.

-É possível, embora duvide que queiram deixar a sua família indefesa ante a possibilidade de que a ordem volte a atacar.

Uma garra de terror rodeou seu coração. OH, Deus, e se acontecia precisamente isso? E se faziam mal a sua família? Pru ainda podia ver aquele homem apontando para sua irmã com uma pistola. Não tinha nenhuma dúvida de que teria disparado se ela não tivesse feito o que lhe ordenava. Aqueles homens não hesitariam em matar a sua família para proteger seus segredos.

-Não permitirei que aconteça nada de mau, nem a você nem a sua família, Pru.

Ela abaixou o queixo. Marcus era sincero, disso não havia nenhuma dúvida. Sua voz transbordava determinação e segurança, mas era só um contra uma multidão.

Não, somente um homem era capaz de protegê-los da ordem, e nem sequer era um homem; ao menos não um normal. E, ao que parece, esse homem passou quase toda a sua existência evitando viver, e não lutando por fazê-lo.

Mesmo assim, Chapel era um guerreiro. Pru sabia que a protegeria, tanto a ela como a sua família, até seu último fôlego.

Mas quando tudo tivesse acabado, quem ia proteger a ele?

Pru tinha pegado ao Marcus de surpresa, mas com o Chapel não teve a mesma sorte. O vampiro nem sequer fingiu que não a tinha ouvido chegar. De fato, Pru se perguntava se haveria sentido sua presença muito antes de que ela entrasse na biblioteca. De algum modo, sabia que o encontraria ali.

Chapel lhe dava as costas, estava olhando pela janela. Ela viu seu próprio reflexo no cristal.

-Boa noite, Pru.

Era uma boa

noite? Estava viva.



Sua família tinha saído ilesa do ataque, mas seu pai, Marcus e o resto dos homens da casa, à exceção do que não podia expor-se aos raios do sol, passaram a manhã ocupando-se dos cadáveres dos sujeitos que tinham ido matá-los. Pru não sabia se a noite ia acabar bem, mas sem dúvida era muito melhor do que o dia que a tinha precedido.

Claro que Chapel, logo que o sol se pôs, saiu a perseguir o líder do bando. Mais tarde lhe perguntaria sobre isso. Primeiro tinha que soltar toda a amargura que levava dentro.

-Seiscentos anos. -A pesar do sarcasmo de suas palavras, entrou na sala com suavidade-. Com certeza que é um recorde.

Ele a olhou por cima do ombro, com suas feições iluminadas só por um halo de luz muito tênue.

-Um recorde do que?

-De sentir pena por si mesmo -respondeu ela, e a amargura lhe inundou a língua-. Duvido que eu pudesse agüentar tanto tempo.

Se tinha conseguido penetrar em sua dura armadura, Chapel não deu sinais disso.

-Está zangada porque minha existência foi muito longa ou porque a sua é muito curta?

Maldito fosse por saber exatamente o que sentia, por saber como lhe fazer mais mal!

-Por ambas as coisas. É assim como vê? Como uma mera existência?

Chapel por fim se voltou para olhá-la. Seu belo rosto era a imagem da fadiga e da resignação. Pru não ia sentir pena dele. Não o faria.

-Como quer que fale?

-O que te parece "vida"? -Pru não pôde evitar soar zangada-. Ou "presente"? Se eu tivesse toda a eternidade a meu alcance, assegurar-me-ia de aproveitá-la.

Ele curvou os lábios.

-Como tem feito todo este tempo? Não é a quantidade de tempo o que importa, Pru. É o que faz com ele.

A Pru doeram suas palavras, mas fingiu que não o entendia.

-O que tem feito você com o teu? Passou todos estes anos fazendo penitência por uma mulher que não o queria e se



escondendo por trás de uma Igreja que te despreza?

Durante um segundo, um só instante, algo brilhou no mais profundo daqueles olhos dourados e Pru se lembrou de que ele não era um homem como outros.

-Estive procurando minha salvação, meu Graal, se quiser chamá-lo assim. Tentei por todos os meios não me afeiçoar com as pessoas que me rodeiam, porque quando amo a alguém, essa pessoa acaba morrendo. Sempre morrem. A eternidade também pode ser uma maldição.

Pru não tinha pensado nisso. Tinha que ser horrível sentir-se tão sozinho. Mas isso também não era parte da vida? Ninguém sabia com segurança quanto tempo ia viver. Ela tinha aceitado isso fazia muito tempo.

Chapel a olhou com tanta dor e tanta vulnerabilidade nos olhos que até mesmo doía olhá-lo.

-Ressinta-se de minha imortalidade se quiser, mas me trocaria por você neste mesmo instante. Assim não teria que saber o que será viver nesta escuridão sem você.

-Você... -Tremeu-lhe a voz. Fez-lhe um nó no estômago. Inclusive seus pulmões reagiram ante essa confissão e se negaram a funcionar- Mentiroso.

Com os braços relaxados a ambos os lados do corpo, Chapel se aproximou dela, sem deixar de olhá-la nem um segundo.

-É tão difícil de acreditar?

Pru tragou saliva. Queria afastar-se, mas não podia. Por que suas pernas não a obedeciam?

-Sim. Diria qualquer coisa para conseguir o que quer.

-Se tem uma opinião tão má de mim, me responda a isto: por que ia perder tempo com palavras se posso conseguir com facilidade tudo o que quero?

Voltou a engolir saliva.

-Porque talvez queira algo que não pode ter.

-Como seu coração talvez? -Estava muita perto- Sua alma?

Pru assentiu.

Chapel sorriu, cheio de tristeza.

-Mas se for assim, teria que acreditar que significa algo para mim, que realmente sinto algo por você; e você não quer acreditar isso, certo?

Maldito fosse.



Estava o bastante perto para tocá-la, e o fez. Rodeou-lhe a bochecha com sua cálida e forte mão, e seu belo olhar estudou seu rosto.

-Seja o que for, Pru, tem que assumir que sinto algo por você, apesar do que você pense de mim.

-É muito cedo para que sinta algo por mim. -Sua voz soava rouca, custava-lhe falar. Por Deus santo, o que queria que dissesse?

-Senti algo por você desde o primeiro momento em que te vi; tentava parecer valente com aquele vestido vermelho, mas parecia um feixe de nervos.

Pru lutou por manter-se firme ante suas reveladoras palavras.

-Deve ter pensado que éramos um succulento banquete.

Chapel inclinou a cabeça e a olhou divertido e com pena ao mesmo tempo.

-À única coisa que quis morder foi a você. -Rodeou-lhe a nuca com os dedos e a aproximou para ele, sem forçá-la. Se quisesse podia afastar-se.

Não o fez.

-Nessa noite te mordi, lembra-se?

Pru abriu os olhos surpresa. Não tinha imaginado!

-Minha mão.

Chapel assentiu.

-Não queria que acontecesse... não pude me controlar.

Pru se ruborizou. Queria ficar zangada com ele, mas se resultava impossível. Contava com que ele mentisse, enganasse-a, inclusive a ameaçasse, mas não esperava que brincasse com seus sentimentos. Pode ser que estivesse fingindo, mas parecia tão sincero... Só havia um modo de saber se era verdade o que dizia... de descobrir a verdade sobre sua espécie.

-Poderia me transformar no que você é?

Chapel se esticou.

-A que se refere?

-Se a solidão da imortalidade é tão horrível, se eu significo tanto para você, não pode beber meu sangue igual ao Drácula? Pode me transformar em vampiro? Pode me transformar?

Foi como se o tivessem esbofeteado, como se ela o tivesse ferido de algum modo.

-Posso fazer isso. Posso te



transformar, mas não farei isso. -Afastou a mão de sua nuca.

Deus, era como se lhe tivesse pedido que a matasse. Chapel falava a sério. Cada palavra.

-Chapel... -Devia desculpar-se, mas não tinha nem idéia do que dizer.

-Não farei isso porque você me importa, Pru, porque sinto alguma coisa por você. -separou-se dela de repente e chegou à porta em um instante - Nunca poderia me perdoar se te convertesse no que eu sou. Não quero converter você em um monstro, ou em algo pior.

Estava tão ferido, que Pru podia tocar sua dor.

-Foi isso o que aconteceu com Marie?

Chapel assentiu, e seu belo rosto se tencionou pelos remorsos. O ciúme se amontôo contra as costelas de Pru de um modo ofensivo e doloroso. Marie levava muitos séculos morta. Não era nenhuma ameaça. Mas haveria outras mulheres. Quando ela se convertesse em pó, Chapel continuaria andando pela face da Terra e, cedo ou tarde, encontraria alguém. Alguém que viveria o suficiente para significar alguma coisa para ele.

-Marie era uma fervorosa seguidora de Deus. -Com os dedos acariciava o lombo de um livro que não lhe interessava nem o mínimo. Tinha o olhar perdido, fixo em algum lugar de sua memória-. Acreditei que a paixão que sentia por mim era maior, mas me enganei.

-Não entendo por que Marie achou que tinha que escolher.

Chapel levantou a cabeça de repente, como se tivesse se esquecido de que Pru estava ali. Os ciúmes voltaram a capturá-la.

-Marie acreditava que eu era uma abominação. Eu era a antítese de tudo aquilo em que ela acreditava.

Sim, aquela mulher era uma imbecil.

-Por quê? Tinha renegado a Deus? Converteu-se em um discípulo de Satanás?

Chapel pareceu ofendido.

-Não, mas meu comportamento tampouco era o de um católico muito devoto.

-Foi um mercenário. Suponho que o pecado não era desconhecido para você.

Ante esse comentário, Chapel riu e Pru esboçou um sorriso de satisfação.

-Não, não era. Mas quando era um mercenário não caçava os humanos para me alimentar deles.



-O senhor Darwin poderia argumentar que o que aconteceu é que, simplesmente, você evoluiu. Um passo a mais na cadeia alimentar, mais ou menos.

-A Igreja não aceita as teorias de Darwin.

-A Igreja não aceitaria a si mesma se se desse conta das atrocidades que cometeram no nome de Deus.

A partir desse momento, Chapel começou a olhá-la de outro modo, e Pru se sentiu muito lisonjeada.

-Agora é uma herege, Pru, ou uma filósofa?

Estava burlando-se dela?

-Que tenha vivido muito mais que eu não significa que possa ser condescendente comigo, Chapel. Estamos às portas do século vinte, sabe? Será melhor que queira e unir ao resto de nós e viver um pouco.

Chapel a olhou nos olhos e começou a sorrir.

-Não tem nem um pouquinho de medo de mim, não é?

Pru deu de ombros. Não, nem o mínimo. Talvez deveria ter, mas com ele se sentia melhor que com toda sua família.

-O pior que me poderia fazer seria me matar.

Ele deixou de sorrir e a olhou horrorizado. Pru lamentou em seguida essas palavras.

-Não o faria.

-Não me importaria. -Tratou de sorrir, mas não conseguiu-. Meu corpo já o está fazendo. Assim não, não tenho medo de você.

Matar-te não é o pior que poderia te fazer um homem, Pru.

Estava fazendo-o outra vez; tratando-a como se fora uma menina pequena, ou idiota.

-Refere-se à violação? Não parece o tipo de homem que faz essas coisas tão ruins.

-De certo modo... violei a Marie.

Pelo modo com que o disse, Pru soube que, acima de tudo, sentia-se culpado. Tinha traído a alguém a quem amava, e para ele esse era o pior dos pecados.

-Estava desesperado, e se Marie não tivesse sido tão idiota não teria feito o que fez. Quer me violar, Chapel?



-Deus, não. -Parecia estar se sentindo muito mal.

-Então, por que estamos falando disso? Aconteceu faz seis séculos. Acho que ambos sabemos que se você se esforçasse um pouco me convenceria imediatamente. -OH, Deus, havia dito isso?

Chapel estava ainda mais surpreso do que ela mesma.

-Não fala a sério.

-É evidente que ler a mente não é uma de suas habilidades de vampiro. -O que tinha aquele homem que a tornava tão atrevida?

Chapel ficou boquiaberto. Ficou tão nervoso quanto um menino de coro. A única coisa que Pru podia perder sendo tão sincera com ele era seu orgulho, e saber isso só lhe deu mais ânimo.

Aproximou-se dele para poder sentir o calor que emanava de seu corpo. O senhor Stoker se enganou ao dizer que os vampiros eram frios. Se Chapel era um exemplo, eram na realidade muito quentes.

-Se você se aproximasse de mim como o fez com Marie, eu não o rejeitaria.

Chapel empalideceu de repente.

-Não diga isso.

Pru abriu a boca, mas ele a deteve.

-Antes me perguntaste quais eram meus pontos fracos.

-O veneno e a luz do sol. - O lábio inferior de Pru tremeu. Portou-se tão mal com ele...- E mesmo assim, por mim se arriscou a sofrer com ambos. -Deus, quanto dano poderia lhe haver feito esse veneno! Que feridas o sol tinha lhe causado? A única coisa que ela viu foram as queimaduras no nariz e em suas bochechas. Tinha outras piores? Chapel lhe disse que seu aspecto poderia lhe ter causado pesadelos por toda a vida.

-Faria qualquer coisa para te proteger, e isso inclui te proteger de mim mesmo, porque para mim você é minha maior fraqueza, Pru. Certamente que me arrependerei de lhe dizer isso, mas não posso evitar.

Pru sentiu um nó na garganta.

É irônico, não acha? Você tem todo o tempo do mundo e o meu está se acabando. Aparentemente, Deus tem um estranho senso de humor.

Chapel sorriu triste.

Não estou certo

de que Ele tenha algo



a ver com tudo isto.

Ficaram olhando um ao outro durante um momento. Pru não poderia explicar o que aconteceu entre eles, mas se sentiu mais tranqüila, e se alegrou de que Chapel tivesse aparecido em sua vida. Era algo de que merecia desfrutar no pouco tempo que restava.

-Ainda há uma ou duas coisas que eu gostaria de fazer. Quer me ajudar?

-É obvio.

-Disse que me ensinaria a dirigir.

Chapel sorriu.

-Sim, disse. Está pronta para aprender?

Mais contente do que se sentiu em muitos meses, Pru lhe devolveu o sorriso.

-A questão é, está pronto para me ensinar?

CAPÍTULO 17

Que poderes você tem?

Chapel estava convencido de que essa pergunta era só uma técnica de desorientação para que não se desse conta de como estava dirigindo rápido. Respondeu sem olhá-la e manteve os olhos fixos na estrada.

-A que se refere? -Dirigia tão depressa de propósito ou não sabia fazê-lo de outro modo?

Pru o olhou, sem pensar que devia manter os olhos no caminho.

-Me refiro a seus poderes como vampiro.

-Olhe a estrada, por favor. -Talvez ele fosse quase invulnerável, mas ela não era, nem tampouco nenhum dos animais havia por ali-. Devia diminuir a velocidade, há um coelho mais adiante.

-Não vejo nenhum. -Mas reduziu de todo modo, e ele conseguiu a resposta a sua pergunta. Dirigia rápido de propósito.

-Então suponho que esse é um de meus poderes. -Sorriu-. Que estranho. Tenho o poder de ver um coelho em uma estrada escura.

Pru riu. Então passaram ao lado de um coelho e ficou boquiaberta. Acaso não lhe tinha acreditado?

De repente

estava

muito



interessada nesse tema.

-Que mais?

Chapel contou a ela de seu agudo sentido de olfato, sua intuição, sua excelente audição, sua rapidez. Em todos os séculos que tinha de vida, nunca tinha contado isso a ninguém, mas com Pru o fez. Queria compartilhar tudo com ela, mas não dispunham de suficiente tempo juntos para explicar a ela o que lhe tinha acontecido nos últimos seiscentos anos. Claro que ser capaz de romper o pescoço de um homem com apenas estalar os dedos podia resumir-se dizendo que tinha uma força sobrenatural.

-E posso voar.

O carro deu uma virada brusca e o estômago subiu até a garganta de Chapel.

-O que? Sério?

Depois de tudo o que tinha lhe contado, Chapel não entendia por que isso na verdade lhe parecia tão maravilhoso. Talvez fosse porque era a única coisa que ela não conseguia imaginar.

-Sim. E por favor, não volte a fazer isso.

Agora circulava mais cuidadosa e mais concentrada na estrada.

-Suponho que conduzir deve parecer muito aborrecido para você.

-Em circunstâncias normais, eu gosto de conduzir.

Pru riu e se arriscou a olhá-lo.

-Em circunstâncias normais?

-Vamos dizer que o fato de que não me preocupe em morrer está ajudando a superar este momento. -Maldição. Era muito cruel dizer isso a uma mulher a quem restava pouco tempo de vida.

Mas Pru não se zangou, ao menos não lhe pareceu que o fizesse. Mas levou o Daimler até a lateral da estrada. Chapel soube que tinha problemas quando ela parou o motor. Estava muito tranquilo ali fora. Muito tranquilo e isolado.

Pru se voltou para ele no assento para poder vê-lo e, embora na escuridão a visão dele era muito mais aguda que a dela, Chapel ficou nervoso ao sentir seu olhar cravado no seu.

-E o que é que te preocupa?

Mordê-la contava? Riria se lhe confessasse como ficava nervoso quando estavam juntos?



-Essa maldição me preocupa. Preocupa-me que minha alma nunca entre no céu.

-Não pode proteger a todo mundo dessa... -sacudiu a mão- ... maldição, como você a chama.

"*Posso proteger você*". Foi o bastante prudente para não dizê-lo em voz alta.

-Posso proteger a alguns.

Pru meditou nessa frase durante um momento sem deixar de olhá-lo nem um instante. Desde que tinha nascido, Chapel nunca tinha desejado tanto escapar a um escrutínio como agora.

-Te ocorreu pensar que é um presente e não uma maldição?

Ele zombou da pergunta.

-Lembra o Molyneux.

Suspeitava que era um insulto, mas Pru não se sentiu ofendida nem o mínimo.

-O padre Molyneux é um homem inteligente.

Chapel sorriu ao escutar sua resposta.

-É um otimista contumaz.

-E você um pessimista.

-Sim.

Pru estendeu os braços como se quisesse abraçar o mundo inteiro.

-Te deu tudo isto e para você é uma maldição.

O que acontecia aos humanos que teimavam em zombar da morte?

-Que alternativa resta?

-A Jesus Cristo também foi assegurada a imortalidade.

Ante a blasfema comparação, Chapel ficou sem voz.

-Cristo nunca bebeu sangue de ninguém.

-Não, mas ofereceu o seu a seus discípulos.

-Em sentido figurado. Não é o mesmo.

-Por quê? Só porque você disse? -Ela teimava em não lhe dar razão.

-Não, porque se eu oferecer meu sangue a alguém, se transformará em vampiro.

-E isso é horrível por que...?

Ainda não tinha conseguido convencê-la.



-Porque nos alimentamos de humanos.

-Assim são uns demônios bebedores de sangue? Uns assassinos sem coração?
Por que contornava a tudo o que dizia?

-Claro que não.

-Humm.

Estava vivo há mais de seiscentos anos e ainda não tinha conseguido entender às mulheres.

-É óbvio, Pru, que você vê isso de outro modo.

-Talvez -disse ela satisfeita- te deu a imortalidade para que ajudasse às pessoas.

Deus santo, que teimosa era. Era aborrecimento isso que sentia lhe golpeando as veias?

-Talvez tenha sido amaldiçoado como castigo pela vida que levava.

Pru deixou cair os braços e suspirou exasperada.

-De acordo, está amaldiçoado. Deus me livre de interromper sua depressão. Passe os próximos seiscentos anos sentindo pena de si mesmo, a mim o que importa.

Chapel sentiu vontade de rir, mas não queria que ela se zangasse mais do que já estava.

-É uma mulher muito impertinente.

-E você é mais teimoso que uma mula.

Ao final a tinha feito zangar-se ainda mais. Se não se enganava, Pru estava apertando os dentes.

-Não sou teimoso. -Devia calar-se, mas não pôde evitar continuar:-
Simplesmente, tenho mais experiência que você em tudo isto.

-OH, assim já sabe que não vai entrar no céu?

-Por que acha que vou?

-Porque não é mau.

Que ela estivesse tão convencida disso, doeu-lhe no mais profundo de seu coração.

-Você não sabe o que sou.

Pru levantou seu delicado queixo.



-Sei que Deus permitirá que entre em seu Reino.

-Ainda não. Ainda não me arrependi o suficiente.

-OH, Deus santo, deixa disso já! -Pru se apoiou no respaldo de couro do assento com tanta força que o carro inteiro se balançou. Ninguém teria dito que aquele corpo tão delicado tinha tanta força-. Como não se arrependeu o suficiente? A maioria de nós só tem uma vida para dedicá-la ao arrependimento. Você no mínimo teve sete.

OH, realmente era uma impertinente! A única coisa que evitava que Chapel se pusesse a rir era a vontade que tinha de continuar falando com ela.

-Talvez minha alma estivesse muito mais corrompida.

-Talvez seja um idiota. -Com o olhar que lhe lançou poderia ter derretido um iceberg-. Quem te disse que tem que se arrepender de nada? A Igreja?

Ela fazia com que tudo soasse tão tolo...

-Sim, mas, além disso, eu sei que é o certo.

-Como sabe?

- O arcebispo me disse isso, faz muitos séculos. -Chapel se lembrava como se tivesse sido ontem mesmo. A cruz que marcava seu ombro ainda doía ao pensar nisso - Quando tiver pago por todos os meus pecados, minha alma será livre.

-O arcebispo lhe disse isso. Conhecia você?

-Era o arcebispo.

-Ah, então por isso tem que estar certo.

Chapel não gostava nada de seu sarcasmo.

-Olhe, Pru, já sei que tudo isto se resulta difícil de acreditar...

-Não - interrompeu ela com uma expressão tão séria que o convenceu de que devia calar-se - O que é difícil de acreditar é que você acreditasse nisso. Não concordo com nada do que me diz, assim como me nego a acreditar que uma mulher seja culpada pelos pecados de todos os homens.

Chapel piscou sentindo-se de repente muito estúpido.

-Tem umas idéias muito modernas.

-E você umas muito antigas.

Pru estava zangada, muito zangada.

-Não queria insultar você, Pru. Era só um comentário. -Falava a sério. Ela quase o tinha convencido de que podia aceitá-



lo, não ao monstro, a não ser a ele como homem.

Ninguém teria sido capaz de ver naquela escuridão o rubor que tingiu as bochechas de Pru, mas Chapel sim.

-Me desculpe. A maioria dos homens ignora as opiniões de uma mulher só pelo fato de que é uma mulher, e porque acreditam que somos inferiores a eles.

-Parece que não tenho que te lembrar que eu não sou como a maioria dos homens. E acredito que nem seu pai nem Marcus são assim. -Embora tampouco fossem como ele.

-Não. Mas nem Marcus nem papai desperdiçaram suas vidas.

-Perdão? -Seguro que não a tinha ouvido bem.

Pru não vacilou em responder.

-Ainda não consigo entender que tenha vivido todos estes séculos e tenha tão poucas experiências que compartilhar.

-Poucas? -Como tinha chegado Pru a essa conclusão? Ele tinha vivido muito. Claro que tampouco tinha experimentado muito... bom, qualquer mortal que tivesse viajado poderia deixá-lo em ridículo com facilidade.

-Molyneux me disse que vivia no porão de uma igreja.

-É mais seguro, e assim posso proteger o lugar. -Deus, mesmo para ele soava como uma desculpa muito tola.

-Esconde-se lá para não ter que enfrentar ao mundo.

Chegou ao limite de sua paciência. Chapel não tinha por que agüentar que uma reclusa garota do campo lhe dissesse que ele se escondeu do mundo.

-Não sei de onde tira estas idéias, mas eu não desperdicei minha imortalidade...

-Marcus me contou sua história. Se não passou seiscentos anos se escondendo, me diga o que fez. Que experiências maravilhosas já teve?

Pensou um momento. Tinha viajado por quase toda a Europa, mas isso parecia insignificante tendo em conta que, a essas alturas, teria podido ter visitado o mundo inteiro. Quase tudo o que sabia tinha aprendido nos livros, e não de primeira mão.

-Estar contigo foi maravilhoso.

Pru pôs os olhos em branco!

-Diz isso para que me cale.



-Não é verdade.

Pru o cravou no assento com o olhar.

-Não é verdade -insistiu ele- Talvez segundo seu ponto de vista tenha desperdiçado minha vida, mas te conhecer foi uma experiência maravilhosa.

Ela abriu a boca para lhe responder e foi então quando ele reagiu. Não pôde evitá-lo. Tinha que saboreá-la... de um modo ou outro.

Pru suspirou contra seus lábios e ele introduziu a língua em sua boca. Apertou-a contra o assento do Daimler e a calidez dela o envolveu.

Beijou-a, saboreou-a, até que a tensão abandonou o corpo de Pru e ela relaxou em seus braços, até que lhe rodeou o pescoço com os seus. Chapel gemeu. Se não parasse, nada poderia evitar que levasse esse encontro até o nível seguinte. Pru o desejava tanto como ele a ela, ele sabia que era assim, mas não ia lhe fazer amor no carro de seu pai.

Afastou-se e lhe sorriu sob o azul escuro da noite. Pru estava sem fôlego, tinha os olhos entreabertos e o olhar doce.

-Isso - disse ele com suavidade-, foi para que se cale.

A risada de Pru inundou a noite e Chapel voltou a beijá-la.

O sol estava se pondo quando Chapel despertou. Os dias se estavam tornando mais curtos e logo as estações jogariam a seu favor e as noites se alongariam.

Não é que precisasse de mais tempo para "desperdiçar", como dizia Pru.

Só de pensar nela se esboçou um sorriso em seus lábios. Sem dúvida nenhuma, eles não tinham "desperdiçado" o resto da noite.

Passaram horas se beijando e falando antes que o amanhecer ameaçasse com sua presença.

Havia uma felicidade em seu peito que nunca antes tinha estado ali. Uma felicidade da qual Pru era a única responsável. Em seu coração havia esperança. Chapel acreditava que tinha perdido para sempre essa capacidade de sentir-se tão feliz.

Mas não tinha perdido a esperança. Talvez a fé, mas não a esperança. Chapel tinha deixado que a Igreja o humilhasse, obrigasse-o a fazer coisas, usasse-o. Até mesmo lhes tinha permitido que marcassem sua pele... uma cruz em seu ombro direito. O ferro candente ainda lhe



ardia, e o símbolo sagrado ainda queimava e picava; a cicatriz continuava rosa e brilhante. Era a única marca que não se apagou desde que se converteu em vampiro. Tinha servido de algo para salvar sua alma? Duvidava muito.

Estar com Pru fazia muito mais por sua salvação que nenhuma das missões que tinha aceito em nome da Igreja. Com ela era sincero. Sentia que podia compartilhar tudo. Chapel nunca havia se sentido assim antes, não que ele lembrasse.

Ouviu uns passos no corredor e se preparou para a visita que se aproximava. Molyneux, se não se enganava. Atravessou o tapete e abriu a porta para dar as boas vindas a seu amigo.

O ancião sacerdote o presenteou com um sorriso.

-Nunca deixará de fazer isso, verdade, *mon ami*?

Não, não deixaria.

-Está muito sério. O que foi?

-Chegou o momento de partir.

Chapel sentiu gelar o seu coração, mas mesmo assim assentiu. Sabia que o que dizia o sacerdote era certo, mas só de pensar em abandonar Pru... doía-lhe a alma.

-Quando? –mesmo a ele custou reconhecer aquela voz tão rouca.

-Amanhã.

Tão cedo? Mal teria tempo de despedir-se de Pru, mas talvez fosse melhor assim. Quanto antes se fosse, mais fácil seria para ambos. Ele sentia muitas coisas por ela. E ela também as sentia por ele.

-Marcus me acompanhará a França.

-Como disse? -Chapel sacudiu a cabeça.

Um amável sorriso se formou nos lábios de seu amigo.

-Acho que você devia ficar aqui.

-Por quê? -Embora a notícia fosse muito bem recebida, doía-lhe que Molyneux o descartasse com tanta facilidade. E estava zangado consigo mesmo por querer que isso acontecesse. Deveria ser ele quem cruzasse o continente em busca de Temple. Era seu dever, não o de Marcus.

-Marcus quer ajudar a resolver esta situação. Virá comigo a França e juntos recorreremos aos contatos da Igreja para encontrar Bishop. Talvez ele tenha topado alguma vez com a ordem.

-Se não for assim - respondeu



Chapel ausente-, certamente que Saint os conhece. -Bishop era um caçador, perseguia os demônios que faziam o mal e os julgava ele mesmo sem vacilação. Saint, por sua parte, fazia tudo o que estava em sua mão para zombar do que seu nome significava. Desfrutava do que era e usava a tudo o que cruzava em seu caminho.

Chapel não pôde esconder seu ceticismo ante Molyneux.

-Sei que isto deve te parecer estranho - disse este-, mas acredito que é o melhor modo de agir.

-Ah, sim? Como Grey se protegerá da ordem, ou de Saint, se pode me dizer?

Era pena o que refletiam os olhos do ancião?

-Estará bem. Não temos nada que temer de Saint, embora tampouco queira me aproximar tanto dele para pôr esta teoria a prova. Você será muito mais útil se ficar aqui.

-Você mesmo disse que com certeza a ordem já esta muito longe destas paragens. -E Chapel não tinha esquecido que seu amigo ainda não lhe havia dito o motivo pelo qual acreditava que ele devia ficar.

A expressão de Molyneux foi triste e sábia ao mesmo tempo.

-Está o bastante convencido disso para deixar à senhorita Ryland e sua família aqui sozinhos e desprotegidos?

Ao ouvir isso, Chapel sentiu como se lhe dessem um murro no estômago. Molyneux o conhecia muito bem. Sabia que seria incapaz de abandonar Pru enquanto existisse a menor ameaça.

-Não. Mas ambos sabemos que as possibilidades de que a ordem volte atacar são mínimas.

-Certo. -Molyneux não deixou de olhá-lo nos olhos- Mas os Ryland não são os únicos que me preocupam.

Chapel o olhou surpreso.

-Está preocupado comigo?

O sacerdote assentiu.

-Dou-me conta do quanto ela chegou a significar para você, *mon ami*. Sei o que quer fazer ao homem que a envenenou e que atacou a sua família.

Mataria-o. De um modo lento e doloroso. Era evidente que a Igreja não o queria morto. Queriam descobrir



seus planos, averiguar até onde se estendiam as raízes da ordem. Chapel entendia, mas não gostava nem um pouco.

-Sem seu sangue... -Era uma tentativa desesperado de aferrar-se ao que lhe era familiar.

-Acredito que ambos sabemos que você pode se ocupar disso. -Molyneux não recriminou nada, só mencionou um fato.

Chapel franziu o cenho. Ficou sem argumentos.

-Me manterá a par de seus progressos?

A expressão do sacerdote era pura compreensão e amabilidade.

-Oui. E quando precisar de você mandarei te buscar.

-Estarei à disposição.

-Espero que não, *mon ami*.

Ao entender o que seu amigo queria dizer, Chapel sentiu que se formou um nó no seu estômago. Molyneux conhecia a realidade tão bem quanto ele.

A única coisa que faria com que estivesse disposto a deixar de Rosecourt seria a morte de Pru.

-Quando se vai o padre Molyneux?

Chapel e Pru estavam passeando pela solidão do jardim. Os grilos cantavam uma suave canção e um mocho ululava na distância. Na lonjura, as ondas do mar rompiam contra a borda e perfumavam o ar com um cheiro de sal e de paz.

-Amanhã. -Chapel se deteve e ela abriu a porta da estufa para que pudessem entrar.

-Sentirá falta dele?

Um ar quente e úmido lhes deu as boas vindas, denso de fragrâncias. Havia uma dúzia de mesas cobertas de vasos de barro e de flores. As plantas maiores se penduravam do teto e das paredes.

-Sim, claro - respondeu ele. Um arbusto de rosas captou sua atenção- Mas voltarei a vê-lo.

-Acha que você e eu voltaremos a nos encontrar?

Chapel se voltou para onde estava ela. Pru não o estava olhando, tinha os olhos fixos em algum ponto do infinito.



Aquilo era pouco provável, e ambos sabiam. Maldita fosse.

-A que se refere?

Agora sim o olhou. Chapel pôde ver seu sorriso triste.

-Algum dia, no céu.

Foi difícil, para ele, engolir. O nó que tinha na garganta se negava a desaparecer.

-Eu gostaria.

Um pequeno ruído escapou da garganta de Pru. Pareceu um sorriso, mas era muito sarcástico para sê-lo.

-Não quero morrer virgem.

Como um menino, Chapel se surpreendeu ao ouvir sua confissão. Sentiu uma espetada no polegar e apartou a mão das roseiras.

Havia suficiente luz para que Pru visse seu sobressalto. E com certeza ouviu sua queixa.

Aproximou-se dele, eliminou a distância que os separava e franziu o cenho.

-O que aconteceu?

-Não é nada. Um espinho.

Agarrou a mão dele entre as suas muito menores. Suas carícias eram suaves e leves, como o véu da noite. A segurava como se fosse algo delicado, algo bonito, amado e especial, não como a mão de uma criatura que poderia lhe arrancar a vida sem nenhum esforço.

Levou aquela mão aos lábios. Chapel sabia o que pretendia e se sentiu assustado e decepcionado ao mesmo tempo. Tinha planejado isso? O exatamente queria dele? Queria a ele, ou ao que ele podia lhe dar?

-Não vou te transformar, então não servirá de nada.

Pru sorriu, o extremo de seu polegar descansava no lábio inferior dela.

-Pobre Chapel, sempre tão desconfiado. Não te ocorreu pensar que talvez queira te seduzir e não te usar?

Antes que ele pudesse detê-la, Pru separou seus doces lábios e introduziu o polegar dele em sua boca. Sentir a suave língua dela lhe acariciando a pele fez seu coração se deter.

Seduzi-lo? Ia matá-lo.



E era uma morte que ia aceitar feliz.

CAPÍTULO 18

Pru sentia a pele de Chapel cálida e salgada contra sua língua, seu sangue tinha sabor de cobre e açúcar. Não havia nada desagradável nele. De fato, era muito excitante saber que uma pequena parte dele formava agora parte dela, uma parte que nunca poderiam lhe arrebataram. Sabendo o que ele era, quão vital o sangue era para sua sobrevivência, era como unir-se a aquele homem de um modo mais profundo e íntimo inclusive que fazer amor.

Abriu a boca e o soltou. Passaram uns segundos, mas foi como uma eternidade.

Chapel afastou a mão devagar, observando cada movimento como se temesse explodir em mil pedaços a qualquer momento. Sob a luz da lua, olhou-a com os olhos cheios de tristeza. O via tão vulnerável tão emocionado e assustado. Como Pru ia conseguir fazê-lo compreender que queria estar com ele apesar de tudo?

-Por quê? -Sua voz foi apenas um sussurro.

Pru inclinou a cabeça e lhe acariciou a bochecha. Pobre, pobre Chapel.

-Porque quero levar uma parte de você quando for.

Chapel sabia ao que ela se referia quando dizia que iria embora. Embora parecesse impossível, seu olhar se entristeceu ainda mais.

- Eu, que você não levasse nada mais que viesse de mim... Não, se quer entrar no céu. -Franziu o cenho e tragou saliva.

o coração de Pru deu saltos. Saber que sua morte o afetava de tal modo lhe provocava uma sensação agri-doce. Aproximou-se dele, eliminou a pouca distância que os separava até que nada, exceto um raio de lua e seus fôlegos, interpôs-se entre ambos.

-Eu gostaria de te dar algo de mim para que pudesse me levar contigo - murmurou ela, e apoiou uma mão em seu torso. Sustentou seu olhar. E se a rechaçasse?

Chapel ficou

petrificado. Sacudiu a



cabeça e sua cabeleira dourada se despenteou com a brisa.

-Não, Pru. Não beberei seu sangue.

Ela fechou sua boca com os dedos para que se calasse.

-Não é isso o que quero.

Chapel piscou e, ao dar-se conta do que queria dizer, seu olhar se obscureceu imediatamente.

-Disse que me ajudaria a fazer o que eu quisesse - lembrou ela, e não lhe deu a possibilidade de negar. Apertou suas pernas contra as dele, seus seios contra seu torso, e eliminou assim totalmente a distância que os separava- Quero sentir paixão, Chapel. Quero saber o que é fazer amor. Com você.

Chapel se via tão pálido na escuridão. Separou os lábios mas deles não saiu nenhum som e, com uma mão, apertou a dela em cima do lugar onde seu coração se esforçava por seguir pulsando. Olhou-a como se acabasse de cravar uma adaga entre as costelas.

-Não me faça isto. Por favor. Não quero te fazer mal.

Permitindo que visse sua dor já lhe estava fazendo mal.

-Eu não quero que me faça mal. Quero que me faça amor.

-Pru...

Ela o interrompeu.

-E eu quero te fazer amor. Quando foi a última vez que alguém amou você, Chapel?

Eram lágrimas o que havia nos olhos dele ou a lua lhe estava pregando uma peça?

-Nunca. Nunca ninguém me amou. -Sua voz mal podia ouvir-se.

Não, era ela a que estava chorando.

-Então, deixe que eu o faça. Por favor.

Com a mão que tinha livre, Chapel lhe acariciou a bochecha. A outra seguia segurando a dela sobre seu coração.

-Estou convencido de que não tenho feito nada para te merecer, *mon ange*, mas não sou o bastante forte para te rejeitar, apesar de que sem dúvida serei castigado por isso.

Pru separou os lábios para discutir isso, mas Chapel os fechou com os seus.

Uma idéia conseguiu penetrar a



mente do Pru. Seu anjo. Chapel a tinha chamado seu anjo.

Os lábios do Chapel reclamavam os seu de um modo ardente, insistente mas ao mesmo tempo incrivelmente suave. Os joelho de Pru tremeram e o coração lhe pulsava acelerado contra o peito. Estava nervosa e assustada, e muito impaciente agora que sabia como acabaria essa noite. Suas línguas se acariciaram e saborearam, em uma dança que imitava a que seus corpos logo dançariam.

Uma a uma, Chapel foi lhe tirando as forquilhas do cabelo. Caíram ao chão com suaves golpes. Nunca seria capaz de encontrá-las, e não se importava nem um pouco. Ao menos era o bastante tarde para que ninguém a visse quando voltasse para casa. Chapel não demorou em lhe soltar o coque, e sua cabeleira caiu em cascata por suas costas. Ele penteou com os dedos as espessas mechas e Pru gemeu, jogando a cabeça para trás. Ofereceu-lhe o pescoço e procurou a as carícias de suas mãos como um gato precisando de afeto.

Os dedos com os que lhe acariciava o cabelo se deslizaram por suas costas até chegar a suas nádegas. Chapel deixou de beijá-la e seus lábios percorreram sua mandíbula ao mesmo tempo em que Pru arqueava a coluna. Os quadris dela se apertavam contra os dele, encantados de sentir sua dureza. Através da saia, Pru podia notar sua deliciosa pressão, e isso fazia que espirais de prazer a percorressem por completo. Moveu-se com ele, afastou-se e logo voltou a aproximar-se, a necessidade que sentia em seu interior aumentava à medida que os lábios de Chapel desenhavam um ardente caminho de beijos sobre sua pele.

Ele levantou a cabeça. Na luz tênue, Pru pôde apreciar suas belas facções. Seus olhos dourados brilhavam de um modo que a derretia, e dessa vez sabia que não estava imaginando isso.

-Tem certeza? -perguntou ele.

O coração de Pru deu um pulo ao ouvir a ternura com que lhe falava. E ele se considerava um monstro. Como podia alguém tão ferido e tão doce ser nada mais que puro e bom? Puxou sua camisa tirando- a da cintura das calças. Graças a Deus que quando estava com ela não se vestia muito. Deslizou os dedos debaixo do tecido, impaciente por sentir o quente veludo de sua pele.

-Sim - lhe respondeu.

Chapel voltou a beijá-la, quase com reverência, mas com uma necessidade que antes tinha escondido. Tinha



chegado o momento. A ansiedade e a antecipação inundaram Pru. Pela primeira vez, mesmo se só fosse por uma noite, ia saber o que era ter aquele homem entre os braços. Saberia o que se sentia ao ser amada e desejada. Ao fundir-se com outra pessoa.

Sim, queria fundir-se com o Chapel. Ser um com ele.

A língua dele acariciou com acanhamento a dela, a proibida promessa de seus dedos começou a lhe desabotoar o vestido pelas costas. A suave seda azul se pendurou de seus ombros, mas só por um instante, antes que ele a deslizasse pelos braços.

Quando o vestido caiu ao chão, Chapel levantou Pru e a sentou em um espaço vazio que havia em uma mesa próxima. Ela sentiu a áspera madeira contra suas coxas, através de sua fina combinação. Com a esperança de que essa noite acabasse precisamente desse modo, Pru não pôs roupa interior.

Levara seu espartilho mais bonito, de seda rosa com pequenos laços. O decote era muito baixo, mal cobria seus seios e os empurrava sensualmente para cima. Tremeu quando sentiu os ásperos dedos de Chapel percorrendo sua pele por cima da seda rosada. Logo se deslizaram para baixo, por dentro do espartilho, rodearam-lhe o seio e o levantaram para que escapasse daquela prisão de seda.

O ar frio lhe acariciou a pele e quando o polegar do Chapel a acariciou, Pru suspirou entre seus lábios.

Ele deixou de beijá-la e percorreu com a boca sua mandíbula, seu pescoço, até chegar a seus seios; a cada beijo, Pru se sentia mais impaciente e excitada. Por fim, a cálida umidade de seus lábios rodeou um seio para substituir aos dedos que antes a acariciavam. Pru gemeu de prazer e se arqueou contra ele.

A mão de Chapel se deslizou para baixo até chegar ao extremo de sua combinação. Devagar, subiu o tecido pelas coxas de Pru até descobrir seus quadris. Com a palma lhe acariciou o interior da perna, e um montão de sensuais cócegas percorreram toda a pele dela. A necessidade que sentia ia aumentando cada vez que os dedos de Chapel se aproximavam daquela parte de seu corpo que tanto ansiava suas carícias.

Toda sua vida lhe haviam dito que as damas solteiras não deviam ter esse tipo de encontros, que era impróprio fazê-lo sem a bênção do matrimônio, e que inclusive estando casada era ruim



desfrutar disso. Mas a Pru resultava impossível acreditar que o que acontecia ela e Chapel fosse ruim

Ele deslizou a mão mais acima, lhe separando as pernas. Ao sentir como seus dedos a acariciavam ali, todo seu corpo se esticou. Pru gemeu surpreendida e o agarrou pelo cabelo com força enquanto ele seguia lhe beijando os seios.

Um de seus dedos a separou, movendo-se com uma lentidão que beirava a tortura entre as úmidas pétalas de sua carne. Ondas de prazer a golpearam, era como uma maré que exigia ser solta embora ao mesmo tempo Pru desejava que continuasse acariciando-a desse modo para sempre.

Chapel lhe mordeu o seio com suavidade, e ela gritou. Ele levantou a cabeça de sua pele úmida e ruborizada e a olhou nos olhos, seus dedos continuaram acariciando a umidade entre suas pernas. A cor dourada de seus olhos fez com que o coração de Pru se acelerasse de excitação.

Deus, a fazia sentir...

-Quer mais? -Tinha a voz rouca e espessa. Pru assentiu, incapaz de responder.

Chapel continuou olhando-a e se desabotoou os botões da jaqueta. Atirou-a atrás dele sem prestar atenção. A branca camisa seguiu o mesmo caminho. Com a boca seca, Pru olhou com olhos famintos como cada músculo do estômago dele se esticava à medida que seu torso ficava descoberto.

Era um belo e dourado deus grego. Tinha os ombros largos, com os ossos muito marcados. Uma fina capa de pêlos lhe cobria o torso até a cintura das calças.

Não havia nem rastro dos ferimentos que tinha sofrido no ataque à casa, nada perturbava a perfeição de seu corpo salvo a marca em forma de cruz que se via na parte superior de seu ombro direito.

-Tinha isso quando era mortal?

-A Igreja marcou a todos quando nos entregamos.

Marcou-os? Como a animais? Olhou-o com os olhos totalmente abertos, uns olhos que começavam a encher-se de lágrimas.

-Sinto-o tanto...

O olhar de Chapel mudou de intensidade, suavizando-se. Foi como se suas palavras alcançassem no mais fundo de seu ser.

-Não sou um homem, Pru. Para a Igreja e para o mundo inteiro sou uma



abominação. É isso o que quer que seja seu amante?

Pru levantou as mãos e lhe afastou algumas loiras e sedosas mechas do rosto.

-Quero que você seja meu amante. Não importa o que ninguém mais pense sobre você, para mim é maravilhoso.

Chapel se colocou entre suas pernas, tão perto que Pru podia sentir seu calor.

-Não quero te fazer mal.

Ela sorriu. Aquele homem era tão doce, que ela logo seria como argila entre seus braços.

-Pois não faça.

Voltou a beijá-la, a reclamá-la com lábios tenros e ansiosos. Afastou-se de repente e a olhou durante um comprido instante antes de ajoelhar-se. Esse movimento o colocou em uma postura muito embaraçosa para ela.

-O que está fazendo? -O coração de Pru se descontrolou ao sentir como as mãos dele a agarravam pelos quadris e a aproximavam do extremo da mesa.

-Quero te saborear disse com seus olhos dourados sustentando seu olhar- Quero te dar agradar.

E como ia fazer isso dali de baixo? OH! A cabeça de Pru caiu para trás e teve que apoiar-se nos cotovelos ao sentir como a acariciava com a língua, como explorava seu úmido sexo do mesmo modo com que antes tinham feito seus dedos. Quente, úmida, firme, sua língua era como seda contra sua sensível pele. Sua mandíbula lhe arranhava as coxas, e Chapel lhe separou mais as pernas, como se se tivesse dado conta de que lhe estava irritando a pele. Segurava-a com força, Pru completamente aberta diante dele, completamente vulnerável ante o sensual ataque de seus lábios; ele continuou lambendo-a, beijando-a até derretê-la.

Os dedos de Pru se enredaram em seu cabelo, puxaram aquelas espessas mechas ao mesmo tempo que seus quadris se ondulavam contra o assalto da boca e da língua dele. Quando Chapel encontrou a pequena e mais sensível parte de seu ser e a acariciou sem clemência, Pru gritou de prazer. Sua necessidade crescia e crescia à medida que seus quadris subiam e baixavam. Levantou os joelhos e cravou os calcanhares na mesa para que ele pudesse chegar mais fundo, apoiou-se com força e elevou os quadris.

Uma última carícia de sua língua a levou ao limite, e então começou a gemer



sem poder controlar o enorme prazer que explodiu dentro dela.

A boca de Chapel se afastou, mas Pru mal se deu conta, pois ainda tremia pelo que tinha experimentado.

Ele ficou de pé. Olhou-o enquanto desabotoava as calças, que se deslizaram por suas pernas com um suave sussurro.

A parte inferior de seu corpo estava bronzeada como a superior, e coberta pela mesma fina capa de pêlos dourados. Entre suas pernas, de um ninho de cachos castanhos surgia seu pênis. Comprido e largo, só de vê-lo se assustou e se excitou ainda mais. Chapel ia entrar dentro dela, encheria-a, completaria-a.

Olhou-o aproximar-se da entrada de seu corpo. Com a ponta de seu sexo Chapel acariciou os sedosos lábios do dela, acendendo assim de novo todo aquele fogo.

-Deseja-me, Pru?

Ela levantou a vista e encontrou seu ardente olhar; sem vergonha, sem vacilar, respondeu:

-Sim. Desejo. A você, só a você.

Devagar, Chapel entrou dentro dela. Apertou um pouco, não muito, mas de um modo insistente. Pru gemeu e ele, devagar, começou a penetrá-la, a moldá-la. Chapel lhe segurava os tornozelos com as mãos para que mantivesse os calcanhares em cima da mesa, com as pernas bem separadas. Sentiu uma pequena estocada, e então ele a encheu por completo.

Sentia-o estranho e muito grande. Não era o que ela esperava. Não é que fora tão ruim quanto tinha ouvido dizer que podia ser a primeira vez, mas não podia comparar-se com o que a tinha feito sentir há uns momentos.

-Fique quieta uma instante -disse ele, como se tivesse lido seus pensamentos- Melhorará.

Pru obrigou seus músculos a relaxar-se, confiava nele. Tinha razão. Passados uns segundos, seu corpo se acostumou a tê-lo dentro dela. Chapel soltou uma das mãos com as que lhe segurava os pés e a levou até onde ambos estavam unidos. Com suavidade, separou com o polegar seus lábios e encontrou aquele pequeno ponto que sua língua tinha acariciado antes. O roçou, obtendo que um montão de faíscas de paixão a enchessem de novo, e não parou de fazê-lo até que Pru começou a mover os quadris procurando o prazer



onde seus corpos se fundiam.

Chapel se moveu dentro dela, com movimentos suaves, profundos, arqueando os quadris em vez de simplesmente empurrando. Agora Pru quase não sentia dor; nada era comparável ao prazer que sentia ao estar unida a ele.

Mas não era suficiente. Queria mais, queria lhe dar uma parte dela. Devagar, Pru se levantou um pouco e lhe abraçou os quadris com as pernas para ficar assim sentada.

Chapel a rodeou com os braços e os dela procuraram seus ombros. Aproximou-a mais a ele para beijá-la, mas Pru jogou a cabeça para trás e lhe ofereceu o pescoço. Não sabia muito sobre vampiros, mas em todos os livros que tinha lido mencionava o pescoço.

-Me transformaria se me mordesse?

Chapel se deteve um instante e, durante um segundo, ela viu a dor que havia em seus olhos.

-Não.

-Assim não há nada que te impeça de beber de meu sangue.

Chapel abriu os olhos de par em par. Exatamente nesse momento deu-se conta de que ela não queria nada dele, ao contrário, o estava oferecendo; confiava-lhe a própria vida.

-Pru...

Ela cobriu sua boca com os dedos.

-Quero que faça isso.

Afastou os dedos e se abraçou a ele, rodeou-lhe com os braços uma vez mais e jogou a cabeça para trás.

As mãos que sentia nas costas a acariciaram com suavidade e uma se deslizou até seu ombro. O fôlego de Chapel era quente contra seu pescoço, o toque de seus lábios suave como as asas de uma mariposa.

-Ah. -Sentiu uma pequena espetada quando suas presas penetraram sua pele, e logo ao sentir como ele tomava essa parte dela, uma onda de prazer a encheu por completo. Um calor líquido correu por suas veias alagando-a com as sensações mais intensas que tinha sentido. A boca de Chapel não soltava o pescoço de Pru e com seus quadris a apertava contra ele aumentando o ritmo de seus movimentos.

Pru lhe abraçou

com força, seu corpo



colado ao dele, maleável e ansioso entre seus braços. A tensão que sentia entre suas pernas ia aumentando, cada vez se aproximava mais a um segundo orgasmo.

Apertou-o entre suas coxas, incorporou-se um pouco mais, arqueou sua pélvis contra a doce pressão de sua mão e contra os deliciosos arremessos de seu corpo. Chapel começou a sugar seu pescoço com mais anseio e Pru soube que estava tão perto de estourar quanto ela.

De repente, ela já não estava ali. De repente Pru explodiu na tormenta do êxtase que os lábios e o corpo de Chapel tinham provocado. Agarrou a cabeça dele com força, segurou-o contra seu pescoço e o orgasmo a atravessou inteira, fazendo-a estremecer, aturdida de prazer.

Chapel permaneceu abraçado a ela, com o rosto enterrada no oco de seu ombro.

-Olhe para mim -disse Pru quando se deu conta de que ele não tinha intenções de fazê-lo.

-Não quero que me veja quando pareço um demônio.

Um demônio? Pru estava tão feliz e satisfeita pelo modo em que lhe tinha feito amor que lhe deu vontade de rir.

-Chapel, você nunca poderia me assustar. Olhe para mim.

Devagar, ele levantou a cabeça. Quando a olhou, a única coisa que ela viu foi a seu amado vampiro. Tinha os olhos brilhantes, mas não tanto quanto antes; já não brilhavam tanto na escuridão. Tinha os lábios mais escuros e, quando os beijou, encontrou neles seu sabor, o de seu corpo e o de seu sangue. Mas não havia nele nada que a assustasse.

Sorriu-lhe e afastou uma mecha de seu atormentado rosto.

-Obrigada.

-Por? -Ele franziu o cenho.

-Por esta experiência.

-É pelo que acredita que fiz amor com você? Por pena?

Se Pru não o tivesse segurado, teria se afastado dela. Não, isso não era totalmente certo. Se ele quisesse se afastar dela nada poderia detê-lo, Pru sabia. Não tinha se afastado porque ela não queria que o fizesse, não porque tivesse suficiente força para impedi-lo.

-Não foi isso o que quis dizer. -



Acariciou-lhe o braço- Só queria que soubesse o quanto isto significou para mim. O quanto você significa para mim.

Chapel ficou olhando durante muito momento, tanto, que ela começou a preocupar-se se por acaso havia dito muito. Então ele levantou a mão e lhe acariciou a bochecha com os dedos.

-Acho que sou eu quem deveria estar agradecido - murmurou- É a primeira mulher que me aceita tal como sou, e por isso nunca a esquecerei, Prudence Ryland.

Pru deixou que Chapel a estreitasse entre seus braços e a aconchegasse contra ele. Os olhos se encheram de lágrimas e se esforçou para afastá-las. Esse não era momento de chorar. Só queria saborear o instante.

Não, talvez ele não a esquecesse, mas algum dia, ao cabo de dois anos ou de dois séculos, encontraria alguém que ocupasse seu lugar, alguém que vivesse o bastante para compartilhar sua vida com ele. Chapel encontraria a alguém especial e ela não seria mais que uma agradável lembrança.

Pelo menos não estaria ali para ver.

Chapel sabia que, de todas as coisas que tinha feito em sua vida, a que mais lamentaria seria ter feito amor com Pru. Certamente que apoderar-se de sua inocência e de seu sangue ao mesmo tempo era o maior dos pecados. Sabia que estava errado, mas não conseguia arrepender-se de tê-lo feito.

De fato, era incapaz de lembrar nada mais em toda sua existência que o tivesse feito sentir-se tão bem como se sentia ao estar com Pru.

Molyneux e Marcus se foram, e, aparentemente, com eles se foram também todas as inibições de Chapel. Sem Molyneux ali, nada o lembrava do que era, nem de seu dever, nem de sua maldição. Com Pru podia ser ele mesmo, só um homem, e às vezes até mesmo se esquecia de que não o era. A única coisa que importava era que podiam ficar juntos. Nem o desaparecimento de Temple o preocupava. Isso deveria ter feito com que se sentisse culpado. E, quando pensava nisso, sentia-se muito mal.

Quanto a Pru, Chapel pensava nela todo o tempo que não passava a seu lado, que não era muito. Desde que despertavam até que não conseguiam mais se manter em pé, estavam juntos. Às



vezes, alguns membros de sua família ficavam acordados para compartilhar algum tempo com ele. Faziam-no se sentir a vontade e bem recebido apesar do que era, e aparentemente todos tinham começado a aceitá-lo. Matilda ainda lhe tinha um pouco de medo, mas mesmo ela tinha progredido.

Chapel não queria ir embora daquele rincão do céu, mas sabia que algum dia teria que fazê-lo. E por muito que odiasse abandonar Pru, não queria estar ali quando morresse.

Esforçava-se para não pensar em sua morte, preferia concentrar-se em desfrutar do tempo que restava, em viver o presente.

-Tem certeza de que quer fazer isto? -Chapel olhou para Pru ao lhe fazer essa pergunta.

Ela levantou o olhar. Na escuridão, seus olhos pareciam negros; tinha as pupilas tão dilatadas que se confundiam com as íris.

-Tenho certeza. Mas estou aterrorizada.

Chapel riu. Estavam no balcão do quarto dela, os dois vestidos com roupas formais.

-Não deixarei que nada ruim aconteça com você.

Pru assentiu, recolhendo o cabelo com um lenço.

-Sei. Mas me pergunto quem vai cuidar de você.

Que ela confiasse tanto nele o fazia sentir uma calidez que lhe derretia pedaços da alma que acreditava ter congelados para sempre.

-Não vai acontecer nada com ninguém. Agora, me rodeie com os braços.

Ela sorriu e fez o que lhe ordenava.

-Deveria me ter dado conta de que tudo isto era só uma desculpa para conseguir o que queria. Na verdade não pode voar, não é?

Chapel também a rodeou com os braços e, em vez de responder, limitou-se a se separar do chão à velocidade de uma bala. O grito de Pru se perdeu na noite, e se dirigiram para as nuvens.

Chapel se divertia ao ver o rosto assustado de Pru e que ela se segurasse a ele com tanta força. Voltou-se de modo que ficaram frente a frente; ambos podiam ver a paisagem que havia a seus pés e o céu que cobria suas cabeças. Pru, parecia incapaz de afastar o olhar de seu rosto.



-Estamos voando! -gritou.

O vento a despenteou e ameaçou arrancando o lenço que ela amarrou com tanto cuidado na cabeça. Iam a um lugar no qual a ninguém importaria o aspecto de seu cabelo, mas de qualquer forma ela queria estar bonita. O homem que pudesse negar algo a Pru teria que ser muito mais forte do que ele era.

Essa noite iam a um espetáculo burlesco em um conhecido e discreto estabelecimento de Londres. Fazia muito tempo que Chapel não ia a um espetáculo desse tipo, mas era uma das coisas que Pru queria ver e ele não era capaz de lhe negar nada. Ela tinha curiosidade. No mundo moderno em que viviam, as pessoas se esforçava muito em afirmar que o sexo não lhes importava, ao mesmo tempo em que aperfeiçoavam todos os vícios imagináveis relacionados com ele.

Quando entraram no lugar lhes deram umas máscaras para usarem se por acaso quisessem proteger sua identidade. Primeiro Chapel não ia usá-la, mas logo mudou de opinião. Havia uma pequena possibilidade de que alguém que conhecesse Pru estivesse ali, e que talvez logo os visse juntos em uma situação socialmente mais aceitável. Não queria que ninguém soubesse que ele a tinha levado a um desses espetáculos. A reputação dela ficaria maculada para sempre.

Pru lhe segurou a mão todo o tempo, e lhe fez um milhão de perguntas que conseguiram diverti-lo e estimulá-lo. Pelo modo como que lhe acariciava a mão com o polegar era óbvio que o espetáculo a tinha agradado.

Chapel também gostou, era difícil que não fosse assim. Afinal de contas, isso era o que procuravam essas representações; persuadir a quem as via a levá-las a prática.

Pru não demorou muito para deixar de olhar o espetáculo e começar a observar às pessoas que os rodeavam. A só alguns metros de distância havia uma mulher ajoelhada ante um homem, com seu membro na boca. Outro casal mantinha relações no sofá enquanto outros os acariciavam e lhes davam ânimos. E mais longe, dois homens se beijavam e se tocavam com outros a seu redor.

-É hora de ir - disse Chapel, e a agarrou pelo cotovelo.

-Por quê? -Ela deixou que a levasse, mas continuava olhando de esguelha.

-Porque vai se organizar uma orgia, e nunca gostei dos grupos.

Pru o olhou nos olhos.



-Esteve alguma vez em um desses "grupos"?

-Sim - respondeu ele sincero, e arrancou a máscara para deixá-la em cima de uma mesa- Não me lembro muito. Estava muito bêbado.

E também tinha estado com aquelas prostitutas na noite em que tinham envenenado Pru, mas isso era diferente. Chapel não tinha feito nada de nada com elas. Só tinha bebido um pouco de seu sangue. Se tivesse feito algo mais haveria sentido que era infiel a Pru. Qualquer outra coisa teria sido como usar a outra mulher para substituí-la, e ele não quis fazer isso.

Pru também tirou a máscara enquanto ele continuava empurrando-a. Chapel a pegou de suas mãos e a deixou sobre uma cadeira antes de sair correndo pela porta principal.

Pru permaneceu em silêncio até que se afastaram da casa. Por um momento, Chapel pensou que estava zangada porque no passado ele tivesse participado de uma orgia. Deveria ter sabido que ela demoraria um momento para assimilar isso.

-Alguma vez você fez amor onde pudessem te flagrar?

Ele ficou olhando-a incapaz de esconder sua surpresa.

-Sim, mas disso também faz muitíssimo tempo. -No mínimo mais de um século.

-Estava sóbrio? -Pru sorriu.

-Sim. -Chapel não pôde evitar lhe devolver o sorriso.

-Você gostaria de fazer o amor comigo em algum lugar público? -perguntou ela.

Seu sorriso se converteu em exclamação.

-Meu Deus, nunca deixa de me surpreender!

Pru riu, para ele esse era o som mais doce do mundo. Voltou-se e se apertou contra ele, excitando-o ao máximo com suma facilidade.

-Vamos fazer. -Pru tinha a voz rouca e sedutora- Vamos fazer agora.

Essa foi o único convite que Chapel precisou. Agarrou-a pelo braço e a levou até um beco escuro que havia atrás do teatro. Ele não ia fazer lhe amor naquele lugar sujo; levaria-a a um lugar digno de suas fantasias.

Pru entrou feliz no círculo de seus braços, estava pronta e nervosa. Chapel a abraçou com a mesma força com que o fazia quando voavam e apertou seus quadris contra os dele para que pudesse sentir quão excitado estava.

Ela o beijou e sua doce, sedutora



boca se fundiu com a dele. Estava ainda beijando-o quando seus pés voltaram a tocar o chão uns instantes mais tarde.

Pru olhou a seu redor. Chapel esperou que ela se desse conta de onde a tinha levado. Estavam em um amplo jardim, mas escondidos entre as sombras. Havia guardas detrás deles, não o bastante perto para ouvi-los, mas sim o bastante para correr o risco de que assim fosse.

O instante em que Pru se deu conta de aonde tinham ido ficaria para sempre gravado na memória de Chapel. Ela tinha os olhos dilatados quando o olhou.

-O palácio de Buckingham! -sussurrou Pru.

Chapel riu.

-É perigoso o bastante para você?

-Chapel...

Mas ele já a estava levando para um dos muros do palácio, para um rincão escuro. Quando a teve onde queria, levantou-lhe a saia com uma mão. Inclinou-se um pouco sobre ela, rodeou-lhe o traseiro com a outra mão e a levantou até que Pru pôde lhe rodear a cintura com as pernas. Fez-o sem vacilar, e ele não pôde evitar sorrir. Não tinha protestado nem um pouco.

Chapel deslizou os dedos por suas coxas, procurando entre as pernas de Pru. O fino tecido estava úmido, a pele que cobria ainda o estava mais.

-Está pronta para mim - murmurou ele entre seus lábios, enquanto com um dedo acariciava o úmido e quente passadiço. Com a outra mão lutou por desabotoar as calças e liberar assim sua ereção. Seu sexo saiu, rígido e ansioso por possuí-la.

Ela sorriu e gemeu ao mesmo tempo em que se movia junto à mão dele.

-Faz muito tempo que estou pronta para você.

Pru introduziu as mãos entre seus corpos e rodeou com os dedos a dura ereção de Chapel lhe dispensando carícias fortes e decididas. Com o polegar lhe acariciou o extremo e utilizou o lubrificante que havia ali para desenhar toda sua extensão. Chapel tremeu. Deus, ia fazer com que gozasse só fazendo isso.

Retirou-lhe o dedo e permitiu que Pru o levasse até a entrada de seu corpo. Estava sedosa e úmida e a sentia incrivelmente quente ao redor dele. Queria aproveitar seu tempo, mas foi impossível.

Com um rápido

empurrão,



introduziu-se no mais fundo dela e ambos gemeram de prazer. Chapel olhou de esguelha se os guardas os tinham ouvido. Um deles olhou em sua direção, mas em seguida afastou a vista.

-Está bem? -perguntou-lhe voltando-se para se concentrar na bela mulher que o abraçava, que o mantinha apressado dentro de seu sexo.

-Estou bem. -Moveu os quadris contra os dele-. Silêncio. Vão ouvir.

Esteve a ponto de dizer que o que devia preocupá-la não era que ele falava, e sim os ruídos que ela fazia quando ele se movia em seu interior. Levou-a até um rincão mais escuro, apertou-a contra a parede suave e começou a mover-se. Chapel capturou os lábios de Pru com os seus, engolindo seus gemidos e gritos de prazer.

Com as mãos, acariciou-lhe as nádegas, seus dedos deslizando-se entre suas suaves dobras enquanto ela se ondulava em cima dele. Pru o capturou com as coxas e começou a mover-se acima e abaixo, empapando-o com seus sucos.

Chapel permitiu que ela tomasse o controle, feliz de que o cavalgasse até que ambos explodissem de prazer.

Deus, era uma mulher incrível! Tinha vivido muitos séculos e nunca tinha conhecido a ninguém tão valente e tão vulnerável ao mesmo tempo, tão forte e tão feminino de uma vez. Ela o aceitava e o fazia sentir-se bem apesar de todas essas coisas que o faziam menos humano. Pru sempre estava com ele, mas nunca lhe exigia nada. Não queria mudá-lo.

Só queria que ele mudasse a ela.

Não, não ia pensar nisso. Não nesses momentos. Queria fazê-lo. Deus sabia que a idéia de passar a eternidade junto de Pru tinha passado por sua mente, mas seria incapaz de fazer cair essa maldição sobre sua preciosa Pru.

Ela não havia voltado a mencionar isso, mas Chapel sabia que continuava pensando nisso. Podia vê-lo em seus grandes olhos cor de avelã. Também sabia que esses pensamentos nada tinham que ver com a imortalidade, e muito com o que Pru sentia por ele.

Se não fossem com cuidado, acabariam apaixonando-se um pelo outro, e então seria muito mais doloroso separar-se.

Apesar de tudo, Chapel não tinha intenção de deixá-la até que fora necessário. Era egoísta? Sim, demônio. Importava-lhe sê-lo? Nem um pouco.

Pru o levou a ponto do êxtase uma



e outra vez, até que o suor começou a lhe cobrir a testa e todo o corpo lhe doía pela tensão acumulada. Chapel se esqueceu de tudo, do palácio, dos guardas, do ar frio da noite. A única coisa que importava era Pru e sentir o sabor dela em sua boca, seu corpo rodeando o seu.

Ela também estava a ponto, podia senti-lo na tensão de suas coxas, nos movimentos de seus quadris. Era muito. Tinha esperado muito. Segurou-a pelas nádegas, e tomou o controle, penetrou a fundo em seu doce interior, sentindo uma insuportável pressão em aumento em seu sexo. Sua necessidade de chegar ao orgasmo era absoluta e empurrou cego de paixão. Pru lhe rodeou o pescoço com os braços e gemeu de prazer.

Chapel arqueou os quadris ficando quase nas pontas dos pés para penetrá-la mais ainda. Pru esticou mais as coxas, arqueou as costas e o grito de seu clímax se fundiu nos lábios dele.

O orgasmo de Pru levou Chapel ao limite. Um último e feroz empurrão o lançou no abismo atrás dela, tremor detrás tremor um absoluto estremecimento lhe percorreu todo o corpo. Graças a Deus que ainda estavam se beijando, porque, se não, certamente os gritos de Chapel teriam captado a atenção dos guardas, se é que não o tinham feito já.

Passaram um tempo ali de pé, ainda abraçados, seus fôlegos quentes acariciando as bochechas. Devagar, Chapel se separou dela e a deixou no chão. Pru cambaleou um pouco enquanto ele voltava a subir as calças.

Pru riu, uma risada sensual e satisfeita.

-Não posso acreditar que o tenhamos feito.

-Quem anda aí?

Um guarda se encaminhava em sua direção e foi a vez de Chapel rir. O homem penetrou na zona de escuridão. Uns passos mais e os encontraria. Pru correu para o Chapel, abraçou-se a ele e voltou a rodeá-lo com os braços.

Quando o guarda chegou a seu rincão, eles já estavam voando de volta a casa.

CAPÍTULO 19



Estava morrendo.

Pru o tinha assumido fazia tempo. Desde que foi o bastante maior para entender que as pessoas morriam, sabia que ela, igual a todos, morreria algum dia.

Só que, para ela, os médicos haviam dito que seria muito antes do esperado. O tumor que havia em seu interior a lembrou que ia ser muito em breve.

Seu tempo na Terra estava se acabando, igual ao século em que vivia. Pru duvidava de que chegasse a ver o amanhecer do século vinte. De fato, não acreditava que esse ano pudesse decorar a árvore de Natal.

Esses pensamentos se apresentaram como fatos consumados. Eram verdades, e não tinha sentido negá-los. Isso não evitava que desejasse poder fazê-lo. Não impedia que fantasiasse sobre uma cura milagrosa que lhe permitisse ter uma vida normal junto a sua família, junto a Chapel.

Se fosse sincera consigo mesma, tinha que reconhecer toda a verdade. Chapel, e não sua família era o principal motivo pelo qual queria viver. Estava errado que fosse assim? Era um pecado sonhar com que lhe desse seu sangue como ela tinha dado o seu, que a convertesse em um ser imortal como ele?

Não podia haver nada de mal em querer passar a eternidade junto ao homem a quem tinha entregue sua virgindade. O homem a quem amava.

Enfrentar a isso era muito mais duro do que assumir que ia morrer.

Apaixonou-se por um homem que, quando ela deixasse de existir, continuaria vivendo durante muito tempo. Um homem que tinha nascido vários séculos antes que ela. Mesmo se ela pudesse ter filhos, ele não seria o homem que pudesse dar-lhe. Pru sabia tudo isso e não se importava nem um pouco. Quando pensava em Chapel, não via um vampiro, via o homem que se esforçava por fazê-la sorrir, que não a tratava como se fosse feita de cristal. Ele a fazia se sentir especial, como se fosse a única mulher sobre a face da Terra.

Pru o amaria sempre, sem importar o que ele fosse.

Tinha passado uma semana desde que tinham feito amor no palácio do Buckingham. Pru ainda sorria ao lembrar-se disso. Chapel levaria com ele essa recordação durante muito tempo, talvez para sempre. Nas horas que tinham passado juntos tinham construído muitas lembranças.

Ele sempre lhe concedia todos os seus caprichos. Não importava o que quisesse, o que desejasse fazer,



Chapel o fazia possível. Algumas noites voavam, voavam!, até outra parte do país para descobrir lugares da Inglaterra que ela não tinha sonhado conhecer jamais. Outras noites ficavam no imóvel e dirigiam o Daimler de seu pai. Agora sabia dirigir muito melhor, mesmo Chapel acreditava assim. Já não lhe dizia que reduzisse a velocidade ou que mantivesse os olhos na estrada.

Sua família se comportava com Chapel de um modo maravilhoso. Tratavam-no como ao resto das pessoas, apesar de que sabiam que não havia nada normal nele. Suas irmãs, que a essas alturas já deveriam ter voltado a seus lares, continuavam ali. Talvez fosse porque tinham medo de que morresse enquanto elas não estivessem, ou simplesmente ficaram para deixar claro que não lhes parecia bem que passasse tanto tempo a sós com Chapel. Fora o que fosse, adorava que estivessem ali. Pru queria estar tanto tempo como pudesse com elas, assim durante o dia compartilhava muitas horas com suas irmãs e seu pai. As noites eram reservadas para o Chapel.

Era um horário exaustivo, mas não estava disposta a alterá-lo. Esse dia havia lhe custado muito levantar-se. A única coisa que queria era ficar no leito, deitada, e dormir durante horas. De fato, se bebesse um pouquinho de tônico para a dor dormiria em seguida. Umas quantas horas extras de sono lhe fariam muito bem. Mas então não poderia passar o dia com suas irmãs, e talvez tampouco poderia ficar com Chapel, e ela não ia permitir que nada disso acontecesse. Quando o câncer a derrotasse já permaneceria muito tempo na cama.

Mas ainda não a tinha derrotado.

Sim, ia se morrer. Não havia nenhum Santo Graal que pudesse impedir, talvez nunca tenha existido. Ela e Marcus tinham sido só algumas peças de troca para a ordem da *Palma de Prata*.

Fartou-se de perseguir milagres. Mas saiu muito caro. Só tinha que fixar-se em Chapel. Tinham-lhe dado o dom da imortalidade, e ele o considerava uma maldição porque, em troca, tinha que alimentar-se de humanos. Uma parte dela acreditava que esse hábito era repugnante, mas outra se lembrava de quão maravilhoso tinha sido sentir os lábios dele em seu pescoço.

Chapel tinha gostado tanto beber seu sangue quanto ela que o fizesse. Que pecado havia nisso? Se sempre era assim maravilhoso, a Pru não custava muito imaginar-se fazendo o mesmo.



Pru podia ser como Chapel, via-se capaz de fazer todas as coisas que ele fazia. O único inconveniente seria ver morrer a toda sua família.

E esse era um preço muito alto.

Mesmo assim, uma vozinha em seu interior lhe dizia que tudo valeria a pena em troca de passar a eternidade com Chapel. Se estavam juntos, podia enfrentar a tudo.

Isso não era certo, é obvio. Não podia sê-lo. Pru não estava acostumado a ser tão romântica, mas era bonito sonhar passar os seguintes quatrocentos anos ou mais explorando o mundo com ele ao seu lado. Certamente que haveria ocasiões em que sentiria falta do sol, ou em que ia querer matá-lo, mas apesar de tudo, a idéia continuava lhe agradando.

Entretanto, não tinha sentido pensar nisso. Pru voltou a centrar-se e chamou a sua criada. Era quase hora de comer e se supunha que ia reunir-se com suas irmãs.

A criada chegou e a ajudou a vestir-se e a pentear-se. Uma vez banhada e com um vestido cor de rosa, Pru se sentiu muito melhor. Desceu a escada e chegou a tempo de reunir-se com suas irmãs na copa.

-Já estava pensando que teria que subir para lhe buscar - lhe brigou Matilda enquanto se sentava-. Isso acontece contigo por ir a dormir ao amanhecer.

Não se deitava até o amanhecer porque estava em outra parte do país com Chapel, ou estava fazendo amor com ele, ou ambas as coisas de uma vez. Mas não ia contar isso a suas irmãs. Só conseguiria que se preocupassem com seus passeios pela Inglaterra e certamente que acusariam Chapel de aproveitar-se dela.

-Então tenho todo o direito do mundo a chegar tarde. -Pru sorriu a suas irmãs- Sinto se tiveram que me esperar.

-Ora - disse Caroline- Não esperamos. Acabamos de chegar. Não faça caso a Mattie. Sempre está de mau humor quando tem fome.

Todas riram e se sentaram ao redor da mesa, onde havia carne, saladas e queijo as esperando.

-Parece cansada, Pru. -Georgiana agarrou um enorme pedaço de presunto- Como se encontra?

Três pares de olhos de distintos tons de verde ficaram fixos nela esperando sua



resposta, todos cheios de preocupação.

Pru sacudiu a cabeça.

-Estou bem. Só é o que há dito Mattie, que me deito muito tarde. -Não ia dizer lhes que sentia como sua saúde ia se desvanecendo. Como ia consumindo a vida que ficava.

Fez provisão de coragem e se serviu um pedaço de presunto. Ia comer, maldita fosse. Se o câncer queria alimentar-se de sua força, faria com que tivesse mais do que de sobra.

Falaram sobre tolices, coisas do dia a dia, de seu pai e das intrigas do povoado. Houve muita especulação e muitas risadas, as vozes foram subindo de tom à medida que comiam.

Estavam tomando o chá quando Caroline olhou Pru de um modo estranho.

-Querida, posso te perguntar algo um pouco impertinente?

-Nunca tem feito outra coisa - riu Pru.

Caroline não achou graça, mas tanto Georgiana como Matilda riram a suas custas.

-Já sabe que tenho lido muitos livros sobre vampiros.

-Mórbida! -exclamou Georgiana, e cobriu a boca para dissimular. As demais riram. A paixão de Caroline pelas novelas góticas não era nenhum segredo.

A boa Caroline fulminou suas irmãs com o olhar. Georgiana tinha acertado ao assinalar uma de suas fraquezas.

-Ao menos eu leio.

Suas irmãs riram disso também. Georgiana pôs os olhos em branco. Pru sacudiu a cabeça e captou a atenção de Caroline de novo.

-O que tem os vampiros, Caro?

Esta franziu suas pálidas sobrancelhas e acariciou a xícara de chá com o dedo.

-Pelo que tenho lido, podem converter a um ser humano em vampiro bebendo seu sangue e substituindo-o pelo deles.

Não tinha nenhum sentido mentir.

-Sim, parece que é assim.

Caroline esclareceu a garganta e a olhou insegura.

- Chapel está fazendo isso contigo?

-Caroline!

-

exclamou Matilda.



Pru ignorou a mais velha de suas irmãs. Matilda agia como se tudo aquilo não fosse assunto seu, ou como se fosse horrível sequer pensar nisso, quando na realidade tinham todo o direito de perguntar.

-Não, Caro. Não o está fazendo.

Caroline não se deu por satisfeita. Aproximou-se dela, como se temesse que alguém entrasse na sala e pudesse ouvi-las. Baixou a voz.

-Fará isso?

Tampouco tinha sentido mentir sobre isso. Pru levou a xícara de chá aos lábios.

-Não. Diz que não quer me amaldiçoar.

-Por te amaldiçoar, quer dizer te converter em uma criatura como ele. -Matilda abriu os olhos de par em par e começou a tremer- Uma criatura que bebe sangue humano.

-Ele não é nenhuma criatura - a repreendeu Pru, e a olhou nos olhos- Não é diferente do resto de nós.

Sua irmã arqueou uma sobrancelha.

-É um vampiro, Prudence. Você goste ou não, isso o faz diferente.

Matilda tinha um pouco de razão.

-No que importa não é diferente. Não podemos esquecer que nos salvou a vida.

-Não o esqueci nem vou fazê-lo - respondeu Matilda- estarei agradecida a ele durante o resto de minha vida. Querida, não estou atacando o senhor Chapel, a única coisa que digo é que se converter em alguém como ele não vai solucionar tudo.

-Não acredito que me converter em alguém como ele "solucione" tudo. -Não tudo, mas quase.

Agora foi a vez de Georgiana falar.

-Você gostaria de se converter no que ele é?

OH, Deus. Aquela conversa ia virar alguma coisa muito séria. Pru suspirou e deixou a xícara no prato.

-Não sei. Meu "eu" egoísta não quer nada mais que viver, mas não quero nem imaginar o que seria continuar aqui para sempre enquanto minha família...

Não pôde terminar. Só pensar que suas irmãs ficariam mais velhas e morreriam era muito doloroso. Não queria perdê-las.



Não queria assistir a isso.

Caroline acariciou seu redondo ventre, seu olhar vagou pelo pequeno montículo como se pudesse ver o ser que havia dentro.

-Mas estaria aqui para cuidar de meus filhos, e aos dela, e aos filhos de nossos filhos. -Olhou-a nos olhos com os seus cheios de lágrimas- Eu gostaria disso.

Georgiana ficou surpresa ante essa idéia.

-Sempre teria uma parte de nós contigo.

Matilda franziu o cenho e as lágrimas também se amontoaram em seus olhos.

-Nossos tataranetos conheceriam nossa história através de você, Pru. Poderia lhes falar de nós. Deus santo, não tinha pensado nisso.

-E poderia protegê-los - acrescentou Caroline- protegê-los de verdade.

Suas irmãs se estavam imaginando coisas que Pru não se atreveu nem a expor. Sentiu-se um pouco tonta. E emocionada.

-É impossível - lhes informou Pru sem preâmbulos, não queria que se iludissem- Chapel não quer fazer isso. Vou morrer. É melhor que todas o aceitemos.

-Talvez - disse Caroline com um surpreendente brilho no olhar- Mas isso não significa que nós temos que gostar disso.

Pru riu, foi uma risada amarga e seca.

-Acredite, Caro. Ninguém gosta menos que eu.

Chapel acabava de banhar-se, estava acordado e nervoso ao entrar na biblioteca para encontrar-se com Pru. Tinha recebido uma carta de Molyneux em que lhe dizia que, graças a seus contatos, ele e Marcus estavam a ponto de dar com a ordem da Palma de Prata. Molyneux também lhe dizia que esperava que Bishop os ajudasse. Este último levava séculos caçando monstros, tão humanos quanto não. Se alguém podia apanhar a essa ordem era ele.

Essas notícias o animaram muito e aliviaram o peso que sentia sobre os ombros. Entrou na sala e se aproximou da mulher que o esperava sentada no sofá.

-O que quer fazer esta noite? -Pela primeira vez em muito tempo Chapel estava ansioso por passar suas veladas entre os humanos. Com o Pru a seu lado já não temia às multidões. Com o sangue do Pru em seu interior, não se sentia arrasado pela essência da vida, do medo, das esperanças de quão humanos o rodeavam.



Pru o olhou e deu uns golpezinho nas almofadas que havia junto a ela. Parecia cansada, a delicada pele sob seus olhos se via escura e inchada.

-Pensei que talvez esta noite pudéssemos ficar em casa.

Embora não tivesse esse aspecto, ao ouvir essas suaves palavras Chapel se teria dado conta de que não se encontrava bem. Pru nunca queria "ficar em casa". Queria sair, ver coisas, fazer coisas. Ela queria viver ao máximo, e conseguia com que ele quisesse estar ao seu lado quando o fazia.

Embora seu coração e seus pulmões não funcionassem como os dos humanos, reagiram do mesmo modo. Ao ver que ela não estava bem, que sua vida estava chegando ao seu fim, a Chapel custou respirar e o seu coração se paralisou até o ponto em que pensou que ele também ia morrer. Se soubesse que ia acabar a seu lado, morreria com ela.

Sentou-se junto a Pru, pegou uma de suas pequenas mãos entre as dele. Tinha os dedos gelados e isso o assustou.

-Teve outro ataque? -Chapel odiava as horas em que não podia cuidar dela.

Pru negou com a cabeça e alguns cachos lhe acariciaram as bochechas.

-Não, só estou cansada. Acredito que esta última semana teve muitas emoções fortes. Não estou acostumada.

Era isso ou havia algo mais? Chapel não detectou a mentira em suas palavras mas por alguma razão tampouco acreditava que lhe dissesse toda a verdade. Sua essência não revelava nada, mas ao ter bebido seu sangue, Chapel detectava antes o aroma dela que o de sua doença.

-Tem certeza?

Os dedos de Pru apertaram os seus com força.

-Estou bem, Chapel. De verdade.

Decidiu acreditar, não só porque queria fazê-lo, mas sim porque desejava com todas as suas forças que o que dizia fosse verdade.

Olhou ao redor e procurou pelas estantes um livro que a ela pudesse agradar. Seu agudo olhar podia ler os títulos de onde estavam sentados.

-Você gostaria que eu lesse algo?

Pru se moveu no sofá para deitar-se, com a cabeça recostada nas coxas de Chapel. Segurava sua mão como se temesse que ele se fosse.

Não ia a lugar

algum. Não essa



noite, não durante muito tempo. Desejava ficar com ela durante o resto de sua vida, se Pru o deixasse.

-Me conte sua vida - pediu ela com os olhos fechados- Isso me interessa mais que qualquer livro.

Com a mão que tinha livre, Chapel começou a lhe tirar as forquilhas do cabelo. Adorava seu cabelo, como lhe caía solto ao redor do rosto e por cima dos ombros. A cor era suave, tão vibrante... Refletia a luz como brasas ardentes e ricas sedas.

Tirou outra forquilha do elaborado coque.

-Já lhe contei quase tudo.

Pru não abriu os olhos, mas sorriu.

-Não me contou sobre os últimos seiscentos anos.

Embora ela não pudesse vê-lo, Chapel também sorriu.

-Suponho que não. Acreditaria se te dissesse que não há muito que contar?

-Sim.

Ao ouvir sua impertinência, ele soltou uma gargalhada. O fazia rir, enchia-o de alegria.

-É muito má. O que quer saber?

-Estava unido a sua família?

-Muito. -De fato, até depois de tanto tempo se lembrava de seus rostos, de suas vozes, de seu modo de ser.

Pru abriu os olhos, e ele viu a escuridão de seu olhar.

-Deve ter sido muito doloroso ver como envelheciam e morriam.

-Sim. -Não ia mentir lhe-. Mas também foi fascinante ver nascer às novas gerações, vê-los crescer e viver.

-Isso faz com que seja mais fácil?

-Ao todo faz com que a pena seja mais suportável. Quando penso neles, o único que sinto agora é carinho.

-Mas você me disse que ver morrer às pessoas que amava era a coisa mais dura pela que tinha passado jamais.

-É. Mas a dor que sinto, sinto por mim, Pru, não pelos que se foram. Essa dor tem que ir-se com eles ou nos tornaríamos loucos.

Isso pareceu tranquilizá-la por um instante. Ficou em silêncio, como se meditasse sobre o que Chapel havia



dito. Talvez não tenha sido de todo sincero com ela; mas isso fazia com que a idéia de converter-se em vampiro fosse ainda mais atraente ante seus olhos. Ela não via isso como era realmente. Só lhe parecia um modo de evitar a morte.

Foi exatamente o mesmo que ele viu no Graal Maldito; um modo de postergar algo que lhe dava muito medo.

-Tem medo da morte?

Ou ela podia lhe ler a mente ou os dois pensavam de modo muito similar.

-Às vezes - ele reconheceu - A manhã em que te trouxe das ruínas, tinha medo de morrer sem poder te ver mais uma vez.

Isso a fez sorrir.

-Eu também temia morrer sem te ver de novo. Eu não tenho medo da morte, é só que não quero que seja tão cedo.

À Chapel não ocorreu nada para dizer que fizesse ela se sentir melhor, por isso se limitou a lhe tirar a última forquilha do cabelo e a deslizar os dedos por suas espessas mechas. Os desembaraçou até que a cabeleira dela caiu por cima de suas coxas até o sofá.

Pru fechou os olhos.

-Humm. Eu gosto.

Também lhe massageou a cabeça. Ela suspirou e Chapel começou a lhe desenhar pequenos círculos na testa.

-Como foi quando era jovem?

A palavra "juventude" tinha outro significado para ele.

-Refere-se a quando era humano?

Pru tinha ainda os olhos fechados e deu de ombros.

-O que você preferir.

Chapel pensou nisso um instante e tentou lembrar-se de como era fazia tantos anos.

-Impulsivo. Teimoso. Arrogante.

-Sério?

-Por que te surpreende tanto?

Pru voltou a dar de ombros e se moveu contra suas coxas.

-Porque agora não é nenhuma dessas coisas.

Não o era?



-Ainda posso sê-lo, mas de um modo diferente.

Ela esboçou um suave sorriso.

-Não acredito.

-É pela melancolia. Esconde todo o resto.

-Não me faça rir.

Chapel sorriu ao ver sua reação.

Pru se atrevia a lhe dizer coisas que ninguém antes lhe havia dito. Tampouco ninguém tinha acreditado nunca que ele fosse divertido.

-Se fosse por mim, nunca deixaria de fazê-la rir.

Pru abriu os olhos, que seguiam risonhos.

-Mas se nunca deixasse de rir, não poderíamos fazer nada mais.

Ao entender a que se referia, Chapel sentiu ferver seu sangue.

-Encontraríamos um modo.

Pru o olhou com aqueles olhos tão tenros. Ele faria qualquer coisa para fazer com que desaparecessem suas olheiras.

-Sente falta da Marie?

Por que insistia em falar de Marie? Ela era uma lembrança dolorosa, algo sobre o que ele ainda se sentia muito culpado, mas sentir falta dela?

-Não sei.

-Acreditei que me responderia com um simples sim ou não. -Arqueou uma sobrancelha.

-Ah, sim? Bom, às vezes, suponho. -Não era uma resposta muito precisa, mas era sincera.

-Tem remorsos?

Chapel lhe massageou o espaço entre as sobrancelhas com o polegar.

-Com respeito a Marie ou sobre minha vida em geral?

-Escolhe você.

-Sim. -mais do que podia contar.

-Sim a que? -Arqueou a outra sobrancelha.

Ele sorriu. Era tão bisbilhoteira...

-A ambos. Tenho muitos remorsos a respeito de Marie. Mas ainda tenho mais



sobre minha vida em geral, se trata disso, não?

Pru sorriu meio de lado.

-Vá, até agora ainda não tinha jamais visto a famosa indiferença estudada.

Chapel riu.

-Não estou certo do que espera de mim.

-Só a verdade.

Era o que lhe estava dando.

-Sempre que te dou parte de mim parece querer mais.

Todo o humor desapareceu do rosto dela.

-Suponho que o que quero saber é se valeu a pena.

-O que?

-Beber dessa taça. Se converter em vampiro.

Pru franziu o cenho e ele tentou apagar essas rugas com os dedos.

-Se pudesse escolher de novo, voltaria a fazê-lo?

O instinto o impulsionava a dizer que não, mas não pôde fazê-lo. Se não fosse ter bebido do Graal Maldito, se não tivesse se transformado no que era, agora não estaria ali. Não estaria sentado naquela biblioteca, cálida e acolhedora, com aquela bela mulher. Faria séculos que teria se convertido em pó, teria morrido por causa do veneno daquela adaga, ou talvez, se não tivesse aceito a missão do rei Felipe, não teria chegado a envelhecer.

Teria se casado com Marie, mas teriam sido felizes? A sabedoria que lhe dava ter vivido seis séculos lhe dizia que ele não teria sido o homem adequado para Marie, que não lhe teria dado o que ela precisava; nem ela a ele.

-Sim - disse ele-. Voltaria a fazê-lo.

-Isso é tudo o que queria saber. -Um pequeno sorriso se desenhava em seus lábios.

Chapel procurou seu olhar, queria ver algo que justificasse a satisfação que tinha acreditado detectar em suas palavras, mas não o viu. Embora vivesse cem anos mais nunca entenderia como funcionava a mente daquela mulher.

Por desgraça, Pru não viveria cem anos.

-Como funcionam suas presas?

Freqüentemente pensava que ela fazia as mesmas perguntas que faria uma criança, e dessa vez não foi uma exceção.



-São retráteis, como as de uma serpente.

-Pode fazer como que saiam?

-Sim.

-Me mostre.

Fez-o e rezou para que ela não se assustasse ao vê-las. Pru observou fascinada como seus caninos se alongavam. Aproximou um dedo e tocou a presa que ficava mais próxima.

-Assim que me mordeu com isto.

Chapel fez retroceder as presas.

-Assim é.

-Oxalá tivesse presas.

-Para que?

Essa era outra observação que tampouco ninguém nunca tinha feito diante dele. Chapel não queria que ela as tivesse, mas não foi capaz de dizer-lhe.

-Assim poderia ser parte de você do mesmo modo que você é parte de mim.

Ao Chapel lhe rompeu o coração.

-Você é parte de mim, Pru. -Era-lhe quase impossível continuar falando- Sempre será.

Ela acariciou sua mandíbula com dedos gelados. Era tão frágil, tão condenadamente frágil.

-Chapel?

-Sim, meu amor?

-Me desculpe, mas espero que demore muito tempo em superar minha partida.

Estava matando-o. Tinha que dar-se conta de que lhe estava destruindo a alma.

-Pode estar segura disso.

Chapel não pôde lhe dizer que acreditava que nunca o superaria, porque então teria que admitir o quanto que ela significava para ele. Pru o tinha tirado de seu esconderijo, e quando ela morresse, não tinha nem idéia de como suportaria de novo a escuridão.



CAPÍTULO 20

No dia seguinte, Pru voltara a sentir-se melhor, apesar de que ainda estava um pouco cansada. Como sempre, comeu com suas irmãs e logo seu pai sugeriu que dessem um passeio de carro eles dois sozinhos, para desfrutar daquele dia tão bonito.

Surpresa, Pru aceitou encantada. Mas quando seu pai lhe disse que conduzisse, ela ficou petrificada.

-Por quê? -perguntou desconfiada- Alguma coisa errada? Está doente?

Seu pai riu ao ver seus dramalhões.

-Não. Achei que você gostaria de me ensinar o que aprendeu com o Chapel.

-Sabe disso? -Pru empalideceu.

Nas feições de Thomas Ryland se desenhou um grande sorriso.

-Sou seu pai. Este é meu automóvel. Claro que sabia. Além disso, Chapel me pediu permissão antes de começar a te dar lições. Criaram-no como é devido, sabe? Esse menino não é dos que fazem as coisas às escondidas.

Pru pôs os olhos em branco.

-Primeiro, ele não é nenhum menino. É mais velho que você, que eu e que todos nós juntos. Segundo, não o converta em um santo só porque te pediu permissão para conduzir seu precioso Daimler.

Seu pai parou de sorrir.

-Todos lhe devemos a vida... e te salvou já duas vezes de uma morte segura. No que me diz respeito, Chapel pode fazer tudo o que quiser; o que lhe der na telha.

Pru levantou as sobrancelhas ante a linguagem tão mal-criada de seu pai, mas o que a surpreendeu mais foi o significado de suas palavras. Chapel podia fazer tudo o que quisesse?

Agarrou-o pelo braço.

-Não se importa que não seja humano, papai?

Devagar, afastaram-se da casa.

-Por estranho que te pareça, não, não me importa - respondeu o homem- Talvez ainda não o assumi de tudo,



embora haja visto com meus próprios olhos do que é capaz, mas não. Chapel fez tanto por nós que não me preocupa nem um pouco o que seja ou deixe de ser. E tem feito muitíssimo por você.

-Por mim? -Pru se voltou de repente.

Seu pai sorriu de novo. Parecia tão jovem e bonito quando sorria; lembrava-lhe do retrato de Devlin Ryland que pendurava no grande salão.

-Salvou você.

-Duas vezes. Já disse antes. -Não queria parecer ingrata, mas não entendia o que seu pai queria dizer com isso.

-Não me refiro a fisicamente. Salvou você emocionalmente, acredito.

Queria desviar o olhar, mas uma parte dela sabia que tinha razão.

-Agora é um filósofo, papai?

-Antes que ele chegasse, só pensava em encontrar o Graal.

-Sim, bons, todos sabem que isso não serve para nada. - Pru ainda gostaria de encontrá-lo. Era um sonho sem esperança, mas um sonho afinal de contas.

-Agora passa muito mais tempo com sua família. Suas irmãs estão entusiasmadas com os almoços que compartilham.

Sério? Elas não lhe haviam dito nada. Claro que não precisava que o fizessem.

-Eu também gosto muito.

Não tinha acabado com sua lista.

-Sorri mais freqüentemente. Parece mais tranqüila.

-Talvez tenha aceitado meu destino e, simplesmente, queira desfrutar do tempo que resta. -Era a confissão mais honesta que jamais tinha feito. Não gostava de seu destino, mas sim, tinha-o aceito.

Essas palavras feriram seu pai e Pru desejou poder retirá-las.

-Pode ser. Ou talvez esteja apaixonada -disse ele.

Que seu pai pudesse ver em seu interior com tanta clareza a deixou petrificada. Ao Pru também surpreendeu ser tão transparente. Se seu pai podia vê-lo, quem mais podia? A essas alturas, com certeza que suas irmãs também sabiam. Saberia Chapel?

"OH, Deus, por favor, não. Não deixe que ele saiba". A ultima coisa que precisava era que Chapel se inteirasse do que sentia por ele. Conhecia-o o bastante para saber que se sentiria culpado. E a



última coisa que Pru queria era que ele passasse os próximos seiscentos anos sentindo-se culpado por ela; igual como tinha feito com Marie.

Não queria que nenhuma mulher de Chapel se referisse a ela no futuro como "a imbecil", como ela fazia com Marie.

Não queria que Chapel tivesse nenhuma mulher no futuro. Ponto final.

-Ele te ama? -perguntou-lhe seu pai quando o silêncio começou a alongar-se.

-Me diga você. Ao que parece conhece meus sentimentos muito melhor que eu; talvez também conheça os de Chapel. -Era uma péssima tentativa de sarcasmo. Nem sequer conseguiu parecer zangada.

-Acredito que ele sente o mesmo que você, mas claro, eu não sou objetivo. Não posso imaginar que alguém não te ame, mesmo sendo tão complicada como é.

Pru se aproximou dele e o abraçou para logo apoiar a cabeça em seu ombro. Nesses momentos iria muito bem chorar.

-Menti papai. Disse que tinha aceito meu destino, mas não é assim; não o tenho feito. Não estou preparada para morrer.

-Minha queridíssima menina, e eu não estou preparado para te perder. Se Deus me permitisse isso, trocaria de lugar contigo neste mesmo instante.

Isso lhe partiu o coração.

-Ele não o permitiria. E nem eu tampouco.

O Daimler os estava esperando. Seu pai se deteve a pouca distância do automóvel, onde um laçao aguardava para ajudá-los, e se voltou para ela.

-Eu não sei nada destas coisas, mas Caroline... sua irmã acredita que Chapel poderia te curar. Isso é verdade?

Que esperançoso soava. Que cheio de ilusão. As lágrimas alagaram os olhos de Pru lhe nublando a visão.

-Poderia, mas me transformaria em vampiro, papai. Não poderia ser humana outra vez. Seria como Chapel.

Isso não parecia a importar ele.

-Já sei. Mas acredito que as vantagens superam aos inconvenientes.

Pru suspirou. Detestava ter que explicar essa situação a sua família. Odiava decepcioná-los.

-Chapel acredita que é um monstro. Prefere morrer antes de converter a mim também em um.



-Um monstro? -Seu pai estava enfadadíssimo- Mas se é um herói!

Só havia um modo de fazê-lo entender.

-A seus olhos não é.

-Tolices. -O homem franziu o cenho.

Pru deu de ombros e tentou manter a dor afastada. Uma pequena parte de seu coração desejava chegar a significar tanto para o Chapel que ele deixasse de lado todas as suas crenças e a transformasse para poderem ficar juntos; porque não se visse capaz de viver sem ela.

Era óbvio que essa pequena parte de seu coração era idiota. Para ele, ela não significava o bastante para fazê-lo abandonar suas crenças, nem sequer para encarar que eram umas crenças estúpidas. Era um homem teimoso, que estava disposto a renunciar a um futuro juntos apenas porque se considerava menos que um humano.

-Vou ter que falar com esse moço - anunciou seu pai com a mandíbula apertada.

-Papai, não. -Não lhe importava soar como uma menina pequena; se soubesse que ia funcionar até mesmo começaria a espernear- Não pode fazer com que mude de opinião.

-Posso tentar - respondeu ele decidido.

Antes que Pru pudesse lhe responder, seu pai a acompanhou até o assento de motorista do Daimler, onde o lacaio lhe abriu a porta. Não podia continuar falando disso diante do criado assim teve que permanecer calada até que estavam em marcha.

Mesmo então, seu pai se negou a continuar discutindo e lhe disse que se concentrasse em conduzir. E isso fez Pru, ou ao menos o tentou. Para falar a verdade, toda a conversa não demorou muito em ficar relegada a um rincão de sua mente. Dirigir a fazia se sentir livre, e seu pai lhe estava dizendo que o fazia muito bem! Por que ia querer pensar em outras coisas?

Uma hora mais tarde, quando retornaram à casa, a conversa que tinham mantido voltou a ocupar sua mente. Mas por desgrça seu pai esperava visitas, e estes chegaram bem atrás deles. Pru teria que esperar para falar com ele e lhe fazer prometer que deixaria Chapel tranquilo. Teria que confiar em que seu pai se manteria calado até então.



Como último recurso, podia advertir Chapel de que seu pai ia atacá-lo com esse tema. A ele talvez não gostasse muito que Thomas Ryland se metesse em seus assuntos; uns assuntos que não entendia. Mas Pru tampouco, e, entretanto estava apaixonada por ele. Era-lhe impossível conceber que aquele homem tão maravilhoso, tão valente e tão sensível não se considerasse um ser humano.

De fato, isso mesmo era um claro exemplo de quão humano era. Ele nunca tinha deixado de sê-lo, simplesmente era muito mais. Por que se tomava por um demônio? O tinham inculcado de criança com suas crenças? Nessa época se acreditavam essas coisas. A Igreja, até na atualidade, ocupava grande parte de sua vida, e a Igreja lhe havia dito que era um monstro.

Talvez no mundo houvesse monstros, mas ela nunca consideraria Chapel um deles.

Pru agarrou a saia do vestido para não cair e correu para a escada. Tinha que ver Chapel, tinha que ver seu rosto, sentir suas carícias. Antes de morrer, tinha que encontrar o modo de convencê-lo de que era muito mais do que ele acreditava. De repente, pensar que ela morreria e que ele continuaria acreditando que era um demônio foi muito mais do que podia suportar.

O corredor estava vazio e às escuras. Agora Chapel era a única pessoa que ocupava essa asa, de modo que durante o dia a mantinham às escuras de propósito; só pra garantir. Se os criados o achavam estranho, não fizeram nenhum comentário. Certamente, igual ao seu pai, estavam dispostos a perdoar-lhe tudo; pois Chapel também os tinha salvo de uma morte segura.

Devagar, abriu a porta do quarto dele, que chiou um pouquinho. Pediria a um dos lacaios que a lubrificasse. Não podia ser que aquela porta rangesse cada noite, quando se encontravam às escondidas.

O quarto estava escuro, muito escuro. Pru entrou rápido para evitar que alguém a visse. Quando distinguiu a figura deitada na cama, pensou que suas precauções tinham sido totalmente desnecessárias. Chapel estava coberto pelos lençóis, seu corpo inteiro envolto nelas, de costas à janela, de frente para a porta.

Como um coelho em sua toca, ocorreu a ela, e sorriu ante a absurda comparação. Um enorme, precioso e valente coelho.

Caminhou nas pontas dos pés pelo tapete. Não sabia por que ia com tanto



cuidado se precisamente tinha ido despertá-lo.

Estava estendendo a mão para acariciá-lo quando ele saltou da cama de um modo selvagem.

-Chapel! -Pru retrocedeu com o coração acelerado pelo susto. Caiu no chão com um ruído surdo. Deveria tê-lo sabido. Deveria ter lembrado que não devia despertá-lo. Quando o padre Molyneux se foi, o próprio Chapel lhes avisou de que não deviam despertá-lo jamais.

Por que Pru tinha acreditado que ela era uma exceção?

Mas Chapel não a tinha matado. De fato, agora parecia muito mais tranquilo. Estava sentado na cama, despenteado, maravilhosamente nu e olhando-a como se estivesse louca; e era óbvio que o estava.

Passou a mão pelo cabelo alvoroçado.

-Pru, está bem?

Estava? Sentia como se o coração fosse explodir no peito, mas além disso, sim, estava bem.

-Sim.

Teria que ter dito que não. Talvez então não a olhasse com o cenho franzido. Ao menos isso era o que a ela parecia que estava fazendo. Não podia vê-lo muito bem.

-Em que demônios estava pensando?

Logo que suas tremulas extremidades o permitiram, Pru se levantou e se alisou a saia.

-É óbvio que não pensei.

-Poderia ter te matado!

-Mas não matou.

Essa verdade não o tranqüilizou.

-Não. Dei-me conta de que era você. Não sei como, mas graças a Deus o tenho feito.

As lágrimas voltaram a ameaçá-la. Deus, estava virando uma chorona!

-Só queria ficar contigo.

Chapel abriu os braços, seus nus e musculosos braços.

-Vêm aqui.



Pru se aproximou em seguida, ansiosa. Chapel afastou os lençóis para que se deitasse a seu lado, e ela o fez sem vacilar; completamente vestida, se aconchegou contra ele, que estava nu.

Chapel lhe acariciou as costas com as mãos.

-Aconteceu alguma coisa?

-Não - respondeu Pru contra seu fofo peito. Sentia seu calor e seu pêlo lhe acariciando a bochecha. Poderia ficar ali para sempre sentindo sua confortável calidez.

-Realmente se arriscou a que te faça mal só para ficar comigo?

Ela o abraçou com mais força. Parecia tão surpreso, tão assombrado de que fosse assim... por que estranhava tanto?

-Sim. -O avisaria sobre seu pai mais tarde. Nesses momentos quão único queria era senti-lo junto a ela. Precisava estar com ele; com ele se sentia viva, atrevida, mas ao mesmo tempo segura e a salvo.

-Chapel?

Ele a beijou na frente.

-Sim, *ma petite*? -Soava muito adormecido. Estava adormecendo de novo, Pru podia senti-lo.

-Nada. Durma.

Não ia lhe dizer que o amava.

Ao menos, não então.

-Hoje Prudence me levou a dar um passeio de carro.

Chapel enfocou seu surpreendido olhar em Thomas Ryland.

-Sério?

Ryland sorriu.

-Parece tão surpreso quanto eu estava, mas tenho que dizer que foi idéia minha. -Franziu o cenho- Pru levava meses insistindo, e eu odeio lhe negar nada.

A surpresa foi substituída por um sorriso de cumplicidade.

-Sei exatamente como se sente.

-Sabe? -Ryland o olhou sério, pensativo.

Chapel observou a sala. Ninguém parecia lhes emprestar atenção. Mesmo Pru, que costumava ser muito curiosa, estava



absorta na história que o marido do Caroline estava contando aos convidados.

-Preocupa-lhe algo, senhor? -Chapel era muitíssimos anos mais velho que Thomas Ryland, mas mesmo assim lhe parecia que devia dirigir-se a ele com o respeito que a idade do homem merecia.

Ryland lhe agarrou pelo braço.

-Podemos falar claro, Chapel? Em privado?

-É óbvio.

O pai de Pru o soltou e o acompanhou até as portas do terraço. Fora, a noite era fresca e convidava a sair, o aroma das flores e do mar impregnavam a brisa. Ficaram de pé junto à porta, assim ninguém poderia surpreendê-los. A luz do salão chegava ao exterior, o que permitiu que o olhar de Thomas Ryland encontrasse com facilidade o de Chapel.

Esse olhar inquietou a este último.

-Irei direto ao ponto, -começou Ryland sem afastar os olhos dele- me disseram que poderia curar a Pru de sua... má forma.

-Com o devido respeito, senhor, o câncer é algo muito mais sério que estar em "má forma".

Ryland sacudiu impaciente a cabeça descartando suas palavras.

-Pode curá-la?

Chapel cruzou os braços. O movimento fez que sua jaqueta se esticasse nas costas.

-Poderia, mas não vou fazê-lo.

-Por que não?

Acaso não era óbvio?

-Porque transformaria a sua filha em um vampiro.

-Sim, entendo isso. -A maneira com que disse essas simples palavras, indicou-lhe que Ryland não gostava nada de seu tom.

-Ela deixaria de ser humana. -Chapel insistiu, convencido de que isso era algo que deveria importar a seu pai.

-Mas pareceria com você.

"Que demônios?"

-Sim, mas...

-Viveria. -Falava

como um homem



que só tem um objetivo e não vê mais à frente.

-Para sempre certamente, mas para fazê-lo teria que beber o sangue de outros.

Ryland levantou o queixo de um modo desafiante. Era uma postura que tinha visto também em Pru muitas vezes.

-Ofereceria-lhe o meu com prazer.

-E quando você já não estivesse aqui? -Queria que Thomas Ryland compreendesse a situação, não só a parte que ele queria ver- Para você esta tudo bem que Pru bebesse o sangue de gente inocente?

-Pru não é nenhuma irresponsável. -Ryland parecia ofendido de que Chapel acreditasse o contrário- Ela não mataria a ninguém.

-Não, não acredito que o fizesse. -Não de propósito, mas a sede de sangue podia ser muito poderosa para um recém transformado. Era muito difícil de resistir. Claro que Pru teria a ele para ajudá-la se ela assim o quisesse... Não, não podia pensar isso. Não a converteria só para assegurar-se de que ela ficaria a seu lado.

-Não quero enterrar a minha filha, Chapel.

OH, Deus. Eram lágrimas o que havia nos olhos de Ryland?

-Não deveria ter que fazê-lo, senhor. Mas tampouco deveria ter que ver como se transforma em algo que em outras circunstâncias o aterrorizaria.

-Não sei o que acha que somos, Chapel, mas não somos uns ignorantes. Eu não perseguiria uma pessoa com uma estaca só porque seja diferente do normal. De fato, acredito que é você o que se está comportando como um ignorante.

-Desculpe? -Chapel estava cada vez mais zangado com Ryland e com aquela conversa. Acaso não havia ninguém naquela maldita família que entendesse que transformar Pru em um vampiro ia mais alem que ganhar a batalha com o câncer? Não se davam conta de tudo o que implicava?

-Tem o poder de salvar uma vida e se nega a fazê-lo porque acha que você sabe melhor que ninguém o que está certo e o que não é. Acha que Pru se transformará em uma espécie de monstro, mas minha filha nunca poderia transformar-se em um monstro; ela não é assim.

-Eu tampouco acreditava sê-lo, mas fui. -Durante o primeiro século de sua nova vida, em certas ocasiões tinha sido um assassino indiscriminado. Pegava o que queria, quando queria... e de mais



maneiras do que era capaz de reconhecer. OH, ele nunca teve que forçar a ninguém. Nunca precisou.

-Sim, já vejo a espécie de monstro que é; arriscou-se para salvar uma família a que mal conhecia, a uma garota a que mal conhecia. Não me importaria que minha filha se transformasse em um monstro dessa espécie.

-Senhor... -Tudo aquilo não levava a parte alguma.

Ryland levantou a mão para detê-lo.

-Me decepciona Chapel. Achava que era um grande homem, um herói. Mas estava errado. Só se arrisca quando não tem nada a perder. Não quer ajudar a minha filha porque tem medo.

Estava desafiando-o.

-Não tenho medo.

-Claro que sim. Se importa com minha filha, não é?

-Sim, muito. -Manteve as mãos apertadas entre seus braços e o corpo sob controle para evitar agredir o pai de Pru e fazê-lo assim entrar em razão. Não gostaria que o fizesse- Por isso mesmo não posso convertê-la em algo que mais tarde ela não vai querer ser.

-Se realmente se importar tanto, por que não faz todo o possível para que fique com você?

Não havia nada mais para dizer. Muitas razões ocorreram ao Chapel Ihe, mas no mais profundo de seu ser ele não deixava de se perguntar o mesmo. Por que não fazia todo o possível para que Pru ficasse com ele? Porque Marie não o tinha amado? Marie estava morta há seiscentos anos.

Thomas Ryland deixou cair os ombros e se dirigiu para a porta. O olhar que Chapel viu nele foi a de um homem triste e derrotado, alguém que se dava conta de que ia perder a uma filha e não podia fazer nada para evitá-lo.

-Que esteja aqui faz Pru muito feliz. Apesar do que te disse, espero que fique um pouco mais. Por ela.

Chapel assentiu.

-Ficarei.

-Obrigado. -Ryland entrou na casa e Chapel ficou onde estava.

Ele fazia Pru feliz. Essa frase Ihe produziu tal vertigem que teve que segurar-se. Quando ele tinha feito alguém feliz?



Fazia muito tempo, muito. Mas o que era até mesmo mais surpreendente era que ela o fazia a ele feliz. Desde o suicídio de Dreux, a única felicidade que Chapel tinha experimentado tinha durado uns poucos segundos.

E em troca, desde que tinha conhecido Pru, havia sentido essa emoção muitíssimas vezes. Experimentava-a sempre que estava com ela, sempre que pensava nos momentos que tinham compartilhado. Só de pensar que Pru o deixaria, essa felicidade desaparecia. Pensar em um mundo sem ela o enchia de um vazio tal que inclusive o fazia pensar em sair para ver o amanhecer, como Dreux fez.

Estaria errado? Todos acreditavam que sim. Talvez ele estivesse, mas ele não podia ver isso. Os únicos motivos pelos quais converteria Pru em um vampiro eram egoístas. Todas as razões que justificavam não fazê-lo, tinham em conta a ela. Como podia então estar errado?

Como uma resposta a sua pergunta, as portas do terraço se abriram e, em lugar de Thomas Ryland, foi Pru quem saiu.

-Está bem? -perguntou ela.

Se fosse capaz, teria rido. Doce Pru, ele era imortal e ela se preocupava com ele.

-Sim, estou bem.

-Do que estavam falando papai e você?

Não ia mentir para ela.

-De você.

-OH.

Não lhe daria detalhes. A última coisa que ela precisava era saber que ele e seu pai estavam zangados. Não queria ter que lhe explicar por que se negava a "salvá-la", tal como seu pai lhe tinha pedido que fizesse.

Em vez disso, Chapel lhe estendeu a mão.

-Quer passear comigo?

Ela rodeou os dedos dele com os seus e lhe sorriu ao fazê-lo. Sua mão nua descansava na dele. Tirou as luvas só para poder tocá-lo? Isso, para ele, parecia ser esperar demais, mas sabia que era verdade. Via-o em seu rosto.

O único que tinha que fazer era olhá-la... Sua Pru era para ele como um livro aberto.

Sua Pru.



Deixaram a claridade e a amplitude do terraço e caminharam para o jardim, seguindo a trilha iluminada por tochas até chegar a um lugar nas sombras. Chapel guiava; ele via os possíveis perigos que havia entre a grama. Evitou por exemplo que Pru tropeçasse com uma raiz que poderia ter rasgado o seu vestido.

Finalmente parou. Havia um círculo de bancos de pedra ao redor de uma fonte. Dois lampiões ardiam no lado oposto do círculo, e a água que caía da fonte parecia um balé de cristais de cores translúcidas.

Chapel afastou o cristal que cobria os lampiões e apagou primeiro um e logo o outro, para que a única luz que lhes chegasse fosse a da lua crescente e a dos lampiões que havia ao longe.

-O que está fazendo? -A voz de Pru transbordava curiosidade. Ele poderia lhe quebrar o pescoço como se fosse um ramo, mas ela não o temia absolutamente.

A Marie a tinha visto aterrorizada.

Marie, como Pru dizia tão sabiamente, era uma imbecil.

-Estou nos dando certa intimidade -respondeu ele.

Um sorriso sedutor se desenhcou nos lábios dela.

-Precisamos de intimidade?

-Desejo você. -Aproximou-a dele.

Ao ouvir a intensidade que havia em sua voz, Pru parou de sorrir.

-Aconteceu alguma coisa com você. O que foi?

Chapel a silenciou com um beijo. Seus lábios a assolaram até que sentiu que relaxava. Ela se derreteu em seus braços; seu corpo suave e maleável.

-Preciso de você -sussurrou ele entre os lábios dela- Agora. Aqui.

Pru entreabriu as pálpebras. Uns olhos grandes e escuros o olharam por trás de uns cílios espessos.

-Está bem.

Chapel se deitou na grama, arrastando o Pru com ele. Ela em cima, para assim não arruinar seu vestido. Libertou seus seios e os saboreou até que ela apertou os quadris contra os seus. Levava muitas camadas de roupa, e estas o impediam de tocá-la como desejava fazê-lo. Levantou-lhe a saia até a cintura e rodeou a suave curva de suas nádegas por cima da roupa de baixo.

Pru se levantou um pouco e o ajudou a estender o vestido ao redor deles. Continuando, sentou-se



escarranchada sobre ele e começou a mover-se de um modo sedutor que ia acabar deixando-o louco.

Sob a proteção da saia dela, Chapel desabotoou a calça e libertou de sua prisão a seu exigente e excitado membro.

-Sou teu - disse, com voz rouca- Me tome.

Olhou para Pru, tinha os olhos fixos em seu precioso rosto quando ela introduziu as mãos sob o vestido e seus dedos se fecharam ao redor do sexo dele como uma luva de seda. Devagar, guiou-o até a abertura de sua roupa de baixo, aonde ela era mais cálida, úmida e apetecível. Pru se levantou um pouco para que ele pudesse entrar em seu corpo, e logo voltou a descer, rodeando-o com toda sua suavidade.

Chapel suspirou. Levantou as mãos até seus seios, os acariciou e moldou enquanto ela o cavalgava, mas não tentou controlar seus movimentos. Queria que ela o fizesse. Queria que Pru tomasse o que precisasse dele, que o levasse ao orgasmo, e vê-la enquanto o fazia.

Pru desfez o nó de sua gravata e lhe abriu a gola da camisa ao mesmo tempo em que continuava subindo e descendo em cima dele. Então, quando seus movimentos começaram a acelerar-se e ambos estavam a beira do clímax, ela se agachou e apoiou a cabeça em seu peito.

Mordeu-o bem abaixo da clavícula, onde o músculo de seu torso era firme e compacto. Seus dentes eram pontudos, a pressão insistente. Não o bastante para lhe fazer mal, mas sim para lhe deixar uma marca que, é obvio, pela manhã teria desaparecido. Ele não poderia nem sequer desfrutar por muito tempo que ela o tivesse marcado como seu.

Chapel sabia o que Pru estava fazendo e isso o estava matando. A dor e o prazer que sentiu com sua dentada fez com que os seus olhos se enchessem de lágrimas; não porque lhe estivesse fazendo mal, mas sim porque ela tentava unir-se a ele do mesmo modo com que ele o tinha feito, mas não podia.

Porque Chapel não permitia.

CAPÍTULO 21



Quanto tempo?

O doutor Higgins fechou sua maleta de couro e se deteve um momento, como se estivesse fazendo provisão de forças; logo olhou para Pru.

Ela estava sentada na beira da cama, com o roupão atado à cintura. O doutor Higgins não gostava de examiná-la sem que Thomas soubesse, mas Pru não queria que seu pai se inteirasse dessa visita. Ainda não.

-Só posso lhe dar uma estimativa, senhorita Ryland. O câncer está avançando muito depressa.

-Conhece-me por toda a vida, senhor. Certamente que pode me dizer algo mais concreto.

O doutor suspirou.

-Prudence...

-Não sou nenhuma menina, nem tampouco uma mulher indefesa que ficará histérica para ouvir seu diagnóstico. -Apertou a mandíbula para controlar a frustração- Quanto tempo?

A expressão de Higgins se suavizou.

-Talvez um mês.

"Talvez."

-Ou menos, isso é o que quer dizer. -Era estranho, mas não sentiu nada ao dizer essas palavras.

O homem assentiu sem deixar de olhá-la.

-Ou menos, sim.

Bom, tinha chegado o momento. Aparentemente, se muito, restavam trinta dias antes de morrer.

Essa era uma dessas ocasiões nas quais realmente teria gostado de saber o que havia depois da morte. Desejava com todas as suas forças que o céu existisse, mas não queria ver de lá a sua família, ao menos não até depois do período de luto.

Deus, como era vaidosa. Ainda nem estava morta e já estava pensando no quanto as pessoas demorariam a se recuperar de sua perda!

-Sinto muito de verdade, Prudence.

Certamente que era assim; até mesmo a estava chamando por seu nome.

-Obrigado, doutor Higgins.

O via tão mais

velho, tão triste.



-Eu te trouxe para o mundo. Dói-me muito ter que ver como vai dele.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

-Obrigada.

Deu-lhe uma garrafa.

-Para a dor; se por acaso precisar.

Pru a aceitou. Era láudano ou algo parecido. Só tomaria se fosse absolutamente necessário. Não queria passar os últimos dias de sua vida perdida em um estupor.

Queria passá-los com o Chapel. Nem com sua família, nem com seus amigos, se é que restava algum, pois fazia muito tempo que não os via, mas sim com o Chapel.

Fez com que sua criada acompanhasse o doutor Higgins à saída. Não se incomodou em esperar a que a moça voltasse e saiu de seu quarto. Era o meio do dia e estava fora de lugar que perambulasse por ali com sua camisola e sua bata, mas não havia ninguém exceto os criados; sua família tinha ido à cidade. A idéia de vestir um espartilho a deixava doente, a pressão em seu abdômen seria muito insuportável.

A única coisa que queria era que o tempo parasse. Seu futuro era muito curto e muito aterrorizante. Morte: a grande desconhecida. O fato de morrer não lhe dava medo, era o que vinha depois o que a assustava. Ela sempre se considerou uma boa cristã, mas agora não estava tão segura. E se o céu não existisse? E se não era para lá aonde ia? E se não havia nada?

E o que tinha de bom ir ao céu e deixar Chapel na Terra? O céu era o que sentia quando estava entre seus braços, quando estava junto a ele.

Foi ao quarto dele e entrou sem chamar. Aconchegou-se a seu lado sem despertá-lo. Agora estava acostumado a que ela fizesse isso, assim não se assustava quando Pru se deitava com ele. Era tão perigoso e selvagem como um gatinho. Inclusive adormecido, na mais profunda escuridão, reconhecia o cheiro e os sons de Pru.

Uma lágrima se deslizou pela comissura de seu olho e ela se abraçou a ele com mais força. Precisava de seu reconfortante calor. Seu calor eterno. Quando ela se fosse, ele continuaria irradiando calor. Ela estaria fria e morta e ele continuaria quente e vivo.

Queria zangar-

se com ele... zangar-



se porque não a amava o suficiente para querer passar a eternidade a seu lado... mas não conseguia isso. Pru sabia que a decisão de Chapel não tinha nada a ver com o que sentia por ela. Não é que ele tivesse dito nada, mas Pru suspeitava que possivelmente se estivesse apaixonando por ela. Sofreria quando morresse. Não a convertia em vampiro porque não se importasse. Justamente o contrário. Importava-se muito com Pru para transformá-la no que ele acreditava que era uma abominação.

Dar-se conta disso a reconfortou, apesar de que seguia acreditando que Chapel era um idiota por pensar assim. Mas fazia tanto tempo que considerava a si mesmo um monstro que ela tinha poucas possibilidades de fazê-lo mudar de opinião. E, sobre tudo, não dispunha de tempo suficiente.

Chapel fazia tanto por ela que Pru desejava poder lhe devolver o favor. Se pudesse lhe fazer ver quão maravilhoso era. Se por uma vez ele se visse com seus olhos.

-Aconteceu algo errado? -Sua voz soou sonolenta e suave junto a sua orelha. Esse som bastou para afastar o frio de suas veias.

Sim, tudo. Ela não deveria morrer tão jovem. Não deveria ter-se apaixonado por aquele homem que a tinha ajudado a viver, que lhe tinha ensinado o que era a paixão. Ou, em caso de que se apaixonasse, deveriam viver felizes para sempre. As coisas não deveriam acabar assim.

-Me prometa que quando eu morrer não voltará a se esconder. -Outra lágrima lhe escorregou pela bochecha e se abraçou a ele com força- Me prometa que vai viver... que vai viver pelos dois.

Chapel se apoiou no cotovelo, completamente acordado. Tinha o cabelo alvoroçado e as pálpebras pesadas, mas não havia nenhuma dúvida da tensão que percorria seu corpo.

-Pru, o que aconteceu? -Em sua voz se notava o medo.

-Prometa-me isso. – Nesse momento isso era o mais importante. Se ele pudesse viver, desfrutar por ela de tudo o que o mundo podia oferecer, então Pru poderia morrer em paz.

Chapel lhe acariciou a bochecha com os dedos. Certamente que notou que estavam molhadas.

-Prometo.



-Obrigada. -A pressão que sentia em seus músculos relaxou um pouco. Recostou a cabeça no ombro dele e fechou os olhos. A dor que palpitava em seu estômago se afrouxou. Talvez agora pudesse dormir.

-Me conte o que aconteceu.

Ah, mas agora Chapel estava acordado, e se perguntava que demônios acontecia.

Podia mentir para ele, lhe dizer que tudo estava bem, que só havia sentido um pouco de melancolia, mas para que? Ele merecia saber que seu tempo estava acabando.

-O doutor Higgins veio hoje me visitar.

-Seu pai mandou chamá-lo?

-Não, eu o fiz.

Chapel ficou petrificado. Pru não pôde sentir nem um batimento de coração, nenhuma respiração. Se não fosse porque desprendia calor, teria se assustado.

-Já sabe que estes últimos dias não tenho me sentido muito bem. -É obvio que sabia. Fazia dias que não queria sair, e as duas últimas noites não tinham podido fazer amor. Em Pru doía quando ele estava dentro dela.

Quando começou a sangrar, quando chegaram os outros sintomas e se negaram a desaparecer, soube que tinha chegado a hora de chamar o doutor.

-Então esperou que eu me deitasse e a que sua família tivesse saído para pedir ao doutor que viesse? -Expô-lo como uma pergunta, mas por seu tom de voz Pru soube que entendia, que sabia por que tinha feito isso.

Não queria que ninguém soubesse. Queria ser ela quem dissesse a sua família, se é que o dissesse.

-Sim. -Agora havia muito mais lágrimas- Mandei chamar o doutor Higgins. Acaba de ir.

Umas mãos suaves lhe acariciaram as costas.

-O que te disse?

-O câncer... piorou.

As mãos de Chapel se detiveram um segundo, foi a única reação que teve ante essa notícia.

-Que mais te disse?

Pru fechou os olhos.



-Que não resta muito tempo.

Sob sua bochecha, Pru sentiu como o coração dele golpeava as costelas. Sentiu um nó na garganta.

-Ele disse... disse quanto?

-Se muito um mês.

Chapel não disse nada. Limitou-se a abraçá-la com mais força, a aproximá-la mais dele, mas sem chegar a lhe fazer mal.

Pru levantou a mão e lhe acariciou a bochecha. Precisava sentir seu calor, sua pele contra a dela.

-Quero que vá.

-O que? -Ele estava tão surpreso com suas palavras como ela.

Pru lhe acariciou a bochecha e sentiu a barba incipiente sob seus dedos.

-Deve ir de Rosecourt.

-E te deixar? Não. -Parecia ofendido e zangado de que ela se atrevesse a sugerir tal coisa.

-A ordem não vai voltar, disso pode estar certo. Já têm o que queriam.

-À merda a ordem.

Pru se surpreendeu com sua linguagem.

-Não me importa nem um pouco. Não vou te deixar.

-Não quero que esteja aqui quando eu... vá. -Ela tinha visto sua tia morrer de câncer, anos atrás. Lembrava-se do que a doença lhe fez-. Não quero que veja o que vai acontecer comigo.

-Já o vi.

-Talvez seja pior.

-Não me importa. -Maldita fosse por ser tão teimoso-. Não vou deixar você, Pru.

As lágrimas começaram a escorregar pelas bochechas dela.

-Mas eu não quero que seja assim que lembre de mim.

Uma das mãos dele se separou de suas costas e lhe acariciou a bochecha.

-Eu sempre lembrarei de você como minha linda, ávida de saber e maravilhosa Pru. Sempre.

Então ela começou a chorar. Suas palavras, o modo tão terno com que tinha de acariciá-la, abriram a represa de lágrimas



que tanto se esforçou por reter. Soluçou com força, de um modo dilacerador que, agora que tinha começado, não podia controlar. Chapel não tentou acalmá-la; limitou-se a deixá-la chorar, deixou que ela o empapasse com sua tristeza.

Uma gota mais cálida caiu perto da orelha do Pru e, por um instante, distraiu-a de sua dor. Seguiu-a outra, e outra. Chapel não emitiu nenhum som, mas sem olhar, Pru soube que ele também estava chorando.

Matilda - roupa.

Caroline - todos os livros exceto os das lendas do rei Artur.

Georgiana - jóias e figurinhas.

Chapel - Pru se deteve e levantou a pluma do papel. Por que essa frase era muito mais difícil que as outras? Ela já sabia o que queria lhe dar. Talvez porque estava segura de que suas irmãs cuidariam com carinho de tudo aquilo que lhes deixasse, mas com o Chapel sentia que já não podia lhe dar nada mais; que o tinha dado tudo. Assim optou por algo que sabia que gostaria.

Tampouco podia lhe deixar seu coração, ao menos não literalmente.

Chapel - os livros do rei Artur. Artur foi um dos primeiros temas de que falaram quando ele chegou a Rosecourt. A primeira vez que pensou nisso, achou que deixar esses livros para ele era uma boa idéia, agora já não estava tão segura. Bastaria isso para que soubesse o quanto significava para ela? Quando os olhasse, lesse-os, saberia que o tinha amado?

Durante os últimos dias, Chapel tinha estado a seu lado cada segundo. Tinham passado já três semanas da visita do doutor Higgins. Algumas noites tinham sido melhores que outras, e até mesmo pôde sair um pouco. Nunca foram muito longe, quando muito a uma distância que Chapel pudesse atravessar voando em vinte minutos. Passavam a maior parte do tempo falando. Ele lhe contou muitas histórias sobre os lugares que tinha visitado e sobre a vida que levava quando jovem.

Ela também lhe contou histórias, os momentos felizes e os não tão felizes de sua vida; como seu primeiro beijo ou o dia em que morreu sua mãe. Chapel a escutou atento, de um modo que rompia o coração de Pru, como se tratasse de memorizar tudo.

Chapel lhe leu as cartas que tinha recebido de Molyneux. Pru estava convencida de que o sacerdote e Marcus



iram dar com a Palma de Prata. Perguntava-se se chegaria a ver ambos de novo antes de morrer. Aparentemente, o bom Marcus continuava procurando o Santo Graal. Que Deus o ajudasse.

Pru passava os dias, ou melhor dizendo as tardes, com sua família. Alguns poucos amigos da região foram vê-la quando lhes chegou a notícia de que estava se "apagando". Pru não sabia como souberam. Talvez pelos criados, ou por uma de suas irmãs. Não lhe importava que as pessoas soubessem que estava morrendo, o que não podia suportar era que a olhassem com pena.

Cada vez se fazia mais difícil estar com suas irmãs. Todas pareciam tão abatidas que conseguiam deprimir a ela também. Só Chapel conseguia olhá-la sem tanta tristeza. Parecia querer aproveitar o tempo que restava juntos.

Pru desfrutava dos momentos que passavam juntos. Significavam tanto para ela... Uma estranha calma a tinha invadido justo no dia anterior. Como se a idéia de morrer não fosse tão horrível. Abandonar a todas as pessoas que amava era muito triste, mas já não estava assustada.

Ainda não estava preparada, mas ao menos já não tinha medo.

Baixou os olhos e olhou a mão com que sujeitava a pluma. Estava pálida e se viam os ossos através da pele. De fato, toda ela estava abatida. Tinha perdido muito peso. A única coisa que gostava de tomar era chá e torradas. Seu estômago era a única parte de seu corpo que parecia pertencer a outra pessoa, e ela sabia que isso era por culpa do câncer.

Estava cansada. Muito cansada. Queria dormir interminavelmente, o que aconteceria já muito em breve. Agora tinha que pôr seus assuntos em ordem. Por sorte, não tinha muitos "assuntos".

Estava escurecendo. Logo apareceria uma criada com o jantar. Sua família lhe fazia companhia enquanto comia. Se Chapel já tivesse se levantado, também comparecia. Frequentemente assim que despertava, saía para comer. Não lhe perguntava aonde ia, a verdade era que não queria saber. Ele se negava a beber seu sangue, dizia que tinha medo de debilitá-la ainda mais. Não parecia entender que, para Pru, que se alimentasse de outra pessoa era quase como uma infidelidade. Ela sabia que era uma tolice, mas não podia evitar isso.

Sentia-se tão inútil... Nem sequer podia dar a seu amante o sustento que precisava para viver.



Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos. Era Chapel. Estava muito atraente, recém banhado e em mangas de camisa. Levava a gravata na mão e pendurando do seu braço o paletó.

-O que significa isto? -perguntou ela mostrando seu traje.

Chapel sorriu e fechou a porta atrás dele.

-Pensamos que esta noite você gostaria de jantar lá embaixo.

Pru se levantou um pouco sobre os travesseiros.

-Pensamos?

-Sua família e eu.

-Bom, então suponho que "Pensamos" é o termo adequado. -Passou a mão pela enredada cabeleira-. eu adoraria, mas pareço um caco.

O sorriso de Chapel se alargou.

-Por isso estou aqui. Vou te banhar .

Pru levantou as sobrancelhas.

-Meu pai sabe?

-É obvio que não. -Chapel pareceu horrorizado ante a sugestão, como se Thomas Ryland significasse alguma ameaça para ele- Ele acha que vou vir te buscar mais tarde. Vou preparar a banheira.

-Chapel... -deteve-se, uma onda de vergonha a invadiu por completo.

O bom humor dele desapareceu.

-O que foi?

-Eu não... não acho que seja boa idéia que você me ajude a tomar banho.

-Por que não? Para sua informação, sou muito bom banhando as pessoas... Eu o faço diariamente.

Estava se fazendo de bobo para alegrá-la; Pru sabia por que não lhe caia muito bem.

-Não quero que me veja nua.

Uma exagerada confusão apareceu no rosto de Chapel.

-Mas se eu já te vi nua... um montão de vezes.

-Não assim.

Chapel suspirou e atirou a gravata e o paletó em cima de uma cadeira. Arregaçou as mangas da camisa e se voltou para ela.



-Não se faça de envergonhada comigo, Pru.

-Não estou me fazendo de envergonhada. -Agora não era a vergonha, mas sim a raiva que a empurrava a falar- Não quero que veja como estou feia.

-Feia? -Acabou de subir as mangas da camisa e cruzou o tapete até sentar-se a seu lado na cama - Minha querida Pru, para mim, você sempre está linda.

-Mas...

-Já discutimos isto. -Com seu tom lhe indicou que dava por terminada a discussão. Ficou de pé, afastou os lençóis e a segurou nos braços ignorando seus protestos.

Levou-a até o banheiro, um luxo moderno que seu pai tinha insistido em instalar para ela. Chapel a colocou em uma cadeira enquanto acabava de encher a banheira. Destampou diversas garrafas, cheirou-as todas até encontrar a essência perfeita para ela e a jogou na água. Logo o ar cheirou a jasmim.

Quando a banheira esteve quase cheia, pô-la de pé e a despojou do roupão e da camisola. Morta de vergonha, Pru viu que sua camisola estava manchada de sangue. Chapel não se deu conta ou fingiu não fazê-lo. Fosse o que fosse, Pru o amava ainda mais por isso.

Também pelo modo em que a olhava, como se fosse o mais belo que jamais tivesse visto. Isso bastava para que seus olhos se enchessem de lágrimas. Como podia olhá-la assim com o mau aspecto que tinha?

Chapel tirou sua camisa e Pru pôde desfrutar da beleza masculina de seu torso. Fazia dias que não faziam amor, mas vê-lo continuava lhe fazendo tremer as pernas.

-Posso entrar sozinha na banheira - disse ela quando ele voltou a segurá-la nos braços.

-E por que quer fazê-lo se eu posso fazê-lo por ti? -Um pequeno sorriso se desenhcou em seus lábios quando a colocou nas águas perfumadas.

Pru suspirou ao sentir como a água a cobria. Sentia-se tão bem que inclusive estremeceu. Dentro da banheira estirou os músculos, apoiou a cabeça no gentil mármore e fechou os olhos.

Chapel, decidiu que ainda não tinha acabado com sua tarefa. Mal tinha passado um minuto quando Pru sentiu uma suave esponja lhe acariciando o peito. Abriu os olhos.

Estava

ajoelhado junto à



banheira, sem camisa, e com um brilho dourado em seus olhos.

-Também vai me ensaboar? Não estou inválida, sabe? -Não pretendia soar tão antipática.

Ele, além de um leve tremor na sobrancelha esquerda, não reagiu.

-Já sei que não está inválida. Estou fazendo isto por mim, não por você.

-O que quer dizer?

-Sou uma criatura egoísta por natureza. Quero você só para mim durante um momento. Agora está completamente a minha mercê.

Um sorriso cansado se desenhou nos lábios de Pru.

-Você e seus maléficos planos.

Chapel passou a meia hora seguinte lhe ensaboando todo o corpo. Se o que via o desgostava, não o deixou entrever. A seguir lhe ensaboou o cabelo, e obteve que sua cabeleira voltasse a ficar solta e suave.

Depois do banho, secou-a com a toalha e a ajudou a vestir-se com um cômodo vestido de noite de só meio espartilho. Embora quisesse, não poderia ter se vestido com um vestido de noite normal. Estava muito magra e tinha o estômago muito inchado.

Além disso, a sua família não ia se importar com o que vestisse.

Chapel a surpreendeu ainda mais quando a ajudou a pentear-se e conseguiu lhe fazer um singelo coque na nuca.

-Acho que vou despedir de minha criada e contratarei você no lugar dela - disse ela admirando seu trabalho.

Ele lhe deu um pequeno e ardente beijo no pescoço enquanto vestia o paletó.

-Aceito.

Pru ainda sorria quando ele a levou nos braços até abaixo, onde os outros a estavam esperando.

Todos estavam tão contentes de vê-la que a ninguém pareceu importar o aspecto que tinha, ou que Chapel a levasse nos braços. Nesse momento, Pru se sentiu muito melhor que em todos os últimos dias, e sentiu que a vida era algo bom.

O jantar foi delicioso. Comeu tudo o que pôde, o que não era muito. Em vez de comida, encheu-se de conversas e de risadas. Talvez alguma das conversas eram muito tolas, a alegria muito forçada, mas



ali estava fosse como fosse. Todos estavam fazendo um esforço, e Pru lhes estava agradecida e os amava por isso. Mesmo seus cunhados se esforçaram, contando anedotas e piadas, freqüentemente à custa de Pru.

Chapel se uniu a eles, embora entre ele e Thomas Ryland as relações estavam um pouco em atrito, ambos trataram de relaxar. Chapel tampouco se salvou de que tirassem o zombassem. Foi bonito ver como sua família o aceitava. Talvez pudesse jogar uma olhada neles de vez em quando. Talvez, se Pru pedisse isso, pudesse vigiar também ao bebê de Caroline, assegurar-se de que estava bem.

Que idéia tão absurda e tão romântica; que ele cuidasse de sua família durante as próximas gerações porque seu coração não podia esquecê-la. Se não fosse porque tinha ocorrido a ela, riria.

Em vez disso, riu de algo que James, seu cunhado, havia dito sobre a curta estatura de Georgiana. Riu como não o tinha feito em muito tempo.

Ainda estava rindo quando uma dor, aguda e intensa, atravessou-a. Roubou-lhe as gargalhadas e a respiração, e a partiu em duas. Foi tão forte que a fez cair no chão. Nem sequer teve tempo de pôr a mão para aparar o golpe, simplesmente derrubou-se.

Chapel foi o primeiro a chegar a seu lado, embora fosse o que estava mais longe. Certamente que tinha saltado ao dar-se conta do que acontecia. Teria se dado conta sua família, ou estavam muito preocupados vendo como ela se convulsionava de dor sobre o tapete da sala de jantar?

Chapel a segurou nos braços. Apesar de que foi tenro e delicado, ela gemeu.

-Pru?

Deus, como odiava ouvir essa vulnerabilidade em sua voz! Ele era seu guerreiro, seu vampiro. Supunha-se que era muito mais forte que tudo isso. Muito mais forte que ela.

Olhou-o nos olhos.

-Me leve ao meu quarto.

CAPÍTULO 22

Três dias.



Levava três dias esperando, vendo como Pru perdia e recuperava a consciência. Estava se desvanecendo e ele não sabia se voltaria a ouvir sua voz, se poderia despedir-se dela.

Devia esbofetear-se por pensar no que ele queria. Zangado, recordou-se que a única coisa que importava era que Pru não sofria. Enquanto ela não sofresse, o resto não tinha importância.

Claro que sua família estava sofrendo. Chapel não podia suportar olhá-los. Todos tentavam lhe dar ânimo, mas ele sabia que o que na verdade queriam era gritar com ele. Não podia ser que fossem tão bons como aparentavam. Odiavam-no por não ter convertido Pru em um vampiro? Por não tê-la "salvado"?

Odiavam-no tanto quanto ele odiava a si mesmo?

Chegou um telegrama de Molyneux lhe dizendo o quanto sentia por Pru. Tanto ele quanto Marcus lhes mandavam todo seu carinho e suas preces. Retornariam a Inglaterra o mais rápido possível, e não, ainda não tinham encontrado Bishop. Como se ao Chapel importasse Bishop, Saint, Reign ou nem sequer Temple. Não lhe importava nenhum deles, ao menos não nesse momento. Como podia lhe importar alguém se a mulher que amava estava morrendo?

A mulher que amava.

Estava sentado no chão, diante do quarto de Pru, esperando seu turno para estar com ela. Sua família compartilhava os dias, mas as noites eram para ele, só para ele. Acordava assim que podia e sempre encontrava uma garrafa de sangue preparada. Não perguntava de quem era, nem ninguém o explicou. Ao contrário do que se dizia na novela do senhor Stoker, os vampiros não precisavam faltar-se para sobreviver. Enquanto colocassem um pouco de sangue humano em seu corpo tudo estava bem. Meio litro podia lhes durar um par de dias se o vampiro não consumisse muita energia. E estar sentado junto à cama de Pru não consumia muita.

Chapel suspeitava que o sangue era de Caroline, já que era a mais pormenorizada com ele, mas odiava a idéia de que se debilitasse, a ela e ao bebê, para alimentá-lo. Entretanto, ela não parecia mais fraca. Só triste.

A porta do quarto de Pru se abriu e Chapel ficou de pé em um segundo. Matilda ficou olhando-o com os olhos como pratos.

-Por favor, não

faça isso - lhe disse,



com a mão sobre o coração.

-Sinto muito.

Ela assentiu. Chapel pôde ouvir como seus batimentos de coração recuperavam o ritmo normal.

-Não foi nada. Pru pergunta por você.

A alegria explodiu dentro dele.

-Está acordada?

Voltou a assentir.

-Está cansada, mas diz que não voltará a dormir até que tenha te visto. -Os olhos dela se encheram de lágrimas- Acho que... Não a canse, por favor.

Separou-se dele, mas não antes de que ele pudesse ver como enxugava os olhos. O medo que sentia Matilda ressonou no mais profundo da alma de Chapel. Tinha chegado o final? Tinha chegado a hora de Pru?

Devagar, abriu a porta e entrou. O quarto estava às escuras, exceto pelo lampião que havia na penteadeira, o bastante perto para que Pru pudesse ver, mas o suficientemente longe para que lhe permitisse dormir.

-Chapel? -Sua voz soava fraca e suave- É você?

-Sim. -A sua foi só um sussurro- Sou eu.

A sombra de um braço se elevou na cama.

-Vêm, sente-se comigo.

A via tão pequena e frágil naquela enorme cama. Sua preciosa cabeleira caía a seu redor e se espalhava pelo travesseiro. Estava muito pálida, tinha olheiras, e as bochechas marcadas pela magreza. Aonde tinha ido sua Pru?

Ela lhe havia dito que não queria que ele visse o que ia acontecer com ela. Chapel lhe havia dito que não se importava, que não iria embora. Havia-o dito a sério, mas Por Deus, oxalá pudesse evitar isso; se não por ele, por ela e por sua família.

Agarrou-lhe a mão. Tinha os dedos gelados e esqueléticos, mas se aferraram aos seus. Chapel lhe pôs a outra mão em cima para esquentá-la.

-Deveria descansar, *mon coeur*.

Pru esboçou um sorriso.

-Acaba de me chamar de "meu coração"?

Ele assentiu.



-Sim, chamei.

-Eu gosto.

Ele procurou seus olhos cor avelã e ali sim viu sua Pru. Continuava ali, na casca de ovo que ficava dela.

-Meu coração sempre será teu, Pru.

Ela o apertou com os dedos.

-Não sempre. Algum dia encontrará a alguém a quem pode dar-lhe. - Pru derramou uma lágrima.

Não havia reprovação em suas palavras, mas ele reagiu como se houvesse.

-Não. Isso não acontecerá jamais.

Ela o olhou como uma mãe olha a um menino rebelde.

-Não pode morrer, Chapel. É estúpido dizer que nunca mais voltará a entregar seu coração.

Ele se aproximou, apartou uma das mãos dela e lhe acariciou a bochecha.

-Não importa quanto tempo viva, Pru. Amarei você até o dia em que Deus me leve por fim para casa.

-Para casa. É uma bonita maneira de dizê-lo. Eu vou para casa, Chapel.

A ele lhe fez um nó na garganta, seus olhos começaram a arder.

-Sei, meu amor.

Pru derramou uma lágrima.

-Queria que tivesse mais tempo. Teria gostado de ser "seu coração" um pouco mais.

Ele assentiu. Não podia falar.

Pru umedeceu os lábios. Falar a estava esgotando.

-Quero que saiba o quanto significou para mim estas semanas que passamos juntos.

-Não fale. -Chapel não queria perdê-la antes de hora.

-Preciso te dizer estas coisas - insistiu ela zangada- Quero que saiba o quanto você significa para mim. Quero que saiba que me tem feito feliz.

-Você também me tem feito feliz - confessou ele- Jamais o tinha sido tanto.

Pru voltou a sorrir.

-Merece ser feliz, Chapel. Merece muito mais do que acredita. Deus te



escolheu para uma missão muito especial.

Um calafrio lhe percorreu as costas.

-O que quer dizer?

Com a mão que tinha livre, Pru apanhou a que ele tinha em sua bochecha e a manteve aí, com os dedos gelados.

-É um guerreiro, Chapel. Um guerreiro das forças do bem e da luz, não o esqueça.

-Pru... -Poderia discutir com ela, mas do que serviria? Melhor deixar que acreditasse. Ele queria acreditar nisso.

Queria acreditar.

-Mandaram-lhe para mim por um motivo - prosseguiu ela- Não sei o que fiz para te merecer, mas me alegro de te haver conhecido.

-Para você me merecer? -Sua incredulidade era evidente-. Pru, sou eu o que foi abençoado contigo, não o reverso.

Um brilho apareceu nos olhos dela e Chapel soube que tinha caído em uma armadilha.

-Ora, e se a única coisa que Deus quer é te castigar, por que ia te abençoar com alguma coisa?

Suas palavras lhe atravessaram como uma espada e se cravaram, no mais profundo de sua alma.

-Não sei - sussurrou ele; e era verdade. Por que Deus ia lhe mandar ao Pru? Ele se negava a acreditar que ela fosse outra coisa que um presente. O que tinha feito para merecer tal prêmio?

-Eu acredito que Deus sabia que nós precisávamos um do outro. -Sua voz era tão tênue que ele mal podia ouvir- Acredito que queria que soubesse o que é o amor, e Ele sabia que eu te amaria. Amo você, Chapel. Com todo meu coração.

As lágrimas começaram a escorregar pelo rosto dele.

-Eu também te amo, minha linda Pru.

Ela apertou sua mão, e essa foi a única prova de que o tinha ouvido: logo exalou de um modo entrecortado.

Não! Enlouquecido, Chapel se agarrou a seus dedos e aproximou a orelha de seus lábios. Estava deixando-o. Seu último fôlego estava abandonando seu corpo. Estava morrendo.



-Pru?

Não respondeu.

Não. Assim não. Ela era dele, maldita fosse. Ela o amava. Nenhuma mulher lhe tinha dado o que Pru disse. Nenhuma mulher o tinha aceito como era. E não lhe pedia nada em troca, nada salvo que vivesse. Ia deixar escapar tudo isso só porque acreditava que era uma espécie de monstro?

-E o que tem se o for? -perguntou em voz alta. E o que tem se fosse um monstro? Tinha livre-arbítrio, escolhia seu próprio caminho. Durante séculos tinha sido desgraçado, castigando-se por um estúpido erro que tinha pago com juros. Pela primeira vez sentia que por fim podia perdoar a si mesmo, aceitar seu destino. Sabendo que Pru o amava, podia aceitar qualquer coisa, enfrentar a tudo. Ela o amava.

E se Molyneux e Pru tinham razão? E se ele olhava isso do ponto de vista errado? E se o que tinha era um presente?

Maldição ou não, não ia permitir que Pru morresse. Tinha passado quinhentos anos servindo à Igreja, fazendo tudo o que tinham querido, deixando-se convencer de que era pior que um demônio.

Mas ele não era um demônio. Era um descendente da primeira mulher de Adão e de um anjo caído. Era um ser poderoso, que podia escolher que caminho seguir. Lutava pelas forças do bem. Não era um demônio, ele forjava seu próprio destino.

Inclinou a cabeça para o peito de Pru. Seu coração ainda pulsava, mas o sentia débil e instável. Ainda havia esperança.

"Basta de pensar." Simplesmente, agiu. Suas presas saíram de suas gengivas com a mesma força que seus sentimentos. Com ternura, afastou a gola da camisola de Pru e a despiu até os seios. Embaixo daquela pálida e frágil pele se intuía o azul das veias.

Aproximou a boca de seu pescoço, atravessando-o com as presas.

Seu calor e sua doçura o alagaram, encheram-no de paz, e sentiu que se uniam para sempre. Ela era dela, ele era dele. Pertenciam-se. Tinham que ficar juntos, tão certo quanto a lua tinha que estar com as estrelas. Pru se derramou em seus lábios, conquistou todos os seus sentidos, e mesmo assim, ele não se deteve. Bebeu seu sangue até que o coração dela parou.



Só então levantou a cabeça.

Lambeu a ferida com cuidado para que se fechasse e logo mordeu seu próprio pulso. Nem sequer piscou, aquela dor era o que menos o preocupava. Aproximou o pulso aos lábios de Pru e rezou para que bebesse. Sentiu uma pequena pressão quando ela começou a tentar. Engolir lhe custava muito.

E logo nada. Os lábios de Pru seguiam acariciando sua pele, mas era muito tarde.

Tinha agido muito tarde.

Chapel rezou.

CAPÍTULO 23

O funeral foi dois dias mais tarde.

Era um dia radiante e ensolarado, um desses dias entre o final do verão e princípios de outono em que o céu está claro e a brisa é fresca, mas o sol ainda esquentava. O tipo de dia que Pru adorava. O sol ficou sobre a cripta que a família possuía não muito longe da casa. A missa teve lugar na igreja da propriedade, onde se celebravam todos os funerais desde que Rosecourt passou a formar parte do patrimônio dos Ryland.

Muitíssima gente quis lhes dar os pêsames. Pessoas que há meses que não viam Pru, ou inclusive anos, foram apresentar seus respeitos e logo tomar um lanchinho em Rosecourt.

Houve quem o sentia sinceramente, e Thomas Ryland agradeceu suas amáveis palavras, embora o que de verdade queria era estar a sós com sua família. Também houve outros, e desses sempre havia, que foram ao funeral como a um ato social, e aproveitaram para inteirar-se das últimas intrigas, das alegrias e desgraças de outros. Esses evitaram astutamente ao Thomas e sua família, a menos que se vissem obrigados a lhes dirigir a palavra.

Prudence tinha estado doente tanto tempo, diziam alguns; era uma bênção que por fim descansasse em paz. Sim, Thomas estava de acordo. Ao menos não deixava a um marido ou a crianças



pequenas. Sim, Thomas também estava de acordo com isso. Com o tempo, a dor de sua perda se faria mais suportável e voltaria a desfrutar da vida. Depois de tudo, Pru tinha ido a um lugar melhor.

Com isso Thomas estava de acordo de todo coração.

Era já tarde quando os últimos convidados se foram. Quando a família ficou por fim a sós, Thomas dispensou os serviçais e lhes deu o resto do dia livre para eles poderem se dedicar ao luto. Deu ordens de que ninguém os incomodasse. Muita da gente que servia na casa conhecia Prudence desde pequena e, quando lhe ofereceram suas condolências, Thomas Ryland as aceitou agradecido.

Logo se uniu a sua família na biblioteca. Quase era de noite. Pediu ao James que abrisse as cortinas.

Caroline serviu uma taça a seu pai e a deu assim que ele se sentou em sua poltrona preferida.

-Graças a Deus que já acabou tudo. Quando eu morrer, não quero um funeral. Se limite a me enterrar no jardim.

Uma suave risada entrou pela porta.

-Às damas do povoado adorariam.

Todos se voltaram para ver entrar Chapel e Pru. Os sorrisos de sua família a atraíam como um farol.

-Por fim despertou, né? Deve ser bom isso de dormir durante seu próprio funeral. -quem zombava era Marcus. Ele e o padre Molyneux tinham viajado à Inglaterra para estar com eles nesse dia tão especial.

Pru tirou importância desse comentário com um gesto da mão.

-No teu você tampouco estará acordado. -Agora que não ia morrer lhe era mais fácil fazer piadas sobre a morte.

Caroline serviu uma taça a ambos. Por culpa de sua gravidez, teria que ir logo para sua casa, mas no momento, todos podiam desfrutar ainda de seu avultadíssimo ventre.

-Sabia que seu funeral ia ser um momento muito difícil de superar, querida, mas não estando você realmente morta foi muito mais.

Pru piscou um olho ao Chapel.

-Sim, o que te parece engraçado?

Chapel estava

se ruborizando? Era



possível que estivesse ainda mais bonito do que na noite em que o conheceu? Talvez sua aguda visão de vampiro fizesse com que o visse tão atraente, ou talvez fosse que o amava tanto que queria gritar para o mundo inteiro.

-Nunca acreditei que este dia chegaria - disse o padre Molyneux sentado junto ao fogo- Me alegro de ter me enganado.

-Está pronto, meu amigo? -perguntou-lhe Chapel.

-Estou - assentiu o pároco.

Um montão de borboletas revooou no estômago de Pru quando o padre Molyneux se colocou diante deles. Estavam de pé, olhando um ao outro, de perfil para o resto da família. Chapel lhe agarrou as duas mãos para segurá-las com as suas sem deixar de sorrir nem um instante. O sedutor não estava nem sequer um pouquinho nervoso! Pru tremia como uma folha. Nem morrer a tinha afetado tanto...

Claro que, tampouco acontecia muito freqüentemente jurar amar a alguém para sempre e que isso fosse se converter em realidade. Para sempre.

Chapel não se preocupava em fazer esse juramento. Não lhe tinha dito o que o tinha feito mudar de opinião, só que se sentia incapaz de continuar outros seiscentos anos sem ela a seu lado. Entre risadas, Pru lhe respondeu que se era isso o que queria, seria melhor ajoelhar-se e pedir-lhe como era devido.

E ele o fez. E ela respondeu que sim.

Mais tarde, Chapel a aconselhou a que fingissem sua morte, pois todo mundo contava com que morresse. Dado o ponto ao que tinha chegado sua doença, ao doutor Higgins parecia muito estranho que se recuperasse tão milagrosamente. Pru era apenas um saco de ossos quando "morreu", em lugar disso agora exibia as mesmas curvas que tinha antes de adoecer. Não poderiam explicar isso, nem sequer com um milagre.

Assim deixaram que todo mundo, inclusive os membros da criadagem, acreditasse que tinha morrido e organizaram seu funeral; com o caixão fechado, é obvio. Durante esse tempo, ela e Chapel ficaram escondidos no quarto dele, onde passaram horas desfrutando um do outro. Era tão maravilhoso, que Pru não conseguia sentir-se culpada pelo que estavam fazendo.

Nesse tempo, também aprendeu que podiam alimentar-se um do outro. Não lhes daria todo o sustento que



precisavam, mas reduziria em muito a quantidade de sangue humano que precisariam para sobreviver. Chapel a levou a Londres, a aquele bordel onde a madame conhecia os de sua espécie, e lhe ensinou como devia beber sangue de outras pessoas.

As prostitutas se alegraram de vê-lo, algo em que Pru não achou muita graça. Foi então que Chapel lhe contou que tinha ido a esse lugar na noite em que a salvou do veneno. Sem o sangue daquelas mulheres, eles não teriam podido escapar com vida daquele porão, nenhum dos dois.

Essa era razão suficiente para não estar zangada com ele. Além disso, Pru sabia que não tinha motivos para estar com ciúmes. Sabia o quanto ela significava para ele e que, ante seus olhos, nenhuma mulher podia comparar-se o Não se sentia arrogante por isso, mas sim agradecida.

Alimentar-se era mais fácil do que tinha imaginado. Só tinha que seguir seus instintos. Uma vez que conseguiu parar de pensar nisso, saiu-lhe de naturalmente.

-Quer você, Severian de Foncé, tomar a esta mulher como sua esposa... - Molyneux leu todos os votos-... até que a morte os separe?

-A morte já tentou isso - brincou Chapel piscando um olho para Pru-, e falhou.

Pru riu e Molyneux pôs os olhos em branco.

-Acredito que eu gostava mais quando você não fazia piadas, *mon ami*. Responde à pergunta.

Chapel olhou para Pru de um modo tão doce, tão profundo que emocionava vê-lo.

-Sim, quero.

O padre Molyneux lhe fez a mesma pergunta. Pru não fez nenhuma piada, só respondeu que sim.

E então Chapel a beijou e tudo deixou de importar para ela.

-Agora tenho que te chamar madame De Foncé? -perguntou Georgiana durante o jantar, que consistiu em frios, saladas, pão e queijo. E, é obvio, um bolo.

Pru enrugou o nariz.

-Não. Não acredito.

-Você não gosta de meu nome? -Seu marido riu antes de beber um pouco de vinho.

-Você nem sequer o usa, por que



deveria fazê-lo eu? -Pru cravou um tomate do prato do Chapel e o levou a boca. Estava delicioso. Agora a comida tinha um gosto muito melhor, como se seu paladar tivesse se aguçado, igual a todo o resto.

Depois de jantar se despediram, quase todos com lágrimas, e os recém casados se foram para Londres, onde passariam o que restava da noite antes de partir para Paris. Lá estariam mais seguros, ninguém reconheceria Pru nem suspeitaria de sua falsa morte.

Prometeu a Caroline que retornariam quando o bebê nascesse e ao resto da família lhes disse que os visitaria freqüentemente. Deste modo lembrou a todos que eles também seriam bem recebidos em Paris. Matilda gostou da idéia. Diziam que as lojas dali eram as melhores.

-Cuida de minha pequena -disse Thomas Ryland a Chapel quando deu a mão para despedir-se. O distanciamento entre eles tinha acabado. E, embora a seu pai custava aceitar que agora sua filha fora imortal, estava tão contente de que estivesse viva que esquecia todo o resto. Pru sabia que se alegrava por ela.

Algum dia teria que assumir a mortalidade de sua família, mas ainda não; e esperava que fosse assim por muito tempo. Todo mundo tinha que assumir isso em algum momento de sua vida. Ela os recordaria através de seus filhos, e dos filhos de seus filhos. Conseguiria conhecer todos, inclusive se tivesse que lhes confessar quem era ela em realidade.

-Farei isso. -prometeu Chapel - Embora creio que passarei mais tempo tentando controlar sua inata curiosidade.

-Eu não sou curiosa -protestou ela.

-Tenho um presente para ti -sorriu ele.

Ela quase aplaudiu excitada.

-O que é?

Ao ver que ele tinha razão, toda a família pôs-se a rir.

-Está bem -se resignou Pru, e acrescentou, olhando ao padre Molyneux: -Eu também gostava mais quando não fazia piada.

Chegaram a Paris antes que Pru recebesse seu "presente" de Chapel. A casa estava em um bairro da moda, muito



perto da torre Eiffel, uma estrutura que a fascinou absolutamente.

Adorava sua casa, seu lar. Já estava decorada, mas ela acrescentaria alguns toques pessoais. Isso ia ser o mais difícil; ir comprar à noite. Ainda tinha que se acostumar à idéia de não sair durante o dia. Era o único “porém” de sua nova vida.

Claro que, quando viu que Chapel se tornou um homem imensamente rico durante os últimos seiscentos anos, sentiu que essa transição seria mais fácil. Pru não era uma pessoa muito materialista, mas a reconfortava saber que podiam ter tudo o que quisessem. Também a tranqüilizou ver que Chapel era um mago das finanças, e que podiam continuar assim durante séculos.

-Se tiver dinheiro suficiente, pode fazer com que outros se adaptem a seu estilo de vida -explicou Chapel enquanto desfaziam as malas - Você se surpreenderá ao saber a quantidade de comerciantes que estarão encantados de acomodar-se aos excêntricos De Foncé.

-Os excêntricos De Foncé, eu adoro.

Ele a estreitou entre seus braços e começou a beijá-la enquanto ela ria. Chapel era tão feliz... Ela o fazia tão feliz...

-Amo você -disse Pru.

Ele a olhou com seus olhos dourados.

-Eu também te amo -disse ele por sua vez.

Pru viu algo de esguelha. Um pequeno pacote em cima da mesa.

-O que é isso?

Chapel a soltou e se aproximou para pegá-lo.

-Não sei. Chegou enquanto eu não estava.

-Não acha que deveria abri-lo? -perguntou Pru.

Ele a olhou sedutor.

-Parece-me que você deveria abri-lo.

Pru pegou o pacote entre as mãos e, rindo, correu escada acima. Quase se chocou contra uma parede, pois ainda não controlava a velocidade a que podia mover-se. Dirigiu-se para seu quarto, e, com um sorriso malicioso, voltou-se para olhá-lo.

Chapel a pegou entre seus braços e a beijou. Sua boca e sua língua a tentaram, excitaram-na, enfeitiçaram-na de um modo tão doce e maravilhoso que Pru acreditou que ia explodir em chamas.



Deus, amava a aquele homem. Com ele se sentia viva, mais viva do que jamais acreditou possível.

Chapel tremeu com a força do desejo que sentia por Pru. Seus dedos se negavam a funcionar como era devido e não conseguia lhe desabotoar o vestido. Ao final, optou por uma via mais rápida e um montão de botões saíram disparados por todo o quarto. Pru riu e fez o mesmo com a camisa dele.

O resto da roupa seguiu o mesmo caminho; algumas peças saíram em melhor estado que outras. Chapel não se importava nem um pouco, sempre poderia comprar roupa nova.

Sempre ia estar com Pru.

Ela era sua para sempre. Para sempre. Pru ia amá-lo durante tanto tempo? Era melhor que sim, porque agora fazia parte dele. Chapel ia passar o resto da eternidade cuidando dela, mimando-a e amando-a até que ela não pudesse imaginar-se vivendo sem ele.

Pru sempre falava como se fosse ele quem lhe tinha dado algo, mas era o inverso. Ela tinha dado vida onde antes só havia existência. Tinha iluminado onde só havia escuridão.

Nus, agarrou-a nos braços e a levou para a cama. A pele de Pru se via pálida e aveludada em cima da colcha azul escuro. Sua casa estava cheia de cor, não como sua cela na Igreja. Também havia janelas, cobertas por pesadas cortinas, claro. Mas à noite as cortinas se abriam e deixavam entrar a beleza da escuridão.

Pru se estirou e estendeu os braços para ele. Chapel adorava olhar quão bonita ela era. Para ele sempre tinha sido bonita, mas seu renascimento como vampiro a tinha mudado. Sua doença a tinha debilitado e emagrecido, mas sua nova vitalidade a tinha fortalecido e recuperado. As cicatrizes de seu abdômen tinham desaparecido, sua pele parecia brilhar, e seu corpo tinha curvas lá onde devia tê-las. Quando a abraçava, sentia-a exuberante e doce entre seus braços. Chapel não acreditava que fosse possível que lhe parecesse ainda mais bonita que na noite em que a conheceu, mas assim era. Era tão bonita que se sobressaltava só de olhá-la.

Não podia resistir mais... e por que devia fazê-lo? Subiu à cama junto a ela. Uma onda de prazer o alagou ao ver que o olhar de Pru percorria seu corpo nu. Em seus olhos, Chapel viu a mesma necessidade e fascinação que ele sentia quando a olhava a ela.



Ficou de joelhos, escarranchado sobre as coxas de Pru e as mãos de ambos os lados de sua cabeça. Beijou-lhe o pescoço, o quente oco da garganta, e ali sentiu como o pulso dela se acelerava sob sua língua. Saboreou essa zona, tinha sabor de rosas e a pele limpa, e seguiu descendo por aquele corpo, suave como a pele de um bebê, até chegar a seus seios. Logo voltaria a afundar suas presas naquela doçura. Morderia-a quando estivesse a ponto de chegar ao orgasmo.

E ela o morderia. Seriam só um, corpo, sangue e alma. Era uma união que nenhum mortal, ou imortal para o caso, poderia quebrar jamais. Só a morte poderia fazê-lo, e mesmo então ele iria procurá-la.

Acariciou os seus seios, devagar, percorrendo-os com os polegares. Estremeceu ao ver como Pru gemia de prazer. Tinha uns seios tão sensíveis, tão receptivos a suas carícias... Chapel inclinou a cabeça e procurou um deles com a boca; apanhou-o entre seus lábios e o mordiscou suavemente. Pru se arqueou debaixo dele, empurrou os quadris para o corpo masculino. Chapel baixou a pélvis para aproximar-se mais dela e assim poder sentir a tórrida umidade de seu sexo contra a dureza do seu; e então voltou a estremecer.

Deus, gostava tanto beijá-la, senti-la dentro de sua boca. Adorava seu sabor, sua textura, o modo como que ela gemia quando ele a arranhava meigamente com os dentes. Deixava-o louco seu cheiro, seu calor, sua doce e deliciosa feminilidade.

Lambeu-a até que sentiu que ela enredava os dedos entre seu cabelo e então se dedicou ao outro seio. Quando conseguiu que Pru gemesse, que emitisse esses ruídos com a garganta que o faziam perder a razão, soube que tinha chegado o momento de avançar.

Deslizou-se para baixo, beijou a suave pele de suas costelas, saboreou o umbigo com a língua, acariciou-lhe o estômago com sua bochecha recém barbeada. Ela tinha um ventre bonito e o encantava.

Ajoelhou-se entre suas pernas, e acariciou com as mãos a suave e generosa curva de seus quadris. Chapel observou ansioso o triângulo de pêlo acobreado que cobria o sexo de Pru.

Podia cheirar a cálida essência de sua excitação. Essa essência avivava as chamas de seu próprio desejo, fazia com que as gengivas lhe doessem pela necessidade de fazê-la sua de todos os modos imagináveis.

Com suavidade,

separou os lábios de



seu sexo e descobriu a umidade que se escondia ali. Queria ouvir Pru gemer de prazer, sentir que tremia, com ele em seu interior, quando o clímax a dominasse. Queria saber que ele era o único homem que a fazia sentir isso.

O único homem que a faria sentir isso.

O primeiro passeio de sua língua foi rápido e breve, para atormentá-la. O segundo foi mais firme, mais a sério. Ela gemeu, cravou os tornozelos no colchão e se arqueou contra sua boca. Chapel voltou a lambê-la e saboreou a essência salgada de seu sexo. Dar prazer, saber que podia fazê-la explodir em um milhão de peças o excitava como nada nunca antes o tinha excitado. Estava pronto, ansioso para estar dentro dela, mas não ia fazê-lo ainda.

Com sua língua a levou até o abismo, percorreu e lambeu com esmero aquela pequena parte que a levaria a orgasmo. Com cada gemido, cada suspiro que arrancava de Pru se tornava mais atrevido, mais implacável. Deteve-se um instante para lhe dar uma pequena dentada na perna, um leve arranhão que a surpreendeu e agradou.

Se a mordesse ali, podia levá-la já ao orgasmo, afundar as presas na cálida pele de suas coxas, mas não fez isso. Queria alongar seu prazer o máximo que pudesse.

Voltou a lambê-la, uma vez mais, firme e sem piedade, e ela começou a tremer. Arqueou o corpo e emaranhou os dedos no cabelo de Chapel para retê-lo ali.

Ele esperou que se acalmasse antes de ficar em cima outra vez. Pru o olhou, tinha o olhar satisfeito e ainda excitado.

-Vire-se -disse ele, com uma voz rouca e sensual que ela quase não reconheceu.

Ela parecia insegura, mas seu Pru era muito curiosa, e sempre estava disposta a provar algo novo. Deitou-se em cima de seu estômago expondo as costas longas e a curva de suas nádegas. Chapel percorreu com as mãos essa coluna tão branca e lhe acariciou o rosado traseiro. Massageou essa parte, devagar, para baixo.

Sua. Ela era sua. Era sua vida, seu amor. Sua salvação.

Separou as pernas dela com os joelhos e se colocou entre suas coxas.

Colocou as mãos debaixo sua pélvis. Sentia-a tão suave quanto o veludo. Com cuidado, puxou-a e aproximou os quadris de Pru dos seus. Deslizou um travesseiro embaixo dela para que estivesse melhor.



Quando a tinha exatamente onde queria, Chapel guiou seu sexo com a mão até a entrada do corpo de Pru. Ao contato, ela gemeu; estava tão ansiosa quanto ele.

Chapel se deslizou em seu interior e fechou os olhos de prazer. Moveu-se devagar, adaptou seu corpo ao dela, ajustou sua pélvis a suas nádegas, seu torso a suas costas. Mesmo se nunca chegasse a alcançar o céu, soube que ele deveria ser igual a isso.

Sentir o doce corpo de Pru rodeando-o. Os suaves gemidos de prazer que escapavam de seus lábios aumentavam a necessidade que fervia em seu sangue. Pru moveu os quadris contra ele, e Chapel sentiu como ela começava a esticar-se; podia sentir como lhe tremiam os braços e as coxas, como se aproximava do clímax. Estava perto. Muito perto.

Afastou-lhe o cabelo e inclinou a cabeça para o espaço que havia entre o pescoço e o ombro do Pru. Estendeu as presas e aproximou o pulso aos lábios dela. A boca de Pru se movia cálida e úmida contra sua pele e ele pôde sentir a doce e inconfundível pressão de suas presas enquanto ele, por sua vez, afundava as suas na pele dela.

Pru chegou ao orgasmo, e isso disparou o seu. Seu corpo se esticou e começou a explodir do interior. Moveram-se durante alguns frenéticos instantes e logo se detiveram, até que as ondas de prazer foram diminuindo até desaparecer.

Chapel se deitou de lado e arrastou Pru com ele, colados um ao outro. Ele puxou os lençóis e os cobriu, logo a rodeou com os braços e deixou que a sonolência que seguia à saciedade os vencesse por completo.

Quando despertou, várias horas tinham passado. O amanhecer estava se aproximando, podia senti-lo. Naquela habitação estariam a salvo. As pesadas cortinas que havia nas janelas e o dossel da cama os protegeriam dos raios do sol, envolveria-os em uma carapaça.

-Vai abrir esse pacote agora? -disse Pru meio adormecida.

Chapel riu e se separou dela.

-Bisbilhoteira.

Aproximou-se do lado da cama onde Pru tinha deixado o pacote antes dele começasse a beijá-la, e se agachou.

Quando se levantou, Pru também se sentou e afastou a espessa juba de cabelo dos olhos. Até meio adormecida não



parava de surpreendê-lo.

Chapel lhe ofereceu o pacote.

-Quer abri-lo você?

Não teve que voltar a perguntar como uma menina pequena, arrancou o pacote de suas mãos e rasgou o papel. Chapel tomou nota de envolver seus presentes com duas ou três camadas de papel, no mínimo, para fazê-los mais emocionante.

Era uma caixa pequena, muito parecida com as que os joalheiros usavam. Em si mesmo não era estranha, mas sim o era o que havia em seu interior.

Sobre uma almofada de veludo negro, havia um medalhão de prata de aproximadamente uns seis centímetros de diâmetro. Não era um círculo perfeito, nem estava muito bem esculpido, mas as gravuras que o cobriam eram inconfundíveis. Primeiro se via uma cruz, a mesma cruz que tinham gravado a fogo no ombro do Chapel. Logo, junto à cruz, uma espada a um lado, e ao outro um cálice.

-O que é? -perguntou Pru -É da parte de Molyneux?

-Não -respondeu Chapel, que soube o que era logo que o viu - Molyneux não mandou isto.

Rodeou a prata com os dedos e sentiu seu calor. Foi como se um relâmpago lhe percorresse a pele.

Era o Graal Maldito.

Não sabia nem como nem quando Temple tinha feito isso, mas de algum modo seu amigo tinha fundido o Graal e o tinha convertido naquele medalhão, do qual certamente havia outros iguais. Temple sabia que alguém ia atrás do Graal Maldito e tinha tomado as medidas necessárias para assegurar-se de que não caísse em mãos erradas.

Como Temple soubera? E por que não tinha mandado procurá-lo?

-É o que penso que é? -perguntou Pru.

Chapel assentiu.

-Você também sente?

-É como se cada pêlo de meu corpo se arrepiasse de repente -respondeu ela surpresa.

-É de Temple.



-Há algo mais. -Pru extraiu um pedaço de papel da caixa -Parece um endereço em Roma.

Roma. Têmpera adorava essa cidade. Se conseguisse escapar de seus seqüestradores, certamente teria ido para lá. E onde quer que Chapel fosse; seria o lugar para resolver aquele quebra-cabeças.

-Já estive em Roma? -perguntou a Pru com um sorriso.

Ela devolveu o sorriso.

-Vamos?

Chapel assentiu e se levantou da cama outra vez.

-Se você quiser. Não vou exigir que me siga por toda a Europa enquanto procuro Temple...

Ela o interrompeu.

-É obvio que vou com você. Tente me deixar aqui. Eu sou tão parte disto quanto você. Se não fosse por mim, a ordem nunca teria encontrado Temple com tanta facilidade.

-Engana-se -disse ele-, mas não vou discutir contigo. Vamos esta noite mesmo.

No momento, não podiam fazer mais nada. Mais tarde, quando escurecesse de novo, empreenderiam a viagem que Temple lhes tinha organizado. Ao chegar da noite começaria sua nova aventura.

Mas ainda não. Chapel estava feliz de estar ali, na cama com Pru, enquanto lá fora o sol saía. Esse sentimento de felicidade era tão novo para ele que queria desfrutá-lo ao máximo enquanto pudesse.

Não que não se importasse com seu amigo. Importava-se. Mas conhecia Temple o bastante bem para saber que, se tinha mandado esse medalhão para ele, também teria mandado outros três, o que significava que, no mínimo Bishop e provavelmente Reign, já o estavam procurando. Se Saint se juntaria a eles era uma pergunta que só Saint podia responder.

Temple estava lá fora, em algum lugar, e Chapel ia encontrá-lo, não importava o tempo que demorasse, essa era uma das vantagens de ser imortal.

Mas no momento, Chapel ia dormir abraçado a sua esposa, a sua fantástica Pru. Tinha que estar descansado para desfrutar da maravilhosa vida que iam ter juntos.



Dê uma olhada em...

Amor Imortal

De Kathryn Smith

Próximo livro da série “Irmandade de Sangue”

Ela o fazia passar fome para demonstrar algo que não ia gostar absolutamente.

-Pai nosso que está nos céus...-Bishop começou a rezar para afrouxar a garra que apertava suas vísceras. Em todos os seus anos de vida nunca tinha encontrado nenhuma prova que demonstrasse que Deus odiasse ou amasse aos de sua espécie. Pelo que Bishop sabia, ele não tinha sofrido nem mais nem menos que o resto de criaturas, humanas ou não. O que acontecia era que dispunha de muito mais tempo para sofrer.

E muito mais tempo para poder ponderar as coisas.

Em sua vida também tinha havido alegria, assim não podia desprezar a Deus todo-poderoso.

E quando morresse, Bishop acreditava que sua alma ia ser julgada como as dos outros seres humanos. Tinha uma idéia bastante precisa de onde acabaria. O que pensaria Marika de tudo isso? Preocuparia-se se soubesse que ela ia acabar em um lugar muito mais quente que ele? Ou estaria disposta a mandá-lo a conhecer Deus só para pôr a prova sua teoria?

Em outras circunstâncias, teria rido, mas agora o medo mantinha seu senso de humor sob controle. Estava muito, muito assustado, e não lhe importava reconhecer que logo ia perder o controle.

Tinham passado

muitos dias desde



que havia dito a Marika o que aconteceria não o alimentasse, e cada um desses dias ela tinha ido vê-lo o para lhe perguntar onde estava Saint, prometendo que lhe daria sangue se o dissesse.

Se tivesse sido o bastante estúpido para acreditar em sua palavra, teria mentido e inventado um lugar aonde localizar Saint só para que lhe desse o que precisava para recuperar seu equilíbrio.

Mas cada dia que ela ia a sua cela, parecia-lhe mais e mais atraente, com aquelas calças gastas e aquelas camisas de homem. A roupa não marcava apenas suas formas, mas às vezes, quando se movia, o tecido se apertava contra a curva de seus quadris, contra seu peito. Era sem dúvida uma mulher.

-... nos perdoe nossas dívidas assim como nós perdoamos a nossos devedores...

Talvez fosse a fome o que o fazia achá-la tão atraente. Talvez estivesse enlouquecendo, porque deveria estar pensando em formas de matá-la e não em como seriam seus seios entre suas mãos.

A idéia de matá-la já não tinha a atração de antes. Agora não queria seu sangue para obter vingança ou fazer justiça, queria-o para sentir esse prazer em sua língua.

Talvez fosse porque os dois compartilhavam a mesma natureza, ou pode ser que vê-la tão obcecada para encontrar Saint, com tanto desespero, fazia com que Bishop sentisse pena. Uma pena que fazia com que seus métodos fossem mais fáceis de justificar.

Mas não era a pena o que o fazia imaginar essa cabeleira negra solta ao redor dele enquanto ela o cavalgava. Às vezes, e sabia por experiência própria, o ódio dava lugar a magníficas sessões de sexo.

Bishop tratou de ignorar esse desejo o melhor que pôde. A única coisa que ela sentia por ele era nojo, e aproveitou para concentrar-se nisso.

-Assim no céu como na Terra...

Cada dia que lhe perguntava por Saint, ele a olhava nos olhos e perguntava por sua vez pelo paradeiro do irmão de Anara, Nycen. Ou realmente não sabia onde estava ou era melhor mentirosa do que ele acreditava.

Ainda não estava convencido de que fosse totalmente inocente; não quando tinha em suas mãos tanto sangue. Mas



alguém como ela não se incomodaria em negar. Se Marika tivesse matado Nycen, gabaria-se disso. Certamente falaria. Esse era seu estilo, já que, conforme dizia, matar vampiros era mais que justificado.

E se atrevia a chamar a ele de monstro. Ela sim que era um monstro, e se não o alimentasse logo, descobriria no que ele podia transformar-se. O sangue que derramasse mancharia as mãos dela... embora Bishop não tenha a intenção de derramá-lo, precisamente.

-Amém.

Bishop ouviu como se abriam os cadeados da cela, e uns passos muito familiares e quase inaudíveis repicavam nos degraus.

Por favor. -A voz do Bishop soou áspera, desesperada-se, logo que ela entrou no porão. Seu orgulho tinha acabado. Estava disposto a suplicar se era isso o que ela queria - Me dê sangue.

Seu controle estava se acabando. A fome ameaçava consumir a pouca humanidade que restava. Algo que tinha enterrado no mais fundo de seu ser estava lutando para sair à superfície. Se o que o empurrava era o instinto de sobrevivência ou o de destruição, ele não sabia, mas para ele era impossível resistir por mais tempo.

Bishop não queria deixar que aquilo vencesse.

Marika não o olhou, quase nunca o fazia e, como de costume, deixou um prato de comida no chão, diante dele.

-Onde está?

Esse era seu jogo cotidiano, e Bishop se cansou de jogá-lo. Cansado e zangado. Levantou-se da cama de armar de um salto, e a cruz, que estava suspensa em cima dele, lhe golpeou no peito. Saiu fumaça dele.

Ao sentir como a prata o queimava, gritou de dor e puxou a corrente que a segurava. Puxou com tanta força que foi parar na parede oposta da cela.

-Já te disse que não sei onde está.

Bishop sacudiu as correntes de metal que o seguravam sem deixar de olhar a Marika. À pequena idiota nem pensou em afastar-se.

Durante dias, Bishop tinha permitido que o acozasse, tinha suportado seus interrogatórios e suas acusações só porque acreditava que em seu seqüestro se escondia algo mais que uma mera



vingança contra Saint, mas não era assim. Fosse o que fosse que Marika tramava, a única coisa que queria dele era que a guiasse até o vampiro que segundo ela tinha matado a sua mãe.

Estava castigando-o por algo que Saint tinha feito. Demônios, talvez Saint não fosse o vampiro que estava procurando. Se algum dia voltasse a ver esse bastardo, Bishop se asseguraria de que soubesse o que tinha sofrido por sua culpa.



Os elos começaram a ceder e a corrente a se separar do chão. As algemas de prata que lhe rodeavam os pulsos e os tornozelos o queimavam, o que só servia para aumentar sua força. Quando a besta despertasse, essas cadeias não poderiam segurá-la.

A qualquer momento, o pouco controle que restava desapareceria e ficaria livre. Livre para fazer tudo o que quisesse. Livre para poder alimentar-se.

Marika seria primeira que a besta ia matar. Deus, ele desejava fazer muito mais que matá-la.

-Sai daqui! -gritou-lhe Bishop.

Ela pareceu surpresa de que lhe falasse. Ele também estava surpreso. Ao que parece, restara mais controle do que imaginava.

Ou ao menos o tinha fazia um segundo.

-Agora! -Um rouco grunhido escapou de sua garganta, e as correntes começaram a romper-se.

Fim

